Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Cíntia Miranda Scelza

CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE VIDA:
Um estudo sobre adolescentes fluminenses

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-RJ como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica

Orientador: Bernardo Jablonski

Rio de Janeiro, fevereiro de 2006

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Cíntia Miranda Scelza

De Broto a Flor. Um estudo sobre a construção de projetos de vida por adolescentes fluminenses

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profº. Bernardo Jablonski
Orientador
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Solange Jobim e Souza
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Terezinha Féres-Carneiro
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profª. Lúcia Rabello de Castro
Departamento de Psicologia - UFRJ

Profª. Helena Amaral da Fontoura
UERJ

Profº. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 2006

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Cíntia Miranda Scelza

Graduou-se em Psicologia pelo IP-UFRJ (Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Pos-graduou-se em História Social pelo IFCS-UFRJ (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Trabalhou junto a Organizações Não Governamentais que atuam na área da educação para a cidadania para a população jovem. É professora assistente nos cursos de graduação de Psicologia e de Educação Física da UCP (Universidade Católica de Petrópolis).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Ficha catalográfica

Scelza, Cíntia Miranda

Construção de projetos de vida: um estudo sobre adolescentes fluminenses / Cíntia Miranda Scelza ; orientador: Bernardo Jablonski. – Rio de Janeiro : PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2006.

292 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Adolescência. 3. Projeto de vida. 4. Autoridade. 5. Richard Sennett. I. Jablonski , Bernardo. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. IV. Título.

CDD: 200

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Aos meus pais que, ao exercerem a sabedoria de me dizerem "não" sem colocar em dúvida seu amor por mim, me possibilitaram concretizar os meus projetos através das escolhas que meu coração pediu.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Bernardo Jablonski, pela amizade, pelo incentivo que não deixou com que eu me estagnasse.

Lúcia Castro e Solange Jobim, pelas dicas essenciais na defesa de qualificação.

Aos meus amigos de curso, companheiros de empreitada: Célia, May, Fernanda, Orestes, Romina, Ana Carla.

Marcelina, sempre disponível e carinhosa.

Ao meu irmão, companheiro de jornada para sempre.

À minha cunhada Regiane, pela grande amizade e por ser o veículo desse grande presente de Deus que é a minha sobrinha Ana Julia, estímulo para pensar uma adolescência melhor refletida.

Aos meus amigos de todas as horas Alessandra, Rose, Bell, Beth, Helena Fontoura (minha mentora e anjo da guarda), Derly, Susan, Monique, Bianca, Anderson, Silvia. Agradeço a todos o apoio, a paciência e compreensão por eu não poder estar lá, quando da redação desta tese.

Aos meus alunos amados, mestres para a minha vida: Simone, Natalia, Flávia, Hevelin, Bruna, Débora, Gustavo, Rafael, Ricardo, Mad, Cristiane Fogel, Nouas, Thales, Caio, Diogo, Daniel, Maicon, Marcella Rayol, Fany, Isabel, Cristiane Moreira.

A todos os adolescentes que entrevistei por sua disponibilidade e pela capacidade de doação.

Aos meus queridos colegas de trabalho, que compreendem o peso desta tese, em todos os sentidos, por toda a força e apoio cotidianos: Virgínia, Miriam, Carlos Pereira, Angélica, a "mãe" Elisameli e Jefferson, pelo modelo ético e pessoal.

Thays, um mais que especial agradecimento pela troca que nunca se encerra, pelo apoio operacional a este trabalho e pelo ouvido sempre disposto a receber confissões.

Helvécio, um agradecimento também mais que especial, pelo amor, pela dedicação, pelo apoio e, sobretudo pela luz sócio-histórica que iluminou esse trabalho.

Aos amigos Alexandre, Vanessa, Tatiana, Mauro, Guilherme, Gustavo e Carlos: motores (in)conscientes da inquietação que fez surgir esta tese.

Volker, último porque o mais importante de todos: a motivação não só para que eu fosse até o fim, mas também para materializar um novo começo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Resumo

Scelza, Cíntia Miranda; Jablonski, Bernardo. **Construção de Projetos de Vida: um estudo sobre adolescentes fluminenses.** Rio de Janeiro, 2006. 292p. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho é uma investigação sobre o modo como um grupo de adolescentes moradores do estado do Rio de Janeiro pensa seu futuro no que se refere a trabalho e à vida afetiva e familiar. O estudo teve como pressuposto maior pensar o adolescente como sujeito que, na construção de seu discurso, articula suas próprias aspirações àquilo que sua cultura lhe oferece como real e que sua interação social constrói como valor. Procurou-se abordar o modo como este sujeito se percebe inserido no curso de sua vida, que papéis ele assume ou deseja assumir e como ele pensa as alternativas para as questões que lhes são colocadas no que se refere a suas escolhas presentes e futuras. A pesquisa foi realizada fazendo-se uso da perspectiva sócio-histórica, que consiste no pressuposto de que o modo como o sujeito se refere à realidade e age sobre ela é construído historicamente, em uma relação essencialmente dialética com o ambiente social. Para desenvolver este intuito, foi feita uma reflexão sobre o conceito de adolescência, sobre as concepções que organizam socialmente tal conceito e sobre elementos específicos da cultura contemporânea que tangenciam tais concepções. Desta forma, optou-se por seguir o pensamento de Richard Sennett em suas discussões sobre a dinâmica entre público e privado e sobre o problema da autoridade na contemporaneidade. A pesquisa envolveu 19 adolescentes moradores das cidades do Rio de Janeiro e de Petrópolis. Utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas e individuais, que receberam o tratamento de análise de conteúdo, a partir dos princípios de Bardin. A partir das entrevistas, observou-se que, no que se refere a seus sentimentos em relação ao futuro, os adolescentes parecem freqüentemente experimentar uma forte sensação de insegurança, especialmente no que se refere à escolha de uma profissão. Eles reagem a isso procurando promover o valor da vontade pessoal e do poder individual como

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

supostamente capazes de derrubar todo e qualquer obstáculo, tanto no que se refere às relações afetivas quanto à profissão. Existe também um movimento de elaboração da realidade que manifesta uma necessidade de resgatar valores, relações estáveis e experiências de troca afetiva interpessoal. A partir do estudo desenvolvido, consideramos que as visões do adolescente sobre seu futuro, particularmente no que tange trabalho e família, configuram não apenas a expressão de uma determinada faixa-etária, mas a também representação de uma realidade social que fala de questões como estabilidade, confiança nas instituições e a autoridade como importantes temáticas no delineamento e consecução de projetos de vida.

Palavras-chave

Adolescência; projeto de vida; autoridade; Richard Sennett.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Abstract

Scelza, Cíntia Miranda; Jablonski, Bernardo. **Constructing life projects: a study about teenagers from the state of Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2006. 292 p. PhD Thesis. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work investigates the way a group of teenagers who live in the state of Rio de Janeiro think their future, on what concerns work, affection and family life. The study had as its main presupposition to think teenagers as subjects who, on building their speech, articulate their own desires with what their culture offers as real and that their social interaction builds as values. We approached the way in which these subjects take notice of themselves as inserted in their life-course, which roles they assume or wish to assume and the alternatives they think to deal with matters which are put to them, concerning their present and future choices. The research made use of the socio-historical perspective, which consists on the presupposition that the way the person refers to reality and acts on it is historically built, in an essentially dialectic relationship with the social environment. To respond to this aim, we made a reflection on the concept of adolescence, on the concepts that socially organize it, and on specific elements of contemporary culture which goes around it. We chose Richard Sennett's discussions on the dynamics of public and private and on the problem of authority in contemporaneity. The research developped with 19 teenagers who live in the cities of Rio de Janeiro and Petrópolis. We used semi-structured interviews, which were analyzed under the contents analysis method, by Bardin . From our study, we consider that the adolescents' views on their future, particularly on what concerns work and family, seem to experience often a strong feeling of insecurity, specially on what refers to choosing a profession. They react to that trying to promote their personal will and individual power as supposedly capable of beating any obstacle, in affection relations as well as in work. However there is also a movement of elaborating reality that manifests the necessity of recovering values, stable relationships and experiences of interpersonal affect relations. Considering

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

the presuppositions of our theoretical approach, we take the subjects behavior not only as an expression of a certain age, but as the representation of a social reality that claims matters like stability, reliability in institutions and authority as important issues in defining life projects and making them come true.

Key-words

Adolescence; life project; authority; Richard Sennett.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Sumário

1. Introdução 12

PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO 23

2. Redimensionando o Conceito de Adolescência 24
2.1. A Emergência do conceito de adolescência universal 24
2.2. A Rede Social 38
2.3. Uma perspectiva da Adolescência pela Psicologia da Cultura 47
2.4. O que é Adolescência 58

3. O Público e o Privado na Contemporaneidade 63
3.1. Teorias contemporâneas e a perspectiva de Richard Sennett 65
3.2. A tríade tempo-espaço-comunicação 87
3.3. A autoridade na cena contemporânea 99
3.4. Mecanismos de Controle Social 109

PARTE II – FORMULANDO PROJETOS 114

4. Pressupostos metodológicos 115
4.1. Os adolescentes 122
4.2. A elaboração dos núcleos de significação 136

5. A experiência de *ser* adolescente 140
5.1. Auto-imagem e auto-afirmação 161
5.2. A experiência de pressão social 169
5.3. O significado do futuro 177

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

6. Trabalho 183
6.1. A escolha profissional e seus significados 188
6.2. O comprometimento com a escolha profissional 192
6.3. “Quero a minha independência” 197

7. Relacionamento Afetivo e Família 210
7.1. O casamento e seus significados 214
7.2. O parceiro ideal: “Se houver amor um casal consegue superar todos os seus problemas” 219
7.3. Regras de convivência: “É importante ceder em algumas coisas” X “Não quero que fiquem me cobrando” 235
7.4. A importância do passado: “O modelo de casamento dos meus pais” 245
7.5. A relação com a autoridade: “Para que uma família funcione é fundamental haver respeito: os pais devem tratar os filhos com igualdade” 253
7.6. “É importante ter uma família estruturada” 262

8. Conclusão 268

9. Referências Bibliográficas 278

ANEXO I – Ficha de Identificação 290
ANEXO II – Roteiro de Entrevistas 291
ANEXO III – Autorização do Responsável 292

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

1
Introdução

O objeto de discussão deste estudo é a construção de um projeto de vida por adolescentes de classe média de duas cidades do estado do Rio de Janeiro, no início do século XXI. Cabe aqui justificar a escolha do tema, uma vez que os estudos sobre adolescentes adquiriram na última década um espaço significativo tanto nos círculos acadêmicos quanto na mídia. A discussão sobre o que caracteriza os jovens contemporâneos tornou-se uma necessidade, não somente porque eles são maioria numérica em nossa sociedade, mas também por conta de todas as construções que nossa sociedade faz sobre o que é ser jovem. Isso inclui desde as características neurobiológicas até a pergunta tão freqüente na mente de muitos adultos diante das expressões *inusitadas* dos jovens: "afinal de contas, o que quer da vida esta juventude?"

A pluralidade dos trabalhos sobre adolescência indica uma preocupação geral em se ter o que dizer sobre adolescentes e jovens nos dias de hoje dentro do contexto brasileiro e, por conseguinte, ter alguma orientação sobre como lidar com eles e com as questões tomadas como *naturais* deste grupo de indivíduos.

Ao tratarmos de adolescentes, e das questões que são atribuídas à particularidade da adolescência, estamos tratando de uma grande parte da população brasileira. Na contemporaneidade, a base da pirâmide etária brasileira apresenta alterações no que tange a esta condição, evidenciando um estreitamento, que neste momento lhe confere a aparência de um barril. O CENSO de 2000 indica uma ligeira queda da taxa de natalidade nas duas últimas décadas, e hoje, 38,6% da população tem entre 10 e 29 anos de idade, o que garante ao país ainda a idéia de um país de jovens.

O contingente de que se fala aqui, encontra-se em contato direto com um determinado conjunto de questões e problemáticas específicas atribuídas ou caracterizadas socialmente como "naturais", ou "típicas" desta faixa-etária. Tais problemáticas seriam a descoberta da personalidade, a formação para um mercado

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

de trabalho, o ingresso e a estabilização no mesmo, a integração a uma vida pública, o desenvolvimento de um estilo de vida privada individualizada, a constituição de relacionamentos afetivos bem como da própria família.

A justificativa quantitativa, assim, é apenas um início para se discutir a relevância das questões sobre os modos como os jovens transitam e se fazem presentes na sociedade. É necessário uma reflexão acerca daquilo que se espera e que se promove em termos vivenciais nos sujeitos pertencentes a ela. Mais do que com números e pirâmides (ou integrados a estes), estamos lidando com elementos simbólicos.

Bourdieu (1983) diz que as idades da vida, ou seja, a divisão de categorias de seres humanos que tem como critério o tempo cronológico de vida e que chamamos comumente de *faixas-etárias*, são construções culturais, e que sua caracterização enquanto tal envolve uma distribuição de papéis sociais específicos – papéis esses que também sustentam e dão sentido à organização social na qual emergiram.

Papéis sociais são categorias básicas que orientam as formas interpessoais de tratamento. Eles estabelecem lugares, funções e qualidade de poder para cada pessoa e cada grupo. Em suas reflexões sobre os mecanismos sociológicos, Bourdieu (1998) propõe que estas categorias são as grandes construtoras da realidade, e que na maior parte das vezes precisam ser compreendidas como naturais para que alcancem este objetivo. O autor lembra que o sentido etimológico da palavra *kategoreïn* significa "acusar publicamente". Diz respeito, portanto, a uma concepção pública, compartilhada. Em termos práticos, quando chamamos um indivíduo de *adolescente*, ou de *jovem*, está embutido nestas palavras um determinado conjunto de expectativas sobre o modo como este indivíduo deve agir e também, sobre *como ele deve ser tratado*.

Estes papéis são, portanto, ao mesmo tempo sustentados e sustentadores da cultura em que existem, e se transformam, às vezes radicalmente, somente conforme esta cultura também o faz. A transformação de um papel acarreta na transformação de todos os outros papéis em alguma medida, pois trata-se de uma reorganização das tarefas sociais, seguindo o raciocínio de Bourdieu (1983).

Assim, por exemplo, no ideal construído pelo caminho histórico da cultura ocidental moderna, pode-se dizer que enquanto ao *jovem* caberia o estudo e a contestação, ao *adulto* cabe o trabalho, a sedimentação dos valores e a educação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

dos mais novos, enquanto aos *idosos*, talvez, uma certa inatividade em prol do *descanso*, do desfrute, da vivência de uma sabedoria, de uma certa contemplação (ou na versão inversa um certo mau humor), e um outro tipo específico de cuidado com os mais jovens.

É certo que se trata de papéis idealizados. No entanto, de uma forma ou de outra, eles são ao menos a parte consciente e racionalmente organizada do que se espera dos sujeitos em cada uma destas faixas-etárias. Essa expectativa é o que irá guiar as ações dos outros sujeitos sociais em relação àquele que possui uma determinada idade cronológica.

No que se refere ao jovem, portanto, caso observemos as definições tradicionais de Adolescência, estaremos diante de afirmações sobre uma *fase*, uma *transitoriedade*, um *momento de passagem*, uma *época* com início, meio e fim de decisões importantes. Ele deve contestar a ordem existente, e estudar para renovar esta ordem na medida em que isso for necessário, através de uma escolha profissional e da estruturação de uma vida afetiva particular, individual, e que pertence a ele somente. O adolescente estaria no vórtice entre a 'dependência' e a 'independência'. Ocupa um lugar meramente provisório e se encontra em permanente movimento, no sentido de instabilidade. Deve aproveitar o fato de estar neste lugar, uma vez que ele não lhe impõe grandes responsabilidades mais imediatas, e se concentrar, em paralelo nas brincadeiras *descompromissadas*, e na definição das bases para seu futuro.

É neste ponto que se introduz a questão de um projeto de vida construído ou passível de ser construído pelo adolescente, pois são as concepções que fazemos dele que produzem o ambiente no qual ele vai desenvolver suas idéias e a partir do qual vai obter respostas à suas dúvidas. São estas concepções que também fornecem ao adolescente as portas pelas quais ele pode passar, enquanto se move nesse terreno pantanoso chamado por muitos de fase de *descoberta* da identidade. Em resumo, as opções que o adolescente percebe como possíveis são construídas coletivamente.

Existe um ponto nodal neste processo que se refere ao modo como o adolescente absorve, interpreta e articula estas opções em um projeto para sua vida. Certeau (1994) discute a importância dos processos de *apropriação* na vida cotidiana, no sentido de que todos nós interpretamos os sinais que recebemos do mundo externo de acordo com nossa história e nossa própria estrutura simbólica, e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

a partir desta interpretação, *produzimos* nossos pequenos atos cotidianos, que sustentam aquilo que chamamos de realidade. De acordo com Certeau, o indivíduo que participa de uma cultura, independente de sua condição objetiva, jamais é um depositário de produtos e mensagens impostos por uma cultura dominante, mas é um agente de invenção do cotidiano através da *subversão* dos modos de usar estes produtos, de acordo com interesses, cognições e regras próprios. Ou seja, o sujeito não apenas lê e ouve, mas *age* sobre o que lê e o que ouve enquanto os faz, não absorvendo aquilo que recebe como uma esponja, mas *usando* a informação recebida de um modo particular, como um elemento *compositor* de suas ações e posturas cotidianas. O autor aponta também que nesse sentido são as ações chamadas *pequenas*, como cozinhar, falar, escolher, conversar, que dão a costura e o sentido da realidade e que assim nos orientam.

O projeto de vida de um adolescente é também resultado deste processo. Enquanto vai percorrendo seu cotidiano, ele ouve o que dizem sobre ele, o que esperam dele enquanto adolescente. Ouve as discussões sobre o mundo em que vive, as alternativas, os problemas e as oportunidades, internaliza estas concepções e cria, concomitantemente, suas próprias concepções do que ele pode ser neste cenário, tal e qual o percebe. É a partir deste projeto que ele cria suas expectativas em relação à própria vida – expectativas que serão realizadas em geral, apenas em alguma medida, e que nesse ínterim, podem se desdobrar em qualquer ponto de uma escala entre uma grande satisfação pessoal e uma grande frustração. Sejam estas conscientes ou não, elas sempre geram reações, e todo um conjunto de disponibilidades para a própria vida em sociedade.

A questão deste trabalho gira em torno, portanto, da construção deste projeto de vida pelo adolescente, particularmente no que diz respeito ao trabalho e às relações afetivas e familiares – duas das questões que são prescritas culturalmente como alicerce de sustentação da vida na sociedade ocidental. O pressuposto do qual se parte é que, a despeito de algumas concepções onde a adolescência é uma faixa-etária de menor importância, porque passageira, dificilmente definível e meramente espremida entre a infância e a maturidade, o universo simbólico e representacional do adolescente sobre estes dois temas merece ser investigado, porque aponta a lógica da própria sociedade em que ele vive.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Discute-se aqui que tipo de percepção o adolescente tem sobre seu futuro profissional e familiar e que conceitos estão sendo articulados por ele para falar deste projeto. Envolvida aí há a questão sobre quais são as escolhas que ele identifica como possíveis, e de que forma ele aceita, concorda ou se resigna a estas. Esta reflexão permite observar até que ponto ele está satisfeito com estas opções, e quando não está, como ele percebe e justifica esta insatisfação e quais as alternativas que ele busca.

A motivação para um trabalho como este repousa na crítica à acepção de que o que os adolescentes dizem não merece muita atenção, justificada pela indefinição da própria faixa etária. A objeção feita aqui é ao fato de que esta concepção pressupõe a imutabilidade ou no mínimo a estabilidade emocional definitiva da categoria *adulto* – categoria que acaba por mostrar-se bastante volátil, pois ainda estão para serem respondidas as questões sobre o que é um adulto hoje, e mais precisamente, *quando* uma pessoa se torna adulta.

Se tradicionalmente o adolescente é concebido como estando em um momento de transição em direção à condição de adulto, há aí não somente uma naturalização de todo o processo, mas também uma idealização desta segunda condição, no sentido de que ser adulto é um estado de completude, por isso de poder, e por isso almejado pelo adolescente, mesmo que haja alguma forma de questionamento envolvido. De acordo com Castro (1998):

> Assim como o ideal de família (...) fundamentou uma noção de criança legitimando uma forma de se entender como esta deveria ser trazida ao mundo e, educada, por outro lado, tem prevalecido a compreensão de que a criança deva ser "educada", "socializada", ou ainda "disciplinada", na medida em que não tem habilidades, desempenhos e comportamentos adequados. Esse tipo de entendimento sobre a infância alude a uma incompetência da criança frente ao adulto, desqualificando sua maneira de apreender o mundo que a cerca. (Castro, 1998, p.13-14)

Como sugere a autora, a posição ocupada simbolicamente pela criança na cultura, consiste em uma condição que é naturalizada enquanto estando em desvantagem em relação ao adulto. A criança estaria em permanente dívida com este, e isso se aplicaria também ao adolescente, na mesma medida (seja ela qual for) em que ele é concebido como em estado de *preparação* para a vida adulta. O problema então se revela da seguinte forma: esta figura de adulto como sujeito cujo desenvolvimento está finalmente completo corresponde à realidade cotidiana

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

que se vive na contemporaneidade? Pois é com esta realidade, ou melhor, é através do modo como ela é percebida, que o sujeito irá organizar seu pensamento e suas ações sobre seu presente e seu futuro.

Assim, quando nos perguntamos sobre o projeto de vida do adolescente, estamos nos perguntando qual a percepção que este adolescente tem da própria realidade, daquilo em que ele pode se tornar, e também de que forma ele se apropria de conceitos como o de futuro, maturidade, crescimento, estilo de vida para pensar a si mesmo.

Parte-se do princípio de que estes conceitos e concepções são construídos coletivamente a partir da interação ininterrupta entre os sujeitos sociais. Não compreendemos o adolescente neste trabalho como mero reflexo da sociedade, mas como representante e agente dela, através de suas idéias e de suas posturas. Olhá-lo desta forma envolve observar de que forma o jovem organiza a informação que recebe, cria alguma coisa a partir dela e deste modo programa sua ação. Em sua ação e em seu discurso rotineiros os jovens, assim como também o fazem os chamados *adultos*, encontram suas formas de estar no mundo e de através delas comunicar suas concepções, contestar aquilo que aparentemente lhes é imposto ou proposto e organizar, em sua particularidade, suas projeções para o futuro.

A questão que permanece, a despeito disso, é: porque pensar em projeto de vida se o mundo está em constante transformação? Por que pensar o projeto de vida do adolescente se conceitos ligados ao futuro deste adolescente, como o de *carreira* e de *família*, não têm mais a mesma consistência que aparentemente um dia tiveram? E vindo do pensamento leigo, por que pensar o projeto de vida do adolescente se ele se transforma tanto e em tão pouco tempo?

A escolha do projeto do de vida no que tange o trabalho e a família como eixo para a investigação do pensamento de alguns adolescentes está associada à noção de sentido de vida. A partir do momento em que o homem desenvolveu sua capacidade de simbolização, ele vem perseguindo alguma forma de sentido em toda a sua experiência – de justificar esta experiência.

O sentido se torna, conforme o sujeito transforma sua consciência, uma espécie de alimento para a alma. Os estados deprimidos ou caracterizados por intensa insatisfação com a própria vida, cedo ou tarde, em sua elaboração, acabam recaindo sobre a necessidade de um sentido para o pensamento e as ações. A

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

maior parte das psicoterapias, em sua essência trata de esclarecer os processos de vida individuais e lhes atribuir um sentido, nem que seja para que este seja em seguida modificado ou readaptado à realidade. O próprio desenvolvimento da ciência, em todas as suas especializações, é uma busca de sentido para o caos em que o homem se percebe inserido, pois é através do sentido que se pode organizar a ação.

O termo *projeto de vida* diz respeito à elaboração de um sentido. Mesmo que um determinado projeto não seja de fato seguido ou observado *a posteriori*, no momento em que ele é elaborado, ele funciona como uma orientação ou no mínimo como um instrumento de apaziguamento da angústia humana diante do mundo. Pode-se afirmar que construir um projeto de vida ou mesmo buscar algum sentido para a realidade é uma tentativa de assumir o controle sobre a própria vida, ou então de construir a ilusão – em determinados momentos de considerável necessidade – de que é possível controlar a própria vida.

O projeto de vida, ou o pensamento voltado para o que se pretende fazer no futuro e que caminhos seguir, se deve ao fato de que ele articula uma das duas categorias básicas que sustentam a nossa realidade: o tempo (Harvey, 1994)[1]. Esta é uma base que permite nos localizarmos na realidade e mesmo definir a nós mesmos. O projeto de vida aponta aquilo que, pelo menos em discurso, o sujeito está disposto a fazer para tornar *verdadeira* uma realidade diferente da presente. Ele indica também, senão aquilo em que o sujeito acredita, aquilo em que ele quer acreditar, o que ao final, leva ao mesmo ponto. Em uma situação mais extrema, indica aquilo que ele considera um projeto aceitável o suficiente para os outros.

O que define a costura de todos estes pontos é a história deste sujeito. As coisas que ele ouve e vê, pensa e experiencia, sente e deseja, alcança ou perde. São suas experiências de perdas e ganhos simbólicos na interação com as outras pessoas que inspiram sua vontade e o direcionamento de suas ações. Tendo uma concepção sobre aquilo que ele foi e sobre aquilo que é, ele pode pensar aquilo em que quer se tornar.

Seguindo esse raciocínio, a reflexão e o trabalho com o projeto de vida significa nos prover de ferramentas para promover o encontro entre o desejo do indivíduo, a construção desse desejo e da sua própria consciência, bem como os

[1] O outro conceito é o conceito de espaço.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

elementos de realidade (ou seja, referentes ao Outro) que propiciam de fato a possibilidade de realização daquele. Isso significa, no caso específico de nosso objeto, que compreender os mecanismos de construção e de significação envolvidos no projeto de vida destes sujeitos pode lançar luz à nossa forma de nos comportar e de agir com eles, para que se possa criar a viabilidade de uma qualidade de vida mais satisfatória.

Assim, temos como ponto de partida, alguns questionamentos específicos. O primeiro deles é sobre o modo como, diante do quadro atual, os adolescentes ordenam sua vivência subjetiva e sua decorrente expressão no que diz respeito à construção de seus projetos acerca de trabalho e de família. O segundo gira em torno das disposições cognitivas que os adolescentes detêm para pensar estes temas e as relações entre vida privada e vida pública. Por fim, questiona-se sobre a forma com que os adolescentes significam o seu futuro, como o momento em que sua responsabilidade sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a sociedade obterá um olhar diferenciado.

A metodologia utilizada tem sustentação teórica na perspectiva sócio-histórica, nos entrecruzamentos da Psicologia com a História e as Ciências Sociais, permitindo o diálogo principalmente com Richard Sennett, tendo sempre presente a realidade, a cultura e o jovem brasileiros.

A Psicologia Sócio-histórica se desenvolve no Brasil como uma resposta a uma realidade particular, onde as teorias estrangeiras, ao serem importadas e aplicadas sem uma prévia reflexão sobre o contexto local, revelam-se, a nosso ver, insuficientes e em muitos momentos mesmo estéreis. A alegação central é a de que o homem é um ser histórico, e suas categorias de realidade – incluindo as necessidades, a inteligibilidade, a consciência, a atividade, e a interpretação da emoção – são de forma essencial culturalmente construídas. Compreender a estrutura psicológica de um sujeito implica necessariamente em compreender o ambiente e as interações pessoais desse sujeito em sua própria história. A subjetividade e a consciência se constroem via interação, via linguagem, e não nascem com o sujeito. Mesmo que se admitisse a possibilidade de determinadas características serem inatas, a interação destas com o ambiente e com as outras pessoas ao longo da trajetória de vida do sujeito as faria irremediavelmente sujeitas a significações várias, e de acordo com esta historicidade poderia

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

determinar a morte, a loucura ou o sucesso de uma vida. De acordo com Aguiar, a metodologia sócio-histórica produz um tipo de resultado especial:

> O tipo de conhecimento produzido numa pesquisa com abordagem sócio-histórica, qualitativa, que, a partir dos exemplos utilizados, poderia ser caracterizada como Estudo de Caso (sujeito único, grupo...), tem um caráter singular. Cada caso é único e a informação torna-se relevante e pode ser generalizada a outros casos não porque os resultados obtidos sejam estendidos a outras situações ou sujeitos pretensamente semelhantes, ou comparados a eles, mas porque essa abordagem nos permite apreender o processo, as determinações constitutivas. (Aguiar, 2002b, p.139)

É em busca do reconhecimento dessa singularidade, que foi feita a escolha da entrevista individual como recurso metodológico. Compreendemos que ela consegue abarcar a concepção de que toda interação humana se encontra permanentemente em aberto. A comunicação humana em momento algum é meramente linear. Um orador que prepara uma palestra para ser apresentada a um grupo de pessoas sabe que quando entra em contato direto com elas sua exposição pode tomar um rumo bastante diferenciado daquele previamente planejado. As meras expressões faciais de seus ouvintes, mesmo que eles não pronunciem uma única palavra, podem interferir no tom de voz, na velocidade, nos próprios termos usados pelo orador. *Ao mesmo tempo em que o orador comunica ele é comunicado* por seus interlocutores. A comunicação humana é, portanto, uma interação em sentido múltiplo, e não linear, e a entrevista não foge desta regra, trazendo também um produto singular.

No que diz respeito à forma de exposição da tese, optou-se por dividi-la em duas partes. A parte I organiza o contexto no qual o sujeito busca as representações de realidade para pensar seu futuro. Apresentamos o capítulo I como uma discussão acerca do conceito de adolescência, em vista não só das muitas formas de se conceber e discutir a adolescência hoje, mas também em vista da necessidade de clareza que pede o procedimento de análise escolhido. Neste capítulo é também exposta a abordagem teórica com a qual aqui se trabalha de forma a aplicá-la especificamente para o delineamento da compreensão sobre o que é adolescência.

O capítulo II apresenta e discute brevemente elementos relevantes para nossa análise que caracterizam o contexto social, objetivo e psicológico, com o qual nos defrontamos todos os dias, e que para o adolescente, enquanto papel

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

social confrontado com os eixos de discussão aqui elaborados, assumem um peso proeminente. A exposição destes elementos responde obviamente à orientação sócio-cultural já aqui definida. Seu sentido se baseia no trabalho de Richard Sennett (1998; 2001; 2003), onde ele clarifica noções de autoridade, publicidade, intimidade, papéis sociais. Parte-se do pressuposto, aqui, de que estas noções funcionam como grandes articuladores da realidade objetiva em seu encontro com a realidade subjetiva.

Em seguida, encontramos a Parte II, que organiza a análise, interpretação, articulação e discussão, das informações recolhidas nas entrevistas. Este processo é realizado face à exposição da Parte I, e tem por objetivo cruzar os elementos de realidade que os adolescentes selecionam, dentro de seu contexto, como eixos de organização de seus projetos de vida.

O capítulo III trata de uma breve explanação de alguns pressupostos metodológicos adicionais. Ele inclui também a descrição dos procedimentos seguidos para a realização da análise de conteúdo, bem como a descrição individualizada dos sujeitos entrevistados, sob os codinomes que eles mesmos escolheram para si, para proteger sua identidade.

O capítulo IV discorre sobre a experiência de ser adolescente: como estes sujeitos se percebem, que valores são agregados a este papel social, e aquilo pelo que eles se percebem responsáveis por estarem ocupando essa posição. Este capítulo se encerra com uma reflexão sobre o modo como estes sujeitos significam o futuro, visto que este conceito é o orientador da idéia de um projeto de vida.

O capítulo V aborda as disposições dos sujeitos no que se refere ao trabalho e ao futuro profissional. Discute-se o comprometimento com a escolha suposto em seu discurso e em seguida reflete-se sobre o valor mais agregado à atividade profissional, que é o da independência.

O capítulo VI, último da tese, discute as disposições sobre relacionamentos afetivos e a constituição da própria família. A discussão aborda os significados do casamento, o parceiro que se busca, a percepção sobre as regras de convívio, o significado do passado e da autoridade, e que tipo de formação familiar é valorizada.

Por fim, cabe um último esclarecimento prévio. A primeira idéia que pode vir a ser suscitada à vista de um trabalho que enfoca a construção de projeto de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

vida de adolescentes, é a de que este procura levantar algo como uma espécie de perfil do projeto que estes jovens elaboram. No entanto, as questões com as quais este trabalho pretende contribuir giram mais em torno de tópicos como: de que modo o adolescente se percebe, enquanto tal, inserido no curso de sua vida? Que papéis ele acha que tem, e que assume ou busca assumir? Que espécie de expectativa em relação em relação ao futuro, ao trabalho e à vida afetivo-familiar se encontrou entre estes jovens? Que tipo de soluções são encontradas pelo sujeito para os impasses que lhes são colocados como situações de vida?

Não se pretende aqui responder estas questões no que diz respeito a levantar um resposta final ou uma teoria geral sobre como o jovem brasileiro conduz a sua busca de sentido para o modo como ele está no mundo. O objetivo da discussão aqui ensaiada é, parafraseando Sennett (2001), sugerir maneiras alternativas de refletir sobre as questões que afligem os adolescentes, além de seus pais e educadores. Estas são questões que atingem em alguma medida toda a dinâmica de nossa coletividade, a saber, a renovação das gerações e, por conseguinte, a própria sustentação da sociedade.

Definir uma identidade para o adolescente talvez seja uma tarefa que sempre deixará mais e novas questões em aberto. Talvez o mais importante não seja fechar uma definição definitiva, mas manter em mente que é nas relações de grupo que permanentemente se constroem as identidades e os papéis sociais. Sendo assim, o adolescente é, em seu comportamento e em sua fala, o denunciador de questões que permeiam toda a sociedade, e em alguma medida atingem a todos. Na medida em que o projeto de vida de qualquer pessoa contém indicadores e se forma em cima de articulações sobre as possibilidades criadas nas relações humanas, conhecer o projeto de jovens brasileiros leva a compreender a sociedade brasileira, em seus valores e formas de educar, podendo levar a compreender, assim, também as crianças, os adultos e os velhos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

PARTE I
Contextualização

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

2
Redimensionando O Conceito De Adolescência

2.1.
A emergência do conceito de adolescência universal

Desde o final do século XIX, simultaneamente ao nascimento da Psicologia enquanto área de conhecimento distinta, vimos emergir de forma progressiva a preocupação em definir e explicar o que se compreendia como sendo o desenvolvimento humano. Esta preocupação abarcava a compreensão de que em sua linha de vida o homem passava por todo um processo de transformação em direção à adaptação social. O raciocínio básico que buscava ordenar este processo terminou por se construir sobre a definição de fases progressivas de desenvolvimento.

Percebia-se que, ao nascer, o homem possuía características particulares de interação com os outros homens, e que estas diferiam da interação que se desenvolvia mais tarde. Estas características persistiam por alguns anos, até que o sujeito finalmente chegasse a ponto de responder minimamente aos modos como a civilização de então pretendia que seus integrantes se comportassem em determinadas esferas sociais da existência, como por exemplo, o espaço do trabalho, e mesmo, o espaço da família. Logo, supôs-se que ao longo de todo este processo de desenvolvimento as características que nasciam com o sujeito deveriam ser transformadas ou mesmo suprimidas na direção da adaptação social, e da mesma forma, algumas outras habilidades deveriam ser desenvolvidas ou estimuladas pelo meio circundante. Nascia um conjunto de ciências que pretendiam ordenar a ação sobre estas características. A tarefa de ordenação deveria ser assumida pelas gerações mais antigas, com o intuito de preservar a civilização ou torná-la mais funcional.

Em se tratando de uma cultura onde o conhecimento chamado científico seguia parâmetros e critérios de objetividade, de comprovação empírica, além da busca por complexos de leis universais e imutáveis, a idéia de estabelecer fases para este desenvolvimento parecia se adequar ao cumprimento da tarefa de formulação de uma teoria. Esta teoria deveria poder orientar em extensa dimensão

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

as ações de todos aqueles responsáveis pelo desenvolvimento destas características, e assim garantir a sobrevivência e o progresso da civilização em curso. Desta forma, buscou-se aperfeiçoar a noção de *Infância*, que já vinha sendo forjada há alguns séculos, e como um desdobramento deste movimento, desenvolveu-se a noção de *Adolescência*.

Ambas as noções seriam encaixadas nesta grande teoria do desenvolvimento como as grandes fases que antecediam a *Maturidade*. Esta última seria, por sua vez, aquela onde o indivíduo poderia ter seu desenvolvimento considerado *completo* e ser reconhecido como capaz de responder ao meio social de forma mais *adequada*. A partir daí, este indivíduo poderia circular na sociedade gozando de um *status* de autonomia e respeitabilidade.

Desde o trabalho de Ariés (1981), original da década de 60 do século XX, uma luz particular foi lançada sobre a relevância de se pensar a historicidade de conceitos sobre o desenvolvimento humano que assumiram por tanto tempo a condição de *naturais* dentro da Psicologia, das Ciências Sociais e de todas as ciências humanas, em geral. A despeito de sua metodologia de análise ser questionada por trabalhos posteriores de outros historiadores (Nora & Le Goff, 1976), a idéia de Ariés sobre um conceito de infância que é conformado à história e à cultura e não propriamente determinado por um referencial biológico e universal, fez com que se questionasse os parâmetros tradicionais da Psicologia do Desenvolvimento e se propusessem novos campos de reflexão e investigação sobre este objeto. Uma vez que o conceito de Adolescência então se definia a partir do conceito de Infância, o mesmo questionamento se estendeu a ele.

A palavra Adolescência tem sua origem no termo latino *adolescere*, que significa "crescer" ou "crescer até a maturidade" (Muuss, 1969). Não se trata, portanto, de uma palavra criada pelo pensamento positivista ao qual nos referimos acima, mas de uma conceitualização mais antiga, que foi apropriada por um contexto cultural específico e nele sedimentada como referência para o pensamento.

Coerente com este contexto, este conceito se firmaria como dizendo respeito a uma fase *natural* do desenvolvimento humano. Desta forma criou-se um instrumento conceitual que pudesse responder às necessidades simbólicas de um determinado momento histórico da sociedade ocidental.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

A primeira grande teoria sobre a Adolescência é atribuída a Stanley Hall, e consta em uma publicação sua de 1904, ou seja: desenvolveu-se no caldo cultural de um contexto onde as idéias de civilização e ciência assumiam formas positivistas e evolucionistas. Era nesta fôrma que a teoria pretendia, portanto, servir como justificativa para a ordenação de metodologias de ensino e instrução para pais e professores.

Hall procurou adaptar a teoria darwinista da evolução das espécies rumo à adaptação às preocupações psicológicas de então sobre o desenvolvimento humano. Desta forma, assumiu que ao longo do crescimento humano, o indivíduo atravessaria todas as fases de evolução de toda a espécie humana, desde o seu estágio primitivo, representado pela criança na primeira infância, até chegar ao seu estágio mais *acabado* e desenvolvido, que seria a maturidade. A partir deste pressuposto ele definiu uma seqüência de fases do crescimento humano, entre as quais estava a adolescência.

Como sinaliza Gallatin (1978), a passagem por todas estas fases obedeceria a uma regra clara, e que na época era considerada um critério objetivo para a ciência. Tratava-se da afirmação de que o desenvolvimento era determinado por uma programação genética e inata, e assim, todas as fases descritas por Hall, carregando cada uma suas características específicas, seriam comuns a todos os seres humanos. Isso equivale a dizer que para Hall e para muitos dos pensadores seus contemporâneos, o período então concebido como *Adolescência* seria uma característica filogenética, ou seja, algo que fazia parte da identificação e da definição da *natureza humana*.

Dentro da seqüência de desenvolvimento natural descrita por Hall a adolescência era caracterizada basicamente como um período de *tempestade e tormenta* (no original, em alemão, *Sturm und Drang*) e estaria associada ao desenvolvimento da individualidade. Estes dois fatores (formação da individualidade e comportamento tempestivo) estariam invariavelmente associados entre si e determinados pelo desenvolvimento fisiológico, cujos sinais físicos eram claramente identificados como o crescimento de pêlos pelo corpo, aumento de massa muscular nos meninos, crescimento físico súbito e acelerado em um período de tempo (o que até hoje se chama de “estirão”), alteração na voz no caso dos meninos, crescimento das mamas no caso das meninas, etc.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Ao criar uma associação *necessária* entre estes dois fatores, criou-se também a concepção (que na maioria das vezes permanece nas entrelinhas) de que para que a individualidade se forme, *é necessário* que haja tempestade e turbulência. Forjava-se assim o edifício básico da expectativa generalizada criada para o comportamento dos adolescentes: a de que eles *deveriam* ser indivíduos conflitados e instáveis. Ou seja, considerando que a turbulência estava inscrita na carga genética de todos os seres humanos, qualquer indivíduo desta idade que estivesse fora deste quadro suscitaria um olhar curioso, e em casos extremos, a própria desconfiança de que não se tratasse de uma pessoa "normal".

Por conta de seu caráter especificamente evolucionista, a teoria de Hall cedo perdeu seus adeptos e foi considerada uma teoria ultrapassada. No entanto, embora nem sempre de forma reconhecida, ela marca as bases de um edifício teórico que permanece ativo clara ou supostamente na orientação da prática de vários profissionais que lidam com adolescentes. A pesquisa sobre adolescentes freqüentemente encontra em suas suposições teóricas mais básicas e difundidas a afirmação da vivência da turbulência. Assim, por exemplo, como um desdobramento da tentativa de discutir o comportamento violento de jovens brasilianos em um episódio nacionalmente conhecido, que resultou na morte de um indivíduo por incêndio criminoso poucos anos atrás, Günther e Günther (1998) afirmam que a adolescência constitui uma guerra interna e externa cuja batalha central é a formação da identidade.

Sendo assim, antes da proposta psicanalítica, o trabalho de Hall já representava a aproximação evolucionista e biologista que marcaria o pensamento predominante em todo o século XX, e cuja essência ainda se encontra presente nas concepções (ou seja, naquilo que guia o comportamento, mas que não é necessariamente consciente) sobre a adolescência mesmo no âmbito profissional. Em pesquisa realizada por Ozella (2003b), onde o autor entrevistou um conjunto de 51 psicólogos cujas atuações eram distribuídas nas áreas de Educação Formal, Saúde Institucional, Saúde Particular, Jurídica, Trabalho e Re-educação, observou-se que o discurso dos profissionais entrevistados enfatizava em vários graus de clareza a noção de adolescência como fase natural e universal do desenvolvimento. As concepções também incluíam a idéia de que a Adolescência é provocada pela emergência de impulsos internos de agressividade e de auto-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

descoberta, que por sua vez levam o sujeito a muita confusão e conturbação de idéias e de comportamento.

A esta concepção inicial, soma-se a idéia de qualquer intervenção junto ao adolescente a partir do referencial que Ozella chama de *curativo*, ou *patologizante*, no qual a saúde é compreendida como ausência de doença, e o trabalho com os adolescentes é compreendido como um *tratamento*. Em outras palavras, o trabalho parte do princípio de que eles têm uma **doença** ou uma **patologia** que precisa ser eliminada. De 1904 a 2003 um século se passou, e os pressupostos universalizantes continuam presentes.

A consolidação de um conceito de adolescência baseado na biologia talvez tenha se firmado com o estabelecimento da teoria psicanalítica, cujo eixo de orientação – ao menos o da sua teoria do desenvolvimento da personalidade – repousa na idéia de que as transformações biológicas são o motor do desenvolvimento da organização simbólica e psíquica do sujeito, e que há aspectos do comportamento humano que são de fato constitucionais, ou seja, nascem com ele. *Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (S. Freud, 1904) vieram a público no mesmo ano em que Hall (op.cit.) publicou o seu trabalho sobre adolescência, o que evidencia as tendências gerais do caldo cultural e científico da época.

A teoria psicanalítica gira em torno da explicação sobre como se dá o processo de organização da dinâmica das pulsões,[1] de modo que o sujeito se transforme de um *feixe de forças* biológicas em um indivíduo adaptado socialmente. Nesta condição ele é capaz de responder às necessidades do convívio social, de modo que ele próprio possa se beneficiar desta troca, obtendo proteção, segurança e um tempo de vida maior. A idéia central de Freud é que esse processo tem como cerne a administração de impulsos (as pulsões) que nascem com o indivíduo e que são de natureza essencialmente sexual (libidinal).

Dentro desta lógica, Freud definiu quatro fases naturais, subseqüentes ao longo do desenvolvimento infantil, que formariam a base da personalidade do

[1] Freud define a Pulsão como aquilo que nasce na fronteira entre o biológico e o cultural. Ela é, portanto, as duas coisas, concomitantemente. E na falta de uma explicação lógica através da cultura, existe a possibilidade de explicação através da biologia, tomando esta condição como palavra de autoridade final. Uma vez usado este recurso, cessam as dúvidas sobre a etiologia do comportamento, sobre a responsabilidade por ele e mesmo sobre a possibilidade de sua transformação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

indivíduo.[2] Por volta dos 11-12 anos, como uma conseqüência do desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários (mencionados acima, por ocasião da exposição da teoria de Hall), iniciar-se-ia um período de reorganização dos impulsos sexuais, até então adormecidos ou estabilizados. Esta reorganização seria necessária para a formação final da estrutura de personalidade.

Para Freud, até esse momento, o sujeito é virtualmente incapaz de orientar sua atenção erótica para objetos, mantendo-a predominantemente voltada para si mesmo. O desenvolvimento dos caracteres sexuais é indício do surgimento de uma capacidade melhor delineada de orientação da libido para o Outro, e em uma segunda instância, para interesses externos e sociais. Isto capacitaria o sujeito a se relacionar afetiva e sexualmente com outra pessoa e desenvolver atividades laborativas, atendendo em ambos os aspectos, às demandas de convivência comunitária e manutenção da sociedade. Ele seria então capaz de desligar-se da família original em uma medida minimamente necessária, que lhe permitisse desempenhar seu próprio papel e manter um determinado grau de autonomia individual. O equilíbrio entre o atendimento às demandas sociais e a consolidação de uma autonomia intelectual e afetiva, de modo que o sujeito possa encontrar, no seu ambiente cultural, meios *adequados* de satisfazer suas pulsões, é o *objetivo* do desenvolvimento humano.[3]

A teoria psicanalítica, ao contrário da teoria filogenética de Stanley Hall, encontrou receptividade por grande parte dos profissionais da área de Psicologia, e embora seja constantemente revista, ampliada, relativizada, adaptada, criticada, ainda goza de grande respeito na discussão sobre desenvolvimento humano. Na esteira desse respeito, temos as propostas de teóricos como Anna Freud, Arminda Aberastury e mesmo Erik Erikson.

Anna Freud (citada em Muuss, op. cit.) atribuiu grande importância à puberdade como um fator marcante da formação de caráter. Ela explica a condição de pubescência[4] como um período de abalo no frágil equilíbrio obtido

[2] A saber, as fases oral, anal, fálica e o período de latência.

[3] Assume-se assim que o desenvolvimento humano biológico tem um sentido pré-estabelecido, ou o que se poderia chamar de uma abertura natural, para o desenvolvimento simbólico.

[4] Pubescência, para Muuss (op.cit.) seria o processo de surgimento dos caracteres sexuais secundários. Este processo é o que fundamenta a fase da Puberdade, cujo sentido é estritamente biológico e consiste no recorte das transformações físicas que começam a ocorrer por volta dos 11-12 anos de idade (na atualidade este marco etário é contestado). Para que a pubescência ocorra, o organismo inteiro sofre uma transformação sistêmica, que inclui toda uma reorganização hormonal no corpo do sujeito. Puberdade e Pubescência, então, dizem respeito a aspectos estritamente físicos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

até então entre Id e Ego, o que causa todo um quadro de *desequilíbrio das faculdades mentais*.

Anna Freud explica que o novo ritmo de secreção hormonal, as transformações neuronais, o desenvolvimento das zonas erógenas, e o crescimento acelerado do corpo em geral nesta fase gerariam a emergência da necessidade de satisfação de impulsos sexuais até então "adormecidos" na fase de latência. O conflito entre estes desejos e os valores sociais internalizados em momento anterior seria o propulsor da irritabilidade, da instabilidade, do descontrole, da brutalidade, das tendências exibicionistas do adolescente. O período da adolescência seria então o processo de reorganização do Ego, em vista desta nova configuração dos desejos internos, e ao longo deste processo, o adolescente, para se defender dos próprios conflitos, desenvolveria determinados mecanismos de defesa com intensidade específica, como a intelectualização e o ascetismo.

Aberastury e Knobel (op.cit.), seguindo também uma orientação psicanalítica, definem, por sua vez, a *Síndrome da Adolescência Normal*. Os autores, embora admitam a configuração cultural como indicadora da forma com que as características da adolescência emergem, assumem a existência de um componente universal que definiria esta fase como presente no fenômeno humano como um todo. Para eles, existiria uma espécie de coeficiente comum a todos os seres humanos na sua transformação em adultos, e a condição cultural definiria tão somente a expressão circunstancial de caráter geográfico e histórico-social. Diz Maurício Knobel

> Não há dúvidas de que o elemento sócio-cultural influi com um determinismo específico das manifestações da adolescência, mas também temos que considerar que atrás dessa expressão sócio-cultural existe um embasamento psico-biológico que lhe dá características universais. Pretender que o redespertar da sexualidade no nível de maturidade genital não é um fenômeno básico da adolescência no nosso meio, seria como pretender que o próprio processo da civilização não acontece na realidade e que toda a circunstância sócio-econômica de desenvolvimento não sucedeu e que a civilização não aconteceu como um fenômeno que incide diretamente sobre a personalidade. Seria também pretender que não há uma sexualidade prévia e que a personalidade é um sinônimo direto de maturidade unicamente. Segundo esse critério, poder-se-ia chegar à conclusão, absurda, certamente, do ponto de vista evolutivo, de que só os adultos teriam personalidade. (Aberastury e Knobel, op. cit. P, 25)

---

do desenvolvimento, enquanto a definição de Adolescência abrange também os aspectos psicológicos e sociais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Os autores deixam claro, assim, que seus pressupostos giram em torno de que existe uma natureza universal do desenvolvimento humano, e que a cultura seria uma espécie da máscara superficial, construída socialmente para que as manifestações desta natureza não coloquem em risco a consistência da própria civilização. A concepção biológica como determinante do desenvolvimento humano fundamenta o campo que se chama psicologia evolutiva, e que permanece como um marco teórico da Psicologia da infância e da adolescência.

Partindo desse pressuposto, Aberastury e Knobel (op. cit.) definem adolescência como o "período de transição entre a puberdade e o estado adulto do desenvolvimento" (p.26). Em extensão, eles definem a *Adolescência Normal*, ou seja, a adolescência que estaria fora da *patologia* (adaptada, embora não submetida ao ambiente), através de dez características *sintomatológicas*.[5]

O suporte para a definição destas características encontra-se na interpretação que os autores fizeram de sua experiência clínica, bem como de ocasionais aplicações de questionários, testes psicológicos, dinâmicas de grupos. Estas características seriam: a busca de si mesmo e da identidade; a tendência grupal; a necessidade de intelectualizar e fantasiar; as crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente ao misticismo mais fervoroso; a deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; a evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; a atividade sexual reivindicatória com tendências anti- ou associais de diversa intensidade; contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; uma separação progressiva dos pais; e constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

No entanto, nenhum outro autor é tão citado quanto Erik Erikson (1976; 1987), no que diz respeito às produções acadêmicas tradicionais que procuram conferir sentido ao conjunto de comportamentos humanos que se convenciona chamar de adolescência. Enquanto Aberastury e Knobel tomam como eixo seu conceito de *Adolescência Normal*, Erikson tem a *construção de identidade* como conceito central. A teoria de Erikson é fortemente influenciada pelo pensamento psicanalítico, porém ele se diferencia pela valorização do aspecto cultural. A partir

[5] Os termos em itálico, bem como a definição de normalidade são reproduções das palavras dos próprios autores.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

de suas experiências interculturais, que incluíram a convivência com índios nativo-americanos, e da teoria psicanalítica quando esta aborda o desenvolvimento das fases psicossexuais infantis, Erikson define inicialmente oito etapas do desenvolvimento humano, que, diferente da teoria freudiana, abarcam do nascimento à morte.[6] Ele define cada fase como possuindo um conflito básico que precisa ser resolvido, para que o desenvolvimento rumo à adaptação entre indivíduo e coletividade mantenha um fluxo satisfatório. Para ambos, logo de saída, a diferença deste autor diz respeito ao pressuposto aí presente, de que a adaptação é um processo que necessita de periódicas revisões.

> O processo descrito está sempre mudando e evoluindo; na melhor das hipóteses é um processo de crescente diferenciação e torna-se ainda mais abrangente à medida que o indivíduo vai ganhando cada vez maior consciência de um círculo, em constante ampliação, de outros que são significativos para ele – desde a pessoa materna até a "humanidade". (Erikson, 1987, p.21)

Na teoria de Erikson, o indivíduo necessita reciclar seu relacionamento com o mundo com uma certa periodicidade ao longo de sua vida, de acordo com as tarefas impostas pela sua cultura.

A primeira fase, por exemplo, configura o que Erikson chama de 'crise de confiança.' O bebê precisa optar entre a *confiança básica* e a *desconfiança*, e esta opção vai determinar o quanto sua personalidade lhe permitirá contar com os outros ou assumir responsabilidades maiores do que sua saúde lhe permite.

Da mesma forma, o homem, em um momento mais avançado de sua história, precisa optar por assumir atitudes de cuidado com os outros e com a orientação sobre a vida que ele pode fornecer para as gerações seguintes (Erikson chama essa opção de *generatividade*) ou optar por assumir atitudes de não compartilhamento da própria experiência com estas gerações e fechar-se em seu próprio mundo, com pouca ou nenhuma interação (o que Erikson chamou de *estagnação*).

Em sua teoria, a adolescência seria definida como a quinta fase do desenvolvimento, cujo conflito se caracteriza pela opção entre identidade *versus*

[6] Posteriormente, Erikson acrescentou uma nona fase de desenvolvimento, em seu trabalho *O Ciclo de Vida Completo* (1998). Esta fase diria respeito, segundo o autor, a um sentimento de *gerotranscendência*, que consistiria na formação de um self que transcende a identidade individual, e que buscaria localizar o sentido de sua própria existência em termos comunitários e históricos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

confusão de identidade. A síntese de Hall, Lindzey e Campbell (2000) sobre o pensamento de Erikson acerca dessa fase é a seguinte:

> Durante a adolescência o indivíduo passa a experienciar um sentido da própria identidade, um sentimento de que é um ser humano único, que está preparado para se encaixar em algum papel significativo na sociedade. A pessoa se torna consciente das características individuais inerentes, de situações, de pessoas e objetos dos quais gosta ou não gosta, de metas futuras antecipadas e da força e do propósito de controlar o próprio destino. Essa é uma época na vida em que queremos definir o que somos no presente e o que desejamos ser no futuro. (p.173)

A estrutura do pensamento de Erikson ainda é evolutiva, pois que ele define etapas subseqüentes e sobrepostas, onde o desenvolvimento e a configuração das fases mais avançadas dependem do que foi resolvido nas fases anteriores. Mesmo após estudar diferentes meio sócio-culturais, ele afirma que pôde observar esta lógica em todos eles, a despeito das variações circunstanciais. O estágio seguinte ao da adolescência, por exemplo, é o conflito entre *Intimidade e Isolamento*, e para Erikson, a capacidade de escolha pela intimidade se dá em igual proporção ao desenvolvimento da segurança acerca da própria identidade que pôde ser desenvolvida nos estágios anteriores.

Com todas as relativizações possíveis, estabelece-se aí um padrão. Embora o autor afirme que elementos de cada estágio podem se transformar em todos os momentos da vida, o estabelecimento de uma seqüencialização ainda sugere a existência de uma normalidade ou de um *padrão evolutivo*. Isso significa dizer que o desenvolvimento humano pode ser reduzido a uma estrutura básica, uma fórmula geral que se repete independente do tempo e do espaço.

A perspectiva universalista da concepção sobre adolescência recebeu um abalo mais significativo somente quando da publicação dos trabalhos desenvolvidos por antropólogos, entre eles, os mais famosos sendo os de Margareth Mead e Ruth Benedict (citados em Muuss, op.cit.). Ao abordar o processo de avanço da idade cronológica em povos não ocidentais, como os habitantes de ilhas no oceano pacífico (Samoa e Gilbert) e várias etnias de índios nativo-americanos, Mead demonstrou variações consideráveis entre o modo como a progressão dos anos de vida participa na construção do espaço social dos indivíduos. Muuss (op.cit.) sinaliza que ao passo que Mead contribuiu para esta reflexão com trabalho de campo etnográfico, Benedict desenvolveu uma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

interpretação teórica melhor estruturada que vai ao encontro das observações feitas pela primeira.

Para esta autora, o índice que traria uma caracterização diferenciada entre as culturas seria mais exatamente a continuidade ou a descontinuidade nos papéis impostos pelo modo de vida convencional destas culturas.

> [Benedict] vê o crescimento como um processo gradual e contínuo. O recém-nascido, para sobreviver, depende de outras pessoas. Desta dependência infantil, deve evoluir para um estado de relativa independência, e como adulto, terá que prover e proteger a sua descendência que então dependerá dele. O padrão pelo qual a criança obtém independência varia de cultura para cultura. (Muuss, op.cit., p.67)

O trabalho de Mead corrobora com esta proposta, uma vez que organiza observações sobre, por exemplo, o modo como as meninas de Samoa assumem o cuidado de seus irmãos mais novos, ao mesmo tempo que são cuidadas pelos irmãos mais velhos. Quando a menina de Samoa assume o papel de mãe biológica, já experimentou ao longo de sua vida até então, o papel de *cuidadora* e sua decorrente responsabilidade por várias crianças. Enquanto isso, as meninas de sociedades ocidentais seriam introduzidas repentinamente nesta função, o que caracterizaria uma descontinuidade, segundo a autora, e uma conseqüente necessidade de adaptação brusca à nova condição.

Um problema que chama a atenção nesta proposta, e especificamente neste exemplo, é a própria concepção de sociedade ocidental. A sociedade brasileira, particularmente, pode ser citada como um exemplo onde fica evidente uma enorme pluralidade de possibilidades. Dependendo das circunstâncias de vida de uma determinada família, à menina, e mesmo ao menino, pode ser exigido este cuidado com os irmãos mais novos.

No entanto, mesmo diante desta observação, o ponto epistemológico com o qual as autoras mencionadas contribuem, permanece no sentido de que a introdução neste mundo de *relativa* independência vai seguir os padrões de exigência tidos como possíveis por cada cultura.[7] Nesse sentido, as estruturas de

[7] Coll e alii (1995) apontam, a partir de pesquisas realizadas por vários estudiosos, que a educação dos pais difere em vários aspectos, e que um dos mais relevantes para se refletir sobre o amadurecimento das crianças e dos jovens é o grau em que os pais fazem exigências aos filhos quanto a isso. Estas exigências são definidas como pressões e estímulos dados os filhos para que eles desenvolvam suas capacidades, e podem ser delineadas como ações onde os adultos fornecem aos mais jovens tarefas, deixam responsabilidades a cargo deles, não assumem tarefas que as

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

organização tanto das famílias do sertão nordestino, quanto das famílias que vivem em favelas urbanas, e as famílias dos Jardins da cidade de São Paulo, respondem à proposta de Benedict.

A controvérsia entre uma adolescência universal, no entanto, mesmo no campo da Antropologia, passou por transformações ao longo do tempo. O próprio trabalho de Mead, inicialmente caracterizado como extremamente relativista, caminhou em uma fase posterior (por volta dos anos de 1940) no sentido de admitir que haveria elementos da adolescência que aparecem regularmente em todas as culturas. De qualquer forma, a partir do momento em que a Antropologia Cultural colocou em xeque as propostas de explicação de cunho predominantemente biológico, uma perspectiva sócio-cultural de análise adquiriu um espaço mais aberto e confiável no campo de discussões sobre a adolescência, e até mesmo as interpretações inspiradas pelo pensamento marxista gradualmente adquiriram uma maior projeção na Psicologia.

Seguindo o raciocínio de Benedict, ao apontar a descontinuidade em culturas específicas, por exemplo, pode-se sinalizar que até poucas décadas atrás a criança era tratada como tendo uma natureza não-sexuada, em franco contraste com o espaço de expressão sexual concedido ao adulto. Mesmo após os trabalhos de Freud, esta concepção permanece ao menos sutilmente presente. Embora atualmente percebamos as conversas sobre sexualidade como mais espontâneas – e provavelmente estão, se formos comparar com outros tempos – ainda se demonstra certo embaraço por parte das meninas ao se mencionar a condição de estar menstruada defronte outras pessoas, especialmente se estas não forem mulheres. Da mesma forma, muitos pais ainda se sentem desconfortáveis – embora procurem disfarçar esse sentimento – diante de perguntas feitas pelas crianças sobre o que eles fazem no quarto durante a noite, quando as portas estão fechadas. Também a nudez, mesmo entre familiares, nem sempre é vista com naturalidade. Assim, a criança nunca ou raramente assiste a uma relação sexual, a uma morte ou a um nascimento. Durante muito tempo a gravidez foi camuflada, e os filmes, peças, charges que satirizam as explicações sobre o modo como as abelhinhas se reproduzem representam o embaraço que por muito tempo os

próprias crianças podem realizar etc. Cada família, e em um sentido mais amplo, também cada cultura, irá estabelecer um grau de exigência do que nós chamaríamos de maturidade. Os indivíduos criados em cada contexto estarão continuamente se desenvolvendo (também em relação ao tipo de atitude social que se espera deles) na mesma medida em que sofrem estas exigências.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

adultos sentiam para responder a perguntas clássicas como “de onde vêm os bebês?”.

Boa parte destas restrições teve sua consolidação por ocasião de uma mentalidade vitoriana, onde as questões de higiene e cuidado com o corpo se misturaram a estratégias de estigmatização da exposição do mesmo. Da mesma forma, concepções de pureza, castidade, santidade e continência foram tomadas como valores a ser observados. O conceito de criança, seguindo a lógica já defendida por Ariés (op.cit.) e corroborada por trabalhos mais recentes como os de Prost e Vincent (1997), foi assumindo a encarnação destes valores, como o indivíduo que deveria ser resguardado e protegido das coisas mundanas. Nos dias atuais poderia-se discutir o papel da mídia e da comunicação de massa como elemento que tem transformado esta configuração, embora particularmente questionemos se o embaraço de fato desapareceu ou foi apenas camuflado por estes meios de transmissão de informação.

Sendo assim, uma vez que à criança seria restrita a expressão de sexualidade, surge a necessidade de se pensar um momento no calendário de vida previsto culturalmente para o indivíduo, em que esta faculdade teria abertura de expressão e seria finalmente aceita. A adolescência surge então como lugar para tal.

Nota-se que todas as interdições mencionadas se referem diretamente ao corpo e às concepções que o circundam. Referem-se, portanto, à forma material do sujeito de *estar-no-mundo*. Este ponto merece especial atenção.

Até alguns séculos atrás estas interdições específicas não existiam. O momento da morte era um evento público e atos como a evacuação e a flatulência eram compreendidos como naturais e nem de longe dignos de suscitarem embaraço. Elias (1994a), por exemplo, sinaliza, em extenso trabalho de pesquisa psico-sócio-histórica, que o controle do próprio corpo, e o auto-controle emocional advindo deste, foram incorporados gradualmente, ao longo dos últimos séculos, ao modo de vida cotidiano. O autor aponta que o recurso à vergonha (ou seja, a construção de um código moral específico) como instrumento de implementação do comportamento esperado foi uma inovação *civilizatória* moderna. Ou seja, as concepções que guiam este controle do comportamento e do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

próprio corpo – bem como o controle sobre o comportamento e os corpos dos outros – são tipicamente modernos.[8]

Não é mera coincidência que a criação e a implementação destas interdições na sociedade moderna marcou o período que também testemunhou os primórdios da gênese da própria criação do conceito de adolescência, e mais anteriormente, o próprio conceito de infância. As idades da vida também precisaram ser organizadas de modo a responder a esta ordem social em emergência. Os indivíduos de 12 a 19 anos precisavam ser convencidos de que algo ***novo*** surgia em seu corpo, que provocava conflito, e cuja expressão precisava ser controlada. Eles deveriam descobrir seu *novo corpo*, romper com a percepção do *corpo antigo*, e subitamente aprender a desconstruir as internalizações sobre o próprio corpo com as quais viveram até aquele momento.

É interessante observar que é justamente na adolescência que encontramos um medo especificamente vivido e expresso do "ridículo". O "ridículo" é um termo que denota a imposição da vergonha. Ninguém gosta de ser chamado de "ridículo" e os adolescentes usam o termo para alijar indivíduos ou ações, para convencer uns aos outros do que eles devem fazer e de como devem se comportar, ou para definir a si mesmos em um momento onde *perderam o controle* do próprio comportamento. Essa palavra, assim como expressões como "pagar um mico", se encontram engendradas e articuladas no discurso dos adolescentes em contextos de julgamento – de si e dos outros – com uma freqüência considerável, como apontam as entrevistas deste e de outros trabalhos (Scelza, 2000). O uso destes termos é uma pista para identificar o processo de internalização da vergonha como sentimento orientador da conduta, e de todas as regras sociais associadas a ela. O sujeito deve controlar seu próprio comportamento, administrar a exposição e a utilização do próprio corpo, adequá-la ao seu discurso, pois já não é mais criança. Mais que isso, ele passa a controlar o comportamento do outro, e entre outras estratégias para isso, também usa palavras como "ridículo" para fazê-lo.

[8] Elias é criticado por imprimir neste processo uma espécie de naturalização, onde o *processo civilizador* ao qual ele faz alusão seria supostamente compreendido como um sentido histórico geral, como se toda a sociedade ocidental seguisse uma mesma linha de desenvolvimento. No entanto, sua reflexão sobre o uso da vergonha do próprio corpo como recurso de ordenação do comportamento social mantém seu valor. Para esclarecimentos sobre a crítica, ver o prefácio da citada obra de Elias, escrito por Renato Janine Ribeiro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Temos assim a ilustração de como a subjetividade se constrói em íntima relação com a cultura, através também da impressão que as definições das idades da vida nos provocam. O saldo talvez mais relevante do foco antropológico para a discussão sobre qualquer idade da vida é, assim, a direção de um pensamento mais sistêmico, que abarque a construção do comportamento humano como o resultado do cruzamento de uma série de fatores, e não mais através de um determinismo de qualquer natureza.

Feitas estas considerações epistemológicas, pode-se então começar a delinear a opção teórica deste trabalho em particular, uma vez que esta se originou de uma reflexão crítica sobre as propostas tradicionais de definição de um significado para o termo adolescência.

2.2.
A Rede Social

A partir do debate travado pelos autores clássicos, podemos inferir que uma definição de adolescência, então, passaria necessariamente pela uma formação de um olhar psicossocial. Isso significa desconstruir a comodidade de uma análise que, por supôr a lógica linear como o sentido da descoberta da *realidade*, privilegia apenas um aspecto **ou** outro. Nas palavras de Norbert Elias: "Mas, e se uma compreensão melhor da relação entre indivíduo e sociedade só pudesse ser atingida pelo rompimento dessa alternativa *ou isto/ou aquilo*, desarticulando a antítese cristalizada?" (Elias, 1994b, p. 18, grifo nosso).

A antítese à qual o autor se refere é o argumento fundamentado na insistência na separação rígida entre a psicologia do indivíduo e a psicologia social, ou nas visões sociológicas que se voltam exclusivamente para o coletivo. Elias levanta essa discussão quando procura responder à pergunta aparentemente simples sobre o que é a sociedade. Ele observa que existem duas formas tradicionais de responder a ela, duas correntes de pensamento que governam as ações dos investigadores. A primeira é aquela que concebe as formações sócio-históricas como se tivessem sido concebidas, planejadas e criadas, tal como se apresentam agora, por um indivíduo ou um grupo específico e restrito de indivíduos. Algo como se estas instituições tivessem sido criadas deliberadamente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

para o fim que desempenham no momento. Nesta perspectiva, a ação individual é o centro articulador e também o próprio fim da análise.

A segunda corrente considera que o indivíduo não desempenha papel algum na construção da sociedade. A sociedade é então concebida como uma entidade orgânica supra-individual, onde as vontades e o pensamento de um sujeito não desempenham papel relevante na história.

A desconstrução da antítese entre estas duas correntes está longe de se efetuar sem algum conflito, uma vez que a mentalidade analítica é ainda preponderante nas ciências, tomadas como um conjunto. Ela se sustenta em cima de categorias de pensamento compartimentalizadas, onde o olhar sobre as características da parte é priorizado em detrimento do olhar sobre as relações entre estas partes. O pensamento e as próprias línguas de que dispomos estão voltados para uma objetivação da realidade que faz escapar, por vezes, determinadas sutilezas, assim como uma visão de um todo articulado. A proposta de Elias, por sua vez, segue uma lógica mais sistêmica. Ela consiste na construção de um modelo conceitual que possa articular as noções de sociedade e de indivíduo estabelecendo uma relação entre eles onde a exclusão mútua não se opera, mas antes, onde a tônica é a visão da interdependência – senão a co-substancialidade – entre eles.

Nesse sentido, Elias começa sua proposta assinalando que a sociedade é tudo, menos harmoniosa. Além disso, ela não tem contornos nítidos, nem forma perceptível e é sempre mais ou menos incompleta. Apesar de tudo isso, ela se encontra em um movimento perceptível, e passível de interpretação. Haveria então uma ordem oculta neste turbilhão, onde cada pessoa está ligada a todas as outras por laços específicos. O autor define estes laços como uma espécie de ***rede*** de dependências, e afirma este conceito como orientador de uma interpretação para a sociedade.

A rede social é definida por um contexto de relações funcionais e interdependentes. Os **atos** dos indivíduos (e toda a significação atribuída a eles) se vinculam ininterruptamente entre si, formando longas cadeias, para que possa cumprir suas finalidades e reforçar ou reformular simultaneamente seu sentido e o sentido da coletividade que os sustenta. O que Elias quer dizer com isso é que, tomando o nosso objeto como ilustração direta, não se pode falar do adolescente sem que se fale também do adulto, da criança e do velho. No mesmo sentido, da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

mesma forma que não se pode falar do morador de rua sem falar nas concepções sobre pobreza e na distribuição de renda, não se pode falar do espaço social do adolescente sem falar sobre as oportunidades que a cultura e o ambiente específico em que ele vive lhe oferecem ou se fazem perceber por ele.

Abordar a consciência do adolescente a partir de seu discurso, como é nossa intenção aqui, significa necessariamente manter a atenção voltada também para o que as instituições, a mídia, os outros sujeitos e a própria história falam sobre ele. É somente por conta da fala destes agentes que o adolescente se reconhece enquanto tal, pois a identidade é sempre construída numa relação de comparação. Quando aprendo o que é claro, aprendo ao mesmo tempo o que é escuro.

A partir do momento em que um indivíduo nasce, ele é *partejado*, por outros indivíduos. Ou seja, ele passa não somente a aprender com as pessoas ao redor, mas funciona também, simultaneamente, como *fonte* para os outros aprenderem e construírem seus próprios juízos. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o sujeito observa as outras pessoas e a partir da interação com elas, desenvolve sua consciência, ele também é *material a ser observado por estas* e desempenha, querendo ou não, o papel inverso. Sendo assim, a consciência do indivíduo nasce e se desenvolve a partir das concepções e da própria existência das outras pessoas. De forma continuada, essa consciência permanece em interação com os outros indivíduos o tempo inteiro da vida. Mais do que isso, o sujeito **precisa** disso para crescer e se desenvolver, seja lá de que âmbito (profissional, etário, afetivo etc) se esteja olhando para ele. Elias compartilha da idéia de que o destino de cada sujeito é, grosso modo, específico de sua sociedade, o que nos faz lembrar de uma afirmação de Clifford Geertz.

> O homem não pode ser definido nem apenas por suas habilidades inatas, como fazia o iluminismo, nem apenas por seu comportamento real, como o faz grande parte da ciência social contemporânea, mas sim pelo elo entre eles, pela forma em que o primeiro é transformado no segundo, suas potencialidades genéricas focalizadas em suas ações específicas. É na carreira do homem, em seu curso característico, que podemos discernir, embora difusamente, sua natureza, e apesar de a cultura ser apenas um elemento da determinação deste curso, ela não é o menos importante. Assim como a cultura nos modelou como espécie única – sem dúvida ainda nos está modelando – assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que realmente temos em comum – nem um ser subcultural imutável nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido. (Geertz, 1989, p. 37-38)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Assim, a concepção de *rede social* funciona como uma metáfora para o nosso ponto de partida e *pressuposto básico*: a rede é formada por vários pontos que se entrecruzam e se interligam em várias direções de número possivelmente alto, embora não infinito. Cada ponto ocupa um lugar específico e tem suas características particulares, mas esta localização depende intimamente da localização e da movimentação dos outros pontos. Existe um grau de tensão nos fios pelos quais se comunicam estes pontos. Este grau se altera conforme a distribuição e a posição da rede, e que por sua vez altera os próprios pontos. Cada ponto possui sua individualidade, que é necessariamente compartilhada, no entanto, com os fios e com os outros pontos. É a interação entre estas individualidades que constitui o todo e que permite o movimento da rede. E é também o movimento da rede que inversamente define a própria existência de cada ponto.

A sociedade como rede seria, então, o entrelaçamento incessante e dinâmico de seres individuais. Neste, aquilo que confere, em um sentido mais genérico, a qualidade de *seres humanos* à substância animal do *homo sapiens*, e em um sentido mais específico, a qualidade de *adolescente*, *adulto*, *velho*, *saudável*, *infeliz*, *adaptado*, *miserável*, se constrói dentro e através das relações com os outros.

Daí a dificuldade em definir determinados conceitos como o de adolescência de forma isolada ou a partir de um único elemento determinante. O adolescente está imerso em uma rede. Se ele consegue algum dia dizer quem ele é ou que direção vai tomar dentre as que lhes são possíveis, é porque ele se descobre através da sua ação e da interação com os outros. Se a rede se transforma, ele se transforma junto. Se ela se torna tensa, ele também o faz. Se ela relaxa, ele tende a fazer o mesmo. E mesmo que faça o contrário, estará respondendo a um padrão que a rede trouxe. Ao mesmo tempo, ele tem pessoalmente o poder de tensionar uma área da rede. Ou então de revelar a tensão que existe, e que ele sente claramente, embora ela venha sendo camuflada pelos outros pontos. Assim, cada indivíduo sustenta a rede, ao mesmo tempo que é sustentado por ela.

Nas palavras de Aguiar (2002a), a propósito da psicologia sócio-histórica, cujos pressupostos corroboram com a metáfora construída por Elias:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> A realidade objetiva não depende de um homem em particular; ela preexiste e nessa condição, passará a fazer parte da subjetividade de um homem em particular. Nesse momento, ao mesmo tempo em que é realidade objetiva, independente desse sujeito em particular, ela se nega enquanto tal, porque passa a ser realidade subjetiva. Na passagem, ela se transforma, como afirma Leontiev: "representa o objetivo no subjetivo, uma forma particular de existir do mundo exterior no interior". Nega-se, assim, a dicotomia objetividade-subjetividade, que passam a ser vistas numa relação de mediação, na qual um é através do outro, sem no entanto se diluírem ou perderem sua identidade. (Aguiar, 2002, p.98)

Neste contexto teórico, temos também o trabalho de Vigotski (1998; 2001) como teórico que busca tornar inteligível todo este processo. O viés deste autor recebe uma ênfase particularmente interessante para este trabalho, que diz respeito ao próprio desenvolvimento da cognição humana. Se pretendemos observar os recursos simbólicos e cognitivos que articulam o discurso de nossos sujeitos, é importante marcar a contribuição deste autor para a visão sócio-histórica.

Vigotski, é o protagonista principal da construção da perspectiva teoria da Psiciologia Sócio-Histórica. Ele norteou suas concepções sobre o fenômeno humano a partir daquilo que chamou *processos psicológicos superiores*. Estes processos seriam o que caracteriza o funcionamento psicológico compreendido como tipicamente humano. Eles se tornam existentes a partir da ontogenética que é necessariamente permeada pela interação social e mediada simbolicamente pelos sistemas historicamente construídos pela humanidade.

As questões referentes à construção de um projeto de vida, uma vez que articulam a construção histórica do sujeito sobre sua percepção de si mesmo e da realidade objetiva, são incluídas no âmbito dos processos psicológicos superiores. Por outro lado, ao analisarmos a formação de tais processos, estamos, indiretamente, acumulando conhecimentos que nos permitem compreender o a constituição do projeto de vida.

Para Vigotski "todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social e depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológico) e depois, no interior da criança (intrapsicológico)" (1998, p. 75). Ou seja, isso equivale a dizer que a percepção de si mesmo, do tempo e da realidade é apropriada pelo sujeito a partir do que o ambiente interpessoal lhe proporciona.

Este processo não deve ser compreendido como uma coerção social infringida ao indivíduo, isto é, uma imposição do outro que é interiorizada

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

necessariamente pelo indivíduo. A concepção vigostkiana, nesse sentido muito próxima da proposta de Certeau (op.cit.) é a de que o sujeito não é passivo nem ativo, mas interativo. Como manifesta Góes, "o plano intersubjetivo não é o plano do 'outro', mas o da relação do sujeito com o outro" (1991, p. 19).

Segundo Oliveira (1993), para compreender a obra de Vigotski, devemos apreender o significado de *síntese*, pois esta é uma idéia presente em suas colocações e central na sua forma de compreender os processos psicológicos:

> A síntese de dois elementos não é a simples soma ou justaposição desses elementos, mas a emergência de algo novo, anteriormente inexistente. Esse componente novo não estava presente nos elementos iniciais: foi tornado possível pela interação entre esses elementos, num processo de transformação que gera novos fenômenos (OLIVEIRA, 1993, p. 23).

A compreensão deste sistema teórico faz manter em mente questões que lançam um olhar particular para a situação de entrevista, especialmente no que diz respeito à impossibilidade de criação de uma situação de neutralidade. O conteúdo simbólico ativo em uma interação humana possui um significado compartilhado socialmente por membros pertencentes a uma mesma cultura. Entrementes, deve-se lembrar que ao se tornar um processo subjetivo, o conteúdo intersubjetivo sofre uma *síntese comprometida*. Esse comprometimento é tanto com o significado compartilhado quanto com o "sentido" pessoal que o indivíduo atribui àquele conteúdo interiorizado. No processo desse comprometimento, um dos ambientes age sobre o outro e vice-versa. Logo, nesta aproximação teórica tanto o papel da história pessoal do sujeito quanto o papel da cultura encontram-se contemplados.

Uma ilustração do que se afirma aqui é a transformação do papel da jovem americana ao longo do século XIX, conforme expõe Demos (1986). Por ocasião de vários fatores sociais (a guerra civil, as transformações do trabalho industrial) houve um momento em que as mulheres, que antes eram pouco ou nada estimuladas a trabalhar fora de casa, passaram a sê-lo. Muitas jovens do que se poderia chamar de classe média eram estimuladas a, enquanto permanecessem solteiras, dedicarem-se a trabalhos como o ensino escolar e a enfermagem. Tratava-se de uma experiência tipicamente de curta duração, uma vez que tais atividades deveriam ser abandonadas após o casamento, quando elas deveriam se recolher ao domínio da esfera doméstica, mais *apropriado* a elas. A contingência social fez com que as pessoas ao redor passassem a falar sobre determinadas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

atividades por parte da mulher como viáveis, e a partir dessa condição é que estas mulheres passaram a, individualmente, imaginar-se fazendo estas atividades e a *desejar* fazê-las.

Porém, o exemplo seguinte, ainda na esfera do feminino, é ainda mais flagrante. De acordo com Demos os ideais e a experiência, as normas e a realidade foram se tornando curiosamente mais incongruentes com o tempo. Entremeado ao sistema familiar, desenvolvia-se um edifício, que talvez possamos chamar de ideológico, e que articulava argumentos considerados científicos a partir de campos em franco processo de legitimação, como a biologia, a psicologia e a medicina social. Por conta de reflexões evidentemente atravessadas pelos pressupostos morais vigentes, a medicina organizada apontou a menarca como um momento de especial risco e perigo para as jovens. Camuflando o medo moral de que a menina "se perdesse" e viesse a engravidar, colocando em vexame a família e mesmo a comunidade (a vergonha, novamente), a afirmação científica consistia em que os anos que se seguiam à menarca seriam anos em que a menina teria constante perda de vitalidade, suas capacidades mentais seriam diminuídas, e *seu espírito seria escurecido*. Elas deveriam, assim, ser muito *cuidadosas*, e não fazer esforço mental tanto quanto possível, evitando qualquer tipo de excitação, uma vez que, faltando este cuidado, havia a possibilidade deste quadro perdurar por toda a vida colocando em risco até mesmo aquilo que a mulher tinha de mais importante na sua existência: sua capacidade de exercer o papel de esposa e de mãe.

Qualquer pessoa que negue a importância psicológica que estas concepções passaram a ter para cada uma dessas mulheres em sua existência concreta estará negligenciando a própria proposta da psicologia de acolher o sofrimento humano. Muitas mulheres tiveram suas ações governadas por estas concepções, e mesmo sofreram de forma mais ou menos intensa na medida em que tais experiências se operavam em seu cotidiano.

A idéia suposta poderia ser mesmo considerada perversa, uma vez que, a título de **proteger a menina**, exerciam-se mecanismos de controle social, invocando, inclusive, a culpa e a vergonha em relação à própria sexualidade, no "melhor" estilo de *processo civilizatório*. O interesse social se transforma, deste modo, em necessidade individual, e pode-se observar aí a clara interdependência

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

entre indivíduo e coletividade esboçada na metáfora da rede, e no conceito de síntese.

Não obstante, o mecanismo representa determinadas concepções que também moldaram o próprio conceito de adolescência, uma vez que a menarca, na mulher, é um dos marcos biológicos que na cultura moderna é significado como um passo de inserção nesta fase. Em se tratando de um recurso construído pela rede social, de acordo com Demos, ele se mostrou bastante eficaz, criando nas meninas a necessidade de reclusão, a culpa eventual por não poder ter uma família e a obediência à ordem social almejada, além do próprio desejo de ter essa família enquanto razão das suas vidas individuais.

Nas palavras do autor, este mecanismo serviu como uma espécie de *profecia autorealizadora*, uma vez que derivando destas suposições, criou-se toda uma extensa gama de conceitos e concepções ("vapores", debilidades", anorexias, neurastenias, etc) que sustentaram e justificaram a existência de áreas como a medicina e a psicologia, e que também estavam atrelados não só à imagem da mulher em geral, mas também à da adolescente, especificamente. Estes são conceitos que podem hoje ter sua atualização em construções médicas acerca, por exemplo, da tensão pré-menstrual e da enxaqueca, sem esquecer as próprias concepções sobre feminilidade e o que uma mulher *pode* realizar, em conexão estreita com a masculinidade e o que o homem *pode* realizar.[9]

Ao criar, portanto, os desejos e as necessidades de cada um, a interação social dá forma não somente a uma organização social, mas a um conjunto de subjetividades que sustente esta ordem. Através destes mecanismos, constrói-se no jovem o *desejo* de fazer uma faculdade ou de viajar o mundo de mochila nas costas, o *desejo* de se casar e ter filhos, a *necessidade* de privacidade, a *necessidade* de experimentar papéis sociais, a *necessidade* de ser de opinião contrária à dos pais, o *desejo* por usar roupas específicas e talvez por ler e defender filosofias revolucionárias. Estes desejos são construídos com tal complexidade que o sujeito os incorpora como parte de sua identidade, mesmo que esta seja provisória.

[9] Demos sinaliza que em tais condições clínicas, específicas de uma determinada idade e de um determinado momento histórico, a "paciente" pode encontrar refúgio suficientemente legitimado das pressões e dos conflitos sociais e do desenvolvimento psicológico interno.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

É claro, entretanto, que, a despeito destes mecanismos sociais, cada sujeito tem sua história e um desenvolvimento particular de sua consciência, uma vez que, a despeito de estar inserido em uma rede social, ele se encontra também em um espaço particular desta rede, sujeito às tensões específicas deste, e assim tendo várias experiências particulares não compartilhadas por outros. O estereótipo é apenas uma abstração, um mecanismo social. Cada sujeito tem seu próprio filtro para isso, e absorve algumas coisas, enquanto outras não se tornam parte de suas necessidades. Quando se estuda o indivíduo, como é parte característica do trabalho psicológico, a regra é que encontramos jovens que simplesmente não se adaptam aos estereótipos, ou que se adaptam apenas parcialmente, como podemos ver nos resultados do presente trabalho.[10]

Bourdieu (1983) propõe que aquém de esterótipos, a juventude é apenas uma palavra, e o significado que damos a ela está diretamente associado ao sistema de distribuição de poder na sociedade, atravessado pela definição das próprias profissões e funções sociais. Trata-se de uma ordenação, de uma distribuição de tarefas e de papéis, e este processo está, em alguma medida, presente em todas as sociedades. Sem isso uma sociedade não poderia existir e se sustentar.

Porém, o curioso é que, segundo este autor, a juventude está muito mais associada a comportamentos do que a uma idade cronológica. Corroborando com a ênfase sócio-histórica, a observação do autor nesse sentido é a de que quanto mais próximos do poder, mais distante do estereótipo do jovem o sujeito se encontra, independente da idade. Um adolescente que estuda engenharia e estagia na empresa de seu pai – sobre a qual ele certamente cria expectativas de herdar e assumir – tende a optar por roupas diferentes do jargão de tênis e jeans desbotado. A questão não se restringe à quantidade de dinheiro, pois o mesmo acontece quando um menino de nível sócio-econômico baixo é promovido em seu trabalho.

[10] No nível do controle social em prol da *ordem social*, também em nossa sociedade qualquer um que fuja daquilo que se espera do adolescente (rebeldia, agressividade, construção de identidade etc) é freqüentemente encarado como doente, patológico, e no mínimo inadequado, "anormal". Da mesma forma, utilizando o exemplo de Demos, uma adolescente do período mencionado que tivesse já sua menarca e continuasse levando sua vida preenchida por exatamente o mesmo tipo de atividade que fazia antes deste evento, poderia ser *patologizada* em determinados contextos. Tradicionalmente, a concepção de *patológico* emerge como uma classificação pejorativa para aqueles que fogem do padrão esperado e pregado pela ordem social desejada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

E mais uma vez fica sinalizada a relevância do olhar sobre as relações que vão se construindo na teia intersubjetiva.

2.3.
Uma perspectiva sobre a adolescência pela Psicologia da Cultura

A importância de um olhar que aborda as relações entre indivíduos, mais que a análise intra-subjetiva ou a análise meramente das abstrações sociais, reside na possibilidade de treinar o pensamento psicológico para uma visão mais ampla e dinâmica, tanto do indivíduo quanto da sociedade, e assim responder melhor às necessidades de ambos. Mais do que se ater a propostas engessadas de trabalho, trata-se de equipar o profissional com a capacidade de observar cada situação tal e qual ela se apresenta, ou tal e qual ela pode ser percebida pelo sujeito em questão, de modo a encontrar caminhos de ação adequados à realidade. Prender-se a conceitos fechados e engessados, perdendo de vista a dimensão sócio-histórica significa manter um diálogo de surdos, e um desperdício de recursos físicos e mentais.

No caso do conceito de juventude, por se tratar de um conceito, em boa medida, íntimo a cada um de nós, a situação se torna especialmente delicada. Todos já passamos (ou ainda estamos passando) por esta modalidade. Não se trata somente de uma experiência subjetiva, mas também de uma vivência com o outro, uma vez que temos filhos e os criamos, atendemos adolescentes, damos aulas para jovens, selecionamos jovens para o trabalho nas empresas, temos sobrinhos e afilhados. Em todas estas esferas, ajuda muito pouco manter o olhar engessado sobre estes indivíduos de que eles são sujeitos movidos por agitações hormonais ou por uma incompletude em relação ao assim chamado adulto.

Ao discutir o conceito de infância vigente na pedagogia tradicional e o quanto ele se encontra imbuído de concepções referentes a uma natureza infantil ou juvenil, Kramer assinala:

> Essa idéia de natureza dissimula ideologicamente as relações da criança com o adulto na medida em que este exerce sobre a criança uma autoridade de uma dada sociedade. A dependência social da criança é dependência natural, sendo justificada pelo adulto de forma absoluta. (Kramer, 1982, p.21).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Kramer sinaliza que a concepção de criança é ambígua na medida em que, ao mesmo tempo em que esta é aí descrita como incompleta, é também descrita como inocente e graciosa. A idéia é a de que a criança está sendo (e deve ser) protegida, ou seja, tem-se o comportamento de autoridade para o bem da criança, e nega-se a perspectiva de uma circunstancialidade de distribuição de poder. Conseqüentemente todas as atitudes de abordagem à criança e ao jovem serão desenvolvidas como ações assistenciais, onde a voz destes sujeitos é de fato sequer ouvida. Todo o sofrimento que tortura subjetivamente as crianças é objetivamente descartado como irrisório ou ilusório. Daí, inclusive, a via para a construção de uma subjetividade que desqualifica a si própria.

A naturalização da condição infantil ou juvenil implica em dizer até mesmo que o desejo não tem qualquer dimensão construída. Ela mantém a biologia como argumento de autoridade, que fundamenta a *obrigação* do adulto em, uma vez constatada a *incapacidade* deste sujeito, manter a criança e o adolescente passivos, fora da esfera de ação social e, de preferência, silenciosos.

A proposta crítica de Kramer é corroborada e levada mais adiante por Castro (2001), quando a autora propõe pensar a criança e o adolescente como sujeitos de direitos da sociedade, sendo estes, até o momento, não plenamente reconhecidos como tais. A idéia de criança como ser *ainda* não desenvolvido toma o adulto como referência. Mais que isso, esta concepção toma um adulto idealizado como tal. Assim, se o conceito de criança constrói-se em cima da comparação com o conceito de adulto, é necessário que se observe a relação entre ambos para compreendê-los.

Os valores sociais que, segundo a autora estão na cultura moderna associados ao adulto, são a autonomia, a racionalização, a individualização, o auto-centramento e o discernimento entre o ficcional e o real. A discussão se estende, quando se observa que na prática da clínica psicológica, é comum encontrar relatos de experiências onde as crianças são fonte de motivação e apoio a seus pais, e que muitas vezes servem como seus porta-vozes e mesmo seus cuidadores. Esta experiência coloca em xeque a concepção tradicional de que a relação entre adultos e crianças diria respeito a um cuidado e a uma proteção unidirecionais, o que garantiria ao adulto, como já aqui apontado, a autoridade para as decisões da vida social.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Castro (2001) sinaliza que foi através dessa concepção idealizada e pouco concreta que se construiu, inclusive, as idéias sobre quais qualidades e capacidades o sujeito deveria desenvolver para que pudesse ser considerado adulto. A idéia que a observação prática apontaria é a de que, ao contrário, as pessoas vivem situações de precariedade de estruturas racional, emocional e de distinção entre realidade e fantasia em qualquer momento da vida. Sendo assim, elas podem se apoiar mutuamente, em vários sentidos, em boa medida independente da faixa etária, bastando somente que uma determinada situação no tempo e no espaço se configure de modo a favorecer ou mesmo demandar isso.

Tome-se como exemplo algumas das características que Aberastury e Knobel (op.cit) apontam como definidoras da *Síndrome da Adolescência Normal*. A busca de si mesmo e de identidade é definida por estes autores como o resultado de uma evolução maturacional, após a qual se chega "a uma verdadeira cristalização do árduo processo de individualização" (Aberastury e Knobel, op.cit., p.30). Em meio a uma moratória social, onde ao jovem seria permitido experimentar papéis diferentes até que se possa escolher o seu, o adolescente pode adotar, de acordo com a situação que ele atravessa, identidades transitórias, ocasionais ou circunstanciais. Isso se explicaria como estratégias de manipulação da ansiedade frente a situações novas.

No entanto, os assim chamados adultos não estão imunes à exposição a situações novas, onde seu papel é algumas vezes diretamente questionado e existe a demanda de uma transformação de postura ou mesmo de direcionamento para a própria vida. Os autores dizem que as transformações de identidade podem acontecer ao longo da vida, mas que na adolescência são vivenciadas com uma intensidade ímpar. Separações, mortes de entes de quem se era dependente financeira e/ou emocionalmente, desemprego súbito ou prolongado, e toda forma de desarranjo circunstancial da vida podem ocorrer em qualquer etapa e promover transformações no estilo de vida que são vividas com grande intensidade.

O próprio conceito de identidade é complexo. Uma vez que se afirma que o jovem define sua identidade a partir do momento em que delineia conscientemente seus próprios desejos e estabelece uma relação temporal para realizá-los, poderia-se dizer então que a criança não tem identidade? Ou que uma vez adulto, o sujeito não passará mais por crises a respeito do que ele deseja e de como realizar seu desejo? Talvez fosse mais adequado falar do modo como a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

consciência sobre si mesmo e sobre os outros vai se transformando, na medida em que o ambiente cultural vai fazendo exigências ao indivíduo e criando necessidades para este a partir do progresso dos anos de vida em cada trajetória particular e concreta.

Também a título de exemplo, outra característica associada à natureza do adolescente seriam as contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, que, segundo os autores, é predominantemente de ação. Estas seriam causadas no adolescente mediante não somente à moratória social, mas mediante a própria transformação hormonal.

Não há necessidade de se ir muito além nesta discussão, para apontar que contradições de comportamento, ou contradições entre comportamento e discurso são freqüentes na conduta de pessoas de qualquer idade. Watzlawick, Beavin e Jackson (2002) demonstraram em seu trabalho clínico a relevância que o comportamento incoerente dos pais pode ter sobre a construção de uma comunicação confusa com seus filhos, gerando padrões de interação que não proporcionam uma compreensão minimamente satisfatória do que seja a realidade. A incoerência é interpretada por estes autores como fazendo parte desde de situações cotidianas, até de situações episódicas. Em um sentido mais amplo, e também mais acessível à consciência, é comum que até mesmo o *stress* e a agitação da vida diária façam as pessoas diminuírem sua capacidade de concentração e caírem em contradições de conduta que em determinadas circunstâncias podem se revelar *desadaptadas*. Isso pode se manifestar também em como ordens dadas a subordinados ou em orientações dadas aos filhos.

Porém, esta característica da *Síndrome da Adolescência Normal* traz uma outra sugestão, ainda mais problemática. Ela propõe abertamente que o discurso do adolescente é predominantemente desconexo, desprovido de lógica, sem coerência suficiente para ser levado a sério. Mais que isso, ao propor que estas contradições se manifestam através predominantemente através de ações, existe o pressuposto, aí claro, de que o adolescente age sob impulso e que sua reflexão não é rápida ou mesmo competente o suficiente para construir um discurso estável e confiável.

A própria separação progressiva dos pais, outro quesito apontado pelos autores em questão, não pode mais ser considerada uma conduta tipicamente adolescente, especialmente nos dias de hoje. Vollerbergh, Iedema e Raaijmakers

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

(2001), em pesquisa sobre a transmissão intergeracional e a formação de orientações culturais na adolescência e no início da idade adulta assumem que as visões de mundo de pais e filhos tendem a ser simétricas, não somente na infância mas também na adolescência e em todas as outras fases da vida. Essa correspondência não é resultado exclusivo da orientação direta, mas de vários processos sócio-culturais, como o mesmo *status* social comparado. Os autores observam que os filhos também influenciam os pais, especialmente a partir da adolescência, e que as influências dos pais sobre os filhos são tão fortes quanto as influências da experiência escolar sobre os sujeitos.

Em contra-partida, na própria vida social e na experiência clínica, observamos claramente que há pessoas que mesmo já casadas e tendo uma família biológica constituída se mostram extremamente dependentes de seus pais, tanto emocional quanto financeiramente. Muitas vezes a família do filho habita o mesmo terreno ou a mesma casa que os pais. Este filho, que já possui sua própria esposa e seus próprios filhos, freqüentemente deixa inclusive a administração do seu lar por conta da mãe. Esse é um fenômeno, aliás, que atravessa não somente a classe média, mas todos os estratos da população.

A separação emocional e financeira dos pais pode nunca se dar, mesmo que o indivíduo chegue aos 80 anos de idade, mesmo que a subjetividade, que inclui a interpretação a ação sobre esta relação, nunca pare de se construir. Como denuncia Bourdieu (op.cit.) a nossa própria identidade etária é fluida, uma vez que somos sempre o jovem e o velho de alguém.

A menção à questão da faixa-etária e da idade cronológica como indicador exclusivo de em qual "fase" um sujeito se encontra não deixa de ser, entretanto, uma questão delicada. Do ponto de vista legal, especificamente no caso do Brasil, observamos as tentativas de juristas de delinear um conceito formal para infância a adolescência, com o intuito de regular as atividades políticas e de assistência social direcionadas para esta faixa etária, que como já mencionado, adquiria um vulto numérico significativo nesta sociedade. As leis, entretanto, representam concepções sociais formalizadas, e generalizadas. O Estatuto da Criança e da Adolescência define a idade de 18 anos como a idade de maioridade civil, para atender a questões objetivas sociais como alistamento militar, possibilidade de casar-se sem permissão de terceiros, possibilidade de prestar concursos públicos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

É novamente Bourdieu que lembra que a idade é um dado biológico socialmente manipulável e manipulado. A lei busca uma normatização oficial, social, instrumentalizável e aplicável, e como se refere a um grande contingente de indivíduos não pode considerar as subjetividades concretas em suas localidades. Por definição, ela é uma generalização, e precisa trabalhar com categorias o mais gerais e objetivas possíveis, embora na realidade, nenhum texto escrito tenha podido passar impune por manipulações argumentativas da lógica ao longo da história do Direito.

No entanto, sempre em alguma medida, a Lei reflete as expectativas sociais construídas e sustentadas pela população. Para Castro (2002) a menoridade civil é uma espécie de veto ao gozo de direitos civis das crianças e dos adolescentes a partir do pressuposto de sua fragilidade. De acordo com o raciocínio já aqui apontado, coloca-se o "menor" fora do espaço público, uma vez que por conta de sua fragilidade, ele precisa ser protegido do *mundo cruel*.[11] Ele é, no entanto, diretamente afetado pelas decisões que o adulto, supostamente detentor de racionalidade e autonomia, tomam sobre o modo como a vida da criança precisa ser gerida. Mais do que isso, em contrapartida, ele pode inclusive usar o próprio argumento da delimitação da lei para justificar sua condição de adolescente, e usar o reconhecimento social de sua irresponsabilidade para sua comodidade, como é o caso do uso do trabalho de crianças por traficantes nas favelas cariocas e dos delitos cometidos por sujeitos das classes média e alta da sociedade.

Considerando todo este quadro, pode-se compreender a dificuldade em se definir objetivamente categorias como "juventude" e "adolescência". Como já indicado neste texto, essa dificuldade acontece de forma particularmente delicada no Brasil, uma vez que o que define "ser brasileiro" é por si mesmo um tema nebuloso para cientistas sociais e antropólogos, que oscilam entre a afirmação e a negação de uma *brasilidade*. Definir juventude como uma categoria abstrata envolve desprezar regionalismos e particularidades que são inumeráveis. Falar DA criança ou DO jovem brasileiro é virtualmente impossível, em vista de uma sociedade que comporta uma amplitude considerável de desigualdades sociais. A propósito de seu próprio país (que é consideravelmente menor e possui

[11] Referência ao trabalho de Lasch (1991)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

características determinantes como uma distribuição de renda mais uniforme) Bourdieu (op.cit.) propõe como estratégia metodológica mais adequada construir pesquisas ou investigações onde se discute as relações entre duas juventudes em específico. Trata-se de investigar, por exemplo, a juventude que freqüenta segundo grau público e já teve experiência de trabalho e a juventude que freqüenta segundo grau particular e que nunca precisou trabalhar, ou então o fator localidade onde os jovens moram e cresceram (e todas as implicações aí envolvidas) como elemento que participa na construção da percepção sobre os caminhos profissionais possíveis a se tomar.

Assim, a realidade brasileira pede uma psicologia social que se construa de forma a responder às problemáticas vividas aqui, na forma como elas são vividas. A perspectiva sócio-histórica busca responder a estas necessidades brasileiras. Considerando que em nosso espaço, as desigualdades de modos de vida são gritantes, as teorias uniformizadoras e globalizantes, embora sem dúvida contribuam com o debate, enquanto fundamentações exclusivas deixam a desejar na construção de um conhecimento realmente aplicável da psicologia a esta realidade. Deixando definitivamente de lado o pressuposto cartesiano de que só se pode falar da realidade em termos de generalizações absolutas e de leis universais, assume-se, portanto, como diretriz essencial deste trabalho, a contextualização sócio-histórica para falar do discurso e da interpretação de realidade dos sujeitos aqui compreendidos como nossos interlocutores, ou seja, os adolescentes. Nas palavras de Ana Bock:

> Falar do fenômeno psicológico é obrigatoriamente falar da sociedade. Falar da subjetividade é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do "mundo interno" exige a compreensão do "mundo externo", pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo, e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem. (Bock, 2002, p.22)

Consideramos que a linha de trabalho de uma psicologia social fiel ao desejo de realmente promover a saúde e melhorar a condição de vida dos sujeitos sociais deve, ao falar de mãe e pai, falar também da família como instituição social historicamente significada e que como tal se apropria dos sujeitos, definindo o espectro de seus próprios desejos. Ao discutir as representações sobre sexualidade em um determinado grupo que pertença à cultura ocidental, ela deve discutir a incorporação dos pressupostos da tradição judaico-cristã no que se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

refere à sexualidade. Ao falar da concepção de um indivíduo sobre suas próprias habilidades e aptidões, a psicologia deve falar também das suas reais possibilidades de acesso à informação. A proposta é de evitar a redução do fenômeno humano a uma dimensão *matemática*, exata, que se pretende preditiva. Ao contrário, a chave proposta é identificar as peculiaridades de objetividade e de subjetividade, bem como o entrelaçamento entre elas, sem, entretanto, se confundir uma com a outra.

O conceito de adolescência é apenas um exemplo, entre muitos, nas ciências humanas, que caiu nesta teia de significados reducionistas. Isso se deu por conta de ele emergir em um contexto onde se buscava com toda intensidade tornar o homem inteligível, e onde se acreditava que a possibilidade de prever os fenômenos da natureza – inclusive os humanos, ao permitir um maior controle sobre eles, traria maior felicidade para eles próprios. Este movimento se sustentava em crenças que dentro de uma determinada lógica eram até justificadas. Talvez se possa dizer que a teoria de Erikson, por exemplo, encontrou eco por que em seu tempo – um tempo onde ainda se podia em alguma medida falar na estabilidade, por exemplo, de uma carreira, ou dos resquícios desta possibilidade de estabilidade – conseguia responder mais amplamente que outras teorias as necessidades simbólicas das pessoas. Mas este contexto, como já discutido, está sempre em movimento e nesse movimento, transforma-se a percepção destas necessidades e cria-se outras novas.

No rastro da própria Fenomenologia, que surge como talvez o primeiro sistema de questionamento de grande vulto à lógica cartesiana, a perspectiva sócio-histórica aponta para a **consciência** como a chave de inteligibilidade do ser humano. A construção da consciência do sujeito se dá através da ação e da expressão. É por esta expressão que o plano intersubjetivo é convertido em plano intra-subjetivo.

> A noção de conversão pressupõe a noção de superação e de mediação, pois o que ocorre não é a internalização de algo de fora pra dentro, mas a conversão de algum elemento da realidade social em algo que, mesmo permanecendo "quase social" se transforma num elemento constitutivo do sujeito. (Aguiar, 2002a, p.103)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Assim, a subjetividade se constitui através *de mediações sociais*, dentre as quais se destaca a linguagem, que, segundo Gonçalves (2002) é a mediação que melhor representa a síntese vigotskiana entre objetividade e subjetividade.

> Isso porque o signo é, ao mesmo tempo, produto social que designa a realidade objetiva; construção subjetiva compartilhada por diferentes indivíduos através da atribuição de significados; e construção subjetiva individual, que se dá através do processo de apropriação do significado social e da atribuição de sentidos pessoais. (Gonçalves, 2002, p.50)

Inserido em sua cultura, o homem está permanentemente internalizando formas e sentidos para sua própria atividade, através da linguagem. Neste jogo o homem age sobre os signos e é ao mesmo tempo formado por eles. Eles organizam seu pensamento e sua ação. Em consonância com o pensamento de Vigostki (op.cit.), compreende-se que o desenvolvimento dos sistemas de signos e dos sistemas de comunicação do homem apóia-se em uma continuidade histórica. Neste sentido ele afirma que só é possível compreender o pensamento e a consciência humanos através da compreensão de sua constituição e da aceitação de que sua estrutura está em permanente transformação.

A consciência humana é assim não meramente uma transposição do social. Ela é resultado de atividade, de **criação** simultaneamente individual e coletiva.

Todo movimento de apropriação envolve, no melhor estilo de Michel de Certeau (op.cit.), a possibilidade do novo. Nesse contexto de discussão, vale apontar o conceito de *ação* defendido por Arendt (op.cit.), que corrobora com o que temos dito até agora e que lança luz à compreensão da fala do adolescente como ação sobre a sociedade, mesmo quando se procurou negar esta condição em outros contextos teóricos.

Para Arendt, agir significa tomar iniciativa, imprimir movimento a alguma coisa. Ao nascer, o homem é inserido em um fluxo de ações, e neste fluxo é impelido a agir. Isso é o que ao mesmo tempo iguala e diferencia homem, pois nenhum homem concreto age igual ao outro. Esta condição humana determina não só a pluralidade da espécie humana, mas também a possibilidade ininterrupta da emergência do novo. Porque existe sempre esse novo, a alteridade simbólica, há a necessidade de discurso e de ação, sendo que a maioria dos atos seria por si mesma um conjunto discursivo, ou melhor, assume a forma de discurso.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Arendt afirma que a natureza orgânica já traz em si alteridade e diferença, mas que o homem é o único que é capaz de exprimir a si mesmo e essa sua diferença.

> só o homem é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se; só ele é capaz de comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa – como sede, fome, afeto, hostilidade ou medo. No homem a alteridade (...) e a distinção (...) tornam-se singularidade e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares. Essa distinção singular vem à tona no discurso e na ação. (Arendt, op. cit. p.189).

No momento em que afirma que a singularidade emerge na ação e na expressão da distinção, assume-se que a consciência também se constrói a partir deste processo. Ao surgir de um movimento, ela, portanto **é o próprio movimento**. Jamais se fecha ou se completa, sendo muito mais uma conquista permanente do que um lugar aonde se pode chegar, ou aonde se deixam conteúdos. Sendo assim, o discurso acompanha a identidade do sujeito e a revela em todo tipo de interação social, como por exemplo, desde reuniões de trabalho, o encontro com amigos, a paquera em um bar, até em uma entrevista.

Foi partindo destas concepções, que a metodologia utilizada nesta pesquisa se configurou. Ao ouvir o discurso do adolescente, estamos acessando deliberadamente não só sua consciência, mas sua auto-imagem e as concepções que norteiam suas ações e decisões em seu espaço social. Decisões que são tomadas com o que ele apreende de sua realidade de possíveis através de suas ações e tendo como guia todo um conjunto de significações "quase sociais".

Considerando que estas decisões a que nos referimos são determinadas também por uma realidade concreta, a perspectiva sócio-histórica se aproxima de uma fundamentação filosófica marxista, à qual pode-se fazer aqui algumas observações particulares.

Bock (op.cit.) caracteriza o método materialista dialético através do conjunto de algumas asserções. Ele teria surgido como uma reação à idéia abstrata e positivista de homem universal, e, por conseguinte, enfatiza a importância de se observar a realidade concreta e material, que varia de espaço para espaço, de tempo para tempo. O marxismo afirma a ação humana como capaz de transformar diretamente esta realidade, uma ação que se opera em relação dialética com a consciência. Ou seja, quanto mais ampla a consciência de si, maior a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

potencialização da capacidade de agir sobre o mundo material e transformá-lo em proveito próprio e dos outros.

A idéia de realidade material marxista seria a de que esta realidade, ao mesmo tempo em que possui suas leis de existência,[12] está também conformada em cima de contradições. As transformações da realidade material seriam então possíveis pela via destas contradições. A contradição gera um desconforto, que pede a transformação. Uma vez que a transformação se desenrola, o novo estado das coisas, por seu turno, também traz novas contradições. Esse mecanismo, que caracteriza a dialética, seria o motor da História (ou das histórias). Compreendê-lo em sua particularidade temporal e local é a chave para a ação pelo bem estar humano, ou seja, é na investigação das realidades concretas, do homem concreto e não do homem ideal, que se pode promover a saúde individual e coletiva.[13]

O pensamento marxista é majoritariamente compreendido como uma teoria que privilegia a lógica dos aspectos econômicos, e que coloca a seara da produção de bens materiais como a base de sustentação da sociedade como um todo. Compreendemos aqui que sua obra foi uma reação, do ponto de vista filosófico, ao positivismo e suas concepções racionalistas e idealizadoras da realidade e do conhecimento sobre o humano. Nesse sentido, o marxismo precisava valorizar o aspecto material e concreto da organização social.

Porém, a despeito de adotarmos a perspectiva sócio-histórica, declaramos que não se pretende seguir rigidamente este pressuposto de primazia do econômico. Particularmente compreendemos a sociedade como se sustentando sob a forma de teia, onde nenhum dos aspectos de análise (cultural, psicológico, econômico, político) assume supremacia sobre os outros. Assume-se a abordagem a uma realidade concreta, mas reafirma-se como de igual importância a realidade

[12] O conceito de lei aqui, difere do conceito positivista de lei, por não significar lei definitiva. Ele poderia ser melhor compreendido se falarmos em termos de uma inteligibilidade, ou de um arranjo provisório que rege os acontecimentos, e as relações de causa e efeito. Destaca-se sobretudo, o aspecto transitório e sempre contraditório da lógica destas relações, e por isso a possibilidade de agir sobre ele em proveito próprio.

[13] Marx é mais conhecido por aplicar estes conceitos à realidade do trabalho humano e às relações de poder que advêm da organização deste e que conformam a distribuição de privilégios entre os homens. Ele aponta que existem aqueles que possuem os bens de produção, e aqueles cujo único trunfo é sua força de trabalho. A associação entre eles sob a forma de troca configura a economia e, por conseguinte, as relações sociais. A grande luta de Marx era na verdade trabalhar pela promoção da consciência dos detentores da força de trabalho, economicamente menos providos, para que estes lutassem por reconhecimento social devido e condições de trabalho e de vida saudáveis. No entanto, a obra de Marx vai mais além da reflexão sobre o mundo econômico. A estrutura de seu pensamento lança luz para a reflexão sobre as próprias concepções de realidade e os modos de organizar a ação sobre esta em todas as esferas de convivência humana.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

simbólica. Consideramos importante fazer este esclarecimento, em vista da percepção generalizada pelo senso comum, que enfatiza somente alguns aspectos, sobre a teoria marxista. O mérito primeiro que destacamos em sua abordagem, que é corroborado por Bock (op.cit.) e que justifica a adesão a categorias de seu pensamento é a discussão sobre a necessidade de se fugir das propostas teóricas que naturalizam e universalizam o comportamento humano.

Insistir em teorias universais do homem revela-se com o tempo como investir em uma falácia, pois não há homem universal, e sim homens concretos. A propósito da construção de nosso objeto, lembramos que esta afirmação está de acordo com a proposta de Arendt (1992) em seu texto sobre a crise da educação, quando ela critica a existência no todo do discurso pedagógico e social, de algo como um "mundo da criança". O pressuposto é de que a criança teria seu próprio mundo, que pertence a ela e a todas as outras crianças e a ninguém mais. A idéia toma a criança como um ser universal, com características iguais em toda parte do mundo que os adultos não partilham, e deixa de considerar o sujeito concreto que *naquele momento* ***acontece como*** criança.

A mesma reflexão pode se aplicar a um "mundo do adolescente". O adolescente hoje ocupa um espaço que ideologicamente é só dele. Consome produtos ideologicamente inventados para ele. Lê livros escritos, editados e publicados para ele. O mundo do adolescente é, em sua construção ideológica, um mundo que em muitos aspectos se assemelha a um gueto, e que apenas **teoricamente** não é experimentado pelos não-adolescentes.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

2.4.
O que é adolescência

A pergunta conseqüente desta discussão poderia ser: "afinal, existe adolescência?"

Seguindo a linha sócio-histórica a resposta a esta questão seria inicialmente a de que enquanto construção histórica e social, sim, a adolescência existe. Uma vez que se chega a ponto de materializar lojas, produtos, livros, comidas, música, arte *para os adolescentes*, pode-se dizer que a adolescência *existe*.

No entanto, a resposta não pode parar por aí, e faz-se necessário, de acordo com Aguiar, Bock e Ozella (2002) formular uma outra pergunta a partir desta primeira: como se constituiu historicamente este conceito, de forma que hoje ele regula expectativas, discursos, ações e o próprio funcionamento – mesmo que contraditório e precário no que tange a se lidar com este sujeito – da sociedade?

No que se refere às questões tradicionais sobre o aspecto da Puberdade, ou seja, da emergência dos caracteres físicos que surgem em uma determinada faixa-etária da espécie humana, compreendemos que estas são também histórica e geograficamente interpretadas como características de localização social. Desde crianças os sujeitos ouvem o que se diz sobre isso e vêem o comportamento dos outros em relação a isso. O sujeito se apropria destas concepções, torna-as informações de realidade para si e terá já um comportamento previsto e/ou direcionado por si mesmo conforme estas concepções, diante dos primeiros sinais de transformação física.

Bock, Aguiar e Ozella (op.cit) apontam o exemplo do crescimento dos seios. Este processo é previsto no calendário genético da espécie humana, muito embora haja uma variedade considerável de velocidade de crescimento, tamanho alcançado e forma final. Mas dependendo da cultura, o crescimento dos seios foi e é significado e vivenciado concretamente como possibilidade de amamentação, ou como surgimento da capacidade de sedução, ou como evento a ser escondido. Se a consciência sobre este processo implicará num movimento de reprodução ou de transformação da realidade esta é uma seara seguinte de possíveis e necessárias investigações.

A proposta naturalizante de definir qualquer idade implicaria, segundo Santos (citado em Aguiar, Bock e Ozella, op.cit.), em uma desconexão entre compromisso teórico, realidade e ação sobre esta realidade. No caso do delineamento de um conceito sobre adolescência, observa-se, além de tudo, implica também em um adultocentrismo, que se sustenta na generalização do modelo *homem-branco-burguês-racional-ocidental* para toda a espécie humana.

Esta ainda é a concepção predominante quando se pensa e quando se planeja as próprias práticas pedagógicas. Bock e Liebesny (2003) pesquisaram livros escritos para pais e professores com a intenção de orientar as atitudes pedagógicas para com adolescentes. Elas concluíram que as concepções dominantes são, além de naturalizadas, negativas. Elas descrevem o adolescente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

como incompletos, imaturos e instáveis – características desvalorizadas na nossa cultura. As características positivas como criatividade, inventividade, confiança e entusiasmo são explicitadas como transitórias e fruto da "fase" pela qual eles passam. A relação entre adulto e adolescente é descrita – e prescrita – como conflituosa.

O que observamos a partir das conclusões desta pesquisa em particular e das leituras em geral sobre a adolescência é que o foco do pensamento generalizado repousa no que existe de diferente e negativo entre adolescentes e adultos, ou no que é percebido como tal. Não se fala, em momento algum, sobre o que existe de comum entre estes dois atores, da mesma forma que praticamente não se fala sobre o jovem que desejamos para a nossa sociedade, e cujas características com certeza não se encontram extintas entre estes sujeitos. Isso faz com que o adulto, já de saída, olhe para o adolescente com desconfiança, como opositor, como uma ameaça, sem considerar seriamente seu discurso e suas ações, baseado na idéia de que o que ele diz e faz é transitório.

A conseqüência social é que se tudo que o adolescente vive é considerado transitório, a própria elaboração das políticas públicas, dos projetos sociais e dos manuais pedagógicos irá reproduzir esta não-seriedade, reforçando o alijamento do sujeito do "mundo da responsabilidade". Essa concepção aumenta o grau de descontinuidade na localização social e tem outros efeitos, menos impactantes talvez porque menos conscientemente percebidos. A insistência em caracterizar a adolescência como turbulenta, por exemplo, invoca freqüentemente o rótulo de *patológico* para o adolescente que *acontece* como responsável, tranqüilo e não-rebelde. Ironicamente o rótulo pode acabar por *prescrever* uma patologia a este sujeito!

Uma outra conseqüência, apontada por Blasco (citado em Bock, Aguiar e Ozella, op.cit., p.165), da identificação de adolescente com turbulência é que

> Ao considerar "saudável" o 'ser anormal', é possível que problemas sérios que apareçam na adolescência não sejam reconhecidos como tal. Desta forma, algumas alterações de comportamento que surjam nessa fase podem ser minimizadas e atribuídas a "bobagens da idade".

Arendt (1992) sinaliza mais um risco social decorrente desse alijamento do espaço público da criança e do adolescente. Ao se pensar o mundo da criança,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

com características próprias e diferentes do mundo dos adultos, como se estas duas categorias não compartilhassem sequer o mesmo planeta, cria-se uma descontinuidade patente cujos sintomas terão que emergir em algum momento. A adolescência acaba sendo administrada, assim, como aquele momento que sozinha concentra toda "passagem" de um estado para o outro, o que inclui o aprendizado de que determinadas atividades devem ser suspensas do modo de comportamento habitual. A autora sinaliza em particular a questão do brincar.

A própria concepção de brincar, como diz Arendt, desempenha um papel na construção desta descontinuidade, uma vez que o brincar é tido como natural, plenamente permitido e até exigido no mundo da criança, e não no mundo do adulto, onde ele é freqüentemente proibido.[14] O brincar se divorcia do trabalho – este segundo, algo que cabe só e somente ao adulto e que em tese só seria permitido após se passar pela "transição" da adolescência. A denúncia de Arendt, é a de que o brincar assim não é visto como produtivo, contribuidor para a coletividade, mas como uma atividade de menor ou nenhuma importância para a sociedade.

Observamos que esta lógica é essencialmente uma lógica liberal, no sentido de que a estrutura dos critérios modernos para a distinção entre as idades da vida têm como um de seus argumentos de sustentação a noção de produtividade capital e material, e em muitos contextos, produtividade de algo que possa ser *consumido*. Idosos, crianças e adolescentes são categorias definidas ideologicamente e legalmente em função deste critério. É claramente observável nos veículos de informação atuais que a partir do momento que sujeitos destas categorias se tornam efetivamente capazes de produzir capital por alguma via, eles adquirem maior espaço na mídia, na visibilidade social e na própria ação governamental. As financeiras que fornecem empréstimos a idosos, os atores mirins, os comerciais de dia das crianças, as lojas de roupas estilizadas para adolescentes, a proliferação recente dos grupos de "terceira idade", a novela das oito que "discute" a condição do idoso influenciando os próprios deputados a acelerarem a votação de lei federal "a favor" deste, são apenas alguns exemplos de elementos que configuram esse quadro.

[14] É engraçado observar que o adulto que brinca é freqüentemente tomado na cena social como "louco" (ou seja, fora do mundo adulto e responsável) ou, em oposição, compreendido como desadaptado e pejorativamente "infantil".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Por fim, propomos que as implicações da visão sócio-histórica sobre a adolescência permitem estudar a consciência do adolescente sobre o mundo e conseqüentemente sua atividade que no momento é possível sobre este. Assume-se então que ele é um indivíduo ativo, com valor de sujeito de direitos e deveres, pertencente também ao mundo público, tão participante na construção da realidade tanto quanto os indivíduos de quaisquer outras faixas-etárias. Assume-se que seu discurso sustenta e questiona a realidade, denotativa, simbólica e conotativamente.

Ouvir este jovem compreendendo-o como detentor de uma consciência ativa, e discutir suas colocações sob a perspectiva deste olhar, faz com que tenhamos um instrumento de pensamento – e de ação **com** este sujeito – que possa de fato trabalhar pela promoção de saúde. Mais ainda, faz com que cada um de nós abra sua consciência para a própria transformação, em qualquer tempo da vida.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

3
O público e o privado na contemporaneidade

Considerando a complexidade e a abundância da informação hoje disponível, contextualizar qualquer conceito, classe, ou comportamento na atualidade é uma tarefa ambiciosa. Em se tratando da adolescência, existe então uma dificuldade a mais, que repousa na idéia de que o conceito tem se revelado intensamente fluido, mesmo polissêmico, inclusive nos meios acadêmicos. No entanto, em virtude de nossa escolha teórica, a contextualização assume o lugar do próprio caminho de trabalho.

A aproximação de uma realidade total é inviável. Sendo assim, cada pesquisa faz uma opção, estabelece prioridades de análise e assim constrói uma interpretação desta realidade. Cada uma delas parte da asserção que pareceu a seus autores mais adequada – mais estética. Seguindo a perspectiva sócio-histórica, mantemos a intenção de basearmo-nos em propostas de autores que operam uma conexão franca entre os aspectos sociais e os chamados aspectos psicológicos na construção de um sentido para a realidade.

Não se pretende aqui esgotar a discussão sobre o significado da adolescência hoje, e muito menos expor todos os elementos que fazem parte da construção de um sentido de realidade que atinja o adolescente, do qual ele se aproprie e com o qual interaja ao passo que formula seu projeto de vida. Frisamos que a intenção é levantar algumas questões que nos parecem permear – conscientemente ou não – o discurso dos adolescentes entrevistados neste trabalho, bem como daqueles que participaram de trabalhos realizados por outros pesquisadores. Em seguida, a partir destes elementos, pretende-se, na segunda parte dessa tese, conferir sentido e discutir as afirmações dos sujeitos pesquisados tendo como pano de fundo um contexto mais ou menos delineado.

Considerando a construção do conceito de adolescência, e do papel social que foi delineado para o sujeito com o qual esse conceito é identificado, priorizou-se assim o trabalho de Richard Sennett (1998; 2001) em dois itens específicos. O primeiro diz respeito à sua discussão sobre a dinâmica entre as searas pública e privada na sociedade ocidental contemporânea. O segundo se refere ao conceito de autoridade. O sentido da autoridade é de ordenar a vida social, tanto em seus

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

aspectos micro quanto nos aspectos macro. Este conceito, portanto, atravessa os dois espaços mencionados, conjugando seus respectivos aprendizados.

A adolescência é compreendida pelo senso comum como o período de passagem da infância para a maturidade. Dentro dessa condição é esta 'fase' que promove a pretensa transição de um espaço de predominância da convivência intersubjetiva no privado para a extensão à participação pública. De acordo com esta concepção é que o sujeito receberia uma espécie de permissão formal – e mais importante, de cobrança explícita – com relação à sua forma de se fazer presente no espaço público. É nesta 'fase' que se articulam as questões como a escolha de uma profissão, a cobrança de recebimento de salário, a possibilidade de votar, a permissão para dirigir automóveis, e toda a gama de questões referentes à liberdade sexual. Estes elementos são tomados como aprendizados e práticas da adolescência que precisam ser discutidas por pais e filhos. Além disso, é cobrado do sujeito adolescente um posicionamento, mesmo que este se resuma em um processo de definição puramente racional.

A compreensão da dinâmica entre Público e Privado na contemporaneidade se mostra relevante não somente por sustentar a construção da subjetividade dos adolescentes, mas também de toda uma gama de imagens, significados e ações dos chamados 'adultos' sobre a realidade destes sujeitos. Ela também nos pareceu uma orientação mais estética do que utilizar as descrições sobre o termo já consideravelmente desgastado de *pós-modernidade*, uma vez que este possui interpretações bastante plurais e em muitos casos, mesmo contraditórias.

É curioso observar que os trabalhos dos autores citados a seguir, estão todos conectados de alguma forma com a compreensão da dinâmica entre espaço público e espaço privado. Isso apenas fortalece a idéia de se apoiar nela como um eixo organizador. Cabe explicar que se pretende fazer este eixo funcionar como uma espécie de *fio de Ariadne* em um terreno pantanoso, como é qualquer construção de uma aproximação de sentido para uma realidade corrente. Esta estratégia é adotada com o intuito de que nosso próprio discurso possa manter uma coerência ou um sentido, enquanto procura traçar um quadro dos complexos aspectos da contemporaneidade que, segundo observamos, parecem atravessar o discurso de nossos sujeitos como fontes importantes de significação. O objetivo é, portanto, delinear a lógica do mundo que os sujeitos têm à sua frente e no qual se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

apóiam para fazer suas escolhas e pensar aquilo que a sociedade tão freqüentemente lhe imputa como herança: o futuro.

Assim, a seguir faremos uma exposição da explicação de Sennett sobre a dinâmica entre Público e Privado na sociedade ocidental contemporânea. Em seguida, desenvolveremos uma breve reflexão sobre alguns conceitos centrais que sustentam uma inteligibilidade para esta dinâmica. Nesse sentido, estaremos discutindo as concepções de tempo e espaço no cotidiano como categorias de orientação da ação; a questão da circulação de informação – em velocidade e em quantidade; a dinâmica indivíduo-sociedade na própria definição das identidades sociais. Segue-se, na esteira deste último elemento, a questão da autoridade na cena contemporânea, em sua relação direta com a dinâmica entre publicidade e intimidade, pessoalidade e objetividade. A partir daí, encerra-se o capítulo discutindo os mecanismos de controle e sua articulação com uma pretensa autoridade que se configura no contexto contemporâneo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

3.1.
Teorias contemporâneas e a perspectiva de Richard Sennett

Em boa parte dos trabalhos acadêmicos que pretendem discutir a contemporaneidade, sempre há a necessidade de conferir inteligibilidade ao que vivemos no tempo presente, e que se convencionou chamar de *pós-modernidade*. Há um grande influxo de autores que propõem definições para este termo que possam servir como instrumentos de análise, discussão e intervenção sobre a realidade. Ao mesmo tempo há uma grande discordância entre estes autores com relação a estes delineamentos. Saraiva (2000) faz um levantamento de algumas teorias, entre as mais discutidas pelos acadêmicos, que procuram balizar o sentido do termo Pós-modernidade. A ênfase dada pelo autor gira em torno do conceito de *individualismo*, um dos temas mais caros à Modernidade.

Saraiva sinaliza que inexiste um acordo entre os autores sobre uma caracterização objetiva não somente acerca do termo em questão, mas sobre a própria vigência do individualismo na Pós-modernidade. Entretanto, vale observar que em meio à discussão sobre a *morte* ou a *transformação* do **indivíduo**

moderno na contemporaneidade, os autores sempre gravitam em torno da dinâmica *público* ***x*** *privado*.

É mais ou menos consenso que a noção de um indivíduo singular, único, autônomo, racional e indivisível foi essencialmente construída na Modernidade de forma simultânea, é claro, com a valorização deste. Fica a discussão, a seguir, sobre a permanência do indivíduo como conceito fundamental de realidade na travessia deste período para a Pós-modernidade. Saraiva (op.cit.) cita particularmente Jameson, Walter Benjamin e Maffesoli como defensores da idéia de que de fato o indivíduo moderno está morto. Segundo este mesmo autor, autores como Calligaris e Lipovetsky já não seriam francamente partidários desta visão.

Para Saraiva, Jameson sinaliza a revelação pós-moderna do conceito de indivíduo burguês como meramente ideológico, e mais que isso, como um *mito*, criado a partir de interesses determinados. Ele aponta como um dos elementos mais marcantes da Pós-modernidade uma gradual perda do sentido da história, ou seja, da ligação entre passado, presente e futuro. Ao valorizar o conhecimento e a experiência dos sentidos, a Pós-modernidade enfatizaria a experiência da materialidade, o que prenderia a todos em um eterno presente. Neste contexto, as visões de mundo são não-articuladas e representariam a própria imagem do Inconsciente lacaniano, onde a realidade se revela e se exerce de forma fragmentada.

Seguindo ainda as sinalizações de Saraiva, Benjamin, além de mencionar o desligamento entre estes três tempos, aponta a perda de uma experiência coletiva e culturalmente compartilhada em favor de outra, particular, dependente dos sentidos e, portanto própria do indivíduo isolado (uma vez que os sentidos são órgãos individuais e a percepção que deles advém é, sob uma determinada ótica, uma experiência também individual).

Maffesoli (1999) propõe a contraposição de uma moral moderna contra uma Ética Pós-moderna. A primeira seria uma categoria universal, aglomerando todos os seres humanos dentro de uma única condição de um *dever ser*. A segunda seria movida pela emoção coletiva, da *sensação* propriamente dita, experienciada de forma peculiar em cada situação. Esse seria o molde valorizado da experiência compartilhada pelos sujeitos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Ou seja, se na primeira lógica o sujeito está ligado ao outro por uma condição permanente (ser humano) e sua ação deve ser guiada a partir dessa condição, na segunda lógica, o que liga os sujeitos entre si é de uma ordem que pode mudar em cada instante, que é a capacidade que têm aquelas pessoas singulares, envolvidas em cada momento específico, de experienciar aquela determinada situação, ou aqueles determinados estímulos em curso. Nessa segunda lógica, é a materialidade, a corporificação de cada um, que conta como critério de aproximação e de identificação.

Mais do que uma identidade que supostamente atravessaria o tempo, Maffesoli fala na Pós-modernidade como um processo contínuo de aproximação e afastamento em função da experiência sensível. O *ethos* mudaria de vigência, então, de acordo com cada situação, e viria de dentro de unidades grupais (mais restritas) e não de uma idéia totalitária sobre o ser humano. O indivíduo muda de *status*, então, de acordo com o que pode fruir ou experimentar sensivelmente em cada momento. O indivíduo é dissolvido e reorganizado em cada situação. A noção de *indivíduo indiviso*, então, se desmancha.

Saraiva (op.cit.) acusa que de outro lado da discussão, colocando a noção de indivíduo sob outra perspectiva, encontram-se autores como Lipovetsky e Calligaris. Lipovetsky (1989) argumenta no sentido de que o indivíduo moderno não propriamente tenha morrido como conceito ou como valor. Ele admite a transformação do conceito, mas afirma a permanência da noção de indivíduo como guia para a organização de sentido para a vida e principalmente para as escolhas feitas pelos sujeitos. Lipovetsky afirma o curso do que ele chama de uma segunda *revolução individualista*, e confere a este processo o nome de *processo de personalização*. Enquanto na Modernidade o ideal de liberdade individual estava pautado por um poder de cunho democrático-disciplinar e ideológico-coercitivo, a Pós-modernidade tem como ideal a realização pessoal.

Esse ideal traz para o centro da cena social determinadas características compreendidas como pertencentes ao indivíduo humano e que até então eram combatidas pelo espírito universalizante, como a questão das incoerências internas. Sendo assim, haveria espaço para uma *conciliação* entre o que antes se compreendia como extremos. Uma pessoa pode ser ao mesmo tempo banal e escandalosa, materialista e espiritual, vulgar e discreta, sofisticada e despojada, e não ser condenada moralmente por não 'obedecer a uma coerência'. Lipovestky

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

chama isso de criação de uma lógica dual, que prioriza a satisfação local e individual em detrimento da necessidade de se dobrar a lógicas externas mais amplas. O autor aponta que ao contrário da lógica moderna, a lógica pós-moderna estende a noção de *indivíduo como valor* da seara econômica e política para também a seara cotidiana dos próprios costumes.

> Não temos que opor a era do consumo passivo às correntes chamadas pós-modernas, criativas, ecologistas, revivalistas; no conjunto estas completam o desmoronar da era moderna rígida em direção a uma maior flexibilidade, diversidade, escolhas privadas, com vista a reprodução alargada do princípio das singularidades individuais. A descontinuidade pós-moderna não começa com este ou aquele efeito particular, cultural ou artístico, mas com a preponderância histórica do processo de personalização, acompanhada pela reestruturação do todo social sob a sua lei própria.
> (Lipovetsky, 1989, p.12)

Dentre todos estes elementos, a menção que mais chama a atenção no sentido de fazermos uma conexão entre a questão do público e do privado e as teorias sobre Pós-modernidade é a idéia da substituição de uma moral universal para uma série de morais pulverizadas e efêmeras. A moral universal sugere um homem ou uma individualidade 'básica', a partir da qual haveria variações, mas que em si serviria como referência para uma normatização do comportamento. Ou seja, em alguma escala haveria uma moral identificada como um código, que responderia ao subconjunto-interseção das características de todos os homens.

Por conta dessa condição, essa moral é que operaria o papel de niveladora da regra de convivência. O indivíduo era o valor e deveria ser gratificado e satisfeito em suas necessidades – mas satisfeito na sua singularidade sem, entretanto, perder a noção daquilo que ele tinha de comum com os outros homens. É isso que Maffesoli (op.cit.) quer dizer quando fala da Moral enquanto categoria totalizadora e universal. Esta idéia também diz respeito ao que Lipovetsky aborda quando afirma que a Modernidade tinha como estratégia de controle interpessoal uma democracia que ao mesmo tempo disciplinava, e uma ideologia que simultaneamente coagia.

A partir do momento em que emerge um código que procura negar essa universalidade e privilegia o sensível, a corporeidade, a ***presença***, há uma transformação significativa na qualidade do que se refere ao relacionamento social almejado. Se o critério para definir uma comunidade ou para ver desenvolver o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

processo de identificação entre as pessoas é o sensível, e não mais uma qualidade universal, deve-se reconhecer que este processo de identificação estará geográfica ou fisicamente mais limitado. Um indivíduo não pode se relacionar fisicamente com todas as pessoas de seu país ou de sua cidade. Ele não pode estabelecer uma identificação no nível de uma escala mais ampla de pessoas, mas deve restringir este processo àqueles com quem convive mais proximamente (mesmo que por um período curto como duas horas em uma noite de sábado ou uma semana de férias), com quem compartilha de fato seus sentidos.

Ressalta-se então que quando falamos de um convívio sensório ou físico, em alguma medida estamos nos referindo ao espaço privado, ou ao menos a um espaço onde se abre a janela da intimidade. O foco no cotidiano, para o qual Lipovetsky chama a atenção evidencia a importância das particularidades de cada um. Milhões de pessoas saem de casa para trabalhar todos os dias de manhã. São pessoas que votam como nós, que pagam seus impostos e que usam os serviços de saúde como nós. No entanto conhecemos somente os hábitos de vestuário, o perfume, a cor dos olhos daqueles que trabalham conosco. Estes se tornam então os critérios para a definição de uma comunidade.

Seguindo a mesma lógica, aquilo que todos os autores citados apontam como uma desarticulação entre passado, presente e futuro, pode ser visto como uma extensão da desvalorização do espaço público, se compreendemos este como o espaço dos *acordos* articulados entre pessoas que não travam relações pessoais. A articulação entre estes três tempos é não mais que uma convenção. Cada pessoa tem sua vivência de tempo particular, mas seguindo o raciocínio de Vigotski (1998), é na medida em que as experiências são publicadas por nosso discurso e ordenadas pela cognição **dos outros** (tanto os *outros* familiares quanto os estranhos) é que elas assumem a identidade de História. Por definição, uma convenção é um *acordo* entre uma ou mais pessoas, o que delineia o próprio conceito de realidade.

Por isso, quando se diz que há uma desarticulação no sentido da História, temos como um desdobramento conclusivo a percepção de que lógicas outrora convencionais se enfraquecem e portanto, conceitos que por muito tempo também se *convencionou* como opostos – como por exemplo, o banal e o escandaloso – se transformam em elementos constitutivos de uma unidade possível e aceitável. Dentro da *nova* intimidade, para os indivíduos diretamente envolvidos, a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

conciliação passa a ser boa, passa a ser verdade, e se aqueles que estão fora dessa minoria não concordam com isso, não faz a menor diferença.

Os autores apontam a Pós-modernidade como uma condição em que o sujeito está "preso" em um eterno presente, "preso" ao desfrute – ou ao peso – das próprias sensações. Os grupos vão então se formando tendo como critério para a aproximação a experiência comum, mesmo que ela se restrinja ao que anteriormente se chamava de *detalhe*, como a apreciação por uma determinada cor, o gosto por um tipo de gola de blusa, uma marca de caneta preferida, ter ou não *joanete* no pé direito. O universo de referência de realidade passa a ser o individual, ou aquele que é coletivo apenas na medida em que se fala de pequenos e especiais grupos, ou *minorias*, ou *tribos*.

Para Maffesoli (op.cit.) isso significa a morte do indivíduo, pois ele compreende a aproximação entre essas pessoas como um processo de formação de uma identidade, de fato, só que uma identidade grupal, fundamentada na Estética, e passível de extinção de um momento para o outro. Para Lipovetski (op.cit.) isso significa não a morte do indivíduo, mas uma transformação de seu conceito, em um processo que não nega uma continuidade entre Modernidade e Pós-modernidade. O autor afirma que o valor de referência para a realidade continua sendo o indivíduo, o eu-mesmo, só que não mais apenas na esfera econômica, mas agora também como guia para a escolha de estilo das relações pessoais e sociais. Estas relações são individuais na medida em que o sujeito toma como referência para a aproximação com o outro a noção de **meu** estilo, de **meu** gosto, de **meu** desejo, da aceitação da **minha** expressão. Pode-se afirmar que em grande medida as searas pessoais – o espaço privado – e as decisões comunitárias e políticas – o espaço público – têm suas fronteiras esmaecidas e tornadas menos nítidas, uma vez que os princípios que regem a ambas vêm se uniformizando em favor de critérios que só se experimenta em situações de intimidade.

A distinção entre público e privado não pode ser considerada uma definição atemporal ou a-histórica. Ou seja, ela se transforma ao longo do tempo conforme os códigos sociais vão se transformando. Bock (2002) aponta elementos históricos objetivos que sinalizam o desenvolvimento moderno da vida privada.

> Estudos atuais mostram como a vida coletiva vai dando lugar a um espaço privado de vida. As casas modificam sua arquitetura para reservar aos indivíduos locais privados; os nomes se individualizam; roupas, guardanapos e lençóis

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> ganham marcas, de modo a permitir sua identificação. A vida do trabalho sai da casa para a fábrica, modificando o caráter da vida pública. A casa torna-se lugar reservado à família que, em seu interior, divide espaços, de forma a permitir lugares mais individuais e privados. Os banheiros saem dos corredores para se tornar lugares fechados e posteriormente individualizados.
> A noção de eu e a individualização nascem e se desenvolvem com a história do capitalismo. A idéia de mundo "interno" aos sujeitos, da experiência de componentes individuais, singulares, pessoais, privados, toma força., permitindo que se desenvolva um sentimento de eu. (Bock, 2002, p.19)

Sendo assim, a própria Psicologia deve sua existência a todo esse complexo processo. A transformação de que se fala naturalmente engloba tanto elementos objetivos da realidade quanto toda a mentalidade coletiva.

Munida de amplo arcabouço filosófico e histórico, Arendt (2001) procura delinear de forma mais objetiva a separação entre estas duas esferas. Na Antigüidade, o sentido da palavra *privado* era literalmente de estar privado de alguma coisa, ou seja, de não ter acesso a alguma coisa, ou não poder desfrutar de alguma coisa. O indivíduo podia estar privado mesmo de suas mais altas e humanas capacidades. No entanto – Arendt deixa bem claro – o sentido de *privado* era diretamente referente ao sentido de *público*. Para os antigos, viver uma vida unicamente privada significava não ser humano. Isso porque eles concebiam o espaço público como uma necessidade, ou melhor, algo que era inerente à vida humana.

O conceito de *público* é aquele sobre uma esfera que envolve tudo aquilo que pode ser visto e ouvido por todos. Para Arendt, a definição de real depende da vida pública. É a presença de outros que nos ouvem e que ouvimos que garante o sentimento de estar na realidade, afirmação que corrobora com a reflexão sobre a realidade do tempo enquanto uma convenção.

> Em comparação com a realidade que decorre do fato de que algo é visto e escutado, até mesmo as maiores forças da vida íntima – as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos – vivem uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequadas à aparição pública. (...) Toda vez que falamos de coisas que só podem ser experimentadas na privatividade ou na intimidade, trazemo-las para uma esfera na qual assumirão uma espécie de realidade que, a despeito de sua intensidade, elas jamais poderiam ter tido antes. (Arendt, 1999, p.59-60)

Sendo assim, se consideramos a realidade como algo cuja consistência depende dos acordos simbólicos fechados no espaço público, quanto mais

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

mergulhados na privatividade, nos termos de Arendt, mais distantes dessa realidade estaremos. Ou seja, mais dados à fantasia e ao narcisismo estaremos.

No entanto, não há que se romantizar uma ou outra esfera. Enquanto o espaço público garante a noção de realidade, o espaço privado diz respeito a algo que possui uma relevância individual. Arendt lembra que os nossos sentimentos mais intensos são de fato os menos comunicáveis. Explicar o amor ou a dor física sempre pede recursos metafóricos que nunca preenchem o significado da experiência. Talvez por isso, quando estes sentimentos acontecem de forma intensa, eles podem claramente nos privar da realidade. Assim, há coisas privadas que não subsistem à exposição. E isso leva a pensar o desenvolvimento moderno do sentido da contraposição entre público e privado.

Ao longo da história os elementos tomados como *naturalmente locados* em uma esfera ou em outra sofreu delineamentos fluidos. Na Antigüidade, conforme nos expõe Arendt, a noção de público assumia uma conotação essencialmente política, a ponto de os homens públicos poderem ser tais apenas por que tinham bens suficientes e não precisavam dedicar tempo para obter sua subsistência. Sendo assim, eles tinham tempo suficiente para se dedicar ao espaço e à vida pública. Um escravo não podia ser um homem público porque ele precisava usar seu tempo para trabalhar e garantir a sobrevivência.

Na Modernidade, o delineamento se apresentou já de outra forma, no sentido de organizar a via humana de forma peculiar. A noção de privado deslocou-se para a referência a um espaço construído como aquele no qual as necessidades básicas da vida, da sobrevivência individual e da continuidade da espécie deveriam ser cuidadas. O espaço privado foi compreendido como aquele onde se deveria cuidar precisamente dos aspectos humanos universais. A moral universal deveria ser aí ensinada, assim como todas aquelas necessidades que ligam um homem a todos os outros – que os fazem iguais – deveriam ser aí reclusas.[1]

Arendt sinaliza, ao discorrer sobre a Idade Moderna, que esta tinha a proteção daquilo que é íntimo como missão auto-imposta mais importante. Foi

[1] Elias (1994a), a propósito da discussão sobre o processo civilizador, mostra que foi em pleno desenvolvimento da Modernidade que as funções corporais básicas – aspectos desse homem universal, que por sua corporeidade jamais poderiam ser negados – foram relegadas ao plano do privado. Aí era o espaço para toda a educação concernente aos modos e também o espaço onde o homem poderia relaxar mais a vigilância de seu comportamento e expressar mais sua *natureza*. Em outras palavras, era o espaço da intimidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

nesse movimento, que a privatividade deslocou-se do lugar de oposto da esfera política para o lugar de oposto da esfera pública.

Precisamente por esta relação de oposição é que é com esta esfera que a privatividade, na Modernidade, obtém laços ainda mais estreitos. O espaço privado, desta forma, assumiu neste tempo o papel essencial de cuidar da educação do *homem básico*. Isso quer dizer que a este espaço ficou designado todo o conjunto de movimentos e iniciativas que diziam respeito à *civilização* do homem universal. Ou seja, o espaço privado, enquanto protetor e tutor do homem básico, seria o *locus* de processos como a educação básica, o aprendizado dos modos, a aquisição dos elementos mais elementares da convivência, como a linguagem, para que pudesse haver a introdução do sujeito no mundo público, ou seja, o mundo de todos, onde as pessoas vestiam máscaras referentes ao *savoir vivre*.

O espaço privado, então, tornou-se progressivamente o espaço de reclusão dos que não estavam, teoricamente, aptos a viver no espaço público. A criança e posteriormente o adolescente terminaram por ser habitantes desse mundo, junto com as mulheres e tudo aquilo que diz respeito ao lar e à vida familiar. Muito do que se estuda hoje sobre a infância, em especial todas as imagens de desproteção, inferioridade e incompletude que gravitam em torno da criança, diz respeito a concepções solidificadas neste processo, e que ainda hoje habitam o imaginário social.

O estabelecimento da concepção da infância, do modo como a compreendemos hoje, foi um processo que se desenvolveu e se fundamentou gradativamente neste caldo cultural. A criança, tal e qual ainda nos apercebemos dela, deve sua existência à progressão de todo esse desenvolvimento. A concepção de adolescência pode ser compreendida como a continuidade desse movimento, que tomou seu rumo na medida em que a sociedade se tornou mais *complexa* e que as atividades se pluralizaram.

Mais importante que tudo isso, observamos que na medida em que a atenção à individualidade cresceu foi-se descobrindo e/ou inventando nuances cada vez mais diferenciadas da mesma. Fala-se muito do desenvolvimento da ciência e das especializações em cada campo científico como desdobramentos de atenção à realidade. Mas podemos utilizar a idéia para pensar também a individualidade. Ela se tornou mais especializada, mais virtual, com maior leque

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

de possibilidades de existência, na medida em que foi se afirmando como o padrão de referência para a avaliação do mundo.

A partir dos termos de Arendt, então, *indivíduo* pode ser definido como o *locus* da experiência não compartilhada, não pública. *Individualismo*, por seu turno, significa tomar esse Indivíduo como valor maior, ou seja, procurar compreender a realidade tomando a este como ponto de referência de definição e a experiência singular como valor de avaliação. Desta forma, quando Arendt assinala o significado histórico da Modernidade para o delineamento das esferas pública e privada, ela corrobora com Sennett (1988) em um ponto básico: o valor do espaço público está desaparecendo.

Os dois autores compartilham o mesmo temor, portanto. Ao voltar-se para a fixação contemporânea nos valores da vida privada assumindo o papel de lentes usadas para avaliar o mundo, ambos lembram que o mundo privado, por envolver a presentificação como regra posta em relevância e a vivência própria como único testemunho da existência, é mais restrito. Arendt, em consonância com os autores mencionados acima, salienta que para que a existência do mundo público permaneça, é fundamental que se mantenha a crença na transcendência, ou seja, na idéia de que existe uma ligação entre presente, passado e futuro. A vaidade, a propósito, segundo a autora, está em oposição à pretensão da sustentação de um mundo comum para além da experiência imediata. Esta se ocupa precisamente dos sentidos, do presente, do impacto da própria imagem. Sob esta condição, o ser humano se torna, de fato, um ser privado, no sentido romano.[2]

Sennett também recorre à Antigüidade para refletir sobre a dinâmica entre público e privado na contemporaneidade. Ele lembra que a *Res publica* dizia respeito ao vínculo com aqueles com quem o sujeito não tem laços de sangue ou de amizade. O autor contrapõe este conceito à realidade que, segundo ele, confrontamos cotidianamente, em que falar da importância ou do que ocorre no espaço público é apenas uma questão de acordo geral e formal, e em que o estranho é visto como uma ameaça. A preocupação do autor é com a perda de força socialmente representativa da esfera pública da ação humana.

[2] "Romano" aqui faz alusão à explicação dada por Arendt sobre a sociedade romana na Antigüidade, de onde ela partiu para pensar as fronteiras originais entre público e privado, e para pensar o germe da própria noção de cidadania.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Toda a argumentação de Sennett gira em torno da crítica à condição que ele identifica como real na atualidade: a de que "passamos a nos preocupar com instituições e acontecimentos apenas quando podemos discernir uma personalidade funcionando dentro deles ou dando-lhes corpo"(Sennett, 1988, p. 412). Ele discute a fixação na personalidade como produto de um longo processo de desequilibração entre as funções das esferas pública e privada como sustentáculos da vida humana. Para Sennett, público e privado se complementam, e não podem ser vistos como opostos, muito menos como mutuamente excludentes. A hipótese básica do autor é a de que na contemporaneidade, devido ao esvaziamento de sentido da esfera pública, as pessoas estão tratando com referenciais da vida íntima aquilo que é – e que para o bem da civilização, precisa continuar sendo – impessoal, como por exemplo, as decisões políticas, a competência no trabalho, a legislação de uma sociedade.

Em consonância com a exposição de Arendt, Sennett aponta que a partir da Modernidade definiu-se *público* como tudo aquilo aberto à observação de qualquer pessoa, e *privado* como aquilo que diz respeito à região protegida da vida definida pela família e pelos amigos, ou seja, pelas relações íntimas.

É na esfera privada que reina a vontade pessoal, pelo menos em maior escala que na esfera pública. Na esfera privada essa vontade, assim como o desejo propriamente dito, tem mais liberdade de ser escancarada. Enquanto isso, na esfera pública haveria a necessidade de procurar formas convencionais (novamente a referência à realidade definida como seara pública e delineada como convenção), ou seja, toda uma etiqueta, para se chegar aonde se deseja – quando isso é de fato possível.

Entretanto, o mais importante dessa distinção está em compreender que à esfera privada foram historicamente delegadas as exigências da natureza, aquelas com as quais o homem nasceu. Ao mesmo tempo, à esfera pública foram delegadas as exigências da civilidade – o termo utilizado por Elias (op.cit.), e que exprime o conjunto de exigências criadas pelo homem para que a vida em comum e todas as suas vantagens para a sobrevivência humana fossem possíveis em um grau mais complexo e aperfeiçoado. Desta forma, a esfera pública representa o caminho percorrido pelo homem em toda a sua história: sua trajetória de desenvolvimento para além da condição natural. A rigor, é a vida pública que permite a continuidade desse processo, pois no movimento de apresentar a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

diferença em relação àquilo que o indivíduo sozinho experiencia, ela sempre apresenta desafios para a adaptação, que não deixam a roda da transformação pessoal estacionar. Quanto mais isolada a pessoa, menos estimulada ela é, menos ela se desenvolve, menos ela aprende a se expressar e a se relacionar com a transcendência.

Ao afirmar um progressivo abandono do valor da esfera pública na cultura contemporânea, Sennett aponta que a noção de indivíduo estabelecida pela Modernidade e cuja compreensão originalmente poderia ter o papel de facilitadora do desenvolvimento social, tornou-se desmedidamente o centro das atenções. A análise do indivíduo, que antes era compreendida como um processo que poderia auxiliar as relações humanas, terminou por se transformar de meio em fim. Para Sennett, é característica de nosso tempo a obsessão pela personalidade ou, em termos mais claros, pela *pessoalidade*. Nada que não tenha uma significação individual para o sujeito deve ser levado a sério. Nada que não provoque envolvimento integral do sujeito, identificação total *naquele momento*, vale a pena ser investido. Para Sennett, o indivíduo, o sentimento e sua personalidade, se tornaram – ou tomaram a pretensão de se tornar – a medida de realidade.

Ele localiza a origem dessa condição em alguns elementos conceptuais e comportamentais básicos fundados no século XIX. O primeiro seria a crença na exposição involuntária da emoção, crença esta sustentada por conceitos como o Inconsciente de Freud. Ou seja, não importa o que se faça para exercer um papel social, o sujeito sempre mostra o que é. Os disfarces são ilusões. As pessoas sempre denunciam quem são através de pequenos detalhes de suas ações.[3] Outro elemento seria uma conseqüência direta da afirmação anterior: a defesa pelo retraimento. Isso significaria nada menos do que uma resposta ao sentimento de ameaça referente à exposição involuntária.[4]

Por fim, o que particularmente nos interessa quando pensamos a já tradicional crítica do senso comum dirigida aos jovens sobre sua não participação política, ou na melhor das hipóteses sobre o modo como leva a política, seria a *defesa* pelo silêncio. Diante da necessidade de retenção do sentimento como auto-

[3] Acompanhando isso estaria o caminho que a política tomou, e que se baseia na estratégia do discurso político centrado no carisma, o que teria provocado uma superposição essencial – e disfuncional, segundo o autor – entre privado e público.

[4] Sennett sinaliza que a repressão moral vitoriana estaria associada a isso e aponta que também o artista, a partir desse contexto, assume um papel idiossincrático na vida pública. Ele *sente* em público, mesmo que de mentirinha. A ele cabe esta *função*, e por isso ele vira celebridade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

proteção, teria-se como conseqüência direta uma alteração no comportamento público. O silêncio se torna o modo de experimentar a vida pública, e ele é o recurso para se evitar o risco de ser esmagado. O conhecimento do espaço público, portanto, passa a ser meramente observacional e não mais de ação, de intervenção.

Ora, lembrando Arendt, a esfera pública é parte da realidade do ser humano. Ela define uma grande região da *verdade*, do real. Tem também suas peculiaridades, como a necessidade de expressão, e sobretudo a capacidade de se abstrair dos sentidos mais imediatos para poder pensar a lei, administrar o bem comum em benefício também do próprio indivíduo. Sennett afirma que a negligência ao modo e funcionamento próprio do espaço público e sua contrapartida na ênfase no privado gerou não somente uma confusão na fronteira entre estes dois âmbitos como uma disfuncionalidade no primeiro. O caminho que se seguiu adiante, supostamente para resolver a questão, funcionou como o uso de mangueiras de gasolina para apagar um incêndio: para o autor, o movimento seguinte foi o de negar a importância do espaço público, e com isso a confusão terminou por aumentar ainda mais.

O autor discute as conseqüências dessa estética para o espaço público, sinalizando que através desta lógica, nada que seja dito em público que não venha carregado de emoção e de identificação com o sentimento dos outros – mesmo que o que seja dito não se relacione em absoluto com o problema prático que envolve a todos – merece atenção ou investimento legítimos. Os líderes políticos precisam encarnar essa pessoalidade para serem ouvidos, mesmo que falem um punhado de *nonsense*. Os líderes educacionais precisam fazer o mesmo, despertando o senso estético dos alunos que os escutam. Os líderes religiosos proferem sermões apaixonados ou coléricos pelas passagens de seus livros sagrados, perdem o foco do desenvolvimento espiritual que sua religião teoricamente professa, ao mesmo tempo em que conseguem a adesão de um maior número de fiéis à sua igreja. O presidente de uma nação precisa recorrer aos argumentos de sua infância sofrida e da frustrante vivência de ter pais analfabetos para evitar contestações à sua honra, e obter respeito e aquiescência de sua audiência em um discurso político, que teoricamente deveria tratar de assuntos da gestão pública. O efeito que esse tipo de atitude provoca é que acontece um desvio da atenção da audiência do objetivo prático da política. Deixa-se de discutir as

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

propostas administrativas objetivas para se concentrar na dor daquele presidente, e esse deslocamento se fundamenta na crença de que a *verdade* está no sentimento. Logo, se o sentimento não é exposto, a pessoa não está mostrando quem ela "realmente é" e, portanto, está faltando com esta Verdade.

Uma outra conseqüência desse processo seria a que consiste em que, uma vez elegendo a personalidade como a referência central de realidade, e negando o aspecto da convenção, do acordo com o outro que me é estranho, desenvolve-se uma recusa a quaisquer limitações do eu, e isso é particularmente importante no que será discutido por ocasião das entrevistas realizadas nesta pesquisa. As fronteiras que sustentam o respeito àqueles que são diferentes de mim ficam cada vez mais borradas, o que dificulta a sustentação de uma sociedade mais ampla. O medo da impessoalidade termina por preparar as pessoas para verem a comunidade numa escala cada vez mais restrita.

Voltando a atenção mais especificamente para a questão da adolescência, a manifestação deste comportamento entre estes sujeitos é freqüentemente associada à criação de tribos. No entanto, pode-se tomar a discussão de Sennett sobre a personalidade na vida pública para delinear este movimento de identificação. As pessoas votam e elegem seus representantes políticos tomando como critério de avaliação o quanto de sentimento elas se sentem possuindo em comum com aqueles. Assim, este movimento tem implicações sociais mais amplas do que a aglomeração de pessoas em *sites* de comunidades virtuais por conta de detalhes compartilhados.

Tendo a personalidade como referência, o público é concebido como uma unidade de afinidades. Os grupos de adolescentes freqüentemente são manifestações disso na medida em que estes sujeitos se aproximam uns dos outros a partir de um detalhe que todos tenham em comum. Pode ser um modo de amarrar um lenço no pescoço, a predileção por um determinado carro, ou a adoção de uma ideologia. Na medida em que a afirmação da personalidade coletiva se mostra mais imperiosa, ela pode mover o grupo a chegar a alguns extremos. Carmo (op.cit.) expõe o exemplo de um episódio no qual um grupo de adolescentes skatistas de São Paulo espancou uma outra adolescente dentro de um ônibus urbano. Após serem pegas pela polícia, justificaram sua ação pelo fato de que a menina espancada era funkeira. O episódio denuncia não só a segregação radicalizada entre os grupos, mas também a percepção que estas meninas têm

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

sobre regras de convivência social mais amplificada, bem como sobre o respeito àquele que lhes é estranho.

Vale marcar, em meio a isso, que Sennett afirma que esse tipo de critério para a aglomeração não está restrito ao comportamento dos adolescentes. Ele faz parte de toda a lógica da cultura contemporânea. Entretanto, tomamos como pressuposto, a idéia de que o adolescente, enquanto representante de uma cultura, ao desempenhar o papel que aprendeu que lhe cabe, encarna essa dinâmica de forma particular, mesmo que isso na prática se restrinja ao modo como ele fala de si e ao modo como os outros falam dele.

O conceito de projeto de vida – nosso mote – funciona em meio a isso como articulador da percepção sobre tais contingências. O adolescente é locado no imaginário coletivo como o vórtice de passagem do privado para o público. O privado é seu passado, e o público é um elemento a mais para o seu futuro, com o qual ele deve supostamente começar a aprender a lidar a partir de um momento marcado. Ele é assim introduzido, ou recebe permissão, ou é simplesmente cobrado, a utilizar os meios para entrar e se mover neste mundo.

Nesse contexto, o adolescente deve então fazer suas escolhas sobre um mundo público ao qual se espera que ele esteja sendo inserido. Lembrando os antropólogos do século passado, nota-se a questão da descontinuidade na quebra construída culturalmente entre a pertença da criança ao espaço privado e a ação pública oficialmente permitida apenas ao adulto. É natural e desejável que conforme as crianças cresçam sejam-lhes dadas novas tarefas. No entanto, no contexto descrito pelo autores acima, há que se pensar sobre que mundo nominalmente público é esse no qual alegamos estar inserindo estes recém-chegados. É importante se pensar o quanto pode parecer intimidador a transposição relativamente abrupta de um espaço de exclusividade para outro mais amplo e mais diversificado.

Alem disso, é importante também especificar, especialmente no que diz respeito ao presente trabalho, quais as ferramentas simbólicas que estão sendo colocadas à disposição destes sujeitos para que eles possam articular seu espaço nesse mundo público de forma que seja satisfatória tanto ao indivíduo quanto à coletividade. Muitas das críticas às teorias tradicionais, como a de Freud (1904) e Erikson (1976), envolvem direta ou indiretamente a percepção que o mundo público do qual eles falavam já não existe mais. Erikson encontrou uma solução

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

para aquele momento, onde ainda se compreendia o percurso da uma vida individual de forma linear e com uma determinada estabilidade e previsibilidade. Nos dias de hoje, a escolha por aquilo que ele chamou de 'identidade' é experienciado como sendo não apenas acentuadamente provisório, mas descartável e supérfluo.

Particularmente no que diz respeito à cultura brasileira é importante pensar nas possibilidades disponíveis para a sustentação do mencionado edifício simbólico e as relações de confronto entre, de um lado as idéias sobre a vida pública, e do outro a experiência prática cotidiana dos sujeitos investigados. Além disso, em um país onde as desigualdades sociais e geográficas são gritantes, deve-se ter em mente a necessidade de pensar pluralmente, como sugere Bourdieu (op.cit.) quando ele indica os proveitos em se estudar a comparação ou mesmo o paralelo entre juventudes diferentes.

A questão do valor atribuído à individualidade, entretanto, parece presente em nossa cultura como um índice dos valores apontados acima como elementos da contemporaneidade. Pereira (1999) lembra um adolescente que ao comparecer pela primeira vez ao consultório psicoterápico, afirmava com toda convicção, logo de saída: "eu me fiz sozinho". Parecia imperioso que ele afirmasse sua autonomia, sua individualidade. A interpretação psicanalítica compreenderia esse movimento como uma tentativa de dar luz a si próprio, representar o papel do próprio pai, fazer valer o próprio falo. Dentro de um ponto de vista mais sócio-cultural, pode-se pensar na possibilidade de falta de sustento ou de confiança em alguma figura de autoridade como sustentáculo deste pensamento. Ou ainda, pensa-se talvez o excesso de ênfase na autoridade familiar colocada ao longo do período infantil (uma vez que enquanto criança ouve-se que a lei é dos pais), fazendo um contraste impactante com a exigência social feita ao adolescente de afirmação pessoal. O valor é o do indivíduo e nesse momento, esse sujeito é cobrado – abertamente ou não – sobre a afirmação de sua individualidade.

A idéia presente é a de uma individualidade onde o sujeito não deve precisar do apoio de qualquer modelo externo. Ele se faz, ou deve se fazer sozinho, independente de qualquer autoridade e mesmo do contexto social. Isso ficará claro quando formos discutir, por exemplo, a insistência dos adolescentes em definir como fator central no projeto de vida a sua independência. Isso aparece também quando estes sujeitos buscam afirmar, a todo momento, que alcançar seus

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

objetivos vai depender única e exclusivamente da própria vontade. A estrutura social, o espaço da pluralidade e da coletividade – o espaço público – é configurado aí como mero coadjuvante. Sob a perspectiva da psicologia sócio-histórica, como vimos, tais idéias não brotam por partenogênese da mente do sujeito – elas são apropriadas de todo o contexto cultural o qual se habita.

Em se tratando de pensar o espaço que a vida pública vai assumindo para o adolescente, a menção à observação sobre o modo como ele se movimenta na cidade em que vive oferece indícios para esta reflexão. A cidade, para Sennett, é a representação mais marcante do espaço público. Para ele, o modo como os indivíduos se relacionam com a *urbi* é representativo do modo como lidam com as concessões e a impessoalidade que devem fazer parte da vida em sociedade.

Em ampla pesquisa sobre a juventude da cidade do Rio de Janeiro, Minayo et alii (2002) investigam a visão que os adolescentes cariocas têm sobre a cidade em que vivem. Quando perguntados diretamente sobre sua cidade, a primeira reação dos adolescentes é a de grande admiração e satisfação. Morar no Rio é, num primeiro momento, um motivo de deleite, e as razões alegadas para isso giram em torno da natureza que envolve a cidade, das praias, os locais para se ir à noite, a beleza da população (em especial a da mulher carioca), o estilo carioca de ser (romantizado como aberto, leve e espontâneo), o Maracanã, a diversidade de esportes possíveis de serem praticados, e as oportunidades que a cidade oferece em geral, particularmente as oportunidades de diversão. A lista desses fatores faz nos remeter diretamente à consciência (ou semi-consciência) da noção do espaço público como provedor de oportunidades variadas, de vida e dinamismo.

Em termos teóricos, Sennett e Arendt já sinalizavam a importância do espaço público no sentido de que, ao trazerem constantemente a diferença e o novo, oxigenam a vida individual, colocam o sujeito em movimento, na mesma medida em que o expõem a situações em que habilidades até então inexploradas e mesmo desconhecidas precisam ser descobertas e/ou desenvolvidas. Isso fica expresso nas falas dos adolescentes pesquisados por Minayo. Eles parecem ter a sede deste processo.

A percepção da cidade como um lugar idílico convive, entretanto, com a percepção da mesma como um espaço também territorializado, onde as diferenças sociais do país encontram sua representação e suas locações. A geografia cognitiva dos jovens para a cidade reconhece a divisão do território urbano em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

áreas com funções específicas, liberdades, limitações, significados sociais e *status* específicos. Os tipos de lazer, de comportamento, de oportunidades, bem como o grau de segurança, também estão associados a essa distribuição territorial. Os adolescentes não se furtam de fazer críticas a essa segregação espacial, embora estas mudem de tom e fundamentação de acordo com os grupos sociais – o que significa dizer, indiretamente, que muda de acordo com as histórias mais localizadas.

Em sua pesquisa com crianças e adolescentes sobre os modos como estes se deslocam dentro do espaço urbano destes, Castro (1998b) observa que coexistem dois sentidos fundamentais para a dinâmica da cidade. O primeiro é o que a autora chama de a *ideologia da vida prática*, na qual a cidade representa a diversidade e a expansão das possibilidades. O segundo seria a *ideologia da vida segura*, na qual a cidade objetiva condições de medo, insegurança e violência. O primeiro sentido reconhece a possibilidade e o desejo de expansão, através do contato com o novo. O segundo representa a tendência ao isolamento, o medo do encontro com o diferente. Ambas apontam para o tipo de relação estabelecido entre as pessoas e o espaço público. Apontam também para o tipo de reconhecimento do *outro* que se permite desenvolver. Em outras palavras, estas ideologias representam a relação que o jovem tem ou planeja ter com o espaço público, bem como o grau de identificação que eles permitem ou desejam manter com este.

A autora sinaliza um longo processo de negativização do espaço urbano. Particularmente no Brasil, onde a cidade é o *locus* do contraste entre a não universalização dos serviços básicos e o aglomerado de pessoas em busca de melhores oportunidades de vida, a vida urbana tendeu a ser associada a conceitos negativos. A cidade, diferente da imagem que se tem do campo, é essencialmente um lugar de entrecruzamento de **estranhos**. Diante de uma sobrevalorização do tipo de relação que se pode estabelecer via intimidade, este espaço de encontro de estranhos é, portanto, desvalorizado. Castro aponta que também a campanha higienista – particularmente intensa nos séculos XVIII e XIX – teve sua participação na amortização da concepção da cidade como lugar da prosperidade, da ordem progressista e do consumo. A negativização da cidade associa-se então à idéia de aglomerado descontrolado, lhe atribui a idéia de caos como inerente e interpreta a imprevisibilidade como um mal.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Desta forma, trata-se apenas de um pequeno pulo para a absorção do conceito de cidade como sendo o espaço privilegiado para o desenvolvimento da violência. O medo da violência acaba na prática restringindo o aproveitamento das oportunidades que os adolescentes alegam existir no espaço urbano. Castro lembra ainda que por conta da reclusão da criança e do adolescente à esfera do privado, existe ainda a condição naturalizada de que estes sujeitos não possuem nenhuma participação na construção do espaço público. As próprias áreas de lazer neste espaço são negligenciadas, recebem pouco apoio de reformas infra-estruturais, ou se restringem a espaços fechados, como shopping-centers e clubes particulares. As crianças e os jovens encontram-se não somente em termos imaginários, mas na própria materialidade, privadas da circulação pública.

O ponto que interessa aqui é que diante desse quadro, a ação da criança no espaço público, e conseqüentemente o conhecimento desta sobre este faz com que estes sujeitos se afastem cada vez mais de uma idéia realista sobre ele. O medo da violência e a insistência na reclusão destes atores sociais ao espaço privado, cria uma estrutura mitificada do outro, o que reforça a insistência no *eu mesmo* como medida de realidade. Com efeito, Minayo observa que ao analisar as definições do jovem para a violência, os pesquisadores encontraram uma enorme fragmentação de idéias, revelando que as concepções básicas do fenômeno, bem como o pensamento sobre as possibilidades de intervenção sobre ele são obtidas pelos sujeitos através unicamente da própria experiência. A autora aponta que elaborar um texto sobre este tópico foi uma espécie de "bricolage", algo como a construção de um mosaico, onde cada partícula adicionada precisava ser contraposta ao raciocínio sobre os grupos particulares que emitiam suas contribuições.

> Para a juventude do Rio de Janeiro, as noções *do que é violência, de quem são suas vítimas, de quem são os agressores mais relevantes, de quem são os criminógenos potenciais e de que medidas devem ser tomadas para controlar, diminuir ou superar as situações de risco* são construídas por meio de mecanismos seletivos de reações sociais e oficiais e pelos processos de comunicação social. Por isso mesmo que não causa surpresa que, quando perguntados 'para você, o que é violência' os jovens tenham sido tão lacônicos (...). E que quando falam da sua experiência os depoimentos sejam tão vívidos e ricos.
> (Minayo, op.cit., p.184, grifos originais)

O que mais chama a atenção neste trecho é o que se relaciona diretamente com os resultados desta pesquisa, como veremos adiante. Ele denuncia o peso que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

a experiência pessoal possui na definição das categorias de realidade. Há vivacidade emocional nas declarações baseadas na própria experiência, mas pouca vivência e conhecimento mais amplo de um elemento do ambiente que é tão mencionado em seu cotidiano. O fato de terem dificuldade em definir um elemento como este aponta mesmo para uma dificuldade de objetivação, o que prejudica a sua comunicação com as outras pessoas, tanto no que diz respeito ao que lhes é comunicado quanto ao que eles querem comunicar. Esta questão deixa particularmente claro o quanto a avaliação do espaço público fica fortemente sujeita ao crivo da experiência individual.

O segundo ponto relevante é respaldado pela observação dos depoimentos em si mesmos. Minayo teve como sujeitos entrevistados membros de todas as classes sociais, e observou que em todos os grupos, quando os adolescentes expunham suas idéias sobre violência havia algumas características principais em seu discurso. A primeira delas era a culpabilização mútua. Isso significa dizer que os sujeitos das classes média e alta tendiam a ver os "pobres" como os agentes da violência, seja por revolta, seja por necessidade. Do outro lado, os sujeitos das classes baixas viam os "ricos" como os verdadeiros responsáveis pelo fenômeno, em uma expressão clara de ressentimento quanto a estes, frustração, auto-vitimização ou franco sentimento de impotência social.

O discurso também se sustentava na idéia da violência como um processo totalitário, global e incontrolável, onipotente e onipresente, pertencente à sociedade como um todo. Esta concepção está na base das atitudes de omissão do fato de que todos estão envolvidos. Ou seja, não existe uma identificação de si próprios como agentes diretos ou indiretos da violência. Minayo afirma que "a violência é tratada como um fenômeno sem sujeito, portanto extra-classista, a-histórico e fora da sua consciência" (Minayo, 1999, p. 154).

A autora sinaliza assim uma descontextualização da violência presente no discurso dos jovens. Esta característica é o que gera a crença no *estereótipo* como categoria de realidade. Rodrigues, Assmar e Jablonski (1999) definem o estereótipo como uma simplificação da visão de mundo, muitas vezes decorrente da sobrecarga cotidiana de informação sobre a realidade. Os autores enfatizam, entretanto, que em se tratando de uma simplificação, o estereótipo é a base cognitiva e afetiva do preconceito. Ele é usado dentro da lógica da "lei do menor

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

esforço", como uma estratégia de economizar energia, que consiste em ora negligenciar algumas informações, ora usar em excesso outras informações.

Por trás do preconceito se encontra mesmo a lógica das profecias auto-realizadoras, mas em termos de ação social, o impacto que o estereótipo pode ter freqüentemente ultrapassa a zona da ingenuidade ou do que se pode chamar de atitude a inofensiva. Quando se reconhece a base afetiva do estereótipo e do preconceito, reconhece-se também o fator *medo* envolvido. Sennett, assim como Castro (op.cit.), chama a atenção para o fato de que a cidade traz a pluralidade de lógicas sociais ao contato com o sujeito. É somente através deste contato que existe a prova de realidade, e a desmitificação das imagens sobre *o outro*.

A aproximação com esse outro envolve o reconhecimento da diferença, mas agrega a isso o reconhecimento das possíveis semelhanças, apesar dessa diferença. Ela torna possível então a própria vontade do sujeito de firmar um acordo de convivência que seja minimamente satisfatório entre todos, ou entre uma maioria. Em contrapartida, quando não há essa aproximação e o medo se intensifica, ou toma formas mais concretas, é que a sensação de ameaça cresce, e a violência recebe um componente intensificador, que pode desembocar mesmo na crueldade, como é o caso citado anteriormente da adolescente funkeira espancada pelas meninas skatistas.

Os depoimentos são um claro indicador do quanto a violência que emerge na conduta do adolescente, da mesma forma como a própria abominação desta por parte dos não-adolescentes, possui uma base defensiva – o medo é essencialmente um recurso de defesa. No entanto, existe aí também uma dimensão simbólica, não menos importante.

A agressão, segundo Sennett (1998), é parte importante da vida. Ele afirma que esta não deve ser considerada somente por sua significação niilista. É por meio de agressividade que se pode resolver uma série de problemas tanto pessoais quanto públicos, e aqui não nos referimos, logicamente, à agressividade física desmedida e despropositada. Falar firme com alguém que está invadindo um espaço legitimamente privado ou depredando um monumento público é também uma atitude agressiva, na acepção etimológica do termo, que é a de *movimento para a frente*, *ir para* (Almeida, 1980). Assim como o medo, a agressividade tem um cunho auto-conservador. O problema reside no modo como se administra e canaliza esta reação. A despeito do fato de todos nascermos com a capacidade de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

ser agressivos, não nascemos sabendo *como* o ser, de modo a manter a funcionalidade da vida em comum. Esta é uma lição que deve ser aprendida ao longo da vida, e o mundo público é uma escola para isso. O modo como significamos este mundo permite que a internalização de sua lógica seja de fato elaborada a serviço de nós mesmos.

Nesse sentido, Minayo também provê material para a reflexão sobre esta significação de forma mais específica. Ela observa que as referências ao governo e às forças públicas no que tange ao controle e à repressão da violência em prol da segurança pública deixam a desejar. A polícia é um tema sobre o qual a expressão dos jovens parece tratar e conceber de forma especialmente problemática, mas igualmente representativa do imaginário sobre o espaço público e sobre o conseqüente investimento nele.

Os adolescentes de todas as classes se mostram abertamente desconfiados da competência policial e dos órgãos públicos responsáveis pela segurança. A vivência e os relatos dos adolescentes de classe baixa são particularmente enfáticos na afirmação de que a polícia não merece crédito, pois seus representantes se revelam no dia a dia tão incentivadores da violência quanto os traficantes de drogas. O sistema se revela como um ciclo vicioso que, uma vez não sujeito a uma quebra de algum tipo, tende à perpetuação.

A relação do adolescente com a violência e com a rebeldia, mais do que a característica única de sua existência, é apenas uma ilustração de uma condição mais ampla da sociedade ocidental contemporânea. O adolescente, imerso nessa cultura, representa um amplo arcabouço de relações com a realidade e se torna denunciador peculiar destas relações. Procurando ir além dos rótulos e avaliando o contexto, vemos emergir a construção da contradição básica que caracteriza a adolescência. Aguiar et alii (2002) inferem:

> Os jovens apresentam todas as possibilidades de se inserir na sociedade adulta, em termos cognitivos, afetivos, de capacidade de trabalho e de reprodução. No entanto, a sociedade adulta pouco a pouco lhes tira a autorização para essa inserção. O jovem se distancia do mundo do trabalho, e com isso se distancia também das possibilidades de obter autonomia e condições de sustento. Aumenta o vínculo de dependência do adulto, apesar de já possuir todas as condições para estar na sociedade de outro modo. É dessa relação e de sua vivência enquanto contradição que se constituirá grande parte das características que compõem a Adolescência: a rebeldia, a moratória, a instabilidade, a busca da identidade e os conflitos. Alguém que está apto a fazer muitas coisas da vida adulta e que não tem autorização para isso é alguém que deixa de experimentar suas possibilidades

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> na realidade social, podendo mesmo se ver como onipotente, pois também não testa seus limites e impossibilidades. (Aguiar et alii, 2002, p.170)

Não testar seus limites e suas potencialidades é o que fomenta a idealização. Na prática, o nível desta é correspondente à medida em que o sujeito se recolhe a um mundo descontextualizado e onde ele opta por insistir em uma suposta onipotênca. Esta situação, ao mesmo tempo, projeta a responsabilidade pelo fenômeno social unicamente *no outro*. Isso tudo, em conjunto, acaba fazendo com que a participação em qualquer iniciativa de reversão do processo social seja desfavorecida. As expressões acerca da cidade e da violência urbana são somente duas, entre várias, referentes a um profundo sentimento de desconhecimento e de impotência em relação do espaço social: desconhecimento do funcionamento deste e da responsabilidade que todos os sujeitos têm sobre este.

Assim, a dinâmica entre público e privado em nossa cultura sinaliza um processo que conjuga valorização narcísica e desvalorização do espaço de convívio com o estranho. Esta conjugação mostra-se presente na construção do discurso de nossos sujeitos sobre seu futuro, estabelecendo uma relação de forças que distribuem a segurança e a disponibilidade para a integração social de forma a desejar. A compreensão de toda essa dinâmica, tal e qual ela se configura na contemporaneidade, mostra-se relevante porque, ao mesmo tempo em que denuncia dificuldades para as relações, proporciona também um caminho para a intervenção.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

3.2.
A tríade tempo-espaço-comunicação

Temos aqui como pressuposto uma indissociabilidade entre estes três conceitos para pensar qualquer tipo de concepção de realidade. A ligação feita aqui entre eles se funda na idéia de que a realidade só pode existir na medida em que duas ou mais pessoas fecham um acordo sobre em que acreditar **juntas**. Desta forma, considerando que a realidade é composta por um conjunto articulado de convenções, assume-se que é necessária uma estrutura de comunicação entre os sujeitos que sustente estas. Sendo o modo como se concebe e vivencia o tempo e o espaço extremamente variado ao largo de várias culturas, é importante

compreender de que forma estes estão articulados na cultura específica que serve de arena para os sujeitos em questão.

Os conceitos de tempo e espaço, além de consistirem nas categorias básicas de apropriação do mundo e de construção da realidade, também são comunicados e compartilhados pelos sujeitos de cada cultura. Na medida em que orientam os sujeitos sobre a realidade, estes conceitos dizem respeito a sistemas de organização de objetos naturais e fabricados, bem como de ações humanas. Assim, a organização espaço-temporal é base inclusive para a organização social, para o modo de vida de uma sociedade e para as relações que seus integrantes desenvolvem.

Compreender tempo e espaço como alicerces da noção de realidade envolve, portanto, considerar a própria linguagem como articulada em torno destes eixos. O uso dos verbos é a melhor expressão exemplo disso. O modo como, nas diferentes línguas, eles se orientam para significar a realidade confere já um sentido para esta. É através do uso deles e dos outros vocábulos que um indivíduo consegue provocar no outro a mesma representação mental (ou uma aproximação desta) que ele experiencia, e assim consolidar a comunicação.[5]

Particularmente no objeto deste estudo, as noções de tempo e espaço desempenham papel essencial, uma vez que a pergunta em torno do projeto de vida refere-se claramente ao conceito de tempo e de forma menos direta, mas igualmente presente, ao conceito de espaço. O adolescente ouve que está mudando de *lugar* na sociedade, e portanto, *precisa* pensar no seu *futuro*. Neste ínterim, pouco importa se o sujeito realmente vai realizar exatamente aquilo que ele projeta para seu futuro no momento em que é perguntado sobre isso. O que vale é a percepção que ele tem da realidade e o modo como a represente em seu discurso. A forma como ele se localiza espaço-temporalmente é um dos eixos em torno do qual gira a concepção da realidade de si mesmo e da sociedade, simultaneamente. Observar isso fornece elementos para se pensar que ferramentas cognitivas ele tem para lidar com as oportunidades que lhe surgem e para agir sobre a mesma realidade na qual foi inserido.

Conforme nos lembram Ramalho et alii (1998) da mesma forma que o passado se torna presente no instante em que é lembrado, o sujeito irá realizar seus

[5] A esse respeito, WHORF (1974) apresenta pesquisa comparativa sobre a lógica lingüística das línguas ocidentais mais difundidas e o idioma Hopi, nativo-americano.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

projetos de futuro de acordo com o modo como se movimenta na realidade em que está vivendo. Isso agrega valor à justificativa do presente estudo, uma vez que dentro desta lógica, indagar sobre o projeto de vida dos adolescentes significa não somente pensar estratégias para o trabalho junto a eles, mas necessariamente indagar também sobre a realidade que todos estamos experienciando.

Conforme apontam as discussões sobre a contemporaneidade aqui já mencionadas, nota-se algumas características específicas do modo como estas categorias de realidade vêm se articulando na sustentação da sociedade. Falamos da experiência de uma nova estética, o que significa inclusive o repensar de questões como a ética, a moral e o Direito. Encontrar um ponto de partida para a construção desta condição, na esfera econômica ou no contexto cultural, é uma tarefa até certo ponto inviável. No entanto, é certo que as formas que os meios de comunicação assumiram no último século relaciona-se intimamente com o percurso destas categorias.

Usualmente atribui-se à comunicação digital e em rede o grande ponto representativo desta nova era da informação, e pensa-se esta modalidade de interação como um dos alicerces de emergência e sustentação do que se chama de *globalização* ou *mundialização*. No entanto, pode-se retornar mais atrás na história das tecnologias de comunicação para identificar um processo longo – que nas últimas décadas tem de fato se acelerado, mas que possui um espectro de desenvolvimento muito mais amplo do que os computadores caseiros conectados à Internet. Pode-se voltar bem atrás no tempo e pensar na própria invenção da tipografia como fato histórico que viabilizou uma maior popularização da informação, impulsionou os sujeitos a aderirem a códigos mais convencionais e difundidos de comunicação (a leitura, a escrita, a própria língua nacional) e naturalmente conduziu à necessidade de aperfeiçoamento cada vez maior dos mecanismos que colocariam a informação a circular via estes códigos. Posteriormente participou desse processo a própria invenção da fotografia, realizando a antiga ambição do homem de aprisionar imagens daquilo que se viveu e poder assim repassá-las aos que não estavam presentes. O surgimento do telégrafo, do rádio, do cinema, da televisão foram desdobramentos destes acontecimentos.

É curioso observar que todo esse movimento, ao mesmo tempo em que era impulsionado por uma espécie de necessidade humana de comunicação para além

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

dos sentidos, tenha desembocado em uma cultura onde, como se viu, resgata-se a valorização do espaço de compartilhamento destes mesmos sentidos. Isso pode ser compreendido quando se observa que o que ocorre é uma reorganização simbólica destes sentidos. Há para eles um novo papel, um novo espaço na cultura. Pode-se dizer que houve uma espécie de trajetória do significado dos sentidos. Partiu-se destes como instrumentos ou vias de apreensão do mundo, e de desenvolvimento da realidade e chegou-se a uma função mais ampliada, um momento em que eles se tornam um **valor** de agregação humana.

Maffesoli (2002), em entrevista ao Estado de São Paulo, compreende esse movimento como uma espécie de sede do infinito, de busca da aventura, da própria emoção que se vive diante do imprevisível.[6] De acordo com este autor, a questão diz respeito à tentativa do homem de se livrar dos enquadramentos identitários estabelecidos na Modernidade (família, profissão, gênero etc) e de buscar um resgate do arcaico. O ponto aí é que este resgate é procurado fazendo-se uso dos recursos tecnológicos dos quais se dispõe hoje, que vão desde o vídeo-fone às cirurgias plásticas.

O percurso da história ocidental passou evidentemente pela construção da experiência subjetiva de um estreitamento de distâncias e um encurtamento ou aceleração do tempo. A informação hoje circula com uma velocidade inédita na história. A geografia cognitiva foi toda reorganizada em função da capacidade de extensão da ação humana em sua expressão mais visível: hoje é possível levar a cabo uma reunião de negócios com cada um de seus três integrantes em um canto diferente do globo. Os cientistas desenvolvem máquinas que permitem que um cirurgião opere um paciente via Internet e um robô especial para esta atividade. O significado de *presença* do outro sofreu uma reviravolta.

Os exemplos são infindáveis, e não cabe aqui entabular uma lista de ilustrações sobre isso. O que interessa nesse momento é apontar que as relações entre publicidade e privacidade contemporâneas têm fundamentos também nesta condição. Da mesma forma, esta experiência subjetiva de que falamos traz um significado particular para a adolescência, ou seja, um particular *modo-de-estar* na adolescência.

[6] http://www.estadao.com.br/ext/frances/maffesoli.htm. Acesso em 20/07/2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Em estudo realizado junto aos adolescentes que freqüentam a noite carioca, Almeida e Tracy (2003) lembram o conceito de Foucault de *espaço heterotópico*. Este seria o lugar que teria a propriedade de estar referido a outros, mas em uma tal relação que permite que as funções originais de sua construção objetiva terminem por ser subvertidas e receber valores agregados e imprevistos. As autoras apontam os postos de gasolina como exemplos típicos. Originalmente concebidos para o abastecimento do combustível dos automóveis, ele se tornam, segundo pesquisa realizada, os mais populares pontos de encontro – e de *aquecimento* – dos adolescentes, antes destes iniciarem suas noites de sábado. Ou seja, não é a materialidade do espaço que define sua função, mas sim o tipo de relação ou o modo como as pessoas interagem nele que o faz. Esta realidade coloca em outra perspectiva a idéia de um espaço programado, previsível, clássico, newtoniano, objetivamente funcional. O que define o valor do espaço nesta configuração de realidade é o tipo de comunicação que nele se estabelece.

Almeida e Tracy apontam assim uma espécie de desestabilização das identidades clássicas e estáveis. Isso porque, uma vez transformando-se a comunicação naquele espaço, este muda de função. O fato de a comunicação ser mais maleável que a materialidade espacial denuncia, em meio a isso, uma lógica onde há a possibilidade de uma constante fragmentação e recombinação. Ocorre que esta lógica representa também a acepção de identidades plurais e móveis, o que remete à diferenciação entre *identidade* e *identificação*. A primeira é estanque, pretensamente definitiva ou ao menos estável. A segunda é permanente processo, movimento, imprevisibilidade. A decisão se torna sempre transitória, pois não há comprometimento entre o que é dito hoje e o que será decidido amanhã. Sendo assim, é a estas características que a identidade, bem como a codificação da subjetividade, fica sujeita. O deslocamento torna-se a palavra de ordem e a experiência social e subjetiva admite uma aceleração cotidiana, da mesma forma que um e-mail cruza o planeta.

É uma lógica como esta que permite a Sennet (1998), inclusive, identificar aquilo que ele chama de espaço público morto: um espaço limpo, muito bem calçado e decorado, mas que oferece pouca atratividade e nenhuma estrutura objetiva para que as pessoas possam ali permanecer por algum tempo. É o espaço de mera passagem, objetivamente público, mas com uma única função instrumental, dificultando a emergência no sujeito da vontade de desfrutá-lo em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

companhia dos outros. Ou seja, dentro de uma lógica de permanente identificação, as possibilidades de laços com o espaço público sofreriam uma transformação. Ele se torna literalmente passageiro. Se não há ali relação de identificação naquele momento, torna-se mesmo invisível, sem importância que o faça merecedor de reflexão. O espaço público então passa a ser menos atrativo, porque de fato ele deixa de ser atração.

A organização da vida neste sentido faz pensar no impacto que isso exerce sobre as relações inter-subjetivas e sobre as relações sociais mais amplas. Como mencionado acima, é a comunicação que estabelece a essência das relações entre os seres humanos. Uma vez que é o movimento a palavra de ordem, as relações tenderiam a se tornar mais emocionais e a assumir modos específicos de vinculação. Isso porque a velocidade e o deslocamento levam necessariamente a uma re-arrumação entre o sensível e o inteligível. A relação que se estabelece entre a televisão – tecnologia mais popular de comunicação, uma vez que atinge atualmente muito mais pessoas que a comunicação digital – é ilustração disso.

É infrutífera uma discussão em favor da execração da televisão. Ela é já parte intrincada do cotidiano na cultura ocidental. No entanto, devem-se observar certas condições de realidade que ela ajuda a construir. Munida de dados estatísticos sem dúvida impactantes, como o de que a criança brasileira assiste TV em média 40 horas por semana, Colonesse (1998) lembra que a maior parte delas tem a TV como o modo mais acessível para passar as horas de lazer. Com a TV elas são mantidas fora do caminho da dona-de-casa e evitam ir à rua, espaço considerado perigoso particularmente nas grandes cidades brasileiras. Levisky (1998) critica o desenvolvimento nestes sujeitos de um estado de passividade que é estendido à subjetividade: a TV emite uma enorme quantidade de informação em cada instante, dando pouco tempo para o sujeito elaborar ou atribuir sentido ao que está vendo. Em outras palavras, a comunicação é unidirecional, além de ser extremamente veloz. A velocidade é tão grande que, segundo o autor, geraria uma espécie de estado hipnótico, bem como uma condição de passividade crônica e dependência.[7] Esta idéia é corroborada pelo trabalho de Campos (2000), que em

[7] A questão da passividade é expressa também, como sinaliza de Belli (1998), nos brinquedos que brincam pela criança, tendo esta que somente apertar um botão para que aquele funcione. A autora também aponta as mega-festas de aniversário como representantes desta cultura. Nelas, a criança mal compreende o que se passa ao redor, ao mesmo tempo que já é habituada, muito antes do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

entrevistas com adolescentes observa no relato destes a confissão de serem viciados na TV a ponto de precisarem de seu barulho para dormir. Paradoxalmente, a velocidade se mostra, assim, uma *necessidade* inclusive para o relaxamento.

A velocidade não está restrita, entretanto, somente à TV. Há um conjunto de recursos tecnológicos que lhe dão suporte: a transmissão de satélite, os aparelhos de celular que enviam fotos e filmes instantaneamente, o fax, os telefones e videofones, a comunicação digital, a Internet. Levy (citado em Freitas, 2000) descreve da seguinte forma o suporte do texto digital – uma descrição bastante representativa da concepção de espaço na contemporaneidade:

> Não é mais o leitor que se desloca fisicamente nas operações de leitura de um texto, virando páginas, procurando volumes entre estantes de livrarias ou bibliotecas, mas é um texto móvel e caleidoscópio, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade diante do leitor, misturando as funções de leitura e escrita, elevando à potência do coletivo a identificação cruzada do leitor e do autor. (...) O navegador pode-se fazer autor de maneira mais profunda, participando da estruturação do hipertexto. (Freitas, op.cit., p. 178)

A autora sinaliza a desterritorialização que a comunicação digital formalizou. A Internet, em muitos sentidos, é 'terra de ninguém', pois pode pertencer a cada um ou a todos, concomitantemente, bastando para isso a mera digitação de um código na barra de endereços. Basta esse movimento, e um universo de informação se torna simultaneamente acessível e perdido.

Almeida e Tracy (op.cit.), citando Virilio, lembram que os meios de comunicação em massa, ao fazerem circular muita informação superficial e fragmentada, de forma extremamente rápida para os moldes anteriores, fazem mais do que dissolver as distâncias. A conseqüência de sua generalização indica também uma dissolução das superfícies que outrora foram chamadas regradas e a dispensa da imperiosidade da presença física para a apreensão a realidade. As autoras lembram que o indivíduo da contemporaneidade – e o adolescente embutido nesta categoria – tem a tarefa de assimilar tudo ao mesmo tempo. Elas observam uma aceleração, de fato, nos modos de agir cotidianos, mesmo que objetivamente a tarefa demandada não o peça.

---

pensamento se complexificar, à quantidade excessiva de estímulos, cores, barulho, pessoas, excitação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Almeida e Tracy (2003) fazem uma conexão entre esta condição e o que observaram em sua pesquisa, ao ouvirem de seus entrevistados que eles normalmente desempenham várias atividades ao mesmo tempo. Ficar parado ou fazer uma coisa só de cada vez é, para estes sujeitos, sinônimo de tédio, de perda de tempo, mais abrangentemente de perda de *alguma coisa importante*[8] – ou que pode se revelar, em **algum** momento, como tal. Nesse ínterim, tudo se torna importante, pois a perda em si se mostra no discurso destes sujeitos, como intolerável. Freitas (2000) aponta a própria linguagem comumente utilizada na Internet, nos chats de encontros virtuais, como representativa dessa necessidade de apropriação do espaço e do tempo, quando se busca ultrapassar as tradicionais fronteiras destes.

> Os enunciados escritos são bem coloquiais, tanto pela escolha lexical, pelas construções sintáticas, quanto pelo próprio código, repleto de abreviações e novos símbolos discursivos. *O essencial é teclar pouco e dizer muito para economizar tempo e comunicar-se rapidamente.* A escrita apresenta-se abreviada, telegráfica, econômica. As frases são diretas, objetivas, curtas. (...) Há palavras cuja grafia é alterada, outras aparecem abreviadas, enquanto surgem novas, inventadas, palavras inglesas que são abrasileiradas. (Freitas, 2000, p.181, grifo nosso)

Pode-se inferir que isso traz conseqüências para a construção ou sustentação da subjetividade em termos propriamente cognitivos. Transformando os modos de comunicação, transformam-se os processos de linguagem, pensamento, memória, atenção. O modo de organizar a informação mental implica no modo como se valoriza a informação a ser guardada. A atenção precisa se desenvolver de forma que se estruture de curta duração e sobre focos episódicos. A velocidade de comunicação mal permite que o sujeito tome consciência da própria emotividade envolvida. O modo como percebe a si mesmo – e decorrente disso, como percebe o outro – se estrutura de forma particular em relação a modelos anteriores.

A situação, de certa forma, é um jogo de gato e rato. Ao mesmo tempo que o sujeito foge desesperadamente do tédio, a estimulação em excesso acaba por se banalizar, assim como faz com todo o conteúdo nela suposto. Paradoxalmente, como uma espécie de mecanismo de defesa, o sujeito se desestimula pelo próprio excesso de informação, e cai inevitavelmente no tédio. Inicia-se em seguida nova

[8] Estar dentro da própria casa onde se mora assume, nesta reconfiguração dos espaços privado e público, a posição de sinônimo de "deixar de viver", como sinaliza Cruz (1998).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

corrida pela superação desse tédio, e mais informação é buscada. E retomando a menção feita anteriormente, quando se concebe o tédio como fonte estimuladora de atos extremos, como a violência e o uso de drogas, temos aí algo sobre o que refletir.

Almeida e Tracy sinalizam que, na medida em que a velocidade de estimulação se torna o mote do estar-no-mundo, pode-se falar na quebra da conexão entre significante e significado. Desta forma, há a possibilidade de tematizar o significante sem necessariamente associá-lo ao significado – isso demandaria atenção concentrada nos mesmos elementos por um bom tempo. Daí a descontextualização a que se fez menção acima. A experiência *per se* é investida de inteligibilidade e apreciação, o que implica em uma valorização da experiência dos sentidos, do próprio corpo e de tudo com o que ele se relaciona diretamente, como as emoções.[9] As autoras sinalizam que na contemporaneidade o corpo não é mais instrumento, como o era na Modernidade. Enquanto via legítima dos sentidos e dos afetos ele se torna mais do que aparência. A identidade moderna supunha uma diferença marcada entre aparência e profundidade, e era nesta segunda que estaria o sujeito *essencial*. Na contemporaneidade, a aparência – o corpo, com toda a excitação de que ele pode imediatamente desfrutar e com todo o seu aparato para a descarga desta – **é** o sujeito.[10]

Isso faz pensar que se há uma subjetividade prioritariamente comprometida com a experiência imediata e sua descarga, há uma carência de desenvolvimento de estruturas psicológicas que possam usar algum tempo para elaborar a existência do Outro, bem como uma ética de convivência minimamente satisfatória com ele – tarefa que é especificamente política e característica da experiência e dos espaços públicos. O que não é exercitado tende a recrudescer. Nesse contexto, a violência, pode ser compreendida concomitantemente como uma falha na internalização dos códigos de convivência com o Outro e como uma forma de mecanismo de descarga. Na mesma direção, os efeitos das substâncias

[9]Em seu trabalho de pesquisa, Freitas (op.cit.) observa que mesmo na conversa no *cyber* espaço as emoções adquirem um vulto de importância inesperada. A despeito da crença generalizada de frieza dos chats, a pesquisa desta autora identifica um envolvimento real dos pesquisadores, em sua prática neles. Ali os sujeitos fazem confissões e se enfurecem genuinamente, diante de estímulos objetivamente digitais, o que aponta para uma vivência intrasubjetiva de fato mais treinada e valorizada do que a consciência muitas vezes permite reconhecer.

[10] É oportuno pensar que desde o final do século XX a própria evolução da biologia, coincidentemente ou não, trouxe gradativamente à discussão elementos de pluralização do corpo, em si mesmos, como a concepção *in vitro*, os transplantes, a clonagem, as células tronco.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

alucinatórias ou relaxantes se revelam mais uma solução para a experienciação mais aguçada dos sentidos.

Ambas as soluções estão relacionadas com o esvaziamento de sentido do espaço público. Rolnik (1997) se refere a isso quando, em uma posição marcadamente crítica quanto à contemporaneidade, afirma que a combinação entre a desestabilização exacerbada provocada pela pulverização das identidades e o perigo de se viver no nada identitário provoca grandes sentimentos de vazio de sentido para a própria subjetividade. É este vazio que, para esta autora, provoca a corrida a drogas de todos os tipos: os fármacos propriamente ditos, mas também as vitaminas que prometem saúde incontestável, os produtos oferecidos pela publicidade de massa, a literatura de auto-ajuda etc.

A partir deste raciocínio, dificilmente se pode dizer que os adolescentes são os únicos representantes desta cultura, como sugerem alguns autores. Outeiral (2001) é um exemplo, quando afirma que a utilização do tempo dentro de critérios impulsivos e predominantemente em função das demandas internas e inconscientes é própria dos adolescentes. Ao contrário deste autor, pensamos estes elementos aqui como parte do contexto que se pede aos sujeitos – adolescentes e adultos – que absorvam e aceitem como natural.

Almeida e Tracy apontam duas direções de concepção sobre o espaço: de um lado há a idéia de um espaço *sedentário*, definido, delineado, regulamentado. Do outro lado há o espaço *nômade*, que é relacional, aberto ao imprevisível, fluido, em mosaico, e onde todas as trajetórias emocionais são possíveis. Logo, a discussão sobre a idéia de transição da juventude para a maturidade deve sempre considerar esta dualidade. Assim, Costa (1999) afirma que o que circunscreve a temporalidade é a demanda das ações dentro de um determinado tempo. Podemos ir mais além e dizer que essa asserção se aplica a toda identidade ou identificação com a qual esbarramos em nossa vivência pessoal e nossa prática profissional.

Enquanto uma concepção que envolve a transição de um papel social para outro, o conceito de adolescência implica em uma articulação espaço-temporal específica. Lidar com seu significado no sentido de promover um incremento para a qualidade de vida tanto individual quanto coletiva é um investimento que pede que estas próprias concepções sejam revistas. Ao tomar a mídia como elemento hoje consideravelmente presente no estabelecimento de uma lógica de realidade, há que se preocupar com as imagens que são ali reproduzidas, e a medida em que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

elas camuflam ou não os problemas. Assim, ela é formadora de opinião, e detentora de peso fundamental na criação de necessidades, desejos, subjetividades, ao mesmo tempo em que é um dos agentes comunicadores daquilo que se espera do adolescente. Sendo assim, vale indagar **qual adolescente** é o que se termina ali por reproduzir.

Gonçalves (2003a), em estudo sobre a representação do adolescente que a mídia televisiva transmite em produções voltadas para este público, aponta que na relação de temas abordados e considerados clássicos para a faixa-etária, há as discussões sobre drogas, gravidez na adolescência, a postura politicamente correta, violência, lazer, shopping-centers, pessoas famosas, sexualidade, doenças venéreas, relação com autoridade. O formato envolve em geral algum humor ou ludicidade; além de ser freqüente a condição de auditório, onde os jovens são convidados a fazer perguntas e debater. Envolve também a apresentação de clipes musicais, entre outras fórmulas. Vale destacar a concepção observada pela autora e por seus colaboradores sobre a imagem veiculada por uma das mais importantes emissoras direcionadas ao público jovem e que tem a música como mote.

> Para os profissionais responsáveis pela programação da MTV a adolescência é uma fase da vida repleta de curiosidade, dúvidas, angústias e muita criatividade; os adolescentes têm loucura por se informar, por participar, por se divertir e por crescer logo; ser adolescente é ser jovem como ele é, sem estereótipos. (Gonçalves, op.cit., p.49)

A autora discute, em seguida, a dimensão em que os programas da emissora são de fato informativos, e em que medida eles apenas parecem o ser. Ela aponta que a visão de adolescente veiculada destaca a individualidade e a diversidade, ao mesmo tempo que seus programas de debates eventualmente trazem informação de fato, mas sempre fragmentada, descontextualizada, e apresentada de modo rápido e em permanente mudança.[11] Esta forma, para a autora, configura uma fragmentação e uma superficialidade, o que termina por concordar com a idéia de velocidade e impressionismo característicos das relações contemporâneas. Identificando que esta é a lógica do formato dos programas para adolescentes, em geral (no artigo, Gonçalves expõe as observações referentes a

[11] Levisky (op.cit.) denuncia a ironia de que ao mesmo tempo em que nesta emissora se monta debates sobre a ética e a necessidade de ponderação nas relações sociais, há a emissão de videoclipes com conteúdo violento e comerciais feitos pela própria emissora de cunho fortemente sexista.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

oito programas específicos, de diferentes emissoras) a autora argumenta que há uma uniformização da imagem do adolescente. Ela lembra que esta uniformização sobre o que é ser adolescente é difundida em todo o território nacional, o que concorda com a idéia muito maior de uma *prescrição* da adolescência do que exatamente de um trabalho efetivo para a promoção da qualidade de vida destes sujeitos.

Vale apontar, em meio a isso, que os próprios adolescentes mostram-se críticos à emissora que, segundo Gonçalves, se auto-intitula uma espécie de tutora do jovem e fornecedora de modelos a ser seguidos. Também na pesquisa de Minayo et alii (2002) criticam a uniformidade das imagens transmitidas pela TV. Embora eles mesmos tragam em seu discurso e em seu comportamento a incorporação de hábitos e de imagens veiculados pela TV, os adolescentes têm alguma consciência sobre o fato de que os conceitos expostos ali freqüentemente se encontram 'fora da realidade'.

Também em pesquisa com jovens na cidade de Fortaleza, Castro (2000) identifica em sujeitos compreendidos como marginais à sociedade, uma lucidez considerável sobre a geração de confusões entre realidade e ilusão como obstáculo para o desenvolvimento da qualidade de vida. Estes jovens fazem uma diferenciação entre a cidade vivida (*cidade-mundo*) e a cidade da televisão (*cidade-tela*). A autora sinaliza que os sujeitos que circulam na cidade, e têm a experiência de convívio com as desigualdades sociais apresentam maior receptividade às diferenças, bem como uma maior consciência sobre os mecanismos geradores tanto da violência quanto da possibilidade de solução dos problemas sociais.

Procurando resgatar o sentido do valor do espaço público, Castro (2000) sinaliza que se aprende a ser cidadão na medida em que se ocupa a cidade e se toma a vivência nesta como uma fonte de reflexão política. Estes jovens, talvez por serem privados do acesso aos bens de consumo que a vida privada festejada pelas novelas e pelos comerciais televisivos, parecem fundamentar sua subjetividade de modo que vários de seus aspectos se encontram consideravelmente mais integrados à vida pública, ao encontro com o estranho. Desta forma eles possuem consciência do próprio papel social, mesmo que este seja convencionalmente depreciado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

No entanto, é importante sinalizar que o simples fato de estes jovens confrontarem os desafios que a rua e a cidade apresentam não é sozinho sinônimo de uma vantagem social, propriamente dita. Vogel e Melo (citado em Castro, 2001) apontam a importância da mediação por mecanismos de confiança e segurança que em nossa sociedade são fundamentalmente desenvolvidos no espaço privado.[12] O ponto-chave seria então a conexão e o equilíbrio da vivência nos espaços privado e público.

Em outra ocasião, a mesma autora lembra que a desconexão entre interno e externo – entre público e privado – é um dos fatores que substancialmente leva ao tão proclamado individualismo e à construção de relações instrumentais entre os sujeitos (Castro, 1998b), onde um vê o outro como mais um objeto a consumir. Subjetividade e objetividade não são condições estanques e independentes de vida. Uma se constrói e se sustenta em relação à outra, e vice-versa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

3.3.
A Autoridade na Cena Contemporânea

Castro (2001) aponta que o individualismo moderno quebrou laços com o público, construindo obstáculos para a presença do jovem na vida social e para o que seria o subseqüente desenvolvimento das habilidades necessárias para se movimentar neste espaço.[13] Tais habilidades incluem o relacionamento com os estranhos e com os lugares de convívio mais amplo. A distância funcionaria como um elemento de incremento da estranheza em relação ao diferente. As relações – especialmente as relações entre estranhos, mas não somente entre eles, uma vez que mesmo na intimidade as pessoas são diferentes – assumiriam, portanto, um caráter mais instrumental do que propriamente cooperativo.

É neste contexto, a propósito, que a questão do consumismo toma vulto. Refere-se ao consumismo de objetos, mas também a uma espécie de mecanismo social que torna as próprias pessoas objetos consumíveis. Conte (1999) aponta que é aí que a satisfação do sujeito opera um deslocamento em relação a seu objeto almejado. O distanciamento entre eu e o outro faz a atenção ser focalizada nos

[12] Esta percepção está em total concordância com a teoria de Vigotski (1998), segundo a qual é a relação de triangulação sujeito-objeto-outro que fundamenta a adaptação na sociedade.
[13] A espacialização e o controle do lazer seriam elementos constituintes destes obstáculos.

objetos como fontes de reconhecimento. Isso pode dizer respeito a algo comprado em uma loja, mas também à pessoa que desfruta de um *status* social, e que confere *status* também às pessoas que figuram ao seu lado.

O consumo do objeto idealizado como aquilo que irá satisfazer as necessidades e os desejos mais urgentes torna-se o motor das ações ou inações dos sujeitos. O sucesso de uma pessoa, como aponta Jurandir Freire (citado em Conte, 1999), é definido assim pelo modo como o indivíduo lida com os objetos – materiais e humanos. Ela encontra significação para o que ela própria é – ou **está** naquele momento – através dos objetos que consome, que possui, que mostra, que faz os outros usarem. Assim, o objeto consumido diz o que a pessoa é, confere uma identidade, mesmo que provisória, descartável ou apenas ilusória. Mesmo nessas circunstâncias, a identidade – ou identificação – se mostra importante, uma vez que traz, por alguns momentos, um sentimento de pertença, ou de segurança.

É curioso discutir o sentimento de pertença neste contexto. Há um paradoxo entre a necessidade de identificação e a busca pelo lugar de exceção e de diferenciação. O adolescente vive esse paradoxo a cada instante, na medida em que, ao mesmo tempo em que se agrega a grupos ou *tribos*, também busca uma diferenciação pessoal, alguma coisa que denote que ele é uma exceção. O movimento é certamente conflituoso, e fica ilustrado, como veremos na segunda parte desta tese, em discursos como uma auto-proclamada maturidade a mais do que a média, ou uma disposição temperamental, ou ainda um tipo de comportamento anormal em relação aos outros que o caracterize como "louco", "irado". Todas estas construções funcionam como tentativas de conseguir reconhecimento e respeito através da lógica da exceção. Trata-se de uma tentativa de encontrar uma solução para o conflito singularidade X coletividade.

O consumo assume o papel, neste contexto, de regra de existência, de convívio, de agregação e de reconhecimento. Isso faz pensar, além de tudo, sobre a ênfase na vontade individual e na dificuldade que as pessoas se percebem enfrentando, no que diz respeito à abdicação desta vontade em prol da convivência entre as pessoas. No entanto, no que diz respeito a esta, é importante mencionar um outro problema que se faz presente em cada pequeno encontro social. Este é o problema da autoridade.

O conflito singularidade X coletividade pode ser observado aqui como uma espécie de desdobramento a partir da contraposição individualidade X

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

coletividade. Esta última é reconhecidamente um resultado da Modernidade, na medida em que este sistema de pensamento criou e consolidou a noção de indivíduo como unidade coerente e indivisível. Para compreender as transformações no que diz respeito ao papel social da autoridade, vale lembrar o que estava em jogo quando a citada contraposição emergiu.

Gentil (1996) utiliza-se do enredo de um romance clássico (Os *Buddenbrook*, de Thomas Mann, original de 1922) como ilustração deste conflito. O romance narra a história de três gerações de uma família burguesa no século XIX, e Gentil chama a atenção especificamente para a passagem do livro onde a filha do casal passa pelo processo de decidir sobre seu casamento. Um dia a personagem é informada pelos pais que deverá se casar com um senhor, alguns anos mais velho, amigo da família, e que sempre provocara uma espécie de repugnância na menina. A adolescente protesta fortemente, e seus pais afirmam que ela é muito nova, e que não sabe ainda o que é melhor para sua vida. Em seguida, lhe enviam para a casa de veraneio da família, na praia, para que ela tenha tempo e calmaria para aprender a pensar *corretamente* – ou seja, existe ali um modo *correto* de pensar. Lá, ela conhece um rapaz de sua idade, por quem se apaixona. Os pais, ao saberem da situação, escrevem-lhe cartas repreendedoras, lembrando-a de seu compromisso *com sua família*. Em segredo, e juntamente com o noivo da menina, eles executam manobras que afastam o rapaz da cidade, sem que ele se comunique com a adolescente, deixando para ela a percepção de ter sido abandonada. Desiludida, ela retorna à casa. Poucos dias depois, encontra o livro que conserva toda a história da família, incluindo recortes dos jornais da cidade sobre seus membros, o reconhecimento social da conquista de honrada reputação pela família, e a genealogia de todos eles. De súbito, a adolescente escreve então uma carta a seu noivo, aceitando seu pedido, e posteriormente se casa de fato com ele.

Gentil sinaliza um trecho da carta de reprimenda enviada pelos pais à adolescente, como ilustração de um pensamento que priorizava essencialmente a coletividade.

> Nós, minha filha, não nascemos para aquilo que, com olhos imprevidentes, consideramos como a nossa pequena felicidade pessoal, pois não somos indivíduos livres nem independentes, que vivem por si sós, mas sim elos de uma corrente. Não se poderia imaginar a nossa existência, tal como ela é, sem a lição daqueles que nos precederam. Foram eles que nos indicaram o rumo a seguir, da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> mesma forma por que eles mesmos tiveram que obedecer por sua vez, rigorosamente, sem olhar à direita nem à esquerda, a uma tradição venerável e experimentada. (...) [Você] não poderia ser minha filha, nem a neta de seu saudoso avô, nem sequer um membro digno da nossa família, se, obcecada pela teimosia e pela leviandade, tencionasse realmente seguir o seu próprio rumo desregrado.
> (Mann, 2000, p.168)

Gentil aponta o conflito experimentado pela adolescente, que pareceria assustadoramente irreal aos sujeitos da mesma idade cronológica na atualidade. A idéia de não poder escolher o próprio parceiro, bem como o rumo da própria vida, fere gritantemente o ideal de liberdade individual e autonomia, bem como é incoerente com o conceito de *felicidade* vigente. Para a adolescente Buddenbrook, no entanto, o conflito era real, e marcava, segundo Gentil, uma forma de ruptura com a tradição. Este conflito se resumia na contraposição entre as obrigações familiares (coletivo) e as inclinações pessoais (individual), e sinalizava um contexto onde se encontrava o vértice de deslocamento do foco que orientava a ação dos sujeitos. O autor observa que ao passo que a adolescente encarava seu próprio desejo e seus próprios impulsos de realização, havia uma outra força, tão poderosa quanto a primeira, cuja metáfora era os elos da cadeia, e que lhe conferia prestígio, reconhecimento, reputação invejável, um lugar social, uma identidade, um conjunto de prescrições para suas ações. Esta força representava o teor e o modo como a autoridade se fazia vigente.

Gentil sinaliza que o momento em que a história se passa representa a emergência do valor da vontade individual, embora ali ela ainda estivesse sujeita ao sistema antigo. No enredo fica bastante clara a relação de autoridade específica que se configurava nas relações entre as gerações. Longe de elogiar o sistema antigo, a menção ao texto deste autor procura evidenciar a transformação que se opera de um momento histórico ao outro no que tange à experiência subjetiva da autoridade.

Ao desenvolver uma discussão sobre a situação da autoridade na contemporaneidade, Sennett (2001) critica inicialmente a mentalidade moderna em seu movimento de construção do mito da autonomia. Ele aponta que uma das heranças da Modernidade é a ilusão – construída na sombra dos ideais revolucionários do 18 Brumário – de que ser autônomo é sinônimo de ser livre. Ser livre – e autônomo – passa a ser então a condição tomada como ideal a ser

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

perseguido, como valor e como pilar de sustentação de uma identidade plenamente reconhecida e respeitada. Originalmente, como lembra Lipovetsky (op.cit.) esta idéia se referia ao campo econômico e político. Posteriormente, o critério se estendeu a outras searas da vida.

O contraste com o texto dos Buddenbrook é franco. Ali, havia uma reverência consideravelmente forte ao poder e à identidade familiar. Autonomia, tal e qual se aspira na contemporaneidade, era uma idéia inviável, mesmo inconcebível. No entanto, a crença de que é possível alguém ser inteiramente autônomo é também particularmente ilusória, e considerando toda a reflexão sobre a importância do cultivo das habilidades públicas, ela se torna além de tudo problemática para a administração tanto do espaço público quanto do espaço privado.

Crer na autonomia absoluta leva a um descuido do bem comum, mas concomitantemente, também a um defensivo isolamento em si mesmo, uma vez que qualquer sinal mais concreto de que a autonomia não existe, é considerado uma grande ameaça *pessoal*. Daí se pensar as próprias reações de rebeldia por parte de sujeitos que ouvem a todo momento que estão compulsoriamente no caminho de construção desta autonomia.

Nesse contexto, Sennett (2001) afirma que a noção de autoridade fica perigosamente comprometida, uma vez que sua concepção é construída necessariamente para a gestão das relações humanas. A autoridade política é um elemento necessário para a administração de toda coletividade. Ela significa distribuição de papéis e de atribuições. Aqueles a quem ela é atribuída são os que tomam as decisões que devem ser tomadas por um representante de todos, em momentos onde encontrar um consenso absoluto é impossível. O sujeito da autoridade é como o maestro de uma orquestra, que tem uma visão global da coletividade à sua frente, e que administra a entrada em cena de cada sujeito com vistas a produzir uma sinfonia o mais harmoniosa possível.

Considerando que a coletividade é feita de muitos e diferentes sujeitos, as concepções sobre os limites entre estes e sobre a identidade e função do grupo como uma unidade, sustentam a possibilidade de respeito a uma autoridade ou daquilo a que uma autoridade propõe ser feito. Talvez se possa afirmar que na virada da Modernidade construiu-se um modelo de sociedade com um determinado conjunto de delimitações como estas, e onde a coletividade

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

representava um papel específico. O romance comentado por Gentil é uma representação da emergência e da formatação deste sistema. O modo de exercer a autoridade foi por algum tempo pautado naquele modelo em específico. Mais do que isso, havia a possibilidade de se desempenhar de fato este papel, pois mesmo que houvesse a idéia de uma individualidade até certo ponto fechada, a acompanhava a noção de uma linearidade de tempo e espaço, onde a dependência entre os indivíduos estava clara e tinha um fim. Cada um era percebido como responsável por seus atos, mas estes atos tinham conseqüências claras, que se estendiam no tempo e no espaço, e que afetariam não somente os outros, mas o próprio indivíduo. Isso só era possível porque se concebia o indivíduo dentro dessa indivisibilidade: o sujeito de ontem era o mesmo de hoje e seria o mesmo de amanhã.

Na contemporaneidade, um novo modelo de concepções sobre a individualidade emerge, a saber, aquele em que o indivíduo pode ser vários ao mesmo tempo. É o que está expresso na discussão sobre os processos de constantes identificações, contrapostas à Identidade moderna, fechada, em boa parte definitiva e localizada em um eixo temporal e espacial linear. Diferente do sujeito descrito por Thomas Mann, o sujeito da contemporaneidade, como vimos, pode estar em vários lugares ao mesmo tempo, pode amanhã agir diferente do que age hoje, e não lhe é cobrada a mesma continuidade de antes.

O modo de fazer valer e de exercer a autoridade sofre então uma reviravolta, que segundo Sennett se mostra crítica. Essa condição necessariamente afeta as relações entre as gerações. A esse respeito, cumpre lembrar a citação de Campos (2000) de um depoimento de uma educadora levantado em sua pesquisa:

> (...) outro dia eu estava vendo uma cena assim meio patética: uma mãe entregando a criança na porta da escola e falando assim [para a professora da criança]: olha, você bota o tênis nele, porque comigo ele não quis botar de jeito nenhum. Tipo assim, é regra da escola, o menino estar na sala, tem que estar uniformizado, ou seja, de tênis. Aí a mãe passa aquilo pra professora porque ela não deu conta. Vai ver que pra ela aquilo não é uma regra e pra professora é. (...) Eu fiquei olhando pra aquela sensação de impotência da mãe diante de um garoto que devia ter uns quatro anos de idade. (citado em Campos, 2000, p.38)

A questão da autoridade fica claramente associada neste momento ao problema tão alarmado sobre adolescentes e crianças acerca do estabelecimento de limites. O problema é sinalizado em vários níveis de discussão, e merece

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

atenção inclusive dos meios de comunicação mais populares, como o artigo de deMari (2000), onde a autora afirma estarem os pais extremamente confusos sobre como se portar com os filhos, especialmente em questões como a permissividade em relação às relações sexuais em casa. De acordo com esta autora, os pais estão, tanto quanto os filhos, carentes de modelos de orientação para a conduta.

O exemplo citado acima sinaliza que o problema experimentado por muitos sobre como fazer as gerações mais novas adotarem determinados limites para sua ação e seu comportamento começa na verdade bem antes da chegada da puberdade. O aprendizado a que se refere diz respeito diretamente ao problema da autoridade, uma vez que somente as figuras com esta qualidade têm poder suficiente para legitimar estas regras de convivência. Porém, este poder de que se fala diz respeito, sobretudo à crença nele, ou à crença e segurança em relação à pessoa que pretende exercê-lo. A criança precisa da fé na autoridade dos pais pra crescer e lidar com a autoridade na sociedade – representada por um patrão, por um policial, pelas instituições, pelos governantes, pela lei. Mesmo que haja transformações nas maneiras de agir em cada um destes espaços, o respeito à colocação de limites acompanha todos eles. A criança precisa aprender em algum lugar que a autoridade é necessária e não representa uma ameaça de aniquilação. Para Sennett (2002) essa condição entra em choque com a concepção de autonomia máxima como valor, que inclui uma idéia pejorativa sobre a autoridade e a visão desta como algo que vai transformar os sujeitos em sujeitos dóceis, indefesos e medíocres.

O autor sinaliza que a autoridade é uma interpretação das condições de poder, o que significa que ela dá sentido às condições de influência e controle. No entanto, pra que este sistema funcione, o sujeito deve crer e confiar nele. Para Sennett a crise de autoridade pela qual passamos se deve ao fato de que não cremos nas figuras que supostamente nos "guiam", e o exemplo levantado acima reproduzido ilustra o quanto a fragilidade da possibilidade de confiança se expressa nos detalhes cotidianos. Uma criança de quatro anos detentora de tanto poder sobre a própria mãe fornece uma pista sobre o poder que este mesmo sujeito, quando adolescente, sentirá sobre ela.

Muitas das categorias de educadores – pessoas que foram formalmente designadas para tal, conjugam o sentimento de se estar 'perdido'. Em reflexão sobre sua prática em psicopedagogia na escola, Parolin (2001) expõe o comentário

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

de um pai ao ser indagado sobre o modo como não se pronunciava ao filho: "Pega mal... parece que estou querendo impor..." (p.122). A experiência do adulto e toda sua trajetória histórica perdem o valor em prol da necessidade de agradar o filho. A autora observa esse comportamento também quanto aos professores em sua relação com os alunos. Ela comenta:

> Não é raro vermos professores que, para conseguir fisgar seus "*teenagers*", passam a falar e a "rolar" papos ao estilo da "tribo". Ao mesmo tempo que os alunos "curtem" o coroa "boa pinta", começam a provocar o professor em busca do seu limite. Se o professor não for habilidoso e não tiver completa clareza de seu papel de professor, dificilmente conseguirá dar aula. (Parolin, 2001, p.121. Os grifos são originais)

Tampouco é eficaz o recurso à pressão aberta e ao autoritarismo. Sennett (op.cit.) comenta que a autoridade não se legitima através do despertar de sentimentos de dependência, medo e reverência quando estes são acompanhados de promessas de proteção que jamais são cumpridas. Esta situação funciona apenas para reforçar a impossibilidade de confiança. Um caminho mais promissor talvez fosse o reconhecimento dos limites a que estamos todos sujeitos na vida em sociedade. Este reconhecimento deve ser acompanhado de uma correspondente e coerente prática cotidiana – começando pelos próprios adultos.

Entretanto, a solução inicialmente imaginada, com freqüência é a suspensão da autoridade. A idéia dessa suspensão vem diante de um amplo desconhecimento dos papéis e das funções sociais que cada um de nós abraça no curso de sua vida. Ela se configura como uma defesa do enorme medo de aniquilação pela autoridade do outro, ou seja, no fundo, o Outro é visto como ameaça.[14] Concebe-se, de acordo com o autor, que deixar de fazer valer minha vontade é sinônimo de extinção, logo, procuro tornar minha vontade continuamente presente e negar a necessidade de distribuição de poderes dentro dos espaços de convivência. A rebeldia adolescente adquire uma outra conotação dentro desta lógica.

Tal seria a situação em que muitas instituições, e não somente a família, se encontram. A própria idéia de que a família é um lugar de aceitação plena, sem limitações, provoca complicações para o desempenho das funções de educação básica que lhe foram atribuídas por ocasião da Modernidade, mas que ainda

[14] A própria reação de rebeldia está associada a este medo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

permanecem no imaginário das pessoas. Da mesma forma que na sociedade mais ampla, há regras e limites para a convivência que devem estar em alguma medida claras e que assim devem ser aprendidas, ali há também papéis específicos, ou seja, uma distribuição de poder, que configura um *sistema de autoridade*.

A idéia de Autoridade é freqüentemente associada à servidão, dependência e submissão, sendo estas duas condições na contemporaneidade sempre negativamente avaliadas. Estar abaixo de alguém em uma determinada hierarquia, observa Sennett, é considerado sinal de fraqueza, motivo de vergonha, o que termina por provocar o medo de rejeição. O conflito anteriormente mencionado entre pertencimento a um grupo e necessidade de ser uma exceção está inserido nesse quadro. O grupo traz força e confere a experiência de algum nível de aceitação para o indivíduo. No entanto, é importante neste esquema que, dentro da perseguição à condição de autonomia e dentro da compreensão não necessariamente consciente de que este tipo de sucesso é algo a ser conquistado individualmente, o sujeito se mostre também indubitavelmente forte.

A autoridade e a hierarquia são compreendidas neste contexto como coisas ruins, quando na verdade são condições básicas para a sobrevivência de qualquer sociedade. Daí a dificuldade que enfrentam muitas figuras de pretensa autoridade em exercer tal função, e seu recurso desesperado em manter uma imagem de "bonzinhos". Esta metodologia de socialização, segundo Sennett (2001), se revela como um recurso que leva somente à ***ilusão*** de ser aceito. Na necessidade que estas figuras freqüentemente vivem de serem elas próprias aceitas e amadas, e no movimento de ceder a tudo sem contrariar aqueles que estão sob sua tutela ou orientação, o que se obtém é ironicamente o oposto: uma condição de desconfiança. Impor limites traz consigo uma significação tênue porém de suma importância. Faz crer que a ação do filho, ou educando ou funcionário é importante para o grupo, e que a autoridade vai ter força suficiente para defendê-lo caso outros não respeitem as regras de convivência. Há uma orientação aí, forjada em um código *com o qual se pode contar*. É esse sentimento que fundamenta a confiança na autoridade – e a possibilidade de sustentação de uma sociedade.

As relações de autoridade não deveriam ser vistas como motivo de vergonha ou de humilhação. Para maior proveito da gestão social elas deveriam ser percebidas como uma troca de favores. Esta visão só pode ser frutífera na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

medida em que a adotam tanto as posições hierarquicamente superiores quanto as inferiores. Assim, é importante rever as concepções de que o funcionamento e a gestão do Estado ou de uma empresa se assemelha àquela idéia romantizada de família – um sistema **intimista**, que a tudo aceita e que a tudo acolhe. A sociedade não se sustenta dessa forma. Cada um destes espaços tem seus papéis sociais específicos, e deve funcionar de formas diferenciadas. O que une estes espaços, na verdade, é a idéia de que eles existem para que a vida em sociedade possa se sustentar em suas várias manifestações, e que estas precisam se basear no encontro e no respeito mútuo. Desta forma, é importante trabalhar pela concepção de que os diretores de uma empresa trabalham para seus empregados tanto quanto estes trabalham para aqueles. Por definição objetiva, a função de cada um destes estratos é tornar facilitado o serviço dos outro, e assim manter a sociedade em funcionamento. Da mesma forma, é importante trabalhar na concepção de que uma escola não é sinônimo de casa e não tem sozinha a responsabilidade por definir educar as crianças sobre o modo como devem se vestir.

O pensamento se aplica *ipsis literis* nas relações entre as gerações. A educação dos adolescentes, que inclui por definição a imposição de limites, é serviço para os próprios adultos, uma vez que se dirige à manutenção de uma liga para a sociedade na qual eles mesmos vivem. Logo, a insistência dos adolescentes entrevistados, como se verá na parte II, em manter relações de igualdade com seus pais, revela-se no mínimo questionável. A sociedade inegavelmente se sustenta pelo entrelaçamento dos papéis de jovens e velhos. Os primeiros sucedem os segundos e se espelham nestes. A carência de modelos de autoridade confiáveis, para usar os termos de Sennett, talvez seja um indicador do próprio recurso do jovem ao consumo dos objetos, mencionado acima. Estes possuem uma materialidade e uma condição concreta inegável, e na falta de um referencial substancialmente humano, são eles que modelam e indicam o caminho para o sujeito.

A História é testemunha, portanto, de uma sucessão de modelos e de diferentes configurações para o exercício da autoridade, e estes modelos estão intimamente ligados às concepções dos papéis que cada grupo social deve representar. A adolescente Buddenbrook procurava responder a seu papel, tal e qual lhe foi ensinado que deveria fazê-lo. A conclusão a que se pode chegar, momentaneamente, é que uma vez que lidamos com um grupo da população que é

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

compreendido como em pleno processo de inserção em áreas específicas da sociedade, há que se pensar nos recursos que vêm sendo utilizados para esta preparação. O modo pelo qual ela é levada a cabo está associado diretamente às relações de poder e de autoridade. O discurso do adolescente, como veremos, longe de estar alheio a isso, mostra uma necessidade de compreensão desse processo, e mais ainda, de superação dos conflitos aqui indicados.

3.4.
Mecanismos de Controle Social

Há que se chamar a atenção para que toda a exposição acima aponta o quanto a renúncia à limitação, ou seja, à censura, se encontra presente. A intolerância à limitação se mostra tanto nos processos de auto-punição quanto na busca de manter relações igualitárias com pessoas que supostamente deveriam exercer autoridade sobre outras. No entanto, é necessário pensar se é realmente possível um aglomerado de seres humanos se manter sem qualquer forma de autoridade. A autoridade é uma forma de gestão das relações e da produção sociais, o que significa dizer que é um modo de as pessoas exercerem algum controle umas sobre as outras. Quando a autoridade de que falamos aqui entra em crise, isso levaria à conclusão de que vivemos em um mundo onde simplesmente não existem mecanismos de controle social?

Como dito acima, não há a viabilidade de uma sociedade onde não se exerça forma alguma de controle. O que acontece é simplesmente uma transformação nos mecanismos que o exercem. A questão central não é se a autoridade deixa de existir, mas o quanto as formas de seu exercício que emergem ao longo da História respondem às necessidades do homem, e que tipo de relações e de gratificação estas formas permitem. É neste sentido que, para finalizar este capítulo, discutimos a substituição da autoridade em seu molde moderno pela autoridade dentro do molde contemporâneo.

Miranda (2000) comenta que na contemporaneidade, o poder deixa de ser declaradamente disciplinar para assumir formas mais sutis de exercício. Há uma descentralização desse poder, manifesta em coações dentro de grupos menores, via elegia da própria liberdade de escolha individual. Segundo a autora, essa é

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

uma forma de poder mais forte que a anterior, pois abrange os pequenos detalhes de expressão. Ele não se concentra mais em uma pessoa ou em uma entidade, mas está em toda parte e é exercido particularmente quando se encontra com as pessoas íntimas ou que pertencem à rede de convivência, simplesmente porque essa nova forma de poder passa necessariamente pela via da comunicação e da informação. Ela transcende os muros da escola e da fábrica, para se projetar nos lares via televisão e computadores pessoais.[15]

Os jovens entrevistados por Almeida e Tracy (o.cit.) relatam que a *zoação* do fim de semana funciona como uma válvula de escape para a tensão acumulada durante a semana. Eles descrevem essa tensão como aquela que emerge do contato com as instituições e com as obrigações do dia a dia, o que sugere que a condição de estar sujeito a qualquer tipo de ordem ou autoridade mais formal é fonte de desconforto. Estar entre iguais e principalmente ser tratado como igual se assume como prioridade quase que absoluta nas definições de toda forma de relação social gratificante.

Assim, a antiga fórmula usada para definir os adolescentes recebe um novo colorido. O processo de comunicação toma preponderância sobre o que é comunicado. Logo, o prazer do simples encontro com o igual, do desfrute da presença física deste, do compartilhamento das emoções com este assume posição prioritária em relação a todas as outras atividades.

Uma vez que a autoridade de outrora, base de modelos para a conduta de outro tempo, é vista com desconfiança e repúdio, os *iguais* se mostram, mais do que nunca, a fonte de modelos orientadores da conduta dos adolescentes. Minayo (op.cit.) observa um franco sinal disso quando os sujeitos de sua pesquisa apontam a freqüência à escola como prazerosa somente na medida em que esta é o espaço de socialização mais constante e estável da vida do adolescente. O valor do conhecimento relativo às matérias que estudam é pouco ou nada reconhecido. O prazer vem exclusivamente da vivência subjetiva do contato social com o *igual*. Da mesma forma, as meninas entrevistadas por Pereira (2003) referem-se à amizade como campo de experiências que remete a fortes sentimentos pessoais. As maiores referências conscientes destas meninas parecem ser a dos amigos,

[15] É importante salientar aqui que a tecnologia em si não representa ameaça. O que faz esse sentido é a relação que o homem estabelece com ela.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

posicionando-se francamente numa relação de oposição aos eventuais "nãos" impostos pelos pais.

Os iguais, portanto, passam a assumir a função de reguladores privilegiados do comportamento do adolescente. Esta seria a lógica do que Sennett (1988) chama de *personalidade coletiva*, e que é definida por este autor como uma experiência compartilhada por um grupo de pessoas cuja caracterização e cujo sentido são gerados pela *fantasia em comum*. O surgimento desta categoria teria se dado por que houve um esvaziamento de valor da convivência no espaço público. Sem ter em que se apoiar neste espaço, a solução encontrada pelas pessoas foi se voltar para a intimidade.

Isso significa o desenvolvimento de um grupo específico de habilidades e preferências em detrimento de outras. Diante da busca pela intimidade, os laços sociais com o estranho e com o público como que se paralisaram, e as pessoas aprenderam a recorrer à fantasia em uma medida maior como busca de solução para o sentimento de desamparo. Assim, ao lado do narcisismo, a personalidade coletiva emerge como um recurso cognitivo e *emocionado* para conferir algum tipo de identidade, alguma espécie de reconhecimento e de localização social, e a partir disso prover uma forma de apoio psicológico, mesmo quando é, na prática, efêmero em duração.

O conceito de tribo, forjado por Maffesoli (1987) possui alguns traços semelhantes, na medida em que enfatiza o critério da sensação e da fantasia comum como índice prioritário de aproximação e de criação de laços entre as pessoas. Maffesoli afirma, entretanto, que a aglomeração pela estética, ao contrário do que o pensamento tradicional muitas vezes afirma, pode originar alianças importantes, como o próprio "desenvolvimento caritativo".

A preocupação aqui, entretanto, gira em torno de duas questões. A primeira, mais geral, é a viabilidade de sustentação política da sociedade, caso a fantasia em detrimento da realidade (esta última, sendo, por definição, o acordo, a negociação) predomine na regulação das atitudes. A segunda questão é que a não compreensão do funcionamento da sociedade enquanto entidade mais ampla que o grupo, dificulta o desenvolvimento de toda atividade no espaço social. O sujeito que restringe sua conduta respeitosa às regras do seu grupo desconhece os modos de obter gratificação em espaços para além do foro íntimo. Tem também muito

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

mais dificuldade de adaptação à transformação de sua vida, o que é parte de todo ciclo vital. Além, disso, perde uma boa parcela de apoio interpessoal.

É sintomático que aqueles que pertencem às *tribos* e às *minorias* se sintam oprimidos pelas regras da sociedade mais ampla, e não manifestem consciência criticamente negativa sobre as pressões internas acerca dos modos de comportamento exigidos pelos "pares". Essa condição é representada inclusive no discurso dos adolescentes. É importante marcar que as regras sociais são importantes para qualquer convivência interpessoal. Falar em tribo não significa que estas regras tenham desaparecido. Os mecanismos de controle simplesmente se deslocaram, mas as conseqüências dos gestos de cada indivíduo ou grupo para a ordem do espaço público mais amplo continuam existindo e o modo como estas são operadas ou respeitadas pode comprometer a funcionalidade deste espaço.

A personalidade coletiva, tanto quanto a regra social mais ampla, tem potencialidade para ser tanto refúgio quanto cárcere. Os grupos gerados pela intensificação e pela centralização da fantasia são altamente cobradores das atitudes que pretendem impor. Pelo seu tamanho operam sua vigilância com mais competência do que as leis gerais. Eles também fiscalizam impunemente e alijam cruelmente. Esta seria a lógica negativada, por exemplo, da intensa cobrança feita pelos adolescentes com relação à presença física de seus amigos nos eventos da "noite" (*night*, na gíria dos sujeitos).

Qualquer comunidade é construída a partir de algo que as pessoas tem em comum e também em cima de um determinado grau de fantasia. A destrutividade vem a partir do momento em que as pessoas passam a assumir que todos têm ou devem ter exatamente a mesma estrutura emocional, e colocam a adesão a essa estrutura como condição absoluta para a aceitação da convivência e para o respeito mútuo.

Existe um perigo da idéia de equanimidade entre a vida em coletividade e a vida que prioriza a descarga impulsiva. A primeira, para que se sustente, precisa necessariamente operar algum tipo de controle, de vigilância e de punição. A organização social que toma o privado como referência básica tem como uma de suas características mais freqüentes a concentração na idéia de que o grupo em que se vive é a única aglomeração de seres humanos realmente *humana*, e que embora merecesse *status* por tal reconhecimento, freqüentemente é mal compreendida e mal interpretada pelos Outros – os diferentes que não

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

compartilham das mesmas experiências. Uma vez que se baseia em características sensíveis, esse raciocínio muitas vezes funciona como uma naturalização dos laços sociais. Sennett (1998) argumenta que tais laços não podem ser compreendidos como naturais, mas como laços que dependem de muitas condições histórico-geográficas e que são culturalmente construídos. Logo, que eles dependem de acordos para se sustentar.

É curioso observar que o adolescente também levanta a bandeira de ser *incompreendido pelos Outros*. Isso pode ser uma pista para se pensar que, da mesma forma que a personalidade coletiva é construída a partir de um sentimento de ameaça do mundo e um subseqüente recurso à atomização deste como solução, o comportamento do sujeito locado na sociedade como *adolescente* pode estar obedecendo à mesma lógica. É nesse sentido que afirmamos aqui que a criação da adolescência como uma subcultura e o abraço deste sujeito a essa condição denuncia o mecanismo de sustentação toda uma sociedade. E é a partir desta visão que encaminhamos a apreciação do discurso de nossos sujeitos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

PARTE II

Formulando Projetos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

4
Pressupostos Metodológicos

No caso desta pesquisa estabeleceu-se dois grandes eixos de discussão, a partir dos quais se organizou a exposição dos núcleos de significação ou temas identificados. A partir de pesquisas anteriores sobre perspectivas de futuro dos jovens (Bock e Liebesny, 2003; Pereira, 2003; Aguiar, 2002b), apontou-se duas grandes áreas sobre as quais o projeto de vida na contemporaneidade se organizaria: a família e o trabalho. Estas áreas não seriam estanques nem estariam sujeitas a delimitações rígidas sobre como devem se apresentar. Mas tomamo-las como eixos em torno dos quais o futuro é comumente pensado, pelo fato de os adolescentes (seja por desenvolvimento pessoal ou por prescrição social) estarem às voltas com suas primeiras experiências românticas e com a cobrança da tomada dos primeiros passos em direção à sua vida de trabalho. A mídia, a escola e os vários agentes de comunicação social enfatizam estas duas áreas como aquelas sobre as quais o adolescente se mostra curioso e/ou deve ser iniciado.

Por ocasião do início da realização das entrevistas, entretanto, verificou-se como um aspecto relevante a ser observado e discutido, a percepção que os próprios adolescentes têm sobre seu espaço e função sociais. Referências à definição destes sempre apareciam direta ou indiretamente como argumentos de sustentação das afirmações sobre o futuro. Assim, esta percepção pareceu-nos importante como orientador de detecção do sentido das ações dos sujeitos. Quando da realização da análise, portanto, foi incluída uma discussão acerca dos modos como os adolescentes se definem, ou definem sua *categoria* social, previamente à discussão sobre trabalho, relacionamento afetivo e projeto familiar.

Os tópicos da entrevista na investigação giraram, portanto em torno de: a) do posicionamento dos adolescentes em relação ao modo como pretendem administrar sua vida íntima (o que inclui desde a presença ou ausência dos desejos de casamento, filhos, moradia, lazer, amigos, aquisição de bens, e como eles justificam esta construção); e b) em relação à escolha de uma atividade de trabalho e o modo como compreendem e reagem simbolicamente às janelas sociais que lhes são oferecidas para promover o próprio sustento, ou o sustento de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

uma família (vocação, medos envolvidos, aspiração em relação ao nível-socio-econômico a ser atingido, *status* social, vida social).

Bock e Liebesny (2003) identificaram que estudo, trabalho e família estão sempre presentes nestes projetos. O trabalho aparece como objeto de atenção central, e além de ser uma atividade pensada tanto para homens quanto para mulheres, jamais é questionado como uma incumbência do adulto. O trabalho, na medida em que traz remuneração, prestígio, *status* e acesso direto aos bens de consumo, é percebido como parte essencial do processo de inserção na sociedade. Bock e Liebesny também observaram que os adolescentes se mostram bastante críticos aos processos educacionais formais, apontando discrepâncias sérias entre o que se estuda na escola e o que o mercado de trabalho lhes pede.

No que se refere à construção de uma família, a mesma pesquisa indica que o modelo almejado envolve casamento e filhos, com uma concentração de responsabilidade material no pai e de demanda de afeto pela mãe. As autoras observam, entretanto, a ausência de crítica relevante acerca da própria família.

Bock e Liebesny também utilizaram para sua pesquisa uma perspectiva sócio-histórica, e em sua metodologia recorreram à divisão das falas de seus sujeitos em temas gerais, sendo estas avaliadas posteriormente quanto à conotação que recebiam. Em outras palavras, as autoras colheram o material e avaliaram, de tema para tema, o quanto o vislumbramento da realidade desperta sentimentos positivos ou negativos.

Na presente pesquisa, também de orientação sócio-histórica, o objetivo foi, através da observação do discurso dos adolescentes mobilizar as referências as quais estes sujeitos se apropriam em seu ambiente de convívio e que lhes parecem mais apropriadas para representar o que desejam ou o que se permitem pensar sobre seu futuro no trabalho e na família. Como apontado na introdução, foi com este intuito escolhido o instrumento da entrevista individual, e foram apresentados os elementos que autores da contemporaneidade apontam como marcantes da cultura no tempo corrente. No entanto, há que se esclarecer alguns pontos mais específicos referentes à metodologia utilizada no processo de análise deste discurso, antes de entrarmos nas palavras propriamente proferidas pelos jovens estudados.

Uma vez que o instrumento foi a entrevista – uma interlocução entre duas pessoas – estamos lidando com linguagem e com a significação das palavras, não

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

apenas em seu conteúdo descritivo, mas também emocional. A linguagem é a via que materializa os significados construídos no e pelo homem. Nas palavras de Arendt, "os homens só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmos" (2001, p.12). Mais do que isso, de acordo com Aguiar (2002a), o uso da linguagem *atualiza* estes significados permanentemente.

Aguiar lembra que a consciência se produz de maneira ativa sobre a realidade, e não recebida de forma passiva a partir desta, nem internamente originada de impulsos biológicos. A consciência se faz entre o movimento de apreensão da realidade pelo sujeito e o movimento simultâneo através do qual a realidade se apropria deste mesmo sujeito. Isso significa dizer que ao mesmo tempo em que a consciência tem uma face tradicionalmente chamada subjetiva, ela age sobre a realidade objetiva, transformando-a. A consciência, em permanente interação com o *real*, jamais se fecha ou se conclui. Por ser a linguagem a ponte entre os sujeitos – entre o Eu e o Outro (o *real*) – ela é a via através da qual a consciência se processa e ao mesmo tempo se manifesta.

Dentro de nossa pesquisa, concebe-se assim o discurso do sujeito como o encontro entre os signos fornecidos pela cultura e a ação criativa da pessoa. Muito pouco, ou nada, do que o adolescente traz em suas declarações sobre o futuro provêm de um gênio individual ou do mero efeito das transformações hormonais. Quando ele reclama que as pessoas hoje se separam por falta de amor ou que o mercado de trabalho é competitivo e massacrante, ele o faz porque internalizou estas informações como reais a partir do que ouviu e vivenciou no seu cotidiano. Da mesma forma, quando desenvolve pensamentos articulados sobre estes elementos e os discute em sua entrevista, ele age sobre a realidade que vê, na medida em que transforma ou lhe atribui significados. Mais do que isso, ele organiza sua própria disposição sobre como lida com estes elementos. Isso diz respeito desde aos discursos mais inflamados sobre a política do país, até a postura de escárnio acerca da relação de casamento dos pais, ou mais ainda, mesmo que isso seja aparentemente paradoxal, até a postura de desprezo pela sua própria atitude em um ou outro momento de sua vida.

Constituindo-se a consciência a partir de instrumentos construídos pela cultura – os signos – são estes os elementos que fundamentam a relação do sujeito com o mundo e consigo mesmo. Os signos regulam não só a transformação da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

realidade quanto a própria conduta individual. É na internalização da linguagem – compreensão da atividade significada, que como lembram Ozella e Aguiar (2003) é interna, mas mediada pelo outro – que a consciência se constrói.

Sendo assim é na linguagem que o sujeito **se constitui** e se mostra, permitindo-se transformar. A consciência, expressa e desenvolvida pela linguagem, é a mediação entre o sujeito e o mundo, em todos os seus matizes, racionalizados e emocionais. Ela é construída e atualizada ao longo de toda a história de interações com as pessoas e com o meio que o sujeito tem. Sendo assim, o discurso é expressão dessa mediação: ele diz respeito àquilo que em algum momento foi social, que agora é um "quase social", e como tal é que deve ser analisado.

Para compreender a fala de um sujeito, mais do que descrever o significado das palavras formalizado nos dicionários, é essencial que se compreenda o contexto no qual a fala é proferida. O significado da fala tem um lugar e uma função, que só pode ser apreendido na medida em que se compreende o modo como ele se articula com o contexto e com os eventos psicológicos que a palavra ou o tema desperta na consciência.

> A fala, construída na relação com a história e a cultura e expressa pelo sujeito, corresponde à maneira como este é capaz de expressar/codificar, neste momento específico, as vivências que se processam em sua subjetividade; cabe ao pesquisador o esforço analítico de ultrapassar essa aparência (essas formas de significação) e ir em busca das determinações (históricas e sociais) que se configuram no plano do sujeito como motivações, necessidades, interesses (que são, portanto, individuais e históricos), para chegar ao sentido atribuído/constituído pelo sujeito (Aguiar, 2002b, p.131)

O processo metodológico realizado operou-se fazendo uso daquilo que Aguiar (2002b) chama de *núcleos de significação do discurso*.[1] Estes núcleos dizem respeito a temas, conteúdos e questões centrais em torno do problema levantado. Eles devem ser elaborados ou a partir do índice motivacional ou emocional quando de sua menção, ou a partir de um pressuposto teórico que fundamente a importância desta questão. Estes núcleos funcionam como organizadores da fala do sujeito e, por conseguinte também desempenharão tal

[1] O termo é também usado por Bardin (1995) em sua apresentação do método de Análise de Conteúdo. Sua referência está presente em inúmeros trabalhos da perspectiva socio-histórica em psicologia: Bock e Liebesny (2003), Aguiar e Ozella (2003), Pereira (2003b). Ozella e Sanchez (2002) fazem um apanhado das pesquisas que utilizaram esta metodologia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

papel quando da análise destas falas. Eles são, naturalmente, ordenados também de acordo com os objetivos da pesquisa.

Vale dizer, entretanto, que a divisão entre núcleos tem o único propósito de tornar a exposição mais didática e clara. Os núcleos de significação estão necessariamente interligados e devem ser discutidos mantendo essa condição em vista. Desta forma, o momento seguinte da análise diz respeito à articulação dos núcleos com a história pessoal do sujeito e com o contexto no qual ele vive e se expressa.

A importância dessa abordagem está menos em descobrir características gerais de toda uma população do que em proporcionar o desvelamento das mediações constitutivas do fenômeno pesquisado. Ou seja, aquilo que atravessa o discurso de um sujeito ou grupo de sujeitos atravessa também outros discursos. A forma como se busca articular o sujeito e o contexto em que ele vive, e então descobrir o sentido do sofrimento, da gratificação ou da ação é o grande motor da investigação.

O primeiro passo metodológico, portanto, foi a caracterização dos sujeitos. Esta caracterização já foi esboçada em termos gerais na introdução deste trabalho, e recebe agora uma ampliação e complementação referentes a cada sujeito entrevistado.

O segundo passo foi realização de entrevistas semi-estruturadas. Para explicar a opção de condução destas, vale notar que não acreditamos aqui em neutralidade do entrevistador. A simples presença do entrevistador funciona como condição para que o discurso do entrevistado tome alguma forma. Sendo assim, o resultado de toda entrevista é particular e não-reproduzível em sua totalidade, e isso é encarado como algo intrínseco à interação humana, à qual não se pode fugir. Existe uma determinada *química* entre as pessoas, e o fato de uma pessoa ser bem treinada em entrevistas não determina que cada uma das que ela faça, seja equivalente ou obtenha resultados cem por cento emparelháveis. Em Psicologia, como em todas as ciências humanas, tanto o objeto quanto o pesquisador são da mesma substância, ou seja: humanos.

O procedimento de uma entrevista semi-estruturada envolve o levantamento de tópicos ou questões que permeiam o que se pretende estudar (o quadro desta estrutura encontra-se em anexo). Assumiu-se que todos estes tópicos deveriam ser abordados na entrevista, sem que houvesse a necessidade de seguir

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

uma ordem pré-estabelecida, ou seja, respeitando a dinâmica que se desenvolve em cada interação particular entrevistador-entrevistado. O entrevistador manteve assim a todo tempo a preocupação de observar as conexões particulares que o sujeito espontaneamente faz, as associações entre assuntos, exemplos de vida, julgamentos, opiniões e tópicos sobre os quais há uma reação de resignação ou de reticência.

Diante de entrevistados que não desenvolviam suas respostas após uma segunda insistência em algum tópico não se forçou o sujeito para que ele falasse mais. Em contrapartida, diante de sujeitos que se sentiam confortáveis para falar, não houve limitação de tempo para a conclusão das entrevistas.

As entrevistas foram gravadas em fitas K7, com a devida aprovação por escrito dos responsáveis pelos adolescentes. O passo seguinte foi a transcrição exaustiva destas, respeitando os registros de expressões não verbais, como risos, receios, reticências, pausas, tons de ironia, altura da voz (quando a alteração é especialmente notável), evasividade, revolta, entusiasmo. A análise posterior compreende uma atenção não somente ao discurso verbal manifesto, mas também ao que for possível observar do discurso não verbal, incluindo-se aí as próprias omissões e recusas em se estender em algum determinado assunto, especialmente se este assunto for identificado no contexto em que o sujeito vive como relevante.

A partir da transcrição destas entrevistas, operou-se um trabalho de análise que seguiu a orientação de alguns procedimentos básicos tomados da Análise de Conteúdo. Aguiar (op.cit.) aponta que a metodologia sócio-histórica, uma vez que envolve a idéia da intersubjetividade como produtora da subjetividade via linguagem, implicaria na análise da fala do sujeito. Isso significaria a elaboração de "núcleos de significação" a partir desta fala, usando como critérios desde elementos previamente levantados pelo pesquisador como índices de avaliação, até o grau de emotividade direcionado a cada tema ao longo desta fala. Esta proposta é compatível, portanto, com o que propõem os pesquisadores partidários da Análise de Conteúdo, particularmente Bardin (1995).

A análise de conteúdo é, segundo Krippendorf (1980) um método de análise em pesquisa quantitativa ou qualitativa que busca compreender os significados das mensagens verbais passadas pelo interlocutor, levando em consideração o contexto social, a época e o veículo de comunicação. Os pressupostos desta metodologia são descritos de forma sintética por este autor da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

seguinte forma: 1 – uma única mensagem pode conter vários significados. 2 – estes significados não precisam ser os mesmos para todas as pessoas envolvidas na produção do discurso: como já mencionado, a audiência é ativa e decodifica as mensagens de modo particular, que pode ou não ir ao encontro do modo do interlocutor. 3 – qualquer análise de conteúdo deve ser feita e justificada em termos do contexto em que as informações foram recolhidas, já que toda mensagem está inserida em um contexto social.

Os problemas derivados destes pressupostos podem ser razoavelmente resolvidos na medida em que todos os procedimentos utilizados para a análise são explicados, a saber: a lógica utilizada para a análise e para a organização das informações observadas; a explicitação da situação em que a informação foi produzida e a contextualização geral da situação histórica e geográfica em que os sujeitos entrevistados e em que o entrevistador se encontram.

No caso de uma pesquisa qualitativa o procedimento diz respeito a organizar o material recolhido e estabelecer categorias ou temas e subcategorias ou subtemas que estão presentes no discurso dos sujeitos estudados e que potencialmente unem estes sujeitos. Na mesma linha de raciocínio de Krippendorf (op.cit.), Holsti (1969) já definia este processo como uma espécie de *codificação* que permite a elaboração do que ele chama de *unidades de análise*. Este procedimento traz uma homogeneidade na maneira de se tratar as informações recolhidas, sem que se esteja preso a um rigor não abarcável pela reflexão sobre a subjetividade em qualquer tempo.

Para ambos estes autores, tanto quanto para Aguiar, a definição de categorias, temas, subcategorias, subtemas ou dos assim chamados núcleos de significação depende dos objetivos da pesquisa, e pode ser realizada antes ou depois da pesquisa de campo. Aguiar, entretanto, estende sua discussão sobre o modo de proceder a análise, apontando os elementos que devem ser articulados na produção de uma interpretação sobre as informações recolhidas. Ela propõe a observação das motivações e necessidades que constituíram o discurso do sujeito para poder falar do(s) sentido(s) ali engendrados (neste caso, do sentido daquele projeto de vida, ou da ausência de um). Nesse processo é importante articular estas motivações à história do sujeito expressa naquele momento, às razões alegadas por ele por esta escolha – ou até mesmo à própria recusa em expor estas razões em detalhes. Concomitante a isso deve ser feito o cruzamento destas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

articulações com os determinantes sócio-históricos detectáveis na vida desse sujeito.

Sendo assim, quando as entrevistas foram encerradas e o momento da análise era chegado foi feita uma leitura cuidadosa e repetida de cada uma delas, para que se pudesse levantar os núcleos de significação.

O passo seguinte da pesquisa é a apresentação destes núcleos no presente texto, articulando-os com o contexto sócio-histórico no qual não só o adolescente vive, mas onde também nós vivemos.

4.1.
Os adolescentes

Os sujeitos escolhidos pertencem a dois grupos distintos, mas com características cruzadas, as quais nos interessam. Temos estudantes do ensino médio de colégios particulares da Zona Sul do Rio de Janeiro e estudantes do ensino médio de colégios particulares e residentes na cidade de Petrópolis.

Todos os sujeitos entrevistados nesta pesquisa deveriam ter até 17 anos. Foram entrevistados 19 (dezenove) adolescentes, 10 (dez) na cidade de Petrópolis e 9 (nove) na cidade do Rio de Janeiro. Ao todo tivemos 8 (oito) meninos e 11 (onze) meninas, entre 15 e 17 anos de idade.

Alguns autores, como Aberastury & Knobel (1981) situam a adolescência dentro de faixas flexíveis e extensas. No entanto, todos os sujeitos entrevistados nesta pesquisa deveriam ter até 18 anos, uma vez que de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), este é o limite de idade onde *legalmente se define* a Adolescência. Ou seja, reconhece-se com isso que, com o intuito de organizar a vida social, não somente socialmente mas também legalmente a cultura procurou uma definição baseada na idade cronológica para a adolescência.

O uso de um critério legal aqui é justificado através de seu próprio significado simbólico, além, é claro, de ser caracterizado como um índice objetivo, qualidade necessária, em alguma medida, a toda pesquisa. Toda lei é uma forma de organização da vida social. Teoricamente a legislação é definida de modo a igualar todos os sujeitos que estão sob sua jurisdição, e a elaboração de todo código legal, além de se basear em uma doutrina que representa concepções

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

socialmente construídas sobre *normalidade*, tem também como propósito estabelecer padrões de comportamento aceitáveis e padrões puníveis. Logo, as concepções sobre o que é certo, o que é adequado, que é esperado, estão implícitas em toda lei, e já representam um determinante sócio-cultural que define a construção da consciência do indivíduo acerca de sua própria subjetividade.

Considerando que desta forma, a lei também cria expectativas e orienta simbolicamente as tarefas a que um sujeito em determinada condição deve se propor e cumprir, sua preocupação em estabelecer uma fronteira para a adolescência também diz respeito ao controle sobre o comportamento e a expressão destes, ao mesmo tempo que representa as concepções sobre esta fase que atravessam a construção do projeto de vida destes sujeitos.

A opção por estudantes do ensino médio se definiu por conta de ser nesse momento do processo educativo que se exercem sobre o adolescente brasileiro, de forma particularmente notável, alguma pressões particulares quanto à elaboração de um projeto de vida. A condição de estar se preparando para o vestibular e assim definir um rumo profissional possui um peso cotidiano, mesmo que intimamente o sujeito não esteja realmente engajado com esta causa. Mesmo nestes casos, em algum momento o sujeito é chamado a e manifestar, e/ou a justificar sua escolha, ou seja, ele é pressionado a mobilizar seus recursos simbólicos disponíveis (e em alguns momentos gerar outros) para construir um discurso que sustente sua opção. Os temas *trabalho* e *relacionamento* nesta faixa-etária necessariamente ocupam o pensamento e a consciência do sujeito, uma vez que o ambiente sócio-cultural impele estes sujeitos a procurar produzir soluções e sentido em seu discurso sobre estes tópicos.

A escolha da cidade de Petrópolis como um local de investigação paralela ao Rio de Janeiro se deve em primeiro lugar à facilidade de acesso desta pesquisadora, uma vez que é nesta cidade que se encontra seu local de trabalho. Petrópolis goza do *status* de uma das principais cidades do Estado do Rio de Janeiro, possuindo 286.348 de habitantes (270.489 na área urbana e 15.859 na área rural), donde cerca de 52.059 estão na faixa etária de 10 a 19 anos.[2] A cidade possui 5 distritos (Petrópolis, Cascatinha, Itaipava, Pedro do Rio e Posse) e um parque industrial em franco crescimento. Possui também um vulto histórico e

[2] Dados fornecidos pelo site <http://www.petropolis.rj.gov.br/>, em 30 de Junho de 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

tradicional considerável, uma vez que foi residência de verão da família imperial brasileira no século XIX, e que por conta disso conserva boa parte de um considerável patrimônio histórico.

Por estas características particulares e também por sua proximidade com o Rio de Janeiro (a distância entre as duas cidades é de 65 Km e a rodovia que as une é considerada uma das melhores do estado), Petrópolis oferece um determinado leque de oportunidades que acreditamos ser comuns a algumas outras cidades brasileiras, o que pode abrir espaço para relações entre os resultados desta pesquisa e os resultados de pesquisas do mesmo molde a ser realizadas no futuro. Assim, entrevistar sujeitos residentes em Petrópolis pareceu uma oportunidade de investigar o quanto de consonância se pode observar entre os discursos ouvidos em uma cidade grande e cosmopolita, que é referência para todo o país, e que tem as dimensões de uma capital federal, e uma cidade de porte menor, porém também com estratos sociais variados e definidos.

Por sua vez, a escolha por estudantes de escolas particulares funciona como um delineamento e uma indicação do caráter sócio-econômico dos sujeitos. Esta característica cruza os dois grupos de indivíduos entrevistados e é reforçada pelo fato de que todos os sujeitos vivem sob as expectativas que um mesmo estrato sócio-econômico exercem sobre eles.

As identidades dos sujeitos estão protegidas por nomes fictícios, ou codinomes, escolhidos pelos próprios sujeitos de acordo com critérios pessoais. Da mesma forma, os nomes citados nas próprias entrevistas (irmãos, amigos, pais, parentes, avós, estabelecimentos comerciais da família, etc) também foram substituídos ou expressos em reticências. Através de uma ficha comum, com cópia em anexo, foram registradas informações objetivas sobre eles.

Para maior clareza por parte dos leitores, segue abaixo as características gerais de cada sujeito, por ordem alfabética de seus *codinomes*. Acompanha estas características uma breve descrição do comportamento de cada sujeito na entrevista, conforme o que foi observado como relevante por esta entrevistadora. No caso de indivíduos que apresentassem características psicológicas mais marcantes no decorrer da entrevista, estas são aqui também notadas. Alguns dados objetivos foram omitidos, no intuito de manter as identidades de fato protegidas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Todos os adolescentes apresentaram declaração de permissão assinada pelos pais, onde é explicitado o consentimento livre e esclarecido. O modelo desta declaração encontra-se no conjunto de anexos desta tese (anexo III, p. 292).

Adriana

Entrevista realizada em 16.02.2004

16 anos, estudante do 3º ano do ensino médio de escola particular da cidade do Rio de Janeiro. Mora com os pais, casados há 25 anos, e um irmão de 18. O irmão de 23 anos mora nos Estados Unidos. O pai é engenheiro e professor e a mãe é formada em letras, e professora universitária.

Na época da entrevista estava aguardando a confirmação de que teria que se mudar para os Estados Unidos, por conta de transferência de emprego do pai. Esta condição parece a assustar, uma vez que afirma aqui já conhecer uma direção para seu futuro, enquanto que lá tudo ainda é muito imprevisível. Gostaria de estudar Ciência da Computação. Tem um namorado que ainda estuda, mas que também trabalha no ramo artístico. Ela própria trabalha com eventos e produção de mídia.

Adriano

Entrevista realizada em 20.01.04

15 anos, estudante do 2º ano do ensino médio de escola particular na cidade do Rio de Janeiro. Mora com os pais, casados há 26 anos, e a irmã de 19 anos. O pai é aposentado e a mãe é profissional de marketing, mas não trabalhava na ocasião da entrevista.

Apresenta postura ligeiramente passiva em relação ao futuro. Não sabe o que quer estudar, mas se sente pressionado para escolher, e em uma atitude sutilmente rebelde, afirma que isso o faz achar que vai acabar escolhendo alguma coisa da qual não gosta. Suas afirmações sobre o que vai fazer adquirem, assim, um contorno idealizado que significa na verdade uma espécie de provocação, como, por exemplo, quando diz que quer estudar mandarim como profissão, uma vez que "a China é o futuro". O recurso aos jargões para preencher as respostas à perguntas que lhe são feitas é bastante freqüente. Seguindo a mesma tônica,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

afirma gostar de música, mas que não quer se movimentar em relação a isso, e simplesmente esperar as coisas acontecerem. A postura em relação aos pais e à irmã é uma postura claramente crítica.

Ana

Entrevista realizada em 14.01.04

17 anos, estudante do 2º ano do ensino médio de escola particular na cidade do Rio de Janeiro. Mora com os pais, casados há 20 anos, e com um irmão de 20 anos. Os pais são ambos biólogos e funcionários públicos.

Tem o sonho de ser atriz, mas sabe que seguir esta carreira é difícil. Portanto, decidiu estudar Marketing. Parece ter seguido toda a entrevista elaborando suas respostas naquele mesmo momento em que as emitia. Nas relações de família é notória sua cumplicidade com o irmão, os dois se colocando mesmo, em várias situações, em oposição aos pais. No entanto, mantém discurso respeitoso em relação a eles, que inclusive participam na escolha profissional dos filhos, aberta ou sutilmente. Manifesta claramente, em meio a isso, a reprodução dos papéis tradicionais de homem e mulher dentro da família, afirmando, por exemplo, a importância de que o pai seja de fato "o homem da casa".

Ana Maria

Entrevista realizada em 18.10.02

17 anos, estudante do 3° ano do ensino médio de escola particular da cidade de Petrópolis. Mora com a mãe, e possui meio-irmãos por parte de mãe e de pai. É filha única do segundo casamento da mãe, e possui três irmãos maternos que moram ou no exterior ou no Rio de Janeiro, com outros parentes. A mãe tem namorados eventuais. Ana Maria é filha única também do segundo casamento do pai, sendo que este já se encontra na sua terceira união. Tem um irmão paterno do primeiro casamento do pai e um irmão "torto" (*sic*) filho de um casamento anterior da atual esposa de seu pai. A mãe é paisagista e o pai é arquiteto.

Apresentou desenvoltura ao falar. Mostrou-se relaxada, usando bem a linguagem verbal e não verbal, e mostrando segurança no que dizia, mesmo nos momentos em que o assunto girava em torno de temas sobre insegurança.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Marca muito em sua entrevista a problemática familiar – família tipicamente mosaico. O discurso sobre os problemas se concentra em torno da figura do pai, mas existem e são assim declarados também em relação à mãe, que é alcoólatra, e a todos os irmãos. Ana Maria tem consciência de que está insatisfeita com a arrumação objetiva de sua vida, e fala abertamente sobre isso.

Beatriz

Entrevista realizada em 03.10.03

17 anos, aluna do 3º ano do ensino médio de escola particular da cidade de Petrópolis. Mora com a mãe. Os pais são separados há dois anos. A mãe é estudante de Psicologia e o pai é advogado e professor. O irmão de 25 anos é casado e mora no Rio de Janeiro, mas tem uma filha com uma antiga namorada em Petrópolis, de quem Beatriz cuida eventualmente. A mãe não namora, e o pai tem uma namorada eventual, que nunca apresentou aos filhos.

Beatriz toca piano clássico, já pertenceu a um coral famoso na cidade e pretende dedicar-se à carreira de Música. Identifica-se com a personagem de um filme sobre a carreira artística de uma menina que ao fazer 18 anos deixa a cidadezinha onde morava para ser cantora na cidade grande.

Nega-se frontalmente à idéia de ter uma família, e usa o exemplo da sua própria como modelo. Afirma que é importante a mãe estar sempre em casa com as crianças, como sua própria mãe o fez, e que se for para agir diferente disso, ela prefere não ter filhos. Em contrapartida, se vangloria de ter uma relação de amiga com a mãe, onde ela conta absolutamente tudo para a mãe. O pai é presente em seu cotidiano e ela diz que a relação entre eles melhorou muito depois da separação.

Branco

Entrevista realizada em 11.01.04

16 anos, aluno do 3º ano do ensino médio de escola particular na cidade do Rio de Janeiro. Mora com os pais, casados há 22 anos, e com o irmão de 19 anos. O pai é economista e a mãe é professora de ensino médio em uma escola pública.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Branco apresenta desenvoltura pra falar. Em seu discurso fica bastante claro que ele se sente consideravelmente apoiado pela família, não somente a nuclear, mas também a extensa. Embora faça algumas idealizações sobre o futuro ou sobre si mesmo, no sentido de tomar para si a responsabilidade de total sustento da sua família e de se considerar mais maduro que os outros meninos da sua idade, possui um bom contato com a realidade, avaliando prós e contras de suas exposições.

Clarice

Entrevista realizada em 13.01.05

17 anos, aluna do 3º ano do ensino médio de uma escola particular na cidade do Rio de Janeiro. Mora com os pais, casados há 32 anos, com as irmãs de 20 e 24 anos e com o irmão de 33 anos. O pai é economista e trabalha no BNDES e a mãe é também economista e professora universitária em universidade federal.

Articulada, mostra refletir sobre a própria vida com freqüência. Muito ligada ao exemplo do casamento dos pais, a quem tem como exemplares. Mas seu discurso sugere em muitos momentos que fala de relacionamento sem saber realmente sobre o que está falando, como se estivesse criando seu pensamento ali naquele mesmo momento, a partir de impressões dos outros.

Coloca para si mesma a disponibilidade de ajudar outras pessoas. Sua fala envolve expressões de emoção, e gargalhadas súbitas, particularmente quando toca em assuntos ou conta histórias de coisas que realizou e onde ela se sentiu especialmente poderosa no convívio social.

Daniel

Entrevista realizada em 14.07.04

17 anos, estudante do 3º ano do ensino médio de escola particular na cidade de Petrópolis. É filho único, e mora com a mãe. Os pais se separaram cinco anos antes, quando ele tinha 12 anos de idade. O pai é contador e professor de química no colégio onde Daniel estuda. A mãe trabalhou como comerciante e bancária, sendo aposentada pela Caixa Econômica Federal. Os pais ficaram casados por 15 anos. O pai de Daniel, na ocasião da entrevista, morava com sua

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

mãe, mas tinha uma namorada firme com quem dividia um apartamento, para onde ambos iam quando queriam. Optaram por não morar juntos. A mãe não se relaciona com mais ninguém.

Daniel tem uma atitude em geral questionadora e gosta de assumir a imagem de "cool". Seu discurso sobre si mesmo e sobre seu futuro é articulado sobre ilustrações e referências a ícones de masculinidade e poder. Fala mais palavrões que a média dos outros adolescentes, e repete com muita freqüência fragmentos lingüísticos como o "tipo". Também gosta de repetir frases feitas e ditados morais.

Apresenta uma postura cuja fórmula se encaixa no perfil rebelde; não aceita as regras impostas e precisa privar que se sairá bem por seus próprios meios (exemplo: afirma a todo momento que não estuda, pois não gosta disso, mas que mesmo assim é tão bom quanto os CDFs). O sentido geral do discurso, entretanto, é revelador. Ele não é bem sucedido para esconder o que pensa, e há muitas referências à separação dos pais como tendo sido estopim para a deflagração de um sentimento de abandono. Daí o desenvolvimento de uma postura e um discurso que valorizam a independência e o sentido de "self-made man".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Doria

Entrevista realizada em 16.01.04

17 anos, estudante do 3º ano do ensino médio de escola particular na cidade do Rio de Janeiro. Mora com os pais, casados há 20 anos, e com o irmão de 19 anos, com quem se dá muito bem. O pai é engenheiro civil e a mãe é engenheira química e professora universitária. Observa-se ainda que, a despeito do que pode sugerir o apelido escolhido pelo sujeito, trata-se de um menino.

Teve um AVC na oitava série que imobilizou seu hemisfério esquerdo. Por se sentir "incompatível" com o colégio em que estudava, teve que ir para um outro supostamente menos exigente. Quando recuperou os movimentos, retornou ao colégio antigo.

Chama muito a atenção a forma do discurso de Doria. Ele demonstra uma bagagem cultural e de leitura científica bastante extensa e procura ostentar isso em cada passagem de seu discurso, fazendo menção a nomes como Nietzsche, Sêneca, Parmênides, Padre Antonio Vieira e Caravaggio. Tem falas extensas, com

explicações detalhadas e entrada em assuntos que vão bastante além do que a entrevistadora perguntou. Isso sugere forte diálogo interno e uso da intelectualização como recurso identitário e/ou defensivo. Possui opiniões sobre tudo, estas sendo articuladas e lógicas, e apresenta necessidade de *exibição* destas.

Seu discurso alega muita admiração aos pais, e mostra com clareza que ele toma para si responsabilidade de manter a família unida ou de resolver os problemas que ali emergem.

Enzo

Entrevista realizada em 22.10.02

17 anos, aluno do 2° ano do ensino médio em Petrópolis. Pais separados desde que ele tinha 12 anos de idade. Não sabe por quanto tempo os pais moraram juntos (nunca se casaram, oficialmente). Atualmente Enzo mora com a mãe e o irmão. Filho do segundo casamento do pai e do primeiro e único da mãe. A mãe é brasileira, petropolitana e o pai, norte-americano, mora com outra mulher há anos, e tem dois filhos mais novos, que Enzo e o irmão não conhecem nem desejam conhecer. A mãe se formou em Estudos Sociais, mas nunca exerceu a profissão, ocupando-se atualmente com trabalhos de arte, porém sendo ainda sustentada pelo ex-marido. O pai é formado em Antropologia, mas também nunca exerceu a profissão, tendo trabalhado a vida inteira como fotógrafo *free-lancer*.

Enzo é verbalmente habilidoso e consegue aliar sua expressividade racional à sua expressividade emocional. Fala com desenvoltura, seriedade e segurança. Pareceu bastante claro que ele já havia pensado sobre todos os assuntos que lhe foram perguntados na entrevista.

Gosta de atividades ligadas á natureza, e tem uma admiração especial pelo pai, a quem toma como modelo. Não admite isso claramente, mas fica evidente em seu discurso que sente saudade do convívio com o pai. Busca uma certa afirmação ao insistir sempre que possível que é mais maduro que os outros meninos da sua idade.

Francisco

Entrevista realizada em 18.10.02

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

16 anos, aluno do 2° ano do ensino médio de seminário cristão na cidade de Petrópolis. Não pretende ser padre, porém a família optou pela escola religiosa por se tratar de ensino de qualidade e de preço mais acessível. Mora com os pais, casados há 34 anos, e as duas irmãs de 24 e 29 anos. A mãe é dona de casa e o pai, aposentado, ainda trabalha como comerciante. Francisco é católico, e possui vida bastante ativa na igreja juntamente a seus pais, tendo como namorada uma menina que conheceu neste espaço.

Bastante retraído. Fala com muitas pausas, como que procurando juntar as palavras ali mesmo. Solícito, sorri, mas em vários momentos parece apresentar dificuldade em sustentar o olhar, mexendo em objetos ao redor, ou passando os dedos na mesa. Tende a justificar cada resposta que dá. Parece não ser muito estimulado pelo seu ambiente a refletir mais objetivamente sobre decisões que deve tomar, mas ser cobrado a se desenvolver em termos morais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Helena

Entrevista realizada em 28.05.03

15 anos, aluna do 2º ano do ensino médio de escola particular em Petrópolis. Mora com os pais, casados há 18 anos, e com os dois irmãos, de 17 e 13 anos. Os pais são ambos comerciantes, sendo que a mãe é também estudante de Psicologia.

Helena enfatiza bastante sua boa convivência com a família. Seu relato denuncia uma relação bastante próxima com os pais e uma relação com a mãe onde esta parece gostar de saber o que acontece com os filhos, assim como demandar a presença destes o tempo todo.

Helena também fala bastante sobre seu gosto pela leitura e pelas notícias. Interessa-se por política, gosta de conversar sobre o assunto e também assume uma posição pessoal neste campo. Também assume uma postura pessoal diante de estilos de vida adolescente com os quais não se identifica.

Afirma sempre que possível que não namora porque não quer se prender e acha que é um momento em que deve se concentrar em obrigações e nos estudos.

Jessica

Entrevista realizada em 14.12.03

17 anos, aluna do 3º ano de ensino médio de escola particular na cidade do Rio de Janeiro. Mora com os pais, casados há 27 anos, e com dois irmãos, de 25 e 23 anos. O pai é professor de Física e a mãe é formada em Psicologia, embora não exerça a profissão.

Em geral, o que foi perguntado a Jessica sobre seu futuro pareceu estar muito distante dos questionamentos reais e atuais dela. A impressão foi de que, até o momento da entrevista, ela ainda não havia precisado de fato refletir sobre essas questões relativas a seu futuro de forma mais crucial. Muitas de suas respostas parecem ter sido elaboradas no momento em que as perguntas lhe iam sendo feitas. Nesse sentido, ela recorria aos conteúdos mais acessíveis em sua memória, elaborando respostas que afirmava serem comuns a todos e não particularmente dela, como por exemplo, a afirmação de que "todo mundo quer casar".

Seu irmão havia se tornado pai pouco tempo antes da entrevista e contou com o apoio da família neste momento. Jessica destaca, em função de sua experiência nesse assunto, que a confiança e o amor dentro de sua família auxiliaram o irmão a passar por esse momento delicado. Porém, ao mesmo tempo que afirma ter uma boa relação com sua família, ela também discorre com considerável emoção sobre suas expectativas de que quando fizer 18 anos será independente. Essa independência é insistentemente alegorizada pelo fato de que finalmente poderá dirigir, o que parece ser de uma importância impar para ela enquanto representação de que com isso ela poderá ter toda a liberdade com a qual tanto sonha.

Joana

Entrevista realizada em 11.01.04

17 anos, aluna do 3º ano do ensino médio de escola particular na cidade do Rio de Janeiro. Mora com a mãe e a irmã de 20 anos. Os pais são casados, mas o pai, que é geólogo, trabalha fora do Rio durante 20 dias a cada mês e fica em casa, no Rio, somente por 10 dias em cada mês. A mãe é bancária. O irmão mora em São Paulo, onde faz faculdade. Desde quando nasceu até o final de 2003 Joana

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

morou com os pais na Bahia. Os irmãos já moravam no Rio e em São Paulo, por causa de seus respectivos estudos. Os pais de Joana decidiram se transferir para o Rio e ela deixou o namorado bahiano, com quem está procurando manter o relacionamento, mesmo à distância.

O momento de Joana é de adaptação em uma nova cidade e em uma nova escola, o que por si só já a deixa apreensiva. De qualquer forma, ela tem um discurso fortemente marcado pela idéia de liberdade e desprendimento, o que fica evidenciado em sua escolha profissional, que é a carreira diplomática. A despeito disso, ela pretende formar uma família estável. Relata a convivência com sua própria família como sendo distante e com um grau de formalidade maior do que o que ela considera natural.

Juliana

Entrevista realizada em 17.06.04

16 anos, aluna do 3º ano do ensino médio de escola particular na cidade de Petrópolis. Mora com os pais, casados há 30 anos, e com os dois irmãos, de 26 e 11 anos. O pai é técnico em mecânica e aposentado. Após a aposentadoria, entretanto, abriu uma loja na cidade, onde trabalha hoje. A mãe é professora do ensino primário. Formalmente também aposentada, mas continua trabalhando, como diretora de escola. O irmão mais velho é formado em Educação Física, namora firme mas ainda mora com a família, sem previsão para sair dos pais.

Juliana mostrou-se solícita, embora não-verbalmente também demonstrasse uma certa inibição e contenção de movimentos e gestos. Apresentou uma disposição para o questionamento sobre assuntos de sua vida, embora isso não se mostre de forma ostensiva. Ela pareceu ser uma pessoa que costuma ler bastante e sempre se pergunta se concorda ou não com a informação que lhe chega. Parece ter dentro da família o papel de certinha, estudiosa, aquela que vai dar certo, e se cobra isso permanentemente, especialmente no momento em que está para prestar vestibular. Esse papel parece ser construído tendo a imagem do irmão como negativo, já que este declaradamente nunca gostou de estudar. O pai parece representar o grande articulador desta estrutura, sendo inclusive a pessoa com quem ela mais se identifica na família.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Lívia

Entrevista realizada em 15.10.04

16 anos, aluna do 2º ano do ensino médio de escola particular na cidade de Petrópolis. Mora com os pais, casados há 17 anos, com o irmão de 10 anos de idade e com a avó materna. O pai é publicitário, e trabalha no Rio de Janeiro, subindo e descendo a serra todos os dias. A mãe é bibliotecária.

Lívia apresenta muitas inclinações artísticas, mas fala de um grande receio em relação a construir uma carreira nesta área, por conta da incerteza e da dificuldade. Por isso pretende estudar Psicologia e ter um diploma como uma espécie de plano B. Expressa seus pensamentos com clareza e demonstra refletir com freqüência sobre si mesma e sobre o que deseja. Apresenta alguns problemas de relacionamento com a mãe, razão pela qual procurou psicoterapia.

Maheidenn

Entrevista realizada em 1º.11.04

16 anos, aluno do 2º ano do ensino médio de escola particular na cidade de Petrópolis. Filho único, mora com a mãe. Os pais são separados há 7 anos e o pai mora no estado de São Paulo, uma vez que é arquiteto e professor em uma universidade pública no interior. Maheidenn encontra-se com o pai a cada 3 ou 4 meses. A mãe é professora na área de Saúde Pública em uma universidade da cidade.

Durante toda a entrevista, Maheidenn mostrou-se consideravelmente arredio e sutilmente agressivo. Foi reticente em suas respostas, apresentando resistência em desenvolver todas as suas afirmações. Chamou a atenção o fato de ele ser bastante descontraído quando da marcação da entrevista pelo telefone, o que contou com cerca de três contatos antes que esta fosse de fato marcada.

O codinome escolhido é um anagrama de seu sobrenome, embora ele tenha declarado simplesmente ter escolhido esse nome. Sua rotina é voltada para o computador e a televisão, indo ocasionalmente ao cinema, mas preferindo atividades em que se encontra isolado. Sua escolha profissional – Mecatrônica – condiz com este perfil, uma vez que pede grande concentração e raciocínio rápido e objetivo. Toda a sua postura, incluindo aí a comunicação não-verbal, sugere um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

conjunto recursos defensivos, representados pela expressão permanentemente séria, pelas respostas curtas e sem desenvolvimento, atravessadas por um discreto tom de ironia ou de deboche. Possivelmente esta postura funciona como uma tentativa de esconder um alto grau de inibição e possivelmente de dificuldade de relacionamento humano. O recurso a este tipo de defesa, no entanto, provavelmente provoca interpretações de antipatia por parte das outras pessoas, e reforça o isolamento do sujeito.

Maria Eduarda

Entrevista realizada em 07.11.03

17 anos, aluna do 2º ano do ensino médio em escola profissionalizante de Informática na cidade de Petrópolis. Mora com os pais, casados há 26 anos, e as duas irmãs, de 24 e 20 anos. O pai é caminhoneiro e a mãe é costureira, além de manter atividades comunitárias bastante intensas, como a participação no Conselho Tutelar da cidade.

Maria Eduarda é relativamente tímida, e tende a dar respostas mais curtas, pouco desenvolvidas. Os pais eram originalmente pessoas bastante simples, e ao longo dos anos conseguiram construir um padrão de vida melhor, embora ainda simples. Ela convive bastante com seu núcleo familiar, e é muito ligada às irmãs, mencionando seus exemplos de vida como experiências compartilhadas entre as três.

No que se refere á escolha profissional, está estudando um segundo grau técnico no sentido de ter já uma formação e poder trabalhar o mais cedo possível. A escolha foi por insistência da mãe. Ela pensa, entretanto, em fazer faculdade, mas não tem a menor idéia de qual curso seguir.

Victor

Entrevista realizada em 19.10.03

16 anos, aluno do 2º ano do ensino médio de escola particular na cidade do Rio de Janeiro. Mora com a mãe e duas irmãs mais novas, de 13 e de 10 anos. Os pais são separados há 6 anos. O pai é advogado, tendo escritório privado e sendo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

também funcionário público. É casado pela segunda vez, e não tem filhos do segundo casamento. A mãe é psicopedagoga e trabalha em uma escola na zona Sul do Rio.

Victor tem boa expressão verbal e mostra ser bastante reflexivo, embora não faça muita questão de desenvolver todas as suas respostas. Marca em sua entrevista o forte sentimento de ressentimento em relação ao pai, além de um grande medo, encoberto por este ressentimento, de confiar nos outros novamente. Ele parece necessitar de segurança, e procura organizar isso, intuitivamente, em seu projeto de vida, quando fala de buscar sua independência através de um concurso público e assim obter estabilidade. Alega ter amadurecido muito após a separação dos pais, e em todo o seu discurso revela-se presente o desejo de deixar de ser adolescente o mais cedo possível.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

4.2.
A Elaboração dos Núcleos de Significação

O procedimento para a elaboração dos núcleos de significação seguiu as orientações de Bardin (1995) sobre análise de conteúdo. Tais orientações são condizentes também com a metodologia empregada nos estudos realizados sob a perspectiva sócio-histórica mencionados até aqui, e particularmente com a orientação de Aguiar (op.cit.).

Núcleos de significação são temas presentes nas entrevistas, que podem ser selecionados em função da freqüência com que aparecem ou a partir do arcabouço da discussão teórica com a qual se trabalha. No caso da presente investigação assumiu-se que a perspectiva de futuro irá se construir a partir da própria vivência e da experiência referente ao presente, ou seja, daquilo que os jovens testemunham em seu cotidiano sobre o que é a vida após a escola. Logo, as afirmações diretas sobre os elementos relacionamento afetivo, família e trabalho figuraram como temas de investigação centrais.

A primeira providência foi criar uma codificação nas entrevistas para que os elementos em questão fossem facilmente localizados, uma vez verificada a importância que lhes cabia. Assim, as falas dos adolescentes foram todas

numeradas, a partir do número 1 (um). Os arquivos foram impressos, com espaço nas margens para eventuais anotações.

Em seguida as entrevistas foram lidas de forma corrida. Nesse primeiro momento a intenção era somente colher impressões gerais, sem compromisso com nenhum registro.

O passo seguinte foi reler cada entrevista, e desta vez, as impressões foram anotadas em folhas à parte. Nestas folhas constava a indicação de uma afirmação que conferisse um sentido geral à fala que chamava a atenção, seguida do número correspondente desta. Por exemplo, o sentido de que "adolescente tem que curtir" pode ser expresso de várias formas. No entanto, a idéia de que "ser adolescente é aproveitar ao máximo a diversão que podem viver" deveria estar presente em todas as falas dos sujeitos agrupadas sob este sentido. Assim, era marcado o codinome do sujeito que afirmava isso, e o número da fala onde esta afirmação se encontrava.

O delineamento destas impressões, tanto no primeiro quanto no segundo passo seguiram parâmetros referentes às leituras teóricas levantadas e sucintamente apresentadas nos capítulos iniciais desta tese. Estes parâmetros, ou elementos que tomados como guias de avaliação do que era expresso pelos sujeitos, podem ser resumidos da seguinte forma:

A) Referências de realidade para pensar a vida adulta

- Experiência subjetiva
- Gratificação pessoal
- Família original

B) Disposições cognitivas e emocionais para pensar o futuro profissional e o convívio social.

- Grau de tolerância à frustração
- Grau de desenvolvimento da capacidade de objetivação
- Grau de clareza das escolhas
- Grau de narcisismo – percepção do poder pessoal

C) Significação do próprio futuro na sociedade

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

- Sentimento em relação ao futuro
- Valor conferido à vontade pessoal e ao poder individual

Em um terceiro momento, estas falas foram agrupadas, notando-se os sentidos gerais que mais se repetiam entre os adolescentes. Para que esse sentido inspirasse um núcleo de significação, foi necessário que pelo menos três sujeitos diferentes o abordassem, de alguma forma. Vale dizer que nos capítulos seguintes não há exposição exaustiva de todos os trechos de depoimentos referentes a cada núcleo, para evitar que a leitura se torne cansativa. Foram selecionados para a discussão aqueles trechos em que as idéias estão expressas de forma mais clara e mais representativa do núcleo em questão.

Em seguida, as entrevistas foram relidas, e tendo os pré-núcleos já em vista, foi-se fazendo ajustes no sentido de acrescentar afirmações ou retirá-las destes. Ao final deste procedimento, identificaram-se cerca de 23 núcleos significativos, que foram então agrupados sob os itens que configuram os últimos três capítulos da tese.

Note-se que antes de se entrar no eixo de discussão sobre trabalho, há espaço para as afirmações pertinentes ao modo como o sujeito organiza sua vivência no presente. Optou-se por abordar esta questão pelo fato de que ela está sempre presente no discurso dos sujeitos e pela compreensão de que é a experiência do tempo presente que funciona como provocação para todas as afirmações acerca de passado e de futuro. É a experiência de ser cobrado para o vestibular que provoca os pensamentos dos sujeitos sobre seu futuro trabalho e forma de sustentação. Da mesma forma, é a experiência da entrevista que provoca a organização do pensamento e da linguagem para atribuir um sentido a seus posicionamentos.

Reforçamos aqui que em momento algum se almejou alguma espécie de neutralidade absoluta no sentido clássico, uma vez que acreditamos que a mera presença e as perguntas escolhidas pelo entrevistador em vista das falas do sujeito promove um direcionamento da interlocução. Conforme Aguiar (2002b) na pesquisa qualitativa o instrumento funciona como um meio de indução da construção do sujeito, e não propriamente de uma extração asséptica de informação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

A fala do sujeito é uma construção que articula vários determinantes *oportunos*. Além da história pessoal do sujeito, ela articula a dimensão do momento específico em que a interlocução se dá, o passado, o presente geral, informações ou sentimentos disponíveis no momento em que é proferida, o significado do próprio local da entrevista, o entrevistador e a própria situação da entrevista.

Da mesma forma, não é preocupação aqui saber se o sujeito de fato em seu futuro vai realizar aquilo que projetou no momento da entrevista. O foco permanece nas imagens que ele consegue mobilizar para pensar esse futuro frente ao questionamento de um outro sujeito – um sujeito que em boa medida é distante de seu cotidiano e que não estará presente no dia seguinte, investigando o cumprimento de suas projeções. Todas as informações mencionadas é que serão mobilizadas na medida em que o entrevistador direta ou indiretamente pontuar o que em meio a essa bagagem merece maior atenção nesse momento.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

5
A Experiência de *Ser* Adolescente

A maioria dos sujeitos entrevistados identifica como característica do estar na adolescência o aspecto de transição. Eles se percebem pertencendo a um lugar transitório, que não sabem exatamente onde é, mas que se encontra entre dois outros, aparentemente melhor definidos. Daí o recurso à definição de infância e maturidade para *sugerir* a definição de adolescência.

> Às vezes eu acho que eu tenho um pensamento um pouco mais avançado pra minha idade, mas olhando em outros aspectos eu vejo que não é tão assim sabe, tem outros pensamentos que eu sou muito criança. Eu sou uma parte criança e uma parte adulto, então quando você junta os dois dá uma adolescente. (Jessica)

> **E ser adolescente então, seria?**
> É esse processo de adestramento como eu falei, você aprende tudo o que você tem ou não que fazer, você vai aprendendo a como ser adulto realmente. Tem muita gente que você fala "esse garoto ou esse jovem tem uma cabeça muito boa, sabe, já é um adulto, já tem experiência pra ser adulto, não é mais uma criancinha, sabe, que pede pra mãe tudo, eu quero uma bala e a mãe vai lá e compra uma bala, sabe, você já tem uma iniciativa, você já tem uma vontade própria. Acho que é muito isso, esse processo de transição. (Branco)

> Ser adolescente é você não ser adulto e não ser criança. Eu acho que a gente está saindo daquele momento que – isso é do D..., não é meu não – você, é aquela coisa que qualquer coisinha que você faz é bonitinho, você começa a ter responsabilidades (Doria)

> você está no pico da transição. (...) Eu acho que o melhor é ter 18 anos, porque você está no meio... (Jessica)

A referência ao adolescente como uma "mistura" de criança e adulto supõe que estas duas categorias estejam bem definidas ou sejam suficientes para dar ao entrevistador uma resposta coerente. Ou seja, ser criança é depender do adulto e ter que pedir até mesmo coisas pequenas para somente então obter o que deseja. A criança não tem iniciativa, o que significa quase que dizer que ela não tem desejo. É também "aquela coisa" cujas ações e expressões é considerado "bonitinho", "engraçadinho". O diminutivo aqui sugere pequeno, frágil, incapaz, tolerado. Em contrapartida, ser adulto é ter responsabilidades e se comportar de forma séria. O mundo adulto (e público), identificado com a iniciativa e a seriedade, não tem espaço para atitudes de dependência e fragilidade. O adolescente se define então como sendo o ponto de saída de um mundo para entrada no outro, e os dezoito anos são o ícone desse ponto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

As referências a estas concepções se repetem ao longo de todas as entrevistas, como se verá nos trechos apontados a seguir. Na maior parte das vezes estes conceitos são tomados como dados e acabados, categorias de realidade indiscutíveis, uma vez que foram usados pelos sujeitos como elementos de argumentação que consideravam suficientemente convincentes. Estas referências dizem respeito, entretanto, a concepções absorvidas do discurso social, e que circulam em publicações e em toda a mídia, como foi visto nos capítulos I e II deste trabalho. Deve-se marcar, aqui, que estas referências ao estado de transição encontram-se igualmente presentes nos discursos dos adolescentes de Petrópolis e do Rio de Janeiro, o que indica que a circulação do conjunto destas imagens sobre a realidade é de espectro consideravelmente amplo. O papel da comunicação em massa desempenhado aqui é bastante significativo.

A concepção de adolescência como *lugar nenhum*, ou no máximo como ponte entre os dois estados citados, é recorrente e presente na imagem destes próprios sujeitos, a ponto deles se identificarem com isso e se sentirem tendo a *permissão social* para se comportar de forma que corresponde a estas expectativas específicas e tipificadas. Mas mais importante que isso é que de saída já se pode identificar que o adolescente, ele mesmo, se vê em um lugar desprovido de poder social. Esse detalhe nem sempre é plenamente consciente ou elaborado, ao menos na medida em que se pôde observar nas entrevistas colhidas. Ele simplesmente está presente, é incorporado ao universo simbólico do sujeito, e no momento em que este é questionado acerca de quem ele é e que lugar ocupa, ele recorre a suas referências, acreditando que elas são legítimas.

A expressão dessa interpretação sobre a transição, ou sobre a passagem de um lugar ao outro fica marcadamente clara e toma contornos particularmente curioso nos depoimentos a seguir.

> **Que você acha que é mais marcante pra você hoje?**
> Mais marcante pra mim... **(silêncio)** agora que eu estou pisando no mundo, entendeu? Eu acabei a escola agora, vou pra faculdade que é um mundo que eu não conheço, que eu só ouvia falar... então eu acho que é assim: você fica meio chocado, mas ao mesmo tempo você fica curioso. Agora é que vou começar a fazer parte do mundo porque até agora eu estava numa ilha. A ilha do meu colégio, a ilha do meu clube, a ilha da minha casa. E agora é que vou poder ter uma relação maior com o mundo, com o que acontece, com o que gira em torno de mim, com o que faz a sociedade ser da forma que ela é. (Clarice)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> O melhor é você estar descobrindo um mundo que, entendeu, até uma certa idade você não era. Você não sabia o que que era isso. Você não tinha abertura para isso. Você não tinha idade. Então você ficava só dentro de casa, não fazia nada. Quando você cresce, você vai pra rua. Você vê como é que é o mundo, entendeu. (Daniel)

Os depoimentos de Clarice e de Daniel representam esse sentimento de estar em pleno movimento, de estar em um lugar suspenso, ou de estar finalmente entrando para o mundo real. A sensação que se depreende de seu discurso é de que eles falam de suas infâncias como um tempo em que estavam fora de um determinado mundo. Eles se dizem terem vivido então restritos a um determinado tipo de convívio, a um conjunto de regras restritivas e estreitas em relação ao mundo exterior. Quando crianças, eles alegam, viviam em uma ilha, em um mundo fechado, sem abertura para o mundo real. O motivo disso era a idade, e o estado maturacional. Mais do que isso, eles concebem a criança como aquele sujeito que sempre "fica em casa", e referem-se a este "ficar em casa", como sinônimo de "não fazer nada" e não *conhecer a realidade*.

O sentido de suas palavras sugere que eles percebem sua vida de criança como um estado de não-vida. Ou seja, a criança não faz parte do mundo, pois é apenas quando o sujeito entra na adolescência que ele começa a fazer parte desse. Observa-se aí a sugestão clara de que a atividade da criança (a brincadeira, o jogo) é tomada como atividade sem valor social e que não deve ser levada "a sério".

É interessante notar a relação de oposição construída subliminarmente entre espaço privado e espaço público. Os adolescentes percebem o estado de criança como o lugar de onde se olha a realidade pela janela, um estado de suspensão. Isso sugere que, como haviam apontado Castro (1998b) e Sennett (1998), não existe a consciência de uma experiência de entrosamento com o espaço público. Os próprios adolescentes entrevistados delatam em suas palavras uma idealização da vida adulta que inclui ampla liberdade de movimento e independência. Existe assim uma expectativa mágica de que o encontro com o espaço público se dará automaticamente, a partir do momento em que o sujeito ingressar na faculdade ou adquirir sua carteira de motorista. Estes dois momentos, aliás, são particularmente vistos com deslumbramento, como se toda a vida do sujeito fosse se transformar assim que eles forem alcançados.

A percepção de estar entre fases específicas, entretanto, é algumas vezes colorida com algumas nuances emocionais de particular desconforto, onde se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

encontra alguma forma de inquietação com esta situação. O primeiro exemplo é retirado da entrevista de Ana:

> **O que é mais difícil?**
> O mais difícil é que pro que você quer fazer você ainda é pequeno e pro que você não quer fazer, você já é grande.
> **Como assim? Dá um exemplo.**
> Por exemplo: você já é adulto suficiente pra tomar conta de você mesmo...por exemplo, arrumar seu quarto, lavar a louça, limpar a casa, mas você é pequeno pra sair não sei pra onde e voltar não sei que horas, entendeu? Então tem esse meio termo. Você pode ser o que os seus pais quiserem que você seja. (Ana)

"Você pode ser o que seus pais querem que você seja". A frase, dita de forma casual ao longo da entrevista, aponta para a consciência – mesmo que também passageira – de que a possibilidade do adolescente de ser alguma coisa é mediada irremediavelmente pelos pais. A impotência infantil da qual o adolescente aparentemente está se livrando, é vagamente percebida como elemento regulado pelo ambiente que os pais proporcionam, ou, em última análise, pelo ambiente social no qual o sujeito se encontra. Haveria uma tensão sugerida, nesse momento, entre o que o sujeito de fato "é" e o que ele pode ser nas circunstâncias em que vive, que também é reconhecida por Clarice:

> Eu acho que uma pessoa se define, especialmente uma criança se define pelo que ela vê, pelo que ela ouve, por tudo que está a sua volta. E eu acho que a partir dessas opções ela faz uma combinação e define o que ela vai ser pro futuro. Acho que é um tempo de descoberta. (Clarice)

Assim, por estar localizada num *entre-mundos*, a adolescência é também associada por estes jovens como um período de autodescoberta, e em boa medida, descobertas relacionadas ao próprio "eu". Há a preocupação em definir esta "essência do ser", na qual estes sujeitos acreditam. O desafio é descobrir a própria essência, e isso gera desconforto e angústia:

> **quanto a ser adolescente, o que seria o melhor?**
> As descobertas. Eu acho que quando você tem um ambiente mais ou menos controlado, você pode ver de perspectivas diferentes a mesma realidade, sabe? E a partir disso escolher o que você vai ser. É mais difícil pro adulto mudar do que pro adolescente. Eu acho que isso é a melhor parte de ser adolescente. (Clarice)

> **E o que é pior em ser adolescente ?**
> Pior é não saber exatamente quem você é... porque eu acho que na fase adulta você descobre muito mais... quem você é, você já passou por uma série de coisas... já está muito mais amadurecido... então você já tem essa resposta um pouco mais definida... do que o adolescente... e melhor e também... essa transição

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> de não precisar ter responsabilidade... tanto, não precisar ter responsabilidade não... mas você ter tempo de pensar no que você quer... pensar no futuro... (...) eu planejo muito, acho que a adolescência puxa muito isso, você tem que planejar o que você vai fazer... o que você vai ser... (Lívia)

Ser adulto se encontra associado a saber melhor quem você é, e ser adolescente seria o momento de definir quem você é, ou quem vai ser. Sugere-se com essa afirmação que existiria um "eu" essencial e, ao menos em boa parte definitivo, que deve ser buscado. Ainda é presente a idéia de se operar uma racionalidade que define uma individualidade ou a crença em uma personalidade perfeitamente coerente, a despeito de que em muitos aspectos as práticas cotidianas de superposição de modos de ser, conforme discutido nos capítulos anteriores, se distanciem dessa percepção.

Há, ainda, a idéia de **escolha** deliberada do que se quer ser. É o sujeito que escolhe o que é, a partir do que viveu. Ele ouve os pais, mas a última palavra acerca dessa essência ainda é sua, mesmo que para tornar isso efetivo ele ainda tenha que esperar a maioridade ou a independência. Neste discurso a idéia da vontade individual se mescla com a descoberta do "eu". A adolescência seria um momento de transição na medida em que haveria aí a *descoberta* da própria vontade, mais do que a *construção* desta vontade. Há uma aliança da essência com o desejo pessoal e intransferível. Somente após a descoberta deste, a vontade seria canalizada para um plano sobre o futuro. Quando Lívia diz que a adolescência puxa pelo planejamento sobre o que se pretende ser, mais uma vez há um sentido de transição, uma vez que se tem por concepção a idéia de que só se passa a "ser" plenamente sujeito conforme se chega ao suposto estado de adulto. Até lá, não existe comprometimento, existe apenas experimentação:

> Acho que adolescência é basicamente uma época de fazer amigos assim, muito forte, uma época de você sair, de você conhecer várias coisas diferentes mesmo, pra você quando for mais velho decidir, não, eu gosto disso eu prefiro isso. E até de experimentar coisas erradas também, sabe, tipo, drogas, todos os tipos de coisas. Pra depois perceber, não, isso está errado, eu não quero isso, isso me faz mal, eu prefiro isso. Acho que assim, a adolescência é uma coisa de experimentação, sabe, até de que tipo de amigo você gosta, que tipo de namorado você gosta, essas coisas. (Adriana)

Adriana então sugere a idéia de *moratória* atribuída ao momento de adolescência. Em nome desse período de decisões sobre o futuro existiria uma tolerância particular em relação à atitude do adolescente. Já que não existe

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

comprometimento com o "ser" e com a realidade, o momento é percebido como aquele em que é permitido provar coisas as quais seriam vetadas aos adultos. É inclusive nesse sentido que se articula todo um discurso sobre a questão da liberdade e da responsabilidade. Muitos dos sujeitos entrevistados – cerca de metade delas – descreve a adolescência como o período onde não se tem muita responsabilidade. Essa condição é vista como uma qualidade e freqüentemente descrita como a melhor coisa de ser adolescente, como se observa a seguir:.

> **E que seria a parte mais legal?**
> Ah, a mais legal é que não muito...tirando a escola, você não tem que se preocupar com pagar conta, cuidar de família, entendeu? Você tem sua vida assim mais fácil, né? (Ana)
>
> **O que que é o melhor de ser adolescente?**
> O melhor é você não ter compromisso com nada. Só com a escola, com teu pai e com tua mãe. (Daniel)
>
> **E o que que é melhor em ser adolescente?**
> (...) O melhor... **(ri)** é não ter que se preocupar com muita coisa. (Maheidenn)
>
> **O que é mais marcante nessa fase?**
> (...) você poder curtir a sua vida sem estar muito preocupado em quanto você está gastando, quanto o seu pai está ganhando, se você realmente pode ter essa vida (Branco)
>
> **O que você acha que é mais marcante em ser adolescente?**
> A falta de tanta responsabilidade. Quando você é criança você não faz nada, brinca o dia inteiro, estuda um pouco e acabou. Quando você é adolescente, você precisa estudar mais, e você tem alguma meta a alcançar. Mas não tem tantas responsabilidades e quando você é adulto, você tem que se comprometer com alguma coisa, tem que cumprir... sei lá, na minha cabeça é mais ou menos assim. Óbvio que eu tenho que cumprir o que eu me comprometo, fazer as coisas que eu tenho que fazer, mas não com aquela seriedade. (Jessica)

A menção ao divertimento está associada diretamente à falta de responsabilidade. Em decorrência de a criança ser compreendida como estando fora da vida real, exercendo atividades (brincar, estudar um pouco) de menor valor social, a adolescência possui um sentido subliminar de ser o momento derradeiro onde se poderá experimentar a sensação de ausência – total ou parcial – de responsabilidade.

Em meio a essa percepção, encontra-se também a idéia de *liberdade*. Tradicionalmente associa-se os conceitos de liberdade e responsabilidade a faces de uma mesma moeda. Quando perguntados sobre sua estimativa acerca de se é melhor ser adolescente ou adulto, a grande maioria – inclusive os que se mostram

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

reticentes, por afirmarem não terem experimentado ser adultos – diz que por causa da ausência de necessidade de assumir responsabilidades, ser adolescente parece ser melhor.

É marcante assim a apologia que o adolescente faz da suposta permissão que recebe para ser irresponsável. Mas é curioso observar que nem sempre essa apologia se encontra articulada à reflexão de que essa *permissão* é a mesma condição que explica porque ele se sente sem liberdade para fazer determinadas escolhas e tomar determinadas atitudes. Trata-se de uma forma de paradoxo: é porque existe a tolerância para a irresponsabilidade do adolescente, que lhe são negadas muitas responsabilidades. Há indicadores disso nos trechos seguintes:

> **E quando você e adolescente, qual e a parte mais difícil?**
> A parte mais difícil e não poder trabalhar e ter o meu próprio dinheiro. (Adriano)

> aqui em casa eu sou muito reprimida por causa da diferença de idade, dos meus irmãos pra mim. O que o meu irmão mais velho diz o meu pai acata e a minha mãe já não, a minha mãe já me defende mais, aí quando eu... o meu irmão ia me dar de 17 anos aquela Micareta que teve em Niterói... só que.... estava em letras garrafais que só maiores de 18 anos podiam ir, aí eu não ia poder ir. Aí eu fiquei muito triste por causa disso, imagina só...aí eu falei que quando eu fizesse 18 anos, que vai cair numa sexta feira, eu só vou aparecer no dia seguinte no colégio as 7 horas da manhã. Ninguém vai saber o que eu fiz a noite inteira, mas eu vou aparecer só no dia seguinte, entendeu. (...) 18 anos não é nada, só pode dirigir, sabe, essas coisas, acho que nos 21 anos é que é o mais importante, mas como eu estou mais próxima dos 18, eu vou tentar chegar logo nos 18. (Jessica)

Há aí, novamente, a crença na abertura mágica para o mundo adulto a partir de um evento isolado: completar 18 anos. Alcvançar isso é a porta para maiores fruições, mas não é pesada a questão sobre as responsabilidades que vêm com essa passagem. Há um exemplo, entretanto, que traz a perspectiva da ligação entre os conceitos de liberdade e responsabilidade. Victor afirma:

> **Então o que é pior e o que é melhor de ser adolescente?**
> Melhor eu não acho que tenha muita coisa boa. Sei lá. Talvez pra maioria das pessoas é essa coisa de liberdade. Neguinho fala muito isso. Que ser adolescente é ser livre, que depois a gente cresce e perde essa liberdade.
> **Você concorda?**
> Cara, liberdade sempre tem um preço.
> **Como assim?**
> Cada coisa que você é livre pra fazer traz um monte de outras coisas que você tem que fazer. (Victor)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> até nos gregos, liberdade pra eles era um manto, chamado "libertas", que assim que eles vestiam esse manto eles tinham o direito como cidadãos, mas tinham responsabilidades, então é uma coisa que caminha junto. (Doria)

A compreensão das reflexões de Victor e de Doria, entretanto, pede que se observe as histórias individuais dos sujeitos, a fim de identificar com maior clareza a importância da interatividade entre esta e as condições culturais como construtoras das categorias sociais. Contemplar estes discursos desta forma indica a permanente ação que o sujeito exerce sobre sua realidade – lembrando que se assumiu aqui o discurso como ação (Arendt, 2001). Vale sinalizar, entretanto, que o que se pode afirmar neste trabalho é ainda assim de ordem conjectural, a partir somente do material colhido nas entrevistas.

A sinalização que faz Doria sobre a conexão entre liberdade e responsabilidade pode ser melhor compreendida quando se tem uma visão de todo de sua entrevista. A primeira coisa que mais chama a atenção ali é a insistência do sujeito em citar nomes da arte, da intelectualidade e da cultura mundial. Ele exibe com reconhecida destreza seu conhecimento sobre literatura, estilos artísticos, filosofia, lingüística. De forma mais sutil, no entanto, pode-se observar que tais citações possivelmente apontam para a necessidade de estabelecer uma espécie de identidade que valha o reconhecimento social, tão buscado por ele. Em outra ocasião ele menciona:

> Alguém fala pra você: "Muito legal isso que você fez".Você se sente bem. "Caraca, o cara me aprovou".Ele aprovou mas você sente que ele atingiu um pedaço de você, através das suas externalidades. E através dessa aprovação, você: "Caramba, eu sou uma pessoa que foi reconhecida." E aquilo te torna mais seguro, te torna mais confiante. (Doria)

A intelectualidade parece ser a sua moeda de troca por este reconhecimento. Ela lhe traz um ganho evidente e que aparece sob esta forma ao longo de todo o seu discurso. Este ganho é a possibilidade de estar junto dos pais – particularmente do pai, com quem conta passar horas estudando radicais latinos e lendo livros literários em conjunto que posteriormente serão discutidos em reuniões familiares – e de manter seu *status quo* compatível com o de seu irmão, que de acordo com Doria é um gênio da matemática. A entrevista indica que ele assumiu um papel familiar importante, que é o de conciliador dos desentendimentos internos, particularmente dos desentendimentos entre seu pai e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

sua mãe. Possivelmente a experiência de seu AVC teve participação na configuração deste cenário. Nesse sentido, fica sugerido que ele precisa angariar uma certa confiança destes, e o recurso do qual decidiu fazer uso foi sua expressão verbal e a capacidade intelectual. Ao exercer este papel, entretanto, ele percebe, não se sabe se somente no nível da expressão verbal, a importância que assume a conexão entre liberdade e responsabilidade.

Por sua vez, o posicionamento que Victor assume também parece estar relacionado com o modo como ele conseguiu dar conta dos eventos que aconteceram em sua vida particular. Em sua entrevista, como mencionado acima, há a sugestão permanente de que ele não se sente confortável na posição de adolescente com todas as implicações de não-independência sugeridas. Mesmo quando fala de seus momentos de diversão, há uma espécie de contenção emocional. Sua prioridade é tornar-se adulto, supostamente independente, em reação a um passado onde, por conta da separação repentina dos pais, ouviu das pessoas que teria então de assumir o papel de "homem da casa" – papel que ele percebe como não lhe cabendo na família. Ele inclusive se remete freqüentemente aos exemplos de responsabilidade e irresponsabilidade dentro de sua própria família.

A expressão deste sujeito é um exemplo de que a referência exclusiva à idade cronológica pode nublar a compreensão sobre este, quando se insiste em determiná-lo estando ele como encaixado em uma das três categorias: criança, adolescente, adulto. Ele declara abertamente em sua entrevista que não gosta de ser adolescente, e procura, através de uma postura muitas vezes cáustica, esconder sua irritação por não ser reconhecido já como responsável. Além disso, este sujeito teve sensibilidade suficiente para, ao ouvir as associações correntes sobre ser adolescente, contemplar o sentido destas na realidade e construir sua própria posição a esse respeito. A ironia é a arma que usa contra o provável sentimento de injustiça que ele parece sentir que sofreu.

Assim, o que poderia ser interpretado a olhos nus como *rebeldia*, diz respeito, na verdade, a uma construção bem mais complexa. Victor é uma ilustração de que mais do que um sujeito passivo, o adolescente é agente do que vive. Ele mostra sua ação através de seu discurso, construído pelo cruzamento de sua história pessoal com o que observa em seu ambiente atualizado. É interessante notar que sua agressividade resignada, que muitos poderiam chamar de rebeldia e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

que por isso funcionaria para alguns de seus interlocutores como motivo para a rejeição de sua companhia, é o que lhe garantiu, em meio a um ambiente vivido por ele como frustrante, manter alguma unidade para sua subjetividade e para um projeto de vida.

Assim, pode-se dizer que a questão da responsabilidade diz respeito a uma construção, e jamais a uma definição de um estado naturalizado do que é ser adolescente. É certo que o tempo de vida de um sujeito participa no delineamento das experiências possíveis a que ele está exposto. No entanto, não há aí uma relação de determinação. Mais importante é a trajetória que cada um desempenha através do que pôde viver. As apropriações feitas, nesse intervalo, dos elementos de realidade aos quais o sujeito está exposto são o que conta de forma mais relevante. Relacionar o adolescente a um sujeito que vive um tempo meramente de irresponsabilidade termina por propriamente **prescrever** para esse sujeito uma atitude de irresponsabilidade.

A ausência de responsabilidade encontra-se, então, associada pelos sujeitos à permissão – e talvez, mesmo à obrigação – de se divertir, como parte da condição de estar adolescente. O freqüente uso do termo "hoje em dia" já funciona como indicador de que há a compreensão de que se discute algo presente no contexto cultural e que atravessa todas as subjetividades.

> **Que aspectos da sua adolescência você acha legais e que não vão existir quando você for adulto?**
> Bom, é legal ter tempo pra tocar guitarra, poder ensaiar com a galera da banda, pra eu poder compor às vezes, poder ter esses dois meses de férias pra ficar aqui no computador à toa. Eu não vou ter isso quando eu começar a trabalhar, é um mês de férias e só. (Adriano)
>
> Mais na adolescência... professor meu já falou isso: namorar é muito bom, mas na adolescência tem que curtir. (Enzo)
>
> **[falando sobre as amigas]** elas estão naquela coisa da zoeira, ah, tem que sair, tem que se divertir, tem que fazer e acontecer (Beatriz)
>
> Porque é aquela parada, adolescente quer sair pra zoar, pra curtir (Adriana)

A questão, nesse momento, repousa em como compreender a inferência tão freqüente sobre o divertimento, a falta de responsabilidade e a tensão existente sobre o conceito de liberdade, enquanto bandeiras de definição do *estado* de adolescência. A apologia à diversão sem comprometimento conduz também à reflexão sobre os modos pelos quais os sujeitos operam sua economia de emoções

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

e significados. Pensar a diversão sem responsabilidade implica no já discutido problema do rompimento entre as noções de passado, presente e futuro, uma vez que a ação de hoje terá repercussões amanhã às quais o sujeito terá que responder. Mesmo quando o adolescente fala de um projeto de vida, que supõe o reconhecimento desta ligação, seu discurso em muitos momentos faz representativa a percepção de que a ele cabe a permissão de viver apenas o presente. Ou seja, a vivência emocional do sujeito, ao se descolar de suas conseqüências (especialmente das insatisfatórias), indica a aquisição de um caráter de descarga: a excitação alcança um pico e é então descarregada via ação, movimento, fala.

Alguns autores identificam elementos que poderiam conferir inteligibilidade a isso, e podemos comentar suas contribuições em vista do discurso observado nas entrevistas com nossos sujeitos.

Em *Noites Nômades*, Almeida e Tracy (2003) identificam o corpo como via de expressão e socialização mais marcante entre os jovens na contemporaneidade. Como já mencionado anteriormente, a eleição do corpo para esta função é estreitamente associada à ética da estética. Uma vez que o vórtice de ligação entre as pessoas é o compartilhamento das percepções, dos sentidos, faz-se então uma referência direta à materialidade, à corporeidade.

O pensamento psicanalista tradicional define a idolatria corporal – representada pelas adolescentes "dietantes" e que procuram se parecer o máximo possível com as bonecas *Barbie* – como resultado de franco fracasso no processo de identificação (Rodulfo, 1999). Maffesoli (1999), por sua vez, defende que há um valor de identidade estética na ênfase à corporeidade e ao sensível como vias de subjetivação e de expressão. A emergência desta lógica diz respeito a uma espécie de resgate do arcaico, do sensível – que foi abandonado e relegado à esfera privada em todo o tempo da Modernidade. Para o autor esta emergência é uma busca de unificar dois domínios da existência que foram insistentemente separados em outro contexto histórico: os sentidos e a razão.

> Por oposição à separação dos racionalistas, interpretarei esta conjunção sensualista como a revalorização periódica do senso comum. Esse lembra que o sensível é a condição de possibilidade da vida e do conhecimento. Daí a tônica que é colocada nestes períodos sobre a experiência estética: experiência artística *stricto sensu*, experiência da religiosidade, tribalismo, preocupação com si,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> hedonismo multiforme, culto dos objetos, narcisismo coletivo, etc. (Maffesoli, 1999, p. 77)

É necessário estar fisicamente presente para *ter direito* à convivência com o outro. É necessário também ter atenção e dirigir o afeto às experiências oferecidas pelas sensações mais imediatas, e todos aqueles que, naquele momento, também têm acesso a estas, fazem o conjunto de uma comunidade. Neste sentido constrói-se uma identidade, mesmo que temporária. Uma vez encerrada a contingência de uma determinada experiência sensível compartilhada, possivelmente também estará encerrado o sentimento de vinculação com este Outro. E no próximo momento de compartilhamento dos sentidos, se dá um novo processo de identificação. Logo, as aparências são apenas a máscara contemporânea dos códigos de aproximação e de afastamento interpessoal. Elas são o motivo destes dois movimentos, o pivô da convivência de uns com os outros.

Entre os adolescentes, particularmente, nota-se as "aparências" como fator de definição das diferentes tribos: as patricinhas e mauricinhos, os rebeldes, os CDFs, os metaleiros etc. Em um discurso que sob moldes modernos seria considerado contraditório, Daniel expõe sua própria experiência em relação a isso:

> Hoje em dia, tipo... cara, uma coisa que muda muito, marca muito, tipo, o jeito que você se veste, o jeito que você faz as coisas. Pra você se integrar numa sociedade você tem que estar, entendeu, como ela quer. (...) Hoje em dia você olha pra uma pessoa, é o famoso preconceito. Você olha, vê a pessoa toda ferrada. Isso aí é de todo mundo. Não vou falar que eu não sinto preconceito. Mas tipo assim, tu olha aí pro cara, não dá nada pro cara, e o cara pode ser um milionário. (...) Eu gosto de me vestir bem. Gosto! Mas não faço tanta questão, sabe de mostrar pros outros o que.. ó, eu fui, tipo, ter quatro variedades disso aqui. Eu tenho quatro coisas iguais, só está mudando isso aqui. Eu não tenho porque. Jogar dinheiro fora. Pra tentar se englobar tem que se vestir bonitinho, que nem Mauricinho, eu não... (...) Eu gosto de estar bem vestido, é diferente. Não é estar playboy. Só porque eu compro coisa de marca e compro coisa que não é de marca eu sou playboy? (Daniel)

Daí a ênfase observada por Pereira (2003) nas revistas e nos programas de TV preferidos das adolescentes sobre os modos de *educação* do corpo e das aparências. A autora faz um levantamento detalhado dos argumentos e dos termos usados nestes veículos para definir o corpo "bom" do corpo "ruim" – este último devendo ser consertado e disfarçado com truques e dicas especiais. No mesmo trabalho, encontram-se referências dos sujeitos entrevistados de uma franca

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

admiração – e mesmo da escolha das amizades – pelas pessoas que "têm estilo" e *status* social. O corpo e o modo de expressão, para muitos adolescentes, são instrumentos de obtenção de reconhecimento social.

Há aí também a indicação sobre a ênfase, também denunciada por Daniel, na qualidade e no estilo das roupas de homens e de mulheres. Almeida e Tracy (op.cit.) observam que mesmo quando a roupa parece despojada e confortável, existiu uma pressão e um modelamento quando de sua escolha. É somente um determinado estilo, ou um número limitado de opções de estilo de aparência que vai fazer os outros se sentirem atraídos. As autoras sinalizam que a aparente leveza não é sinônimo de despojamento, mas de contenção. O *básico* da calça jeans e blusa de malha, simples mas bonita, a sandália bege combinando com o cinto, o penteado de chapinha, a maquiagem suave com sombra branca e batom cor de boca, delineia a necessidade de parecer igual às outras, e assim, estar inserida, e desejada. O corpo precisa estar mais belo que nunca na noite.

É neste mesmo sentido que estas autoras sinalizam a exigência exercida entre os adolescentes com relação à presença física uns dos outros para que a vida seja *de fato vivida*. Como sugerido mais acima, por ocasião dos discursos sobre a criança que permanece dentro de casa não ter contato com a realidade, "não fazer nada", a situação de estar em casa, parado, é relacionada diretamente ao sentimento de tédio, e de se estar perdendo alguma coisa importante lá fora – sensação que pode levar ao desespero e ao impulso de sair de casa repentinamente, ou até mesmo à depressão. Eles definem este sentimento de isolamento mesmo como a necessidade de um grande número de estímulos externos – quantidade supostamente ausente no espaço de casa. Ou talvez se possa inferir aí simplesmente que os estímulos existentes em casa não são do "tipo" valorizado por estes sujeitos. Helena, entrevistada por nós, embora não se refira expressamente à discussão sobre o sentimento de isolamento, comenta que em sua sala há várias meninas que conversam apenas sobre o que irão fazer na noite de sábado.

> Deu a hora do intervalo, aí a gente vai comentar sobre alguma coisa e sempre é "ah, fiquei com tantos", sempre é o mesmo assunto! **[enfatiza esta última frase]** (...) tudo bem conversar sobre namoro, mas sempre o mesmo assunto e sempre as mesmas pessoas, sabe!
> **Elas ficam só falando disso?**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> **[ri, um pouco sarcástica]** A maioria das vezes. Essas pessoas que são assim... com certeza. "Ah, eu vou numa festa assim, tal dia" Já fica contando a próxima festa, já fica... (Helena)

Almeida e Tracy sugerem que tal necessidade se caracteriza frontalmente pela fome de experiências sensíveis, e pelo ritmo de vida compreendido como gratificante especificamente pela velocidade das respostas, sem que haja um aprofundamento, ou uma elaboração de representações racionais complexas sobre estas. As autoras sinalizam exatamente que a evidência mais clara deste tipo de cognição se encontra nas práticas que envolvem o espaço da *noite*. Neste contexto em particular, o corpo é tudo. A aparência é o passaporte para a gratificação. O sujeito se faz presente por gestos e olhares, e através destes busca a correspondência com o outro. O Outro arremata o discurso daquele que comunica, utilizando-se do mesmo tipo de instrumentos: pausas, partículas sonoras, risos, gestos, expressões, movimento com todo o corpo. Na verdade todas as conversações humanas possuem estes tipos de inflexão. A particularidade desta comunicação, no entanto, seria que ela se refere à comunicação concentrada nos e esvaziada de representações, de reflexões ou de construções racionais complexas. Na experiência da noite dos adolescentes, este tipo de construção é motivo de repúdio e "zoação", e ali a comunicação é experimentada pelo corpo, com o corpo – próprio e alheio.

De acordo com esta lógica, com quanto mais pessoas o sujeito se encontrar, mais estímulos ele vai receber e procurar responder, e mais poderoso ele vai se sentir. O indivíduo é simultaneamente sujeito e observador das interações. Há uma ênfase, decorrente deste pensamento, no prazer de renunciar radicalmente a toda forma de censura, perder o controle e aproveitar aquilo que é imediatamente sensível. Os encontros e as possíveis relações desdobradas destes assumem a única função de *descarga* afetiva – experiência que, aliás, é também alusiva à corporeidade.

Descarga e afetos, emoções, sensações, fruição do imediato: o discurso destes sujeitos é atravessado por estes elementos. Encontra-se assim, com freqüência, nas falas dos sujeitos entrevistados para este trabalho, referências ao aspecto emocional (algumas vezes sob a forma de um romantismo mal disfarçado) e à experiência de descarga afetiva indicada por estas autoras.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

como todo mundo diz, os adolescentes acham que são os donos do mundo e isso é bem verdade mesmo.

O que é mais marcante nessa fase?

Mais marcante....eu acho que são os...ah....os adolescentes se apaixonam muito fácil. Tem muita, muita...fazem as coisas grandes demais, exageram em tudo. Então eu acho que essa parte do lado mais afetivo é mais confuso, mais louco. (Ana)

Hoje em dia, adolescente só quer fazer basicamente... ah, algumas coisas. Fumar maconha. É uma coisa que tipo, eu acho a coisa mais escrota do mundo. Mas tu quer fumar, tu fuma. (...) Pegar mulher, cair na porrada. Qualquer coisa, tu olhar meio torto pra pessoa, já quer te porrar. Qualquer coisa é porrada. (...) Tipo assim, tem cara, essas coisas, qualquer coisa, você esbarra em alguém, o cara quer te arranjar confusão, sabe. (Daniel)

A esperança no adolescente é muito mais viva do que no adulto, (...) aí depois ele vê que não é o centro do mundo e começa a detestar os adultos, por que aquilo é incompatível. E aí vem a fase revolucionária, que é fase quando o cara começa a descobrir o mundo, começa a ver: "Caraca, eu posso mudar o mundo. Eu posso fazer melhor." Isso eu vi muito claro nos meus amigos esse ano, muito claro, todo mundo muito revolucionário. (Doria)

Como são crises de existência?

Ah, não sei, as vezes brigar com o melhor amigo e achar que tudo na vida está ruim, não sei aí, terminou com o namorado e começa a comer um monte de doce, ver filme, e chorar e se acabar lá...(Joana)

Para Almeida e Tracy, a descarga acontece em vários âmbitos: desde o zoar em grupo – estar sozinho não tem sentido, e o sujeito só se desloca para os lugares na medida em que sabe que vai estar com outros – até na prática do "ficar com", passando, é claro, pelas manifestações de agressividade, como indica depoimento de Daniel.

A descarga é definida pelo impulso – mais um representante da corporeidade, pelo seu pragmatismo, pela simultaneidade de sensações. Isso fica representado na declaração dos jovens de que quanto mais pessoas o sujeito beijar em uma noite, de maior prestígio ele vai gozar entre seus amigos. O beijo assume a condição de fisicalidade, ele é a própria *performance*, a identidade que aquele sujeito assume naquele momento singular em que a alma e a descarga afetiva se encontram. Por isso sua prática se torna para alguns adolescentes uma questão de honra e de *status* social, assunto obrigatório nas conversas com amigos. Helena, como se viu, queixa-se da insistência de algumas de suas colegas de turma em conversar unicamente sobre as saídas de sábado, onde se encontra os rapazes e se dá a prática do "ficar com".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

A propósito dessa prática, em sua pesquisa sobre a questão, realizada com jovens de três capitais brasileiras, Chaves (2001) procura responder à indagação sobre por que se fica. Como possível expressão desta necessidade de descarga, observa-se que as respostas dos jovens giram em torno dos argumentos sobre a necessidade de carinho, de toque físico, de preenchimento, de aumentar a auto-estima, de se mostrar poderoso para o grupo, sem que haja a obrigação de comprometimento.

Este último é referido como uma condição de opressão psicológica, de castração, de tensão e de dependência, o que faz lembrar a discussão sobre o ideal da autonomia, e o mito da vida totalmente independente. Nas palavras de Chaves:

> O código "ficar com" possibilita ao sujeito investir em diferentes objetos; (...) o suficiente para obter prazer e, se perder o objeto, não sofrer. Enquanto o sujeito só "fica com" é possível sonhar e fantasiar quanto se quiser, sem qualquer limitação; pode-se viver só o desejo e com a ilusão de que se mantém o controle da situação. Quando o sujeito que assume um compromisso se sente extremamente ameaçado, preso, sufocado, vulnerável que o outro, e assim exposto a um maior sofrimento. (Chaves, 2001, p.91)

Ou seja, a discussão sobre a diversão sem comprometimento e sem responsabilidade toma um vulto importante no delineamento da subjetividade dos jovens. Em nossa pesquisa, encontramos um cenário que merece algumas considerações face às afirmações dos autores mencionados. Particularmente, há que se fazer algumas observações que são pertinentes à própria metodologia utilizada.

Na condição de uma pesquisa antropológica, com método etnográfico, Almeida e Tracy operam uma metodologia de observação *in loco*. Ou seja, como insumo para sua discussão, o material foi colhido através da observação direta nos locais onde se dão de fato as práticas do nomadismo e do "ficar com". Trata-se de situações específicas onde o sujeito se encontra não somente em grupo, mas inserido em toda uma atmosfera específica. É uma situação que de fato exige dele uma determinada performance.

O sentido do presente trabalho procurou voltar-se para o adolescente de uma forma diferente, a saber: ele diz respeito à organização das idéias do sujeito sobre seu projeto de vida. Ou seja, a despeito de ele viver em uma sociedade que, segundo vários autores, é caracterizada pela quebra da linearidade entre passado, presente e futuro, no momento em que se prestava à entrevista, era provocado a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

pensar a ligação destes três elementos. A entrevista individual por si mesma já é uma situação que pede um posicionamento nesse sentido. Mesmo que ele não tivesse anteriormente pensado sobre estas questões, ele procura fazê-lo nesse momento, recorrendo às representações mais acessíveis e que lhe soam mais fortes.

O que se pôde observar foi que há, sim, alguns elementos que se cruzam com a discussão levantada anteriormente. No entanto, esses elementos não são fatores deliberadamente isolados como determinantes de suas condutas. Ao contrário, existe mesmo uma postura crítica, tanto por parte dos cariocas quanto dos petropolitanos, em relação a determinados comportamentos descritos nas pesquisas apontadas. É provável que esta condição se encontre provavelmente associada ao grupo específico estudado, que transita em torno da classe média e da classe média alta. No entanto, esta é a mesma população estudada pelas pesquisas mencionadas, o que sugere que a forma que toma a investigação faz emergir resultados diferenciados. A entrevista é uma situação de provocação, onde por força das circunstâncias o sujeito se dedica a elaborar percepções que antes eram apenas marginais à consciência. Assim, essa iniciativa já é por si só uma espécie de *intervenção* sobre a subjetividade do outro.

A questão a se discutir neste espaço é, portanto, o quão preponderante é de fato o comportamento adolescente em relação às coisas práticas de sua vida. Pode-se identificar, sim, elementos que confirmam a tese destes autores, de que existiria uma presentificação, uma insistência na experiência de descarga e pouco aprofundamento das idéias. No entanto, pode-se inferir que existiria também um aspecto de reconhecimento da falta que os sujeitos sentem e da importância que possui o planejamento sobre a própria vida e a reflexão sobre os elementos que darão forma e sentido a esta.

Um sinal do movimento para esta reflexão é a manifestação aberta dos sujeitos entrevistados sobre a sensação de confusão associada ao estado de adolescência.

> **E o que é ser adolescente?**
> Ser adolescente é uma confusão.
> **Como é que é a confusão?**
> Ah, é uma confusão de tudo. De sentimento, de hormônio, de tudo. Você não sabe, um dia você quer uma coisa, outro dia você quer outra. (Ana)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> eles estão muito indecisos. Eu vejo pelas minhas amigas. Especialmente as amigas mais próximas. Duas estão decididas do que vão fazer. Uma vai fazer Medicina e a outra vai fazer Direito. Agora, as outras estão completamente perdidas. Pra você ter uma noção, três delas nem fizeram inscrição pra faculdade nenhuma! Sabe quando você está meio assim, ããããhn, onde eu estou, quem sou eu? Uma coisa meio doida... (...) Então quer dizer, eu me sinto, eu tento ajudá-las, porque elas estão naquela coisa da zoeira, ah, tem que sair, tem que se divertir, tem que fazer e acontecer (Beatriz)
>
> **E o que seria o mais difícil?**
> Acho que você cair na realidade. Acho que você quando está com 12, 13 anos, que você tem aquele baque de informação chegando de tudo o que é jeito, chegando de todos os lados, acho que é um pouco mais difícil, acho que é o começo da adolescência mesmo, que vai dizer se você vai ser um adolescente tranqüilo ou se você vai cair nas trevas. (...) É, tomei um susto, quando eu entrei no terceiro ano, sabe, ano que vem eu saio do colégio entro na faculdade, ano que vem eu faço 18 anos, sabe, você toma meio baque, sabe.
> **O susto já passou então?**
> Não sei, passou totalmente não, sabe, estou tentando me acostumar ainda. (Branco)
>
> **E o que é mais difícil?**
> As múltiplas possibilidades, porque você fica absolutamente perdido.
> **Consegue me dar um exemplo?**
> Bom, tem gente que chega no 3º ano e não tem a mínima idéia do que vai fazer no vestibular. Não sabe o que quer sabe? Se tem uma variedade tão grande de coisas pra escolher que às vezes você... aquilo fica simplesmente rodando a sua mente e você absolutamente não sabe o que fazer. Porque até então você não tinha que escolher nada. O adulto não. Já escolheu, já tem aquela coisa definida. (Clarice)

A afirmação de que "as coisas estão confusas" indica a percepção de que coisas importantes estão tomando seu rumo na vida – mesmo que seja a partir das demandas dos outros. Ela indica também o desconforto com a situação em que se encontra. O desconforto, aliás, não é de todo mau, pois é por causa dele que a consciência é desenvolvida. Os sujeitos acima só disseram o que disseram porque se depararam de alguma forma com um desconforto, talvez mesmo uma angústia.

É assim que se pode compreender o discurso dos adolescentes que se mostram críticos em relação a seus modelos familiares e sociais e, sobretudo críticos em relação ao modo como se percebem vistos pela sociedade. Mesmo os sujeitos que questionam o lugar do adolescente como de 'não-poder' reconhecem que é dessa forma que geralmente são vistos, e que são atitudes de rebeldia e irresponsabilidade que se espera deles. A esse respeito, os testemunhos a seguir são representativos.

> **O que é mais marcante de ser um adolescente, pra você?**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Eu nunca ter razão?
E por que?
Minha irmã quando namorava... eu tinha um clã com o namorado dela, de CS e, tudo que ele determinava, eu aceitava, porque ele era namorado da minha irmã. Até que um dia eu chutei o balde, briguei com ele....e o meu pai até hoje, nas reuniões de família, conta da briga e ainda diz que eu sou mau caráter. Tipo assim, eu não estava errado, eu acho que deram a razão pra ele e não pra mim porque ele tinha 28 anos e eu tenho 15.
Mas você acha que você não tem razão, porque você é mais novo?
Eu acho que as pessoas preferem acreditar numa pessoa mais velha, porque acham que é mais velha e tem a cabeça mais feita. (Adriano)

as amigas mais próximas ficam, mas assim, ficar não de ter compromisso. Pode ser com um garoto só, mas que não tenha compromisso. Só ficar, assim, acho que aí, as minhas amigas e tudo, isso pode acontecer. Agora, não ficar com vários.
De uma forma geral o que que o pessoal está falando sobre isso? Acha isso normal... tem alguma crítica em relação a isso... Ou essa é a onda mesmo...
É. Todo mundo comenta, essa é a onda, só que tem adolescentes e adolescentes. Não pode generalizar. Porque tem adolescentes que, tiro por mim. Eu não sou assim, e não... mas eu acho que essa é a verdade, a maioria é assim. Ficar com muitos, ficar, e aí? Vai pro quarto, é verdade. É triste, mas é verdade. Eu não concordo. (Helena)

O que que é ser adulto pra você?
(pausa) Eu acho que é... não sei definir isso. Tem gente que diz que é assumir responsabilidades... mas eu acho que tem muito adulto que não assume, que só é adulto assim... cronologicamente, entende? E tem gente da minha idade que é mais responsável que muita gente que se diz adulta. Eu vejo pela minha irmã, a menor. É impressionante. Ela é mais responsável que eu, às vezes. Não sei se é por causa do ballet, ela acorda super cedo todo dia pra ir pro ballet, e segue aqueles exercícios todos. Eu admiro ela. Ela é menininha ainda, mas é muito séria. É mais madura que a minha irmã de 13. (Victor)

sei lá. Eu acho ser adolescente muito chato.
Por que?
Porque as pessoas ficam achando coisas demais sobre a vida do adolescente. Fora os rótulos. A sociedade precisa de rótulos.
Que rótulos?
Aborrescente. Nem todo adolescente é aborrescente. Eu não me identifico com isso. É como eu falei, da mesma forma que tem adulto que não assume a responsabilidade pelo que faz, tem gente jovem que assume até demais. Quando meu pai saiu de casa e falou que eu era o homem da casa... engraçado é que outras pessoas falaram isso pra mim também. (Victor)

Tais depoimentos apontam para um processo de reflexão e de elaboração em curso. Estes sujeitos não aceitam a realidade de forma passiva, e ao procurar discutir suas razões, apresentam argumentos coerentes e fundamentados, expondo inclusive sua maneira de agir. Eles buscam um sentido para o que vivem, mesmo que o ambiente ao redor funcione majoritariamente como provocador das experiências sensíveis. Nessa busca estes sujeitos conseguem apreender elementos da realidade que os cercam dentro de um determinado *continuum*. Ou seja, quando

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

solicitados para tal, revelam pensamentos que buscam articular as conseqüências de seus atos e dos atos das outras pessoas. Procuram inclusive discussões sobre a capacidade de permanência de seus projetos, como sugerido nos trechos a seguir:

> meu medo é não me conhecer o suficiente... embora eu sempre... eu adoro fazer auto-análise... mas meu medo é descobrir que tudo que eu pensava sobre mim está errado... parece que a minha vida é jogada fora... meu medo é esse... mais do que não ser bem sucedida ... mais que tudo... é não saber me conhecer direito e escolher errado. (Lívia)

> eu acho que as pessoas estão sempre se conhecendo. Eu acho que o processo de conhecer a pessoa nunca acaba. Então quanto mais você conhecer a pessoa... quantas experiências vocês dividirem... quantas coisas que vocês gostam vocês dividirem eu acho que... melhor vocês vão ser juntos, sabe? (Clarice)

> Não se pode se banhar duas vezes num rio porque tudo muda. Então essa constante mudança ele [Heráclito] falou o que é que era, somos uma constante mudança. Mas eu enxergo melhor pela visão do Parmênides, que veio logo depois e disse o seguinte: Aquilo que é não muda. Então tem uma coisa na gente que não muda, que é uma vontade de permanência. A gente tem uma vontade de permanência. E essa vontade de permanência eu vejo como segurança, né. Todo mundo gosta de segurança. Ninguém gosta de estar vivendo com medo. (Doria)

Desta forma, tão importante quanto identificar a experiência emocional como elemento priorizado pela cultura contemporânea, é reconhecer que o aspecto reflexivo da busca de sentido permanece ativo, passível de estimulação. Pensar o projeto de vida dos adolescentes significa procurar discutir os elementos que ele consegue mobilizar em seu ambiente, mas também significa descobrir os processos de identificação envolvidos no decorrer da vida das pessoas. Seguir o discurso de Lívia, assim como aquele que os adolescentes proferem sobre o futuro, faz pensar sobre a necessidade de alguma segurança, por parte de quem escolhe, sobre o que pode ser escolhido.

Nas palavras de nossos sujeitos, ter à frente um mundo de possibilidades de escolha é assustador e gera angústia. No entanto, a existência de um crescente leque de possibilidades para o futuro é provavelmente um caminho sem retorno para a sociedade ocidental.

A questão repousa então naquilo que pode ser feito em relação a isso. Talvez o problema não seja propriamente a quantidade de opções. Talvez fosse mais satisfatório pensar formas de organizar e de viabilizar a reflexão sobre os instrumentos existentes que podem oferecer uma orientação sobre qual caminho,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

somando prós e contras, é o mais gratificante. Informação sem educação é que é o que confunde e cria o sentimento de estar perdido.

Na esteira dessa reflexão, lembramos o trabalho de Lima (2005), que aponta que a cultura contemporânea testemunha um enfraquecimento das fontes tradicionais de doação de identidade. A tradição, a religião, o trabalho, a profissão, uma carreira, a nação são conceitos considerados ou tomados automaticamente como caducos na contemporaneidade.

No entanto, permanece a questão sobre se estes valores estão de fato mortos. O indivíduo revela sua necessidade de construir uma identidade através das manifestações de medo e de sentimento de confusão diante da tomada de decisões, e sobretudo diante do seu futuro. A concepção de futuro aí é fundamental, pois por mais que se quebre a experiência linear entre os três tempos verbais, a percepção de que existem conseqüências para as coisas que se faz no presente sempre chega, em algum momento. A identidade é importante porque orienta a ação: ao situar o sujeito no tempo e no espaço, define um estado através do qual ele pode orientar pra onde quer ir e o que quer fazer. Ela permite um determinado grau de planejamento de vida.

Gentil (1996) sinaliza que ao longo de nossa história desenvolveu-se a sensação vivida pelo sujeito de que ele está entregue à própria sorte. O discurso forjado por conta do individualismo moderno apontava para tal. Ao criar o mito da independência, afirmava também que a "culpa" de tudo que acontece ao sujeito lhe é própria. Essa constatação teria gerado a consciência de um forte sentimento de desamparo. Este sentimento seria, segundo uma tradição mais naturalista, presente no âmago da própria existência humana, mas o fato é que existem vantagens para a sobrevivência na medida em que o sujeito reconhece sua impotência, aprende a conviver com outros e a dividir tarefas, em troca de uma parcela de sua suposta liberdade. No entanto, conforme a própria discussão de Sennett (1998; 2001) levantada em capítulos anteriores, a ilusão de independência total se desenvolveu a tal ponto que o homem contemporâneo não se permite abrir mão de liberdade alguma em prol da convivência. Ele enfim, acaba sentindo falta da segurança que ele roubou de si mesmo.

Construir uma identidade é um processo coletivo. Toda identidade se define em função do outro. Eu só sei que sou 'eu' porque reconheço que existem uma série de 'não-eus'. Logo, a orientação da ação também o é. Lima (op.cit.)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

aponta que hoje a identidade tem a característica de ser fluida. O recurso ao corpo como forma priorizada de expressão, já indicado aqui, é interpretado por este autor como o recurso àquilo que se tem de mais estável[1], ou seja, com o que se sabe que se pode contar.

Assim, embora possa existir a preponderância da corporeidade como orientadora simbólica, o que se pode observar nos discursos dos jovens aqui entrevistados é que estes não deixaram de buscar de alguma forma estabelecer suas identidades também por outras vias. De fato, a corporeidade de que fala Maffesoli (op.cit.) aparece de forma mais branda e menos evidente quando o sujeito é requerido, como na entrevista individual, a formular explicações reflexivas sobre suas escolhas e atitudes. No sentido de esclarecer isso é que partimos para as afirmações referentes à sua auto-imagem e por extensão aos recursos de auto-afirmação utilizados para delineá-la.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

5.1.
Auto-imagem e Auto-afirmação

Entre todos os trechos de entrevistas que começavam com a expressão "eu sou" não houve outro com maior freqüência do que a afirmação sobre a alegada maior maturidade. Essa afirmação muitas vezes vem sob a forma de se possuir responsabilidade sobre as próprias escolhas, mas a freqüência maior foi sob a forma mais clara e declarada, representada pela expressão 'eu sou mais maduro(a) que os outros'. Isso aparece tanto nos discursos de meninas quanto nos de meninos, tanto nos filhos de pais separados quanto nos filhos de pais que permanecem casados.

Os discursos sobre este tópico são extensos, o que indica tanto reflexão anterior sobre o assunto, como necessidade de convencer o interlocutor acerca de suas conclusões:

> Nunca me controlaram e eu sempre vivi muito bem. Sou super responsável. Então não admito um cara querendo me controlar! (...) minha mãe tem umas coisas, bate uma idéia na cabeça dela, ela sai fazendo e não quer nem saber.... aquelas coisas

[1] O autor indica assim o conceito de bioidentidade, e sinaliza inclusive que o diagnóstico médico, por ser baseado no corpo, tornou-se um dos recursos para dizer quem se é. Daí a multiplicação quase cotidiana de novos quadros de doenças, como o TDA/H, a fibromialgia, a doença de pânico, o transtorno bipolar.

da minha mãe... aí ele [o namorado atual] meio que vê isso e fica assustado, porque na família dele não foi assim. (...) Só que eu sou responsável, eu sei o que está acontecendo. (Ana Maria)

eu acho que eu já sou meio que preparado pra isso, sabe, eu sou uma pessoa que se eu comparar com alguns amigos meus eu com certeza tenho uma cabeça mais aberta, sabe, tenho um pouco mais de responsabilidade. Eu acho que eu me enquadraria já pra ser uma pessoa adulta, eu já me preocupo mais com os outros eu já, esse negócio que eu falei, eu acho que eu já estou passando desse processo de transição de não só olhar pra mim mesmo e querer ser responsável por mim, mas querer dar uma solução pras outras coisas. (Branco)

Eu estou acostumado a lidar com pessoas bem mais velhas. Eu ando muito com meu primo, que tem 27 anos, o X... tem 20. É muito assim, eu sempre fui criado com o pessoal mais velho. Nunca fui muito da minha idade. (Daniel)

Já fui chifrado pela namorada que eu mais gostei, que foi essa minha primeira namorada, a L... E com isso eu aprendi muito. (...) também por ter visto todo o rolo da minha mãe com meu pai, aquilo só me acrescentou. Só ajudou a me amadurecer. Então, sabe, eu aprendi muito com esse tipo de coisa. Eu tenho uma amiga que ela morou lá nos Estados Unidos, voltou. Os pais dela são separados, o pai dela tem um filho com a outra mulher, a mãe dela também tem outro filho, e tadinha, ela... o que pra mim me ajudou, me amadureceu, ela simplesmente pirou. (...) o que me ajudou, o que me deu maturidade, me fez crescer, mais cedo do que muitas vezes muitos da minha idade, assim, foi o que só virou a cabeça dela, sabe. Fez com que ela estivesse perdida.' (Enzo)

Com meu irmão já tem que ser um pouco mais na rédea. (...) Ele é muito abusado! Com ele tem que ser mais nas rédeas. Mas comigo não, comigo é tranqüilo.
Você sempre foi o mais ajuizado?
É, eu sempre fui... sempre... minha mãe sempre falou... minhas amigas sempre falam. Tem muito aquela coisa, 'a menina amadurece mais rápido que os homens' Aí eu sempre ficava revoltado: 'não é!!' E elas respondem: 'não, você é uma exceção' **(Risos)** (Enzo)

essas coisas são difíceis, mas a gente cresce com isso.
A gente cresce. Eu acho que quem é filho de pais separados cresce mais rápido.
Por que?
Porque vê essas coisas... aprende o que é a vida de casado mais cedo. Aprende que não é fácil que nem aparece na novela.(Victor)

eu já me sinto um pouco adulta. Ter muito mais maturidade e saber lidar com as pessoas.
Falam isso pra você, ou você que percebe isso ?
Que eu sou um pouco adulta? Não, não, eu me percebo. E também por exemplo a dança, a dança exige que você tenha uma disciplina muito grande. Você não pode faltar os ensaios, você isso, você aquilo. Então tem que cumprir o horário, então eu acho que eu carrego, que eu tenho uma carga de responsabilidade muito grande (Lívia)

A maturidade encontra-se assim associada à disciplina, à responsabilidade pelos outros, a ter acesso à "realidade da vida". O convívio com pessoas mais

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

velhas, as frustrações nos relacionamentos, a experiência de ter os pais separados são as vivências relatadas como provocadoras de maior amadurecimento. Este último exemplo encontra-se direta ou indiretamente associado ao sentimento de falta de apoio por parte dos pais, e mesmo de confiança neles. A experiência remete, de qualquer forma à frustração. Em outras palavras, ter experiência de vida se relaciona para estes meninos com descobrir que as coisas não saem sempre como o previsto.

A afirmação da própria maturidade é sempre acompanhada de alguma manifestação emocional, como o baixar da voz, a ironia, o olhar que se desvia em direção ao vazio, e em algumas ocasiões ao orgulho, como uma forma de auto-afirmação em relação aos demais da mesma idade. A idéia de uma auto-afirmação remete à própria construção de uma orientação sobre quem ele mesmo é. Funciona como uma forma de orientar a própria conduta, onde se imagina o que pode e o que deve ser feito por uma pessoa *madura*. Em muitos momentos, como é o caso de Victor e de Enzo, funciona como a manifestação de um claro e declarado desconforto em ser adolescente e do desejo decorrente de se tornar adulto logo.

De qualquer forma, a identificação com o papel de adulto sugere a necessidade de se sentir com maior poder sobre a própria vida. Mesmo reconhecendo que ser adulto envolve assumir maior número de responsabilidades esse é o desejo manifesto desses sujeitos. Eles vivem a adolescência conscientemente como uma forma de fardo que precisa ser carregado. Ao contrário do que diz o senso comum, a condição de adolescente não é vivida apenas como um permanente curtir, muito embora eles mesmos repitam essa expressão. Estar adolescente diz respeito a um espaço de decisões, mas decisões que visam à chegada a um lugar melhor do que aqueles em que eles se encontram no momento. A consciência disso, portanto, não é totalmente ausente.

A autopercepção também é, muito freqüentemente, associada a qualidades não positivas, e que podem ser representadas pela afirmação “eu sou difícil”. Estas afirmações são proferidas de formas diversas, com diferentes coloridos emocionais, que incluem desde a vergonha acompanhada de uma justificativa, até o orgulho de ser capaz de se impor sobre os outros. Elas passam também pela própria ironia.

E como você pensa que deve ser a sua namorada quando você tiver uma?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Ah, bastante paciente, né... porque eu sou um pentelho. (Adriano)

eu não quero passar aquilo que minha mãe e meu pai passaram comigo.
Como assim?
Porque eu era muito chato.
Chato como?
Era chato, pentelho.
Pentelho como?
Eu enchia o saco deles. Eu não quero ninguém enchendo meu saco. (Maheidenn)

de vez em quando assim, eu vejo que eu sou muito teimoso, sabe.
Como? Com que tipo de coisa você é teimoso?
Às vezes meu pai me pede alguma coisa e eu "pô, não pai, não sei que lá". Mas depois, depois passa. Às vezes, mas não é nada assim importante. (Francisco)

hoje em dia é todo mundo muito individualista assim... mal ou bem... todo mundo pensa primeiro na carreira... igual a mim assim... então tipo compartilhar se torna mais difícil...
E você se considera mais individualista então?
Com certeza.
E isso você acha que pode dificultar ou facilitar?
Vai dificultar muito. (...) mas também eu estou falando de agora assim. Daqui a 15 anos eu não sei também como é que eu vou estar. Às vezes eu vou estar pensando diferente. (...) vou amolecer, sabe? Vou ficar menos autoritária assim provavelmente.
Quem te disse isso a primeira vez? Que você é autoritária?
Acho que foi no colégio assim. Alguém falou... aí eu comecei a me policiar assim. Aí eu comecei a realmente ver que era. (Juliana)

Você se dá bem com eles de uma forma geral ?
È porque eu sou muito exigente... se eu vejo alguma coisa fora do lugar eu já brigo.
Você é arrumadinha ?
Ahamm... minha mãe ela bagunça muito, ela chega com as coisas dela bota em cima da mesa e leva um dia pra tirar. Eu não, eu gosto que tire , levantou e tira... ninguém é igual a mim... (Maria Eduarda)

como minha irmã é mais bobinha assim sabe? Eu vou em cima dela. Eu sou muito... muita coisa.
Mas autoritária por exemplo como?
Ahhh eu quero tudo do meu jeito sabe?
E você ainda divide o quarto com ela?
Divido. **[risos]** e ela é toda desleixada assim. Eu sou metódica sabe? Se eu botei aqui eu quero achar aquilo aqui. Se não está aqui eu vou pegar o primeiro que aparecer na minha frente.
Ela só tem 11 anos, né?
Ahhh, mas 11 anos já está bem grandinha! Mas aí eu fico irritada. Bagunça me irrita muito. (Juliana)

Para ser construída, a identidade passa pelos referenciais com os quais o sujeito lida. A escola, os irmãos, a mãe, o pai. As idéias de afirmar quem se é e de se afirmar como pessoa de valor, relacionadas entre si, estão também associadas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

às manifestações dos pais. Isso aponta na direção de que estes continuam sendo referências importantes para a orientação sobre o futuro, mesmo quando essa orientação segue o caminho inverso daquilo que os pais preconizaram.

Juliana é um exemplo de como a identidade se faz perante o que os pais dizem e esperam. Seu papel na família é muito pautado pelo contraste com o irmão. Ele não gosta de estudar e mesmo depois de formado, com emprego fixo e namorada firme, continua morando com os pais. Ela gosta de estudar, e sempre foi excelente aluna, supostamente autônoma em suas escolhas. Mais do que isso, ela sempre se percebeu como a preferida do pai por causa dessas características, o que possivelmente prescreveu cada vez mais seu comportamento de estudo e de busca de independência, ações diferentes das quais eram identificadas para o irmão. Nesse sentido, apesar de ter medo de ir estudar longe, ela também tem orgulho de apresentar em seu projeto de vida a busca pela independência, como sugerem as falas seguintes:

> meu pai sempre foi mais assim comigo, sabe ? Minha mãe que é mais cheia de medo.
> **Teu pai sempre foi como contigo ?**
> Não, é porque eu sou mais apegada assim ao meu pai, sabe? Tipo, aí meu irmão assim não gostava muito de estudar. Só que meu pai sempre apostou muito em mim. Tipo não cobrava. Eu sempre tive boa nota. Então ele sempre apostou em mim. Sempre sabia que eu não ia ficar aqui, sabe?
> **E teu irmão não?**
> Ahhh meu irmão ninguém apostava!! **[risos]** (...) Dez anos mais nova e eu saio [de casa] antes dele.... **[risos]** (Juliana)

Ser uma promessa para um dos pais aparece também no discurso de Daniel, embora nesse caso, seja um discurso negativado, uma vez que ele decidiu não cumprir o que o pai esperava dele.

> era muita pressão exercida pelo meu pai. Se eu não ganhasse a competição, se eu não ganhasse nada, eu parava. Ele não parava... ele ficava, desculpe o palavreado, puto, e tipo, ah, vamos almoçar na minha avó. Ele dizia: não, não vamos, vamos subir direto pra Petrópolis. Então, tipo, eu ganhava, era as mil maravilhas. Eu perdia, era tipo, a pior coisa do mundo. Eu era meio que herói pra ele. Tipo, era o sonho que ele sempre quis, eu estava realizando pra ele. (Daniel)

A história de Daniel deflagra algumas peculiaridades que devem ser esclarecidas. Como já apontado anteriormente, ele se pauta, como sujeito, em cima de concepções de virilidade como auto-afirmação. Isso garante uma espécie de caricatura de adolescente, ou mais que isso, a caricatura de macho. Seu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

discurso é todo dimensionado em torno da afirmação de seu poder viril e pessoal, o que inclui a imagem cultivada de 'galinha' da cidade, a resistência definitiva em assumir que se encontra emocionalmente comprometido com sua namorada, o repúdio às atitudes das mulheres (que segundo ele que só se interessam pelo dinheiro do homem), a afirmação de que é capaz de conseguir o que quiser uma vez que tenha vontade para tal, a insistência em dizer que se fez sozinho e que jamais cede a pressões de outros. Seu discurso é recheado de frases feitas ('não faça aos outros o que não quer que seja feito para você'; 'falem bem, falem mal, mas falem de mim'). É bastante freqüente também a afirmação 'sou assim, goste ou não, aceite como quiser, se quiser'.

É nas curvas de seu discurso que se pode perceber a importância dos pais nesta trajetória. Daniel afirma a todo momento que 'se fez sozinho' e que vai continuar se fazendo assim por toda a vida. Porém, mesmo quando assume que a separação dos pais teve um impacto muito forte em sua vida, encontra um meio de positivar o fato de ter se sentido jogado sozinho no mundo. O trecho a seguir, embora longo, merece ser citado, pois permite vislumbrar o sentido de várias páginas de entrevista deste sujeito.

[ser adulto e assumir responsabilidades] é assustador?
Não! Eu já me viro sozinho, desde os doze anos eu já sou meio que independente. Não financeiramente, nem nada, mas meus programas sou eu que faço.
A separação fez uma diferença muito grande nisso aí?
Teve, porque eu não tive o que muita gente tem. Que é ter os pais juntos. Estar ali do teu lado, sempre qualquer coisa teu pai está te mimando, está passando a mão por cima.
Quando teus pais separaram, isso deixou de acontecer?
Já era. Eu nunca tive... Ninguém passava a mão por cima. Pela separação mesmo, tipo, eu tinha que passar por cima de mim. Ah, eu fiz isso, eu não vou assumir. Não tive mesmo não. Eu tenho dezessete anos na cara, eu falo, eu fiz merda, fiz mesmo. Muita merda até hoje. Assumi tudo que eu fiz. E vou continuar assumindo.
É que você falou que houve uma diferença quando aconteceu a separação. Então é porque tinha alguma coisa que tinha antes e que deixou de ter depois.
Ah, não, na época foi difícil. Era muita... é que eu ficava muito dentro de casa, com meu pai e minha mãe. Mas com aquilo, com a separação, eu comecei a ir mais pra rua. Foi, meio que assim, você cresce. Com aquilo ali é um tombo muito grande.
Muitas crianças pensam que foi culpa delas, você pensou isso?
Não. Eu acho que aquilo ali, sabe... não... não tem muito... como é que eu vou te explicar isso? Por um lado foi uma coisa muito boa que aconteceu. Separar, porque eu tomei meu rumo na vida. Eu quero isso, isso e aquilo. Com aquilo ali eu consegui. Eu cresci, entendeu. Eu acho que se eu não, se meus pais não fossem separados, eu não vivia hoje como eu sou. Entendeu. Então eu tomei muita

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> porrada na vida, já. Muitas coisas que eu discordava deles hoje em dia eu concordo. (Daniel)

Pensar a fala de Daniel pode talvez fazer refletir sobre a importância da posição dos pais na definição de uma orientação para o futuro, assim como para o presente. As palavras desse sujeito indicam, apesar de sua tentativa de negação disso, que ele percebeu os pais como negligentes em seus cuidados com o filho. O próprio movimento de afirmar que, a despeito disso tudo, o que aconteceu foi bom para ele, indica a importância que existe para a sua consciência de manter boas relações e de ser querido pelos pais.

Há uma série de contradições nessa empreitada de Daniel. Ele afirma a todo momento, por exemplo, que jamais sofreu pressão de seus pais, mas ao mesmo tempo, insiste em dizer que se não passar no vestibular as pessoas vão ter que aceitar isso, gostem ou não. Fica a pergunta sobre a quem ele se refere, quando diz que 'alguém' deve aceitar, caso seu resultado nas provas não seja satisfatório.

O discurso de Daniel representa assim apenas uma nuance das várias formas pelas quais a importância dos pais se faz presente no processo de delineamento de modelos de conduta ou de inspiração. Assim, aquilo que é freqüentemente interpretado como rebeldia revela em seu significado a dimensão da importância que os pais têm.

A rebeldia se caracteriza como todo comportamento que vai contra uma ordem estabelecida. Ela é uma *re-ação*, propriamente dita, e como tal, está inserida em um contexto, raramente sendo sem propósito. Isso inclui desde manifestações abertamente violentas, até expressões aparentemente indiferentes que configuram a resistência passiva em responder o que lhe é perguntado:

> jogar na cara deles [as pessoas da escola] agora que eu passei pra faculdade e que se eles quiserem me ferrar eles não vão conseguir.
> **Por que você acha que falaram isso?**
> Não sei. Birrinha, porque a parada é a seguinte: tem professor lá dentro que não gosta de mim. São várias coisas. Eu não dou abertura suficiente, o professor gosta que fique babando ovo, eu não babo. Eu sei como é que eu sou. Eu fico na minha. E chega na hora H não consegue me ferrar. A primeira vez que ele conseguiu me ferrar foi nesse simulado, e ele conseguiu. Foi a única vez.
> (...) Teve uma vez que a gente estava fazendo redação. Eu não gosto, eu odeio fazer redação!! **(tom de voz supostamente de autoridade, como se não admitisse contestação)** Então eu não gosto. Então tipo, estava no meio da aula de redação, tinha eu e mais três pessoas sem fazer nada. A gente não queria fazer, sabe, não quero! Acabou! Não sou obrigado a!! Toda aula!! Me desculpa. Sou

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> obrigado a fazer? Não sou! Não vai me obrigar a fazer as coisas, que vai ser pior. Eu sou assim. (Daniel)

O encerramento da fala de Daniel com a frase 'eu sou assim' é denunciador da necessidade de afirmação que ele vive. No entanto, outros exemplos têm algo a se acrescentar, no que tange a velha discussão sobre a chamada rebeldia dos adolescentes. Podemos observar a recusa de Maheidenn em expor seu pensamento nas falas a seguir:

> **E você acha que não dá certo por que [o casamento]?**
> **(pausa)** Não sei. Simplesmente não dá. Eu não posso definir por quê.
> **E se quiser ter, que tipo de relação você gostaria de ter?**
> **(pausa)** Alguma coisa... que eu ficasse feliz. Não sei te dizer como porque nunca aconteceu antes pra eu saber. (Maheidenn)

> **É muito concorrida a tua área?**
> 25 por vaga.
> **Isso te preocupa?**
> Não.
> **Quando você pensa no seu futuro, tem algum sentimento, ou algum pensamento que aparece sempre.**
> Nada. (Maheidenn)

Maheidenn, de forma particular, ilustra a variedade de formas pelas quais a rebeldia pode se manifestar e ser interpretada, formas não abertamente violentas, mas que são de fato uma espécie de reação e protesto contra a realidade. A entrevista deste rapaz foi caracterizada pela emissão de respostas curtas e sem qualquer desenvolvimento, mesmo diante da formulação da mesma pergunta de formas diferentes. Muito antes de configurar um gesto abertamente violento, sua atitude indica uma postura de rebelião, uma vez que ele se propôs apenas formalmente a dar a entrevista, mas na prática se negou a fazê-lo. Ele compareceu ao encontro só e somente porque concordou em fazê-lo e, no entanto, sua atitude foi de recusa absoluta em colaborar com a pesquisa.

Isso configura uma espécie de resistência passiva que, caso se manifeste em seu cotidiano, provavelmente é interpretada pelas pessoas com as quais ele se relaciona como antipatia ou mesmo como algum embotamento emocional. No entanto, ao contrário, sua atitude inegavelmente expressa alguma coisa. Embora seja estudioso, use um bom português, e seja evidentemente capaz de se concentrar, ele se nega mesmo a fazer uso dos argumentos que a própria cultura oferece para legitimar suas posições.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Partindo do pressuposto de que não existe oposto para o comportamento[2], o silêncio de Maheidenn e sua recusa querem comunicar algo. Isso faz supor que de alguma forma, quando ele se percebe em situações que lhe são desagradáveis, mesmo assustadoras, a rebeldia passiva, é a única forma de reação que tem coragem de tomar. É razoável pensar que essa foi a solução mais acessível que ele encontrou para lidar com a experiência de desconforto e aparentemente tolerar suas frustrações.

A intenção aqui, entretanto, não é de realizar uma análise psicanalítica do sujeito. É mais razoável pensar que, da mesma forma como Daniel o faz através de seu discurso onde afirma seu poder pessoal, Maheidenn talvez represente um determinado grupo de adolescentes quando se comporta da forma que fez. Assim como ele, outros adolescentes são com freqüência classificados e tratados como 'problemáticos' ou 'alienados' quando, de forma paradoxal, o que provavelmente existe é a intensa – e assustadora – experiência de uma sensibilidade cuja expressão não encontrou receptividade do meio. Aquilo que os outros adolescentes expressam em relação à pressão que sofrem e em relação a suas perspectivas de futuro, como veremos a seguir, pode ser tão amedrontador que a alternativa do silêncio figura como a mais segura.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

5.2.
A experiência de pressão social

A experiência de se sentir pressionado foi relatada com freqüência nas falas dos sujeitos. Definir o que é uma situação de pressão para estes remete necessariamente ao contexto em que vivem, e em especial à escolha profissional.

Desde as primeiras entrevistas tornou-se evidente que a definição quanto à profissão ou aos rumos que o sujeito pretendia tomar em relação à sua vida de trabalho e à forma como buscaria sua sobrevivência é a maior fonte de tensão. Isso estaria associado, como já indicado anteriormente, à percepção de que quando crianças estão mergulhados em um mundo particular e irreal, mundo apartado das responsabilidades exclusivas do trabalho. Ou seja, há a percepção de

[2] WATZLAWICK, P. ; BEAVIN, J. H. & JACKSON, D.D. **A Pragmática da Comunicação Humana**. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix, 2002.

que é no momento em que deixam a escola que estarão de fato sendo confrontados com responsabilidades, podendo sofrer conseqüências diretas de suas escolhas e de seus atos. Fica a forte sensação de contraste entre o mundo da criança, privado, mágico e protegido e mundo real da vida adulta, mundo público, *terra de ninguém*.

A pressão é definida, sobretudo pelo contexto, e no discurso dos adolescentes, apenas tangencia as figuras parentais. Os pais aparecem como modelos em que se mirar, e por vezes são protagonistas do exercício de cobranças, mas a percepção declarada dos adolescentes é de que a idéia do vestibular e a entrada no mercado de trabalho são as maiores fontes de tensão.

> **como estão as expectativas pra isso?**
> Um saco. Esse ano vai ser um saco, vou ter que estudar muito, minha mãe vai ficar pegando no meu pé, mas não tem jeito, vou ter que estudar. (Joana)
>
> **Agora o pessoal da sua turma como está? Estão conseguindo definir o que querem?**
> A maioria... a grande maioria... por isso que eu tava desesperada, porque a grande maioria sabia o que queria... e eu sabe? **[risos]** no começo do ano eu estava meio perdida. (...)
> **E você se sentia pressionada porque todo mundo sabia o que ia fazer e você não?**
> Ahhh... dava um desespero assim nos primeiros meses... que o primeiro mês sempre tem aquela reunião com a direção que vai falar todas as perspectivas do ano... aquela coisa que ninguém assusta **[risos]** que vai ter cinco simulados... aí eu já estava meio desesperada sabe? Que as inscrições estão sendo agora também de uma vez. Aí eu nem fiz a inscrição da UERJ, porque eu não sabia direito o que eu queria. (Juliana)
>
> todo dia tem uma sermão assim. Terceiro ano tem sermão constante do vestibular.
> **Família também não ?**
> Não. Eu que me pressiono muito mais que qualquer outra pessoa. (Juliana)
>
> **Porque você está falando que fica muito preocupada...**
> Não, é todo mundo assim fala que vai ter um tempo que eu vou descobrir... aí quando chegar a hora e tal... mas eu fico preocupada porque eu fico vendo todos os meus amigos...
> **E se chegar o final do ano que vem e você ainda não tiver descoberto?**
> Eu vou entrar em desespero. (Maria Eduarda)
>
> **Os alunos estão comentando alguma coisa sobre isso ?**
> È, claro, não: é tudo em função disso! Eu estou falando, está acabando com a nossa vida, porque você vai fazer uma prova que você nunca mais vai usar... ahhh porque você está estudando isso agora pro vestibular, se faz o vestibular você nunca mais vai usar aquilo! Eu acho muito, desculpa o termo, imbecil essa prova! E sem sentido (...) eu estudo e não penso nisso, porque se eu parar pra pensar... eu choro fico desesperada. Porque eu penso que estou desperdiçando meu tempo. (Lívia)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Você está dizendo de como é feita essa prova.
É pois é... eu acho que devia ser uma coisa como era antigamente, que você chegava no ensino médio e já dividia, as pessoas que queriam pra área de humanas e as que queriam pra exatas e biomédicas (...) porque ninguém é obrigado a saber física, tanto assim... a gente prepara pra uma prova e ninguém nunca vai usar. As pessoas são diferentes... Assim está anulando a personalidade de todo mundo, está igualando todo mundo (...) eu acho que está tudo errado, não concordo com nada disso, mas eu estou sendo obrigada a fazer isso. Forçada... senão eu vou ser esmagada por todo mundo. (Lívia)

A percepção de estar sendo "esmagado" é normalmente referida acompanhada de olhares entristecidos ou, ao contrário, de explosões de revolta. O sentimento de injustiça é presente em praticamente todas as declarações, assim como a menção ao "desespero" e a percepção de que não há saída, e que eles são obrigados a cumprir as regras que não elaboraram, em um mundo que não escolheram – o que provoca o sentimento de revolta. A passagem no vestibular pode ser significada como o agente mais representativo e catalisador da experiência – que é percebida em boa medida como repentina – de ir para o mundo 'real', ou seja, para o mundo compreendido com público. Este é o mundo onde o sujeito teria que desempenhar determinados papéis em detrimento da liberdade de ser quem "realmente se é". É aí onde as regras públicas, e não as pessoais, exercem atuação mais clara e teoricamente sistematizada na vida individual do sujeito.

Nesse sentido, a expressão de Lívia, quando rechaça a condição de que um vestibular que iguala todo mundo e nega as personalidades individuais é um indicador do valor que tais personalidades assumem, na percepção da própria vida. Ignoram-se, assim, as vantagens que o sistema teoricamente oferece. Esse movimento de igualação apaga, por exemplo, a trajetória de um currículo de notas escolares ruins, que em outros sistemas de ingresso no ensino superior poderia ser motivo para o veto na entrada na universidade e no curso desejados. A percepção da pressão exercida pelo vestibular se dá prioritariamente em torno da idéia de ameaça, limitação, muito provavelmente porque é a primeira experiência, para muitos desses jovens, de confronto com uma avaliação feita sob critérios que não incluem o conhecimento pessoal.

A dificuldade em lidar com a pressão do vestibular também se encontra associada, portanto, à tolerância à frustração, na medida em que o sujeito é confrontado com a possibilidade de não poder viver seu futuro do modo como

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

idealizou. Essa idealização envolve desde a perspectiva sobre um determinado estilo de vida até – e principalmente – a percepção sobre si mesmo: o que envolve a possibilidade de confronto entre a imagem que o sujeito sempre cultivou de si e suas realizações de fato.

> **Mas por que? Você fica com aquela obrigação de que? [ao ser perguntada sobre seu sentimento de estar sendo pressionada]**
> Ahhh, porque, sabe? Todo mundo acha que eu vou passar assim e eu tenho medo de não passar **[risos]** então aí eu fico assim pô se eu não passar vai ser, sabe? Todo mundo acredita, sei lá...
> **Só essa expectativa que as pessoas criam de você passar já é uma pressão, né?**
> Com certeza.... aí... mas pô, sei lá... eu me pressiono muito mais do que meus pais sabe? (Juliana)

> todo mundo... mas eu tenho a obrigação de ser bem sucedida... porque a formação que eu tive, você estuda em um colégio de elite... eu sempre tive as melhores coisas, melhores oportunidades... eu tenho que ser bem sucedida, vou ser uma decepção se eu não for bem sucedida.
> **E se você for uma decepção ?**
> Eu vou ser uma decepção... fazer o que ? **[risos]**
> **Decepção pra quem ?**
> Pros meus pais, minha família... (...) meus pais não botam pressão em mim, mas eu boto pressão em mim... eu me cobro muito... (Lívia)

> **quando você pensa no futuro, você sente...**
> Ansioso, um pouco de medo.
> **De que?**
> Medo de falhar, sabe, nunca gostei de perder, nunca gostei que as minhas coisas dessem errado, e acho que eu tenho um pouco de medo disso, de não conseguir meus sonhos, de não conseguir formar uma família, de não conseguir um emprego bom, sabe. (Branco)

O confronto com a possibilidade de frustração, nessa altura já emblemático, provoca reações de revolta expressas verbalmente. Provoca também reações de repúdio expressas emocionalmente, sob a forma de um cansaço, um absurdo mau humor, fuga para o sono.

> Eu passo no vestibular, ponho pra começar a faculdade no segundo semestre e vou. Eu quero viajar, já estou cansada daqui. Sabe? Eu também estava muito estressada. Não sabia o que queria.
> **E tem aquela pressão do colégio.**
> Ai!! Olha, em janeiro, teve uma semana... a gente fica acabada. Eu fiquei preocupada com isso tudo... Minha mãe ficou falando que eu precisava sair... e o tempo todo é pensando nisso. Poxa, minha vida acabou! Começou o ano eu não fazia mais nada! Sabe, fiquei desconcentrada na aula, aí começou a dar problema no físico. Comecei a ficar super arrasada. Aí chegou uma hora que eu falei: sabe, não vou mais me estressar! Vou fazendo! Quando chegar no dia eu resolvo! Se eu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

não passar, aí eu resolvo lá o que que eu faço. Se eu tento de novo, se eu vou viajar... (Ana Maria)

eu estava cansada... sabe? Eu estava mal assim sabe? Tipo praticamente em depressão assim. Não chegou a ser em depressão mas estava triste. Estava muito mal, chorava por qualquer coisa.
Mas por que você acha que estava assim?
Eu não sei o que estava acontecendo comigo assim. Tipo não sei mas eu estava muito mal. Acho que era por causa de colégio. Começo... ainda não tinha me adaptado assim.
Porque você é nova no colégio?
Não. Mas porque mudou completamente a cobrança de agora, sabe? Foi na época que também tinha que começar a inscrever em faculdade. Na época de simulado, prova. Então misturou um monte de coisa sabe? Na época eu ficava muito quieta aí minha mãe começou a perguntar. Mas eu não gosto muito de falar não. **[risos]**
E aí o que você pensa nessas horas ?
Eu não penso nada, assim. Eu vou dormir que é o melhor que eu faço **[risos]** E também eu acabo descontando nos outros sabe? Eu desconto muito nos outros assim. Aí eu tenho que tomar cuidado sabe? Então por isso que eu prefiro ficar sozinha. Porque se eu começar a falar eu vou descontar no primeiro que aparecer. (Juliana)

Ahhh com certeza... passar no vestibular isso me estressa. Meu colégio é muito assim, aliás a gente entrou no colégio eles diziam que não ia ser tudo projetado pro vestibular, mas não é o que está acontecendo. A gente está fazendo tudo em função do vestibular! (...) Só estão focalizando no vestibular, a gente está ficando estressado, tanto que eles estão é, tendo que colocar aulas de relaxamento no terceiro ano. Está muito estressante. Porque está ficando cada vez mais difícil passar no vestibular, primeiro a concorrência e depois está cada vez ficando mais difícil a prova de vestibular. (Lívia)

Como você se vê daqui a 20 anos?
Ahh, me imagino já formado em alguma coisa que eu não faço a menor idéia. Talvez bem sucedido, mas não realizado, não sei.
Mas o que você chama de não realizado?
Porque eu provavelmente não vou escolher alguma coisa que tenha 100% definido, entendeu, é, assim, pra fazer na faculdade. E aí eu não sei também se depois eu vou mudar ou se eu vou seguir também. (Adriano)

Neste contexto, pode-se compreender de uma outra forma o recurso a viver no presente. Este termina por se configurar como uma solução temporária para a sensação de estar sendo pressionado em uma direção que em boa parte se teme.

A escola faz muita pressão. Eu na oitava série já tinha medo de vestibular. Já tive stress com vestibular. Na oitava série! Aí quando eu entrei no primeiro, eu mesmo me crucifiquei tanto, na oitava série, que chegou no primeiro ano, eu peguei: 'quer saber? Esse ano eu vou relaxar.' Relaxei tanto que fiquei em dependência. **(risos)** Sabe, esse ano, eu quero curtir mais. (Enzo)

As pessoas mudam a cada instante (...) Eu acho que a partir do momento que vocês deixam de ter a alegria juntos, não vale a pena entendeu? Eu acho que a vida é uma só e você tem que aproveitar o presente ao máximo. (Clarice)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> Ainda mais que eu já vou estar beirando os quarenta anos, eu já devo estar muito assustada.
> **Por que, o que que é ter 40 anos?**
> Ah você vai estar há 10 anos de ter meio século, é assustador. Mas eu prefiro viver o agora, porque eu não sei como vai ser o meu futuro, eu prefiro me concentrar mais agora, o futuro a gente vê depois. (Jessica)

O escape para a idéia de 'viver no presente' pode ser facilmente associado ao espírito da juventude, ou ao momento de ser adolescente. No entanto, como já discutido anteriormente, pode-se articular este recurso a todo o funcionamento da cultura. O modo como o tempo e a realidade vêm sendo percebidos abre pouco espaço para a experimentação de segurança. O sujeito que em determinado momento de sua vida depende, sobretudo do resultado de suas provas no vestibular para definir uma identidade ou um sentido para seus dias está jogando mais arriscadamente as cartas altas que possui. Ele ouve que pode deixar para mais adiante estabelecer um relacionamento afetivo e uma família, pois a sociedade enfatiza a possibilidade de plena curtição que o adolescente desfruta, especialmente nesta área da vida. Mas a hora de dar um passo significativo no que diz respeito ao trabalho possui, neste momento, uma urgência maior. Mesmo porque, a possibilidade de estabelecer uma família teoricamente dependerá do modo como ele irá se desenvolver no campo profissional.

Soma-se a isso, uma questão que já se pode perceber forjada no discurso dos adolescentes, e que mais adiante será retomada. Existe ainda a preponderância de duas idéias básicas porém freqüentemente equivocadas sobre o mundo no qual eles teoricamente estão sendo inseridos. A primeira é a de que o adulto já está mais definido do que o adolescente. Ele já saberia o que quer, já fez as suas escolhas mais importantes, já se encontra em uma situação de maior segurança simbólica sobre o que quer e o que sente.

A segunda idéia é a de que a escolha que se faz no momento de entrar para uma universidade ou algum outro tipo de especialização profissional é uma escolha em boa parte definitiva. Isso significa que após esta ser feita, é que se dá o tão mencionado fracasso ou sucesso. A realidade com a qual se defronta na contemporaneidade, como será melhor apontado adiante, é muito mais complexa e envolve inúmeras situações que não se caracterizam exatamente por uma situação de segurança objetiva para a vida prática.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Cabe, entretanto, sinalizar que a pressão em relação à escolha profissional e aos resultados do vestibular, embora neste momento assuma um espaço central na reflexão dos sujeitos, não é a única que eles experienciam. Embora de forma mais branda e em tons que freqüentemente se aproximam de uma espécie de absolvição, há a pressão exercida pelos pais, ou pelo próprio convívio em família.

> Quando meu pai saiu de casa e falou que eu era o homem da casa... engraçado é que outras pessoas falaram isso pra mim também.
> **Falaram? Assim, na tua cara?**
> Falaram. Sacanagem, eu acho. Hoje eu olho pra trás e vejo que foi sacanagem, mas as pessoas não sabem disso... eu acho que elas ficam querendo falar alguma coisa mas não sabe o que falar e acabam falando asneira. Eu acho que foi por isso que meu pai falou isso. Hoje eu vejo que foi sacanagem, mas na época eu fiquei preocupado, e eu meio que passei a me ver assim, sabe. Isso foi uma das coisas que me fez crescer. Eu e três mulheres em casa... Claro que na verdade eu não mandava nada, mas pra um menino de dez anos fica aquele peso... (Victor)
>
> **Teu pai deve ter ficado frustradíssimo quando você largou a natação.**
> Super. Super. E do mesmo jeito que eu tenho muita cobrança dentro do colégio por ser filho de professor e dele, entendeu.
> **Ele dá aula no colégio que você estuda?**
> Dá aula no colégio. Então é dobrado. Em cima de você é dobrado. E ele ainda bota mais ainda. Então são três pressões que quase ninguém tem, sabe. Só quem é filho, que tem pai...
> **Você acha que quase ninguém tem?**
> Ah, só mais quem é filho mesmo de professor que sabe. Porque é diferente, teu pai está ali dentro, neguinho vai e fala no ouvido dele, ele vem e fala contigo. Aí neguinho cobra mais porque **você** é filho de professor.
> **Você se sente angustiado por causa disso?**
> Eu me sinto meio puto de vez em quando. (Daniel)
>
> **Como é que sua família hoje?**
> (...) É uma família que mudou, mudou pelo simples fato de que eu decidi que não ia deixar a minha família ter os problemas que ela tem, se eu visse alguma coisa eu ia querer consertar. Então por exemplo, hoje, toda quarta feira, quem cozinha o jantar sou eu e meu pai. A gente cozinha isso e chama de jantar estranho. (...) Minha mãe, ela é bahiana, ela nasceu em Saúde que é o interior, então ela tem uma mentalidade diferente da do meu pai que nasceu em Curitiba, que sempre estudou muito, é um cara muito culto, muito culto. (...) Teve um dia, isso aconteceu quando eu tinha uns nove anos, todo domingo era uma briga, por que meu pai queria ficar em casa e minha mãe queria ir pro calçadão da praia passear. (...) eu sugeri "Vamos fazer o seguinte, vamos fazer um sorteio, de manhã minha mãe escolhe e de tarde meu pai escolhe".
> **Você tinha nove anos?**
> Nove anos isso. E várias vezes já aconteceu lá em casa de eu acordar de noite e ver meus pais brigando, discutindo. Eles brigando sério. Grita e um fala: " Não por eu isso e aquilo outro". Eles falam essas discussão agressivas e tal. Eu nunca achei isso muito legal, então eu busquei ir pelo lado lúdico, né. Que é pela brincadeira, pela coisa despojada. (Doria)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

A reação a este tipo de pressão toma forma ora de revolta, como nos casos de Daniel e de Victor, ora de uma expressão condescendente, como com Doria. No entanto a consciência do papel – e do valor – das próprias habilidades referentes a como os sujeitos lidaram com tais situações é bastante reduzida.

A condição de pouca elaboração desta consciência participa do quadro de desconhecimento de si próprio e das próprias capacidades. Aquilo que eles trazem à baila é material que pode ser explorado no sentido de incremento do conhecimento das próprias habilidades. Sua auto-afirmação, sob a forma do discurso da independência, encontrou espaço de expressão aí, embora acompanhado de ressentimento mal disfarçado. Daniel e Victor, por raiva, e Doria, por medo, desenvolveram algumas habilidades referentes ao modo de comportar-se diante dos outros. Em especial a expressão destes dois primeiros manifesta a sensação de terem sido traídos. Ou seja, eles esperavam dos pais um determinado tipo de atitude, e viveram uma expectativa que não foi atendida. No entanto, mesmo após este fato, parece não ter havido algum tipo de acesso direto a estes pais que esclarecesse as dúvidas decorrentes acerca daquele confronto com a realidade e com as questões sobre aceitação e segurança que advêm nos momentos em que se dá este tipo de confronto.

A questão aí repousa não em uma análise psicológica do indivíduo, mas ao ser exposta aqui, procura remeter a formas de construção de relacionamento com a realidade que sejam mais gratificantes para o convívio do sujeito com seu contexto social. O ressentimento e o medo estão longe de ser atitudes frente à realidade que trazem melhor capacidade de conciliação e de encontro de gratificação. O desenvolvimento da tolerância à frustração pode ser um processo mais satisfatório se as dúvidas sobre aceitação são sanadas da melhor forma possível e o sentimento de um mínimo de segurança e confiança no outro é cultivado. Pais e sociedade são parceiros equivalentes nesse movimento de aprendizado. Quando se fala de pensar o próprio futuro e a própria vida, fazendo uso dos recursos simbólicos disponíveis, é necessário que haja alguma espécie de confiança nestes mesmos recursos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

5.3.
O significado do futuro

Uma vez que se trata de uma pesquisa cuja indagação central é acerca do projeto de vida elaborado por adolescentes, o processo através do qual estes sujeitos constroem um significado para o *futuro* é objeto de discussão privilegiado.

É Clarice que faz uma síntese sobre o significado do futuro que atravessa o pensamento de todos os adolescentes entrevistados.

> Eu acho que futuro é sinônimo de incerto. Eu acho que você não pode falar "eu vou ter filho!". Vai que você morre amanhã, entendeu? Não tem jeito. Eu acho que o futuro é uma coisa improjetável. Eu acho que você pode projetar seu desejo de ser no futuro, mas você não pode projetar uma coisa certa. Eu acho que o futuro é e vai continuar sendo uma incógnita para todas as pessoas. (Clarice)

O fato de ser percebido como incógnita – indicador direto de imprevisibilidade e impossibilidade de contar com alguma coisa como certa – suscita francas reações de medo.

> É quase que uma... porque assim, com a educação que eu recebi, é quase que com certeza vou ter um emprego legal, né? Mas é só o desconhecido... está nublado, não dá. É tudo provavelmente. (Lívia)

> **Mas você vê o seu futuro lá [o pai de Adriana receberá em breve a resposta sobre se a família deverá se mudar para os Estados Unidos por causa de seu emprego], assim como vê o seu futuro aqui também...**
> Ah, o meu futuro lá é um pouquinho mais nebuloso assim. Aqui eu já tinha meio que um certo traçado, lá eu vou ter que pensar tudo. Até porque, eu não conheço muito bem todas as faculdades. Se eu não conseguir entrar na que eu quero, eu não sei pra onde eu vou, sabe, até também, as disciplinas são diferentes e é tudo muito diferente, em inglês...
> **Você já me falou que está vivendo um momento assim de transição né. Tem algum sentimento que você consegue pensar que defina esse momento, essa sua visão do futuro agora?**
> Ah, medo. (Adriana)

> **Você nunca parou pra pensar como é que vai ou pode ser daqui a 20 anos?**
> Não, assim, às vezes eu penso, o negócio é que pra não ficar muito ansioso... eu prefiro não ficar pensando. Eu já sou muito ansioso por natureza, se eu ficar pensando muito... (Francisco)

A manifestação deste medo do incerto está longe de ser uma expressão tipicamente adolescente. No entanto, o que chama a atenção é que a quase totalidade dos adolescentes entrevistados relata a vivência desse sentimento com

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

expressões verbais e não verbais de pesar. Os sinais deste pesar vão desde a negação quase honrosa do sentimento de receio, como é o caso de Daniel e de Maheidenn, representado em trechos já citados acima, até o riso nervoso e quase compulsivo de Juliana.

Novamente, há que se lembrar todo o contexto em que estes sujeitos estão envolvidos. Assume-se que é na adolescência que se irá passar para o 'mundo real', e esse mundo real é percebido como totalmente novo. A passagem é lembrada direta e indiretamente, pela pressão por causa do vestibular, por elementos variados das histórias individuais. Neste contexto o sentimento de medo do desconhecido é quase que uma conseqüência direta.

No entanto, chama a atenção uma menção freqüente sobre uma percepção específica dos adolescentes acerca do que justifica e dá forma a este receio, e que se resume na idéia de sentir um grande medo de não "dar certo", de não ser o que se planejou, o que se idealiza na sua atualidade. Vale observar que este sentimento aparece mais freqüentemente associado à realização profissional e à descoberta do "eu" do que a qualquer outro elemento do futuro.

> **Quando você pensa hoje no seu futuro, tem algum sentimento que você tenha em relação a ele?**
> Medo...
> **Mas medo de que?**
> Medo de ser infeliz, ou de ser ultrapassado...tenho bastante medo de não dar certo. (Adriano)

> **Hoje, quando você está pensando no seu futuro, qual o sentimento que você tem?**
> Eu acho que é um.... uma insegurança, mas ao mesmo tempo uma certeza que eu quero ser alguém, fazer uma coisa, ser grande na vida, crescer, mas ao mesmo tempo tem sempre aquela insegurança de não conseguir.
> **E a insegurança é medo de não conseguir o que?**
> Várias coisas. De não conseguir exatamente o que eu quero, de ficar numa área que não é bem o que eu queria, de me decepcionar, chegar e não ser aquilo, de não conseguir entrar na faculdade, não sei...uma série de coisas. (Ana)

> **Quando você pensa no futuro hoje, que sentimento você tem em relação a ele?**
> Ah, um pouco de medo. De meus planos não darem certo. Isso eu fico meio assustada
> **Você acha muito incerto?**
> É. Tem que ter muita força de vontade pra tudo sair igualzinho.(Jessica)

> **Quando você pensa hoje no seu futuro, tem algum sentimento que esteja relacionado a isso?**
> Ah, às vezes eu fico com medo de imaginar tanta coisa e não ser nada disso que eu imaginava, tipo medo de... ficar frustrada, chegar lá assim, "é isso?". (Joana)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

A gente quando é adolescente, a gente se pergunta muita coisa mesmo...
É a crise da identidade também. Eu acho que é a maior característica. Meu pai, ele entrou na faculdade de engenharia. Tirava zero em todas as provas. Aí que ele viu, era publicidade. Saiu de exatas pra humanas, entendeu? Assim bem radical, a mudança. E gostou, adorou. Meu medo é esse, de ficar perdida. (Lívia)

Estes adolescentes levantam a bandeira da curtição a todo custo, fazem apologia da diversão como algo que caracteriza o tempo do adolescente, afirmam a necessidade de não se manter compromissos, e de viver o presente. Mas quando param pra pensar, sentem muito medo de depois do caminho começado ver que não era bem aquilo que estava esperando. De um lado a insistência no desapego, e por outro a franca movimentação de apego às idealizações às quais se entregam.

Em um primeiro momento isso seria indicador de uma dificuldade em lidar com o imprevisto, com aquilo que é inseguro, com a experiência de frustração. O sujeito usou seu tempo, sua emoção e sua energia na elaboração de um determinado projeto, uma determinada idéia sobre seu futuro. Envolveu-se com esta idéia, imaginou-a, tomou-a como característica sua, e a partir do momento em que ela não se realiza haveria uma situação de franca frustração.

Porém, juntamente a isso, é indicado aí também o pouco desenvolvimento da idéia de que projetos nunca saem do modo como se planejou, e que isso não significa necessariamente uma identidade falsa ou a perda de tempo ou de reputação. Significa somente que é importante estar atento ao mundo ao redor e aprender a buscar nele e em si mesmo soluções adaptadas à realidade de cada momento.

Mirar-se em um determinado projeto – e esse é talvez o ponto central pertinente a essa necessidade de cumprimento do projeto manifesta pelos sujeitos – é buscar os sentimentos de segurança sobre para onde se está indo. Esta é a segurança da capacidade de elaboração de algo que diz respeito à própria vida e cujo fruto é compreendido como sendo só seu. Uma vez que o adolescente se percebe como fora do jogo 'real' até o momento em que passa a deixar de ser criança, a elaboração de um projeto profissional e familiar é em algum nível percebido como o primeiro momento em que ele pode provar para si que é capaz de realizar alguma coisa por si só.

Como já apontado acima, em muitas ocasiões o sujeito já desenvolveu habilidades pessoais que dizem respeito à construção de sua independência –

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

mesmo que esta seja de ordem apenas simbólica. Entretanto, a consciência sobre estas capacidades se encontra freqüentemente turva, em prol a definição de adolescência como o espaço que é por ordem social apenas o espaço de transição.

Em continuidade, o medo referente ao futuro também se expressa através da percepção de que é conforme se vai entrando na vida adulta que vai se assumindo responsabilidades. O desenvolvimento da capacidade de cumprir essa tarefa é um desafio. Percebendo essa experiência como inteiramente nova, emerge o receio de assumir sozinho a responsabilidade pela própria vida.

> Deve dar muito trabalho isso tudo. Ter trabalho, ter família, ter filho pra cuidar, ter que estudar com filho, ter que não sei o que, ter que pagar o colégio... não sei se eu vou ter muita paciência também não, mas...não sei né...(Jessica)
>
> acho que é ter que aprender a me virar sozinha, ficar grande.... Isso que é o pior. **(risos)**
> **Você percebe esse medo nos teus amigos também? Você fala com eles sobre essas coisas?**
> Eu acho que todo mundo sente... o pessoal aqui tem pai e mãe perto.... De repente os pais ficam, e você vai morar no Rio, longe... É que parece uma maravilha, porque você está ali sem ninguém te vigiando. Só tem amigo ali, não tem família. Está com dinheiro ali, todo dia... (...) Mas eu acho importante ter uma referência.
> **Mas você sente que os teus amigos têm medo de ficar grande? Você percebe?**
> Ah, eu não sei... acho que todo mundo tem. Eu tenho. Eu fico vendo: ontem eu fui na casa da minha tia. Só tem criança lá. Três. Eu adoro ficar lá no meio delas! Adoro!! E a minha prima, de 9 anos, veio conversar, e eu fiquei discutindo com ela!! Nove anos!! Vê se tem cabimento!... Eu fico igual a elas! (Ana Maria)
>
> **A idéia de ficar longe da família não te assusta não ?**
> Muito... porque minha família é toda daqui de Petrópolis... então eu sempre tive todo mundo assim junto comigo, sabe? E eu vou morar sozinha assim, numa cidade enorme totalmente diferente. Mas vou tentar assim, se não der certo eu volto. Fazer o que, assim. Também não vou ficar aqui empacada o resto da vida. Mas eu tenho muito medo de ir pra lá sozinha assim...
> **Mas medo de alguma coisa em particular ?**
> Medo de ficar sozinha... Eu não sou pra viver sozinha, não nasci pra isso. Minha casa é sempre muito cheia, todo mundo entra e sai o tempo inteiro... (...) Sozinha não vou me acostumar nunca. (Juliana)

Pode-se observar um certo padrão de expectativas quanto ao futuro. Pode-se identificar um roteiro ideal que é compartilhado por praticamente todos os sujeitos, e que consiste na organização temporal da própria vida seguindo a seguinte fórmula:

1º. Formar-se

2º. Arrumar um emprego

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

3º. Noivar (este item é citado somente por meninas)

4º. Conquistar uma estabilidade no trabalho e de ordem financeira

5º. Casar

6º. Ter filhos

Observa-se a necessidade expressa nesta fórmula de estabelecer etapas para o desenvolvimento da própria vida. As etapas são caracterizadas por uma lógica onde a estabilidade e a segurança desempenham o papel central. Só se noiva depois que já se está formado e se tem um emprego. Só se casa depois de alcançar estabilidade profissional e financeira. Só se tem filhos depois do casamento.

Você pensa em seguir uma carreira. Por que?
Ah,eu acho que é mais um sucesso, Você almejar alguma coisa pra sua vida. Eu não vou ganhar na loteria, sabe. Eu vou ter que construir. Não quero viver de herança, não quero ser um filho vagabundo que meu pai vai me sustentar a vida inteira. Eu quero construir a minha família, ser capaz de criar meus filhos com meus próprios méritos, dar um conforto pra minha família. E eu acho que o jeito é você, tem que ser um profissional, você tem que fazer o que você tem de melhor e transformar em dinheiro. (Branco)

filhos?
Dois. Acho que hoje em dia as coisas estão tão difíceis que seria bom parar por aí.
Quando você pensar em ter?
Logo depois.
Casou e ter filho?
É. Um ano depois, mais ou menos.
Por quê?
Ah, porque com filho... eu acho que... seria pra fechar. Não pra fechar! Mas pra... como é que eu vou explicar? Pra coroar o casamento, assim, o filho. (Helena)

se você tivesse que traçar assim uma história pro seu futuro, como você faria?
Eu faria... me formar no colégio, né... e.... daí... eu iria pra Campinas...e tal, daí eu me formaria, daí eu voltava com um trabalho aqui no Rio mesmo, que o meu plano não é ficar em SP, é estudar lá mais voltar pra cá. Daí aqui eu arranjaria um trabalho, daí me noivava, daí quem sabe meu namorado fazia sucesso, mas se ele não fizer ele pode ficar produzindo evento, que ele já meio que faz, assim de banda e tal, daí, depois de sei lá, uns meses trabalhando, daí sei lá, me casava e vivia feliz para sempre. (Adriana)

E você acha importante ter uma profissão no futuro?
Com certeza.
Por quê?
Pra...eu ter a minha segurança, pra eu poder ter a minha vida estabelecida.
E o que seria segurança?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> Eu poder comprar o que eu quero, ter, assim, pô, a minha casa, o meu carro, a minha vida... (...) depois de muito tempo de namoro tem aquela obrigação de casar né... filho... e depois que as pessoas já namoram algum tempo e já tem a vida resolvida, elas casam, é natural. (Adriano)

A fórmula traz algumas indicações sobre os valores que regem as decisões. A busca pela segurança material e afetiva, a afirmação de que querem poder dar a seus filhos uma vida material satisfatória além de oportunidades semelhantes ou melhores do que as que eles tiveram, o pensamento sobre o casamento formalizado como parte do projeto de vida, a constituição de uma família própria como coroamento deste mesmo projeto.

No que se refere às manifestações sobre o padrão de vida almejado os adolescentes mencionam sempre uma vida econômica estável, embora vários espontaneamente rechacem a ambição de ficar ricos. Eles se referem a um mínimo de conforto material, à possibilidade de comprar as coisas de que gostam, de viajar, de ter um apartamento ou casa e carro próprios, e em alguns casos há a menção do desejo de ter uma casa de praia ou na montanha para veraneio e feriados.

Tem-se delineadas, portanto, as diretrizes básicas da experiência de ser adolescente que se pôde absorver do discurso destes sujeitos. No mesmo sentido, observa-se a percepção dos mesmos sobre sua posição social como sendo de inserção em espaços que até então lhe eram formalmente vetados, ou de atuação no mínimo restringida por todo um aparato social que envolve desde representações sociais ligadas à idade até a própria legislação. Esta última, em particular, desempenha papel importante especialmente no que se refere ao tópico seguinte, que é a percepção dos adolescentes no que se refere especificamente à sua inserção no mundo do trabalho.[3]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

[3] O Estatuto da Criança e da Juventude em conjunto com a Emenda Constitucional número 20 determinam que o trabalho infantil é terminantemente proibido. De acordo com a legislação o sujeito pode freqüentar alguma espécie de aprendizado desde que já tenha completado 14 anos de idade, mas é somente a partir dos 16 que ele pode de fato fazer uso desse aprendizado em alguma atividade laborativa.

6
Trabalho

Entre os papéis definidos para a vida adulta, à qual aspira o adolescente, encontra-se o papel de trabalhador. Na prática cotidiana, em várias situações de realidade o sujeito já começa a trabalhar ainda na faixa-etária definida para a adolescência. No entanto, o modelo que fala do trabalho como atividade a ser iniciada após a adolescência encontra-se ainda presente. Este modelo é representado em várias frentes, desde na legislação nacional até no conjunto de imagens sobre "como a vida deve ser" veiculado pelos meios de comunicação e absorvido pelos sujeitos inseridos nessa cultura.

De acordo com estas prerrogativas, supostamente não haveria "seriedade" nas ações dos sujeitos antes da adolescência. Como vimos acima, é freqüente nos discursos dos sujeitos a menção de que é a partir da adolescência que o sujeito passa a ter que assumir responsabilidades, deixando para trás o *mundo da criança*. Mesmo que na prática isso não seja operante, a percepção dos sujeitos pode estar mais ou menos ajustada para organizar e assumir uma consciência sobre este distanciamento entre os "dois mundos".

Desta forma, a cultura oficial polariza o valor das atividades, e concentra a introdução às ações consideradas *responsáveis* em uma faixa etária específica. Os adolescentes representam, assim, em boa medida, o ideal de felicidade de toda uma sociedade, pois possuem à sua frente um leque invejável de possibilidades. Oficialmente eles ainda podem ser "qualquer coisa", como os mais velhos em muitos momentos gostariam de poder.

Essa mesma cultura, como já discutiu-se aqui, é a que constrói um conjunto de imagens e orientações para as interações humanas que obedecem a critérios predominantemente estéticos e localizados em um sistema de referências que prioriza a sensação e o momento presente em detrimento de uma reflexão sobre as conseqüências das ações do sujeito. Neste contexto levanta-se a questão sobre como o adolescente procura dar conta da conciliação destas duas forças, uma vez que ele se percebe pouco conhecedor e pouco destro para administrar os papéis mencionados e tudo que neles está implicado.

Sobretudo a partir do século XIX, os papéis relacionados à vida do trabalho estariam associados ao próprio papel na vida pública. O resultado do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

trabalho passou a ser compreendido como possuindo múltiplas funções: gratificação pessoal, sustento da vida material do indivíduo, inserção social, sustento da vida em coletividade, desenvolvimento de novos conhecimentos, desenvolvimento cognitivo e de funções psicológicas superiores. Entretanto, a questão aqui gira em torno do contexto de significados referentes ao trabalho no qual o adolescente se encontra na contemporaneidade. Em outras palavras, trata-se de observar quais as condições da escolha profissional e dos significados envolvidos neste processo que estão associados à percepção e ao discurso dos adolescentes sobre esta seara da vida.

O âmbito da inserção ocupacional na sociedade, ou melhor, da inserção em espaços sociais específicos via um determinado papel, é verificado por Wagner et alii (op.cit.) como o fator mais apelativo para a organização de um imaginário do adolescente sobre seu futuro. Esta autora levantou que a menção a uma vida profissional bem sucedida é com muita freqüência apontada como objetivo prioritário de vida, uma vez que é dele que depende uma parte importante da medida de sucesso familiar, social e pessoal. Os resultados da pesquisa exposta aqui corroboram com esta autora, uma vez que todos os sujeitos entrevistados manifestam preocupação muitas vezes prioritária com uma definição de seu rumo profissional. É o trabalho que mais freqüentemente provoca nos sujeitos a dúvida e o medo.

As relações com o mercado de trabalho têm um marco importante na vivência do estudo, uma vez que o adolescente reconhece que é deste que depende o desenvolvimento da vida profissional. Sendo assim, as concepções sobre escola e educação, e mais ainda, sobre educadores e educandos, são relevantes para compreender o contexto da valorização tanto do estudo quanto do trabalho, e o conseqüente lugar que estas atividades ocupam na percepção sobre a realidade e na imaginação sobre o futuro.

O significado social da escola vem passando por uma série de transformações. Elas ficam evidentes em situações como a mencionada por ocasião da discussão do capítulo II sobre autoridade na cena contemporânea, quando a mãe pede à professora de seu filho que assuma a responsabilidade por calçar o sapato deste. O que originalmente se projetou para esta instituição quando de sua popularização no século XIX dizia respeito a toda uma educação mais formalizada e técnica. Mesmo a disciplina exercida aí visava oficialmente a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

melhor execução deste aprendizado. Hoje, a escola vem sendo responsabilizada por toda uma parte da educação que diz respeito ao ensino sobre modos de se comportar na sociedade em geral. Atribuições que antes eram direcionadas para os pais e a família, aos poucos vão sendo compreendidas como atribuições da escola. Em meio a isso, os pais são freqüentemente os maiores vetores do deslocamento dessa função.

Parolin (2001), por exemplo, testemunha que sua prática em psicopedagogia vem testemunhando o crescimento acelerado de uma postura por parte dos pais em que estes tomam a escola como ponto de apoio na educação de seus filhos no que tange aos modos de se comportar. A situação é representada em outras esferas: a escolha de um fonoaudiólogo e de serviços de psicologia ou áreas acopladas à prática pedagógica, que em outros tempos eram claramente de responsabilidade dos pais, se tornaram nos últimos anos exigências que estes fazem às escolas quando matriculam seus filhos nestas.

Arendt (1992) aponta que a idéia da escola foi tradicionalmente construída com o sentido de ser uma introdução ao mundo público. Ela argumenta, entretanto que embora esta instituição também desempenhe este papel, está longe de ser o veículo exclusivo deste processo. A autora faz uma crítica à ideologia do tecnicismo educacional, cuja suposição básica é a de que a educação somente encontraria sua garantia em um espaço onde há conhecimento técnico suficiente. Arendt sinaliza que o sucesso da educação repousa na confiabilidade que as figuras de autoridade passam aos educandos e isso diz muito mais respeito a toda uma postura exercida cotidianamente pelos agentes educadores do que propriamente aos títulos que estes ostentam.

> A autoridade do educador e as qualificações do professor não são a mesma coisa. Embora certa qualificação seja indispensável para a autoridade, a qualificação, por maior que seja, nunca engendra por si só autoridade. A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir o outro acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade **que ele assume** por este mundo. (Arendt, 1992, p. 239, grifo nosso)

A partir deste ponto de vista, reconhece-se que o papel do professor vai bem mais além de um transmissor de informação. Trata-se essencialmente de um modelo. A respeito disso, há que se observar alguns dos resultados levantados pelo trabalho de pesquisa aqui apresentado. Os adolescentes entrevistados eram

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

sempre perguntados sobre figuras que lhes serviam como inspiração. As respostas a esta indagação freqüentemente se referiam a professores e outros responsáveis por processos educacionais formais aos quais os sujeitos estavam expostos, como diretores da escola e professores de música. Assim, podemos observar os seguintes trechos de depoimentos, notando que os nomes foram substituídos pos suas iniciais para proteção das identidades:

> Ele era professor de biologia e hoje é o diretor do colégio, eu sou a-pai-xo-na-da por ele. **(enfatiza)** Eu sou a-pai-xo-na-da por ele. Uma cultura! Uma coisa, que ele pode falar de tudo com você, de tudo! Eu vivo falando com ele da minha carreira, ele me dá uma força!! Enorme! Sempre conversa várias coisas comigo sobre música... eu sou muito assim próxima dele. Eu gosto muito dele. Muito. (Beatriz)

> Admiro muito, admiro mesmo, é uma luz pra mim, é o D. L., que é o reitor do colégio e pra mim foi ele quem me formou. (...) eu tenho uma admiração por ele, como se fosse uma luz, uma pessoa que guia. (...) Admiro muito meu professor de História da Arte, que é o M. T. que ele trabalha no IPHAN também (...) Admiro o F. que é professor de Filosofia do Colégio. (...) Se eu admiro alguém é alguém que me faz crescer. (Doria)

> o L., meu professor. É uma pessoa assim que eu acho que é muito legal, e que... uma pessoa de caráter... muito legal. Eu vejo muito assim... eu vejo... ele é muito responsável, sabe. (Francisco)

> meu professor de física. Porque ele ahhh tem informação assim... e ele lê um monte de coisa de vários assuntos diferentes assim... tem uma cultura geral imensa assim... e eu tinha muita vontade de ser assim sabe ? De ter essa cultura geral assim... e ele sabe todos os assuntos assim.. sabe sobre tudo... (Juliana)

> Minha professora de ballet. Ela aos 13 anos era profissional de balé... já ganhava mais que o pai dela... dois mil reais. Era o meu sonho... ganhar... já está dançando profissionalmente. Meu sonho... eu sou uma azarada, nossa ! E ela deu aula, pra ela se deslocar pro teatro municipal, que ela era bailarina de lá, ela tinha que... o professor dela chegou e falou assim: "Olha, você pode ser liberada da minha aula e tal pra pegar o ônibus pra ir pro Rio, com tanto que você de aula de Biologia!" Pra uma turma acima dela, que ela nem conhecia, então ela tinha que dar aula de anatomia pro pessoal mais velho. E ela reprovou um monte de gente... e todos os professores gostavam dela... e isso e aquilo... ela não é velha... já é uma senhora, tem cinqüenta e pouco, mas não parece sabe ? Toda enxuta, e o cabelo dela é perfeito também. **[risos]** (Lívia)

Minayo et alii (2002) traz também, a partir de sua pesquisa de campo com adolescentes dos vários estratos sociais da cidade do Rio de Janeiro, informações sobre a figura ideal do professor. No que tange a isso vale observar que a definição deste papel na contemporaneidade é formada pelos ideais de igualdade entre sujeitos que ocupam diferentes papéis sociais. A pesquisa revela que o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

profissional de ensino ideal é tomado, entre os adolescentes pesquisados, como aquele que se dispõe ao diálogo e que mantém com os alunos uma relação de *reciprocidade*, de troca *igualitária*. Ou seja, que o profissional de educação mantenha com seus alunos uma relação de igual para igual, e onde as regras de convívio podem ser definidas também pelos adolescentes.

Condizentes com esse pensamento, vários dos sujeitos se queixam das regras sobre contatos físicos nos espaços escolares, das proibições quanto a roupas rasgadas e curtas, e afirmam que não há respeito ao seu *estilo de ser*. Eles recorrem ao termo "liberal" para definir aquilo do que sentem falta nos colégios: maior liberdade de comportamento e o repúdio às regras generalizantes impostas por outros. Especialmente nas escolas particulares, esta imposição toma um vulto avaliado de forma negativa, e figuras como a do inspetor são significadas por idéias como rigidez na comunidade escolar. Identifica-se então que a forma de uma lei impessoal e de sua execução é compreendida aqui como autoritarismo.

A relação entre estudo e trabalho, por sua vez, é observada por estes adolescentes como de direta interdependência. Eles se queixam do ensino de matérias e do uso de metodologias que se afastam da prática, da ludicidade e dos requisitos objetivos que o mundo do mercado de trabalho exige. O mesmo teor crítico se estende às discussões sobre temas sociais e temas referentes a questões polêmicas, como a sexualidade, violência, desigualdade social, dificuldade de aprendizado, liberdade social. Estes sujeitos são assim extremamente críticos em relação às instituições onde estudam, e observa-se em seu discurso que a escola é valorizada e apreciada somente quando se fala dela como o espaço para a socialização.

Inexiste, portanto, o reconhecimento de que a educação escolar cumpre seu papel na formação profissional, o que sugere que toda a informação que é apresentada na escola é compreendida como obsoleta. A questão da cultura geral, em meio a isso, não possui um papel importante no discurso desses sujeitos. Quando falam da formação profissional, se restringem ao aprendizado técnico da profissão, que só começa quando eles deixam a escola – no caso de nossos entrevistados, quando eles vão para a faculdade.

Isso tudo equivale a dizer duas coisas importantes. A primeira delas é que a escola parece vir sendo mal sucedida em sua missão de desenvolver um raciocínio que incorpora o aprendizado das matérias à formação social e crítica do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

cidadão. Isso não necessariamente é culpa somente da escola, mas relaciona-se muito mais com todo o sistema cultural. Toda instituição, para se fazer forte, precisa se apoiar em uma estrutura social, que é construída objetivamente, mas também precisa do reconhecimento simbólico de seu valor. A valorização do estudo pelo qual os professores passaram é um exemplo, que possui suas representações inclusive na questão da remuneração financeira que lhes é atribuída.

A segunda questão é que a ênfase de valor que recai sobre o estudo possui um sentido estritamente técnico. Vale estudar somente se for para ser profissional, e não como enriquecimento pessoal. Logo, tudo aquilo que vem antes da formação técnica não tem o menor sentido. E essa percepção, ao mesmo tempo em que é alimentada pelos significados atribuídos à escolha profissional, também alimenta estes mesmos significados, sustentando toda uma disposição em relação à escolha profissional, como veremos a seguir.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

6.1.
A escolha profissional e seus significados

O discurso que critica o descompasso entre escola e profissão põe em evidência a preocupação destes sujeitos com a preparação técnica para o mundo 'adulto'. O adolescente percebe claramente que está sendo inserido em um mundo específico, que pede uma infinidade de qualificações, das quais ele se sente despojado.

A frustração com o papel da escola não apareceu na pesquisa que levantamos da mesma forma como apareceu na pesquisa de Minayo (op.cit.). Com exceção das queixas referentes ao vestibular, já expostas aqui, o papel da escola ocupou lugar secundário na exposição de seus projetos de vida. Os sujeitos entrevistados pareciam mais instigados a pensar sobre seu ingresso na universidade do que propriamente em questionar o papel pedagógico da escola. Isso se verificou tanto nos adolescentes cariocas quanto nos petropolitanos e talvez possa ser explicado pelo perfil de adolescente que participou desta pesquisa. Todos pertencem a um estrato da sociedade cujas famílias geralmente possuem capacidade financeira para matricular seus filhos em escolas

consideradas satisfatórias, que preparam seus alunos devidamente para o futuro – leia-se: para o vestibular. É irônico observar, entretanto, que é exatamente essa característica que permanece isolada como pivô de críticas dos sujeitos a que se diz respeito aqui.

Os valores agregados explicitamente à escolha profissional são basicamente dois. O primeiro valor, menos citado que o seguinte, é o de satisfação pessoal. Por vezes essa satisfação pessoal aparece relacionada ao que se pode chamar de um "dom", mas mais freqüentemente ela vem associada à determinação em conseguir 'um lugar ao sol' em um mercado extremamente competitivo.

> **Você tem vontade de fazer o quê?**
> Jornalismo.
> **Sempre quis ou houve alguma outra área que te interessou?**
> Sempre quis, e agora, geografia política, eu gostaria também. Mas só como segunda... eu sempre quis mesmo, sempre adorei Jornalismo. (Helena)
>
> **Por que você acha que é importante ter uma profissão?**
> Acho que pra você se ocupar, se sentir valorizado. Pra você ter uma felicidade...só de saber que você está sendo valorizado, você está sendo remunerado por algo que você faz, acho é muito bom, sabe? Saber que você está fazendo o seu trabalho e alguém está gostando do seu trabalho e está te pagando por isso. (Branco)
>
> Hoje em dia não tem como muitos pais de amigos meus, e até minha mãe, financiar você pegar e botar uma mochila nas costas e sair por aí viajando pelo Brasil afora, pedindo carona. Não tem, não pode mais. Não tem segurança, não tem mais a liberdade. Você não pode sair e resolver: ah! Vou viajar pelo Brasil afora. Pai, tô indo. Mochila, pouco dinheiro no bolso. Vou viajar, assim. A sociedade quase não deixa mais isso. Pela violência e pelos modos de viver. Dizem: 'ah, isso não vai te fazer nada, não vai te trazer nada, bababá, não é a mesma experiência de vida.' Eu acho que sendo pelo Jornalismo, é uma forma de fazer o que você gosta, com proteção e conhecendo, sabe. (Enzo)
>
> O nosso maior objetivo é a realização pessoal, se a gente faz uma coisa que a gente quer... acho que... acho que um trabalho é importante. (Jessica)
>
> E eu acho que o jeito é você, tem que ser um profissional, você tem que fazer o que você tem de melhor e transformar em dinheiro.
> **O sucesso está relacionado ao trabalho então?**
> Sim, profissionalmente sim, o sucesso profissional. Acho que o cara que tem sucesso, o cara vai ser bom em alguma coisa, o cara sendo bom ele vai ser bem remunerado por isso. (Branco)
>
> Você está fazendo o que você gosta. Se você faz com amor, cara. Tipo, é aquilo ali, você fica horas ali. Se você tipo, não adianta, você pode ser... tipo, entendeu, vai ter uma distinguição, sei lá.
> **Distinção.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Distinção. (Daniel)

você acha que é importante ter uma profissão?
(pausa) É importante mas não é tudo, assim. É necessário quando você não tem o dom. Eu vejo pela minha mãe. Ela é brilhante, assim, em decoração, é uma pessoa super criativa. Então esse tipo de pessoa que tem um dom a mais de repente não é necessário se preocupar, porque ela já nasceu pr'aquilo. O foco dela está ali. Como meu pai, que sabe desenhar... Os meros mortais, assim...
E você, é uma mera mortal? (risos)
Eu sou. Não tenho nenhum dom, assim. Senão eu não estaria tão preocupada. Se tem eu ainda não descobri. (Ana Maria)

O segundo valor agregado à escolha profissional, mais citado que o primeiro, diz respeito à idéia de ganhar dinheiro e obter segurança material, não somente para si mesmos, mas para poder garantir o padrão de vida almejado também para os filhos. Em contraposição às referências ao "dom", no item mencionado logo acima, há também a opção franca e aberta pela segurança aparecendo mesmo quando existe alguma outra paixão que mobiliza o sujeito. Ele observa a realidade ao redor, concebe que seu sonho é incompatível, conclui que é impotente para dobrar esta realidade e acata as limitações com um certo desconforto e mesmo melancolia, como vemos a seguir:

você acha importante ter uma profissão?
Com certeza.
Porque?
Pra...eu ter a minha segurança, pra eu poder ter a minha vida estabelecida.
E o que seria segurança?
Eu poder comprar o que eu quero, ter, assim, pô, a minha casa, o meu carro, a minha vida... (Adriano)

Quero trabalhar, ter o meu dinheiro, eu acho que isso é importante.
Você acha que é importante ter uma profissão?
Com certeza. Senão, como é que vai se sustentar? Ser traficante? **(ri)**
Você tem vontade de trabalhar por conta própria? Ou em empresa... Tem alguma idéia?
Não... contanto que dê pra eu sobreviver. Que eu consiga sobreviver, está bom. (Daniel)

o que eu queria mesmo era ser atriz. Porque eu sempre sonhei com isso desde pequena. Queria muito ser atriz, mas acho que não vai ser isso. (Ana)

eu acho que isso não vai acontecer, mas eu queria muito... ser dançarina de dança do ventre, aí depois quando minha carreira acabasse, assim, depois de um certo tempo você não pode mais porque você já é muito velha assim. Aí eu começo a ser psicóloga... que é uma coisa que eu também... psicóloga não... não sei... eu queria fazer psicologia mas eu não tenho certeza do que eu vou fazer... dentro de psicologia... não sei se eu queria ser psicóloga... não sei .. (Lívia)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> dinheiro mesmo.... eu não vejo outra alternativa, se não tiver uma faculdade. Vontade de fazer faculdade? Nenhuma. Eu tenho vontade de aprender. Mas eu não tenho vontade de fazer faculdade. (Ana Maria)

Pereira (2003b) discute a idéia presente no discurso de muitos jovens acerca do estudo em direção a uma formação profissional como desprovida de um sentido além daquele instrumental. Isso fica claro, entre os adolescentes entrevistados para esta pesquisa, somente no depoimento de Ana Maria. Ela francamente alega que pretende concluir um curso superior somente para atender à demanda do mercado, e assume não possuir nenhuma identificação com qualquer escolha profissional. O aprendizado é meramente instrumental, e não uma forma de conhecimento sobre o mundo, sobre os outros e sobre si mesmo, ou seja, o conhecimento que se visa adquirir é buscado sem que haja a localização consciente deste em um contexto.

Aguiar e Ozella (2003) observam essa mesma tendência em sua pesquisa. Eles apontam que é muito freqüente que a renda prometida por uma carreira seja o motivo propulsor da escolha profissional. A desvinculação entre trabalho e gratificação pessoal fica então bastante evidente enquanto um elemento que não se interpõe à escolha profissional de vários jovens.

A pesquisa por nós conduzida não fez observar o total divórcio entre a escolha profissional e a gratificação pessoal. Observou-se sim, como indicado na exposição dos depoimentos, a preocupação com a própria subsistência e com a manutenção de um *status* social, bem como o desejo de construir uma família a partir de uma certa estabilidade material. No entanto, mesmo entre os sujeitos que falam desta última preocupação, há também a presença de afirmações sobre o gosto pela carreira, havendo inclusive a menção à conciliação ideal entre o trabalho e a realização dos sonhos pessoais, de desejos fortes.

Novamente, poder-se-ia atribuir essa discrepância de resultados às características da população pesquisada aqui. No entanto, nossa inferência acerca disso diz respeito à metodologia utilizada, que procura a discussão do modo de organização do discurso do adolescente a partir do que ele observa na cultura a seu redor, e que não necessariamente é condizente com o discurso oficial sobre como pensa "todo adolescente".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

6.2.
O comprometimento com a escolha profissional

Uma outra questão pertinente ao tema de nossa pesquisa, entretanto, diz respeito à clareza com que os adolescentes entrevistados elaboram seus projetos de vida e comprometem-se com eles. Esta clareza é compreendida como um indicador do grau de capacidade de objetivação do sujeito. No intuito de observar esta questão, a atenção voltou-se para os sinais de comprometimento com a escolha profissional, ou no mínimo com as formas de argumentação escolhidas para sustentar o discurso sobre tal escolha no momento da entrevista.

No que se refere às escolhas profissionais, Sarriera et alii (2001) observam em suas pesquisas que freqüentemente os adolescentes elaboram projetos profissionais pouco clarificados, embora se vejam frente à necessidade de inserção no mercado de trabalho em prol de uma melhoria do nível da qualidade de vida. Ou seja, eles reconhecem que precisam pensar nisso, até porque, ouvem sobre isso todos os dias. Eles percebem que o trabalho traz vários benefícios, como a possibilidade de ganhar dinheiro e administrar a própria vida e os bens materiais de forma mais autônoma. No entanto, a investigação deste autor revela que há, por parte dos adolescentes, uma espécie de desconhecimento de várias condições práticas referentes ao mercado de trabalho, bem como das próprias profissões a que os jovens alegam aspirar.

Em pesquisa de cunho qualitativo, Pereira (2003b) chega à mesma conclusão. Ela avalia, entretanto, que há uma espécie de *otimismo ingênuo* no discurso de seus sujeitos, onde estes parecem dimensionar a flexibilidade que o mercado atual pede como resultado de um simples acúmulo de experiências de trabalho. Esse otimismo pode ser observado, inclusive, no discurso de Enzo, quando ele sonha com um trabalho dinâmico, que viabilize o prazer e também o sustento e alguma dose de segurança.

Poderíamos também compreender a expressão "otimismo ingênuo", utilizada pela autora, como a manifestação de uma espécie de deslumbramento com a possibilidade de escolha, ou mesmo como a elaboração de uma fala que procura simplesmente preencher o vazio de uma pergunta solta no ar. Nesse sentido, o recurso mais imediato é o uso de uma forma de emoção: a euforia, ou

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

então uma atitude *blasé*, ou alguma forma de comoção com algum estado de fraqueza humana, ou ainda, o recurso à noção de "honra" ou "dignidade".

Esta postura aparece nas entrevistas colhidas aqui talvez somente sob duas formas específicas. A primeira diz respeito a uma espécie de falta de comprometimento em relação à escolha profissional, ou seja: a resposta sobre o rumo profissional sai meramente para preencher o vácuo deixado pela pergunta. Isso se manifesta em um discurso que sugere visivelmente ter sido montado a partir de retalhos dos discursos certamente ouvidos de outras pessoas:

> **você estava falando em fazer mestrado e doutorado!...**
> Assim, eu quero ter tudo, mas não quero fazer nada. **(risos)** Só que isso está tão longe que eu falo...
> **O que que está longe? A faculdade não está longe não!**
> Eu que sempre agi como se estivesse longe, mas agora não está nada longe.
> (..)
> **Está muito assustador?**
> Ai... nossa... cara, tá uma merda... profunda. Porque eu coloquei tudo Sociologia. Só que eu sei que eu não vou fazer Sociologia. Não é a minha praia. É muito, sabe... Não é meu estilo, nunca foi.
> **Mas o que que seria então, se não fosse Sociologia.**
> Eu gosto um pouquinho de cada coisa, mas nada que...
> (Ana Maria)
>
> **Então você não sabe ainda o que você quer fazer, mas já tem algumas opções?**
> É, eu tendo pro que tenha relação com a língua, eu me amarro em idioma assim. Mas eu não vou fazer assim... **(risos)** Letras eu não vou fazer, não tenho vontade. Vai acabar sobrando pra Direito ou, ou alguma coisa de Engenharia alguma coisa assim.
> **E que línguas que você fala?**
> Falar falar, português, mas eu quebro o galho, arranho inglês e francês.
> **Você tem vontade de aprender outras?**
> Tenho.
> **Que línguas você gostaria?**
> Mandarim.
> **Por que?**
> É a vida né, a China é o futuro. (Adriano)

Ambos os sujeitos fazem passeios livres pelas idéias de diferentes profissões, sem de fato se comprometerem com a idéia de nenhuma delas. Adriano recorre inclusive à idéia de trabalhar com línguas estrangeiras sem sequer falar inglês. Ele sustenta sua escolha por estudar línguas estrangeiras, em particular o mandarim, alegando simplesmente que a "China é o futuro", ou seja, lançando mão de um jargão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

O uso do jargão é, em matéria de elaboração de qualquer discurso, um recurso de autoridade. O jargão, por uma suposta autoridade chamada freqüentemente de sabedoria popular – ou seja, de muita gente, e por isso confiável – parece ser suficiente para, na falta do que dizer, fundamentar o que se fala. Ele indica que o sujeito pretende convencer o seu interlocutor sem estender mais o diálogo e fechar a conclusão de um determinado assunto.

A segunda forma de otimismo pode ser observada no discurso de Clarice, que sonha em ser pesquisadora de células-tronco e assim salvar a vida de muitas pessoas.

> **como você se imagina daqui a 20 anos.**
> Hum, daqui a 20 anos eu me imagino trabalhando em um hospital e fazendo pesquisa na clínica, assim...especialmente se for sobre célula-tronco que é a minha paixão.
> (...) Uma pesquisa para usar célula-tronco pra salvar vidas, operando uma pessoa e falando que ela realmente vai poder voltar a viver, que você vai realmente dar uma nova vida pra pessoa, poder ajudar alguém de forma concreta. (Clarice)

A opção desta adolescente é ainda melhor explicada mais adiante na entrevista, quando ela afirma que sempre quis muito ajudar as pessoas. Ela relata que quando tinha dez anos de idade um colega seu de turma teve um aneurisma rompido no meio da sala de aula, e que ele morreu segurando a mão dela. Ela conta que essa experiência a marcou profundamente, e que ela sempre teve o impulso, a partir de então, de cuidar das pessoas que estão sofrendo por alguma razão.

Clarice, no entanto, encontra-se em uma posição intermediária entre o otimismo a que Pereira se refere e um comprometimento, de fato. Ela leva a sério aquilo que afirma, e sua convicção parece sugerir que de fato vai buscar dar ao menos os primeiros passos na direção do que deseja. Seu discurso também faz uso de uma argumentação em direção às idéias de um "dever social" e de "estar contribuindo de alguma forma para a sociedade".

Observa-se, entretanto a presença de um sentimento mágico participando em sua fala. A idéia de *devolver a vida* para alguém, *salvar as pessoas* é o denunciador disso. A presença destas locuções vem acompanhada de uma mobilização emocional, de um entusiasmo que se assemelha ao sentimento de poder mudar o mundo – sentimento que é o depositário do envolvimento afetivo com o qual muitos adolescentes se identificam. A fala de Clarice revela uma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

espécie de urgência em tornar seus planos reais, e sugere uma espécie de envolvimento com a idéia que é colorida muito mais por uma espécie de euforia do que não aponta necessariamente para um comprometimento a longo prazo, embora fique a impressão de que ela pretende convencer o interlocutor de que há esse compromisso. Sendo assim, é possível – embora não certo – que a urgência em realizar grandes feitos esteja mais associada à necessidade de sentido e de definição de seu futuro do que propriamente ao estabelecimento de metas realistas.

O sentido de 'devolver alguma coisa à sociedade' também emerge no discurso de Doria, embora de forma menos efusiva. Ele alega sentir-se devedor em relação a tudo o que pôde adquirir via a condição de ter nascido em uma família materialmente privilegiada, e vislumbra na função de educador uma oportunidade para dar conta disso.

> Eu pretendo estar de certa forma contribuindo numa devolução pra sociedade do que ela já me deu. Por que eu acho que denunciar um pouco dessa ingratidão. As pessoas vão vivendo a vida delas apenas por que elas querem ser as felizes e isso é o que basta. Eu acho que não. Eu acho que a gente tem não só uma responsabilidade como um dever. A gente tem que realmente estar devolvendo pra sociedade alguma coisa. Pretendo devolver isso na forma de Educação. (Doria)

A menção ao trabalho como um dever e mesmo a uma honra também se encontra sugerida com Francisco:

> Uma vez eu li uma frase na Bíblia que dizia... como é que é? Mais ou menos assim: "O pior crime é não ensinar o filho a trabalhar" Uma coisa assim.
> **Talvez na Torá.**
> Estava no Talmude... Eu acho interessante. Trabalho é assim, uma coisa... importante mesmo. (Francisco)

A postura dos três adolescentes acima revela um determinado grau de comprometimento com a idéia do trabalho e com uma escolha profissional para além da função meramente rentável desta atividade. Este comprometimento também é observado em outros sujeitos, em cujos discursos se observa a doação de algo de si mesmo para o trabalho que procuram vislumbrar para si mesmos:

> eu sempre gostei de ler reportagens, adoro, desde pequena eu gosto de ver telejornal. Eu acho que tudo bem, tem notícias, agora então só tragédia, mas sabe, todo dia eu tenho que assistir alguma coisa, eu tenho que... sempre gostei, adoro fazer pesquisa, adoro...

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Gosta de escrever?
Gosto. Adoro redação. Adoro. (Helena)

na minha vida profissional, como eu vou fazer música, né, que desde cedo eu sempre quis isso, depois que eu entrei no coral eu me apaixonei pela música e quero de toda forma seguir. Então eu acho que o que eu penso daqui a uns vinte anos é poder estar fazendo sucesso, sucesso que eu digo poder estar cantando, me sustentando através da música (Beatriz)

Por que que você decidiu fazer Mecatrônica?
Porque eu acho essa área... me fascina. Ver robótica, os robôs. Essa parte de tecnologia, eu acho que é o que mais me fascina, literalmente. É aquilo que eu quero. O que eu acho incrível.
Você já tem contato com isso no dia a dia?
É, eu fico desmontando algumas coisas, e tentando montar outras.
Tipo o que?
O que estiver na frente e que tiver um motor. (Maheidenn)

eu gosto muito do meio rural, então minha família não tem uma fazenda, um latifúndio, então eu não vou poder ser um fazendeiro por enquanto, então eu queria, eu gosto de historia, geografia e tal e da historia da economia. Por isso eu estou pensando em fazer economia e, sei lá, fazer economia rural, alguma coisa relacionada a esse setor que me atrai. (Branco)

No que se refere, portanto, à clareza dos projetos profissionais, mesmo em se tratando de um grupo pequeno, pode-se observar que são variadas as trajetórias e opções acerca dos modos pelos quais se procura conferir um sentido para o futuro. A capacidade de objetivação, entretanto, parece estar associada a todo um contexto onde existem muitas opções de futuro, e muito pouca estabilidade dos referenciais que podem funcionar como pontos de apoio na hora de tomar decisões, mesmo quando estas se figuram exclusivamente em torno do tempo de uma entrevista. Diante desse quadro, é que pode tomar o vulto que toma a necessidade de sustento e as concepções sobre a obtenção conhecimento essencialmente instrumental, visando prioritariamente o retorno financeiro.

De qualquer forma, observa-se que tanto os adolescentes que demonstram comprometimento com suas escolhas, quanto os que não o demonstram, passando por aqueles mais comedidos em suas expressões, há a presença de uma preocupação com os elementos práticos e com a possibilidade de decepção. A preocupação com esta revela um medo de que este sentimento surja tanto por parte deles em relação a suas próprias escolhas, quanto por parte dos outros em relação a eles, como indicado anteriormente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Esta preocupação – e receio – aponta para a experiência pouco conscientizada de desconhecimento e de não familiaridade com o elemento da responsabilidade. Aponta também para a mesma pouca consciência acerca da medida em que as escolhas podem ser adaptadas e de alguma forma desfeitas, sem que isso implique necessariamente em uma situação de perda total ou de fracasso pessoal.

Diante de circunstâncias como estas, onde um sujeito se percebe impelido a enfrentar uma situação para a qual ele se sente despreparado, há sempre a procura por recursos que façam o sentimento de angústia arrefecer. A solução mais freqüentemente observada nesta pesquisa corrobora com as conclusões de outros estudos, como veremos em seguida.

6.3.
"Quero a minha independência"

Seguindo com o comentário sobre o artigo de Pereira (op.cit.), observa-se que a autora enumera uma série de características do mercado de trabalho contemporâneo apontadas por vários autores e que são percebidas claramente pelo adolescente. A mencionada flexibilidade é a que mais salta aos olhos, e diz respeito à idéia de que o profissional de hoje necessita ser apto para desempenhar inúmeras funções. Mais além: ele deve ser ativo em seu conhecimento, e deve fazer o que lhe pedem e mais um pouco. No melhor estilo de combinação entre opostos, ele deve ser também leal, porém competitivo, criativo, e estar sempre disposto a se adaptar, via educação continuada, a mudanças tecnológicas e mercadológicas que podem ocorrer de um dia para o outro.

A empregabilidade, portanto, é responsabilidade única e exclusiva do sujeito e depende somente do esforço individual. O fato de ficar sem trabalho também o é, e daí a insistência em acumular experiências. A questão é procurar combater a possibilidade de não mostrar o currículo que o mercado deseja, e a decorrente culpa por não conseguir atender às demandas deste, fracassando na sua missão de buscar sua auto-sustentação.

Bock e Liebesny (2003) já haviam observado em sua pesquisa sobre os projetos de vida dos adolescentes, que estes sujeitos tendem a organizar seus

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

desejos em relação a seu futuro em torno de projetos concentrados na vida individual. As autoras mencionam que eles não se encontram envolvidos em projetos de vida que considerem a coletividade, mantendo o elemento *satisfação pessoal* sempre desenvolvido a partir do *si mesmo*, e não do encontro com o outro.

A pesquisa aqui apresentada corrobora com as conclusões de Bock e Liebesny, e permite fazer apenas um adendo: quando o discurso do jovem é voltado para a coletividade, ele vem acompanhado de pouco conhecimento objetivo sobre esta. Vem também acompanhado de lirismo e um conjunto de perspectivas idealizadas e mágicas sobre este Outro. A idéia de um projeto de vida centrado na individualidade fica expressa, por exemplo, no discurso muito freqüente de que o objetivo central que estes jovens querem atingir na vida adulta é a independência. Essa independência se refere a todas as áreas da vida, inclusive a afetiva, mas é expressa especialmente no que diz respeito à independência material.

> todo adolescente tem aquele gostinho de, pô eu quero ser adulto, pô eu quero ter independência. Sei lá, hoje, na minha cabeça eu acho que ser adulto seria melhor. (...) Acho que no futuro tem que ter experiência, tem que ter discernimento. Eu acho que eu espero poder ter muito discernimento nas minhas decisões, sabe, eu, como já falei não vou querer viver na aba do meus pai e da minha mãe, sabe eu vou querer tomar as minhas decisões (Branco)
>
> Pretendo continuar fazendo hipismo que é o que eu faço hoje, pretendo estar morando sozinha, conseguindo me sustentar bem... talvez esteja casada, sempre com meus animais. Não largo deles nem por um decreto. Basicamente isso. (Clarice)
>
> morar junto com alguém mas sendo independente. Eu quero poder ter a minha independência de poder ter o meu apartamento, meu carro, ter, entendeu? Me sustentar e ter uma pessoa que morasse comigo. (Beatriz)
>
> **porque é importante seguir uma carreira?**
> Porque você tem que ter alguma coisa. Você não pode ficar dependendo dos outros a vida inteira. Eu acho que é uma coisa pro seu ego, pra você mesmo (Ana)
>
> A relação que eu quero, acho que aquela coisa. Cada um tem seu trabalho. Sabe, não quero uma mulher dependente. (Enzo)
>
> ai eu tenho muito medo de depender dos meus pais. Eu sempre quis ser independente. (...) Meu irmão fez pro Rio... mas aí ele ia e voltava. Então ele sempre morou com a gente, sabe. Mas meus pais sabem que eu não quero fazer isso. Que eu quero morar sozinha. (Juliana)
>
> **O que é o melhor e o que é o pior de ser adulto?**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> O melhor é poder morar sozinho. (...) Eu acho ser adolescente muito chato. (Victor)

Não se pode se prender a ninguém, divertir-se é para quando estiver sozinho ou somente entre amigos, não se pode depender de ninguém nem conviver com alguém dependente. O sentido da doutrina liberal aparece representado aí de forma bastante clara. Vencer na vida é resultado de esforço pessoal e individual e o maior indicador dessa vitória é *ser independente*.

Aguiar e Ozella (2003), em sua própria pesquisa, ao recolherem declarações semelhantes, observam que neste contexto é natural que muitas projeções para o futuro feitas pelos adolescentes envolvam a idéia de se tornarem profissionais liberais. Há inclusive um certo idealismo relacionado à entrada para a universidade, *locus* de idealização da entrada na "fase" adulta e de formação para esta espécie de trabalho. Esse idealismo aparece, por exemplo, no depoimento de Jessica, em um momento onde ela particularmente se queixa da falta de independência que sofre enquanto vive com seus pais.

> eu falei que quando eu fizesse 18 anos, que vai cair numa sexta feira, eu só vou aparecer no dia seguinte no colégio as 7 horas da manhã. Ninguém vai saber o que eu fiz a noite inteira, mas eu vou aparecer só no dia seguinte, entendeu.
> **Mas o que você acha que vai mudar quando você fizer 18?**
> Fora a minha carteira de motorista... **(risos)**
> **É importante pra você essa carteira de motorista, né....**
> É, eu nem sei, não faço a mínima idéia de como se dirige um carro, mas sabe, eu quero muito, quero mostrar pra eles que eu sou capaz, sabe? Eu acho que é importante...
> **E você acha que você vai ter um carro pra dirigir, ou você vai dirigir o carro dos seus pais?**
> Ah tanto faz, não tem problema não, é só ter carteira... vai até ônibus, caminhão...vai qualquer coisa. Eu acho que, quando eu fizer 18 anos, isso também vai estar marcando a minha vida porque eu vou estar, provavelmente, numa universidade né, aí eu acho que vai ser também assim legal.
> **Você acha que muita coisa vai mudar então?**
> Acho. (Jessica)

Há assim a difusão não somente da idéia, mas do próprio valor do *self-made man*. Este sujeito se caracteriza pela independência material e emocional e por fazer seu sucesso sozinho através de sua própria e exclusiva tenacidade e flexibilidade.

A questão que permanece é então a que indaga se é viável de fato pensar o ser humano de forma tão isolada. O processo de construção de identidade, por

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

exemplo, é um procedimento coletivo. Não há como conhecer o que é claro se não se conhece o que é escuro. Mesmo a idéia de independência sugere a presença do outro – ser independente de alguém. Ou seja, o sujeito precisa ter outra pessoa ao seu lado para dizer que é independente dela.

A nós parece que a argumentação de uma independência como valor soa como a solução mais imediatamente encontrada para a busca de sentido. Esta é a solução acessível, já que se vive em um contexto onde a confiança e o poder contar com o outro são percebidos como recursos que trazem resultados severamente associados com uma auto-desqualificação. Adere-se ao argumento da independência porque é essa concepção aquela melhor aceita socialmente, mas mais do que qualquer outra coisa, porque através dela se procura restabelecer a sensação de que alguma coisa pode estar ainda sob controle.

A própria questão da crise de autoridade se desdobra a partir daí. O controle que um outro poderia supostamente exercer sobre o sujeito é tão abominável apenas porque não se confia neste outro e porque se sente que não se pode contar com ele. A independência e a flexibilidade – o desapego – emergem assim como concepções ideológicas que respondem ao desespero de se sentir perdido e que proporcionam uma referência para estabelecer alguma ordem na própria vida. Ironicamente é a fuga da solidão em direção à própria solidão.

Particularmente sobre a questão da *flexibilidade* como valor, Sennett (2003) levanta algumas reflexões de teor indubitavelmente crítico, mas aqui pertinentes para sustentar as afirmações acima e compreender o contexto cultural – e particularmente no que diz respeito à inserção no mercado de trabalho – em que os sujeitos aqui pesquisados estão inseridos. A conscientização desse contexto possibilita compreender que estes sujeitos, ao formularem suas falas não estão dando vazão a impulsos inatos, mas apenas expressando o modo como se apropriam de uma realidade que os inclui freqüentemente como protagonistas.

O autor sinaliza que a busca da flexibilidade no regime de administração do trabalho produziu uma organização de poder e controle específica que também organiza a prescrição do comportamento do trabalhador. Sennett aponta uma das características básicas desta flexibilidade – em relação direta com o valor de "independência" – como sendo a construção da idéia de que os sujeitos possuem ou devem possuir um permanente desejo de mudança. Desta forma, não somente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

as instituições, mas também os sujeitos devem estar constantemente se reinventando.

Dentro desta ideologia, essa constante reinvenção seria indicadora de criatividade e desapego de objetos, de pessoas, do passado e das experiências pregressas. Isso significa que uma qualidade importante do sujeito é a sua capacidade de abdicar de uma hora para outra de projetos anteriores ou de construções destinadas a maior longevidade. Fica clara neste delineamento a sustentação de uma noção de tempo descontínuo e a presentificação sobre a qual falam vários autores, e que já foi aqui exposta. Esta característica, inclusive, ajuda a explicar porque não somente a escola, mas as especializações em geral estão sempre atrasadas em relação ao mercado de trabalho.

A especialização flexível, que consiste na tentativa de pôr no mercado de consumo a cada dia produtos novos e atraentes, é para Sennett uma outra característica do valor "independência". Esta teria como conseqüência direta sobre a regulação do comportamento a valorização da qualidade de iniciativa e pensamento rápido e prático por parte do trabalhador. O sujeito deve estar permanentemente atento, pronto para fazer conexões rápidas, e deve ser apto a se comunicar de forma rápida e precisa.

A terceira característica apontada por Sennett diz respeito a uma percepção mais imediata do poder como descentralizado. Ou seja, o sistema constrói a idéia de que ele dá e exige das pessoas o exercício de uma suposta autonomia sobre o controle de suas atividades, sem que seja necessário – ou mesmo indicado – se sujeitar a uma autoridade maior. O autor sinaliza que esta percepção é distorcida, uma vez que toda organização possui um plano de metas e um plano de critérios de avaliação dos resultados definidos por um grupo específico de administração, e as liberdades individuais estão inegavelmente circunscritas a estes planos. Mais do que isso, essa característica do sistema flexível também coloca em questão a própria noção de autoridade, cuja crise já foi levantada aqui como elemento essencial da cultura contemporânea.

Em conjunto, estas características constroem uma significação específica sobre a postura que o sujeito trabalhador deve assumir. Elas giram em torno da idéia de que é o sujeito sozinho quem deve se responsabilizar pela atualização de seus conhecimentos e de suas ações, ou vai perder a chance de encontrar seu espaço no mercado de trabalho – no mundo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Pode-se notar inclusive que as habilidades mencionadas logo acima são habilidades individuais. Sendo assim, o sucesso e o fracasso de um indivíduo são responsabilidade exclusivamente sua. O risco a que ele está sujeito ao fazer opções de especialização ou de desenvolvimento de habilidades específicas é assim apenas de sua responsabilidade. Caso ele acerte ou caso ele erre na escolha, será o único culpado.

Sennett (2003) aponta que o maior problema do regime flexível é que ao mesmo tempo em que ele impõe o risco da tomada de qualquer decisão no centro do cenário, ele introduz ali também toda a ênfase na responsabilidade do indivíduo. Com isso o regime expõe este sujeito de uma forma desmedida, na maioria das situações sem que lhe sejam propriamente oferecidos suportes institucionais, sociais nem mesmo cognitivos para o caso de ele cometer um erro. Os critérios de avaliação que valem em um dia podem estar obsoletos no dia seguinte, ou seja, o sujeito tem pouca chance de desenvolver a confiança em alguma referência objetiva de sucesso. O planejamento fica então comprometido. A estabilidade – tanto dos laços relacionais quanto dos conceitos operacionais de trabalho e de sucesso – paradoxalmente termina por aprisionar a movimentação do sujeito. Este deve estar permanentemente atento, sujeito a uma auto-educação continuada. O movimento é a palavra de ordem, e para Sennett, isso está relacionado às próprias transformações nas concepções de tempo e espaço.

> Quanto mais brechas, desvios ou intermediários entre as pessoas numa rede, mais fácil será a movimentação dos indivíduos. A incerteza na rede favorece as chances de movimento; o indivíduo pode aproveitar-se de oportunidades não previstas por outros, explorar controles fracos da autoridade central. (Sennett, 2003, p. 99)

Assim, os "buracos", e não as vagas claramente definidas de promoção numa pirâmide burocrática tradicional, são os locais de oportunidade. É neste sentido que Sennett questiona a possibilidade de se falar, na contemporaneidade, de um conceito como *carreira*, uma vez que este se refere a um caminho pré-estabelecido, ou a uma possibilidade mais ou menos previsível, que uma vez aberta, seria uma espécie de garantia de sucesso. O que o autor quer dizer é que dentro da lógica do risco, o sujeito percebe que mesmo que abra um caminho como este, a *qualquer momento* que o movimento da informação se alterar, e ele

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

perder esta mudança, ele pode perder também toda a segurança que achava ter construído até então.

O impacto psicológico deste conjunto de condições, segundo Sennett, é o sentimento de medo frente à constante ameaça de perder o emprego ou o reconhecimento por parte dos colegas e do chefe. Este impacto se opera sobre os sujeitos que estão no mercado, mas também sobre os sujeitos que supostamente deveriam fazer alguma escolha para entrar neste mercado. Mesmo que o sujeito jamais tenha trabalhado, ele está inserido em uma cultura onde o trabalho assume esse conjunto de significações. Os jornais noticiam as taxas de desemprego, os programas de TV para adolescentes enfatizam a necessidade da flexibilidade, as palestras sobre empregabilidade fazem menção permanente à necessidade de constante atualização, os programas de orientação profissional para adolescentes precisam, a cada momento, adaptar seu repertório às profissões novas e eliminar as profissões que caducaram, o conhecido que mora na sua rua perde o emprego de anos e seus vizinhos comentam que com a idade dele vai ser difícil se reestabilizar.

O medo do futuro assume então formas variadas, porém bastante conscientes no discurso dos adolescentes, que funcionam como antenas dessa realidade. Isso fica claro em inúmeros trechos de entrevistas, entre os quais podemos observar a seguinte seleção:

> hoje em dia, do jeito que está... se você não tiver...
> **Mas qual o jeito que está?**
> Ah está muito difícil, né. E você não tiver uma profissão, você...é... está... ah, as coisas estão muito difíceis...
> **Você observa isso no seu dia a dia?**
> Observo, ainda mais assim, que nem eu assim, que sou bastante... que leio os jornais, leio bastante coisas... O desemprego é alto, isso tudo é muito alto, então tem que... se você não estudar você não vai ser ninguém. Com certeza.
> **Tem alguma coisa nisso que te preocupa?**
> É, o problema é que, que nem agora, está tendo no Fantástico uma série dos jovens que fazem faculdade e mesmo assim não conseguem emprego. Não conseguem, é muito difícil. Tem empresas que se queixam da pessoa ser jovem, não ter experiência. Você tem que estudar pra você ter isso, e depois pra frente, você vai conseguir? Esse é que é o problema... (Helena)

> **Então não teve nenhum processo de dúvida em relação à sua profissão...**
> Nunca. Assim, teve. Ano passado. Porque eu comecei a pensar, aliás, no início desse ano, eu comecei a pensar que eu não ia, de repente eu não ia conseguir fazer sucesso, não ia conseguir me sustentar, ser independente da minha família nunca... Então eu comecei mesmo a querer desistir. Fazer outra coisa. Pensei: ai

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> meu deus, eu não vou conseguir... de repente eu não sou tão boa assim. Vou parar, vou pra fazer outra coisa. Direito, Psicologia. (...)
> (...) eu falava que ia fazer Música, diziam "pô, você é maluca", que não sei que. Não vai te dar dinheiro. Alguns professores, também, não são todos não. Aí isso começou a ficar na minha cabeça. Eu falei: gente eu não vou conseguir nunca ser independente, não vou conseguir ter as minhas coisas... vou fazer outra coisa. (Beatriz)

> **dança do ventre dá pra você viver assim ? Como é ?**
> Sinceramente ? Eu queria poder dar tudo que os meus pais... tudo né ? Pro meu filho.. Tudo que meus pais me deram, né. Eu estudo num colégio excelente e tal... é até caro e... não sei se sendo dançarina se eu vou conseguir dar isso pro... **[risos]** infelizmente né? porque não tem o menor investimento nessa área artística...
> (...)
> **Toda carreira é muito difícil no início né ?**
> No início é com certeza... porque eles pedem experiência pra você sendo que você não tem oportunidade, né. Pra começar... todo mundo pede experiência, como é que você vai ter experiência sem ninguém te dar... (Lívia)

> O que faz você ser um bom profissional ou não. Aí vai depender de você. E não dos outros. (...) você tem que ser o melhor, entendeu? Não adianta, está ali do teu lado, pode ser teu amigo, pode ser tudo, mas vai ser teu rival no futuro.
> (Daniel)

É de se esperar que o adolescente que escuta que "o mercado está péssimo" e que tem que "escolher uma profissão", ou um caminho a seguir para que possa se sentir inserido na sociedade dos adultos, sinta-se amedrontado e recorra mesmo a fantasias como uma solução temporária que alivia a sensação de angústia.

Aguiar e Ozella (2003) fazem observações semelhantes em sua pesquisa de campo. Estes autores também observaram no discurso dos sujeitos que investigaram a presença de uma série de receios, medos e mesmo reações de paralisação frente aos riscos relacionados ao mercado de trabalho. Estes riscos são os mesmos descritos pelos sujeitos cujos discursos são aqui representados, e vão desde a dificuldade de conseguir um emprego, qualquer que seja ele, até a possibilidade de não ganharem dinheiro suficiente para sobreviver. Aguiar e Ozella notam também que em contrapartida a este sentimento, os sujeitos parecem refugiar-se em argumentos referentes ao esforço pessoal como uma solução.

Observa-se com isso o quanto a ideologia liberal está presente nas construções e justificativas que os adolescentes articulam em seus projetos de vida profissional. A fala de Daniel, em particular, expõe o significado que adquire o poder pessoal nesse cenário. Esse poder é referido como a coisa principal que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

pode fazer diferença no percurso profissional. Há também a referência freqüente à existência de talentos naturalizados nas pessoas, talentos que se atualizam por conta própria e que estão dissociados de uma formação do âmbito da socialização.

Como um desdobramento destas condições, nota-se que há uma limitação considerável nas perspectivas de análise do mercado de trabalho por parte desses sujeitos. Novamente recai-se sobre a questão de se é possível viver uma vida cuja consciência organizadora é unicamente baseada na percepção de si mesmo. Fala-se aqui em consciência porque como observado, o discurso de qualquer sujeito é uma construção mesclada de elementos coletivos e particulares, porém, a consciência deste sujeito pode ser orientada para elaborar mais e melhor apenas um destes aspectos.

O resultado desse tipo de elaboração freqüentemente leva a situações onde o desejo tem maior dificuldade de encontrar uma conciliação com a realidade. Assim, quando se observa que os adolescentes conhecem muito pouco as profissões às quais dizem aspirar, baseando-se como critério para sua escolha nos aspectos estético e impressionista[1], (ou seja, de ordem subjetiva) esta conciliação parece tender a se desenvolver de forma mais problemática.

O círculo então se fecha quando associamos esta ideologia liberal ao aspecto da responsabilidade individual tanto sobre o sucesso quanto sobre o fracasso. Em caso de não se alcançar as metas inicialmente desejadas, a culpa recai sobre o indivíduo, pois isso certamente aconteceu porque ele parou de se aprimorar, se estagnou e não se manteve em movimento. Há um sinal deste pensamento na fala de Daniel, logo acima, mas ele também aparece no discurso de vários outros sujeitos entrevistados.

> eu não tenho rotina de ficar rezando, de ficar....até porque eu acho que quem conduz a nossa vida e a gente sozinho... (Adriano)

> meu pai falou uma coisa que eu nunca mais vou esquecer. Ele falou: “Beatriz: qualquer carreira que você seguir, você pode ser muito rico ou morrer de fome. Basta você ser bom e ser feliz naquilo que você está fazendo. Qualquer uma que seja, Medicina, Psicologia, Música, qualquer uma. Se você for feliz, sendo feliz você vai se dedicar, você vai se dar bem” (Beatriz)

[1] Para Bourdieu (1983), esse desconhecimento se deve também ao fato de que na atualidade há um desdobramento considerável de especializações, com pouca diferenciação entre si. De fato, fazer escolhas em uma situação como esta pede um mergulho deliberado e orientado no estudo das profissões, o que não parece ser a prioridade de muitas escolas, onde o discurso sobre a preparação dos conhecimento exigidos no vestibular é ainda o carro-chefe da orientação “pedagógica”.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> Sim, profissionalmente sim, o sucesso profissional. Acho que o cara que tem sucesso, o cara vai ser bom em alguma coisa, o cara sendo bom ele vai ser bem remunerado por isso. (Branco)

> **Te assusta ser adulto?**
> Não! O que me assusta às vezes é eu não conseguir lidar com isso. Fora isso... Eu tenho a vida inteira pra aprender a lidar com isso. Só basta eu querer, entendeu. (...) Eu já me viro sozinho, desde os doze anos eu já sou meio que independente.
> (...)
> Eu sou assim, aceite-me como quiser. (...) Contanto que eu esteja bem, minha mãe esteja bem, meu pai esteja bem, minha namorada esteja bem. Está ótimo pra mim. Que eu consiga, dependendo às vezes, consumir as coisas que eu quero, entendeu, está ótimo pra mim. (...) Não preciso de mais nada. Hoje em dia, quem paga as minhas contas? Meu pai e minha mãe. Eu devo satisfação a quem? A ele e a ela. Acabou. E minha namorada hoje em dia. Mais nada. Não devo satisfação a ninguém. (Daniel)

A título de encerramento da discussão sobre o aspecto do projeto de vida dos adolescentes no que se refere ao trabalho pensamos em ressaltar a ligação que existe entre as concepções desta área de atividade humana e as concepções da organização da vida como um todo – ou seja, a cultura. Uma vez que o trabalho é elemento essencial desta organização, compreender o sentido deste é lançar luz sobre a compreensão da própria cultura. O mesmo se pode dizer do trabalho com adolescentes. Compreender o significado de sua figura e de seus comportamentos lança luz também sobre os outros sujeitos sociais.

A percepção da independência, da flexibilidade, do movimento como lemas da contemporaneidade atravessa tanto a esfera do trabalho quanto a do lazer. A idéia do movimento constante aparece como regulador do comportamento em vários âmbitos da vida, inclusive nos momentos de diversão, como assinalaram Almeida e Tracy (op.cit.) ao definirem a *night* também como espaço de movimento. Elas observam que também no espaço da diversão, é importante estar polivalente e percorrer o maior número de espaços diferentes em um intervalo de tempo o mais curto possível.

Acerca da convivência cotidiana que se sustenta em boa medida no rumor, na instabilidade da informação, na movimentação desta, observa Sennett:

> A informação especializada muitas vezes tende a interferir no sistema de informação. No trabalho de grupo (...) o ato de comunicação é mais importante que os fatos comunicados; para comunicar, o campo de jogo da conversa precisa ser aberto e acessível. Uma vez que isso ocorre, a formação e a partilha do rumor se torna a substância da colaboração. (Sennett, 2003, p.128)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Assim, é novamente o movimento – particularmente o movimento da informação – que toma o centro do cenário. Este "rumor" de que o autor fala pode ser desde o rumor sobre o que há de novo no mercado de empregos ao que há de novo nos locais de badalação para a noite de sábado. Sendo assim, a própria percepção do movimento e da flexibilidade como requisitos para o sucesso alcança os sujeitos de formas abertas e também de formas mais sutis, mas sempre em processos imbricados no cotidiano das pessoas.

A lógica flexível, entretanto, fundamenta um poder sem autoridade, e a ausência dessa autoridade significaria um sentido de organização que envolve um maior número de pessoas e as atividades de cunho mais distante da intimidade e do compartilhamento dos sentidos. Conjuntamente a isso, a suposta descentralização do poder, ao mesmo tempo que aponta o sujeito como responsável absoluto por seu sucesso, também pode dissolver este sujeito de um momento para o outro, se os ventos assim o pedirem.

O modo de funcionamento dos agrupamentos sociais na contemporaneidade é um sinal desta lógica. Uma vez que tudo pode mudar de repente, as pessoas tendem a estabelecer relações interpessoais mais superficiais. O sujeito bem sucedido tem que saber tanto se aliar quanto se dissociar das outras pessoas na medida em que o contexto o pede.

Aqui há também a manifestação da confusão em relação à autoridade, da qual se falou anteriormente. Se cada um é o único responsável por seu próprio caminho, sem que haja uma referência externa legitimada para orientar ao menos determinados aspectos da ação, as figuras de autoridade ficam formalmente desvalorizadas. Se a autoridade está amplamente diluída no grupo, as relações de reconhecimento mútuo e a percepção de auto-reconhecimento também se enfraquecem, pois mais do que dizer o que está certo, a função da autoridade é de legitimar o valor e a própria existência de cada um dos sujeitos a seu redor. Em outras palavras, a autoridade, ao mesmo tempo em que limita e designa tarefas, também legitima, reconhece e protege. E isso é presente no campo das relações pessoais, mas é também francamente expresso no âmbito da percepção sobre o trabalho e seu mercado.

No campo da percepção sobre as próprias escolhas em relação ao trabalho e à inserção social, esta condição adquire um espectro consideravelmente amplo. Queremos dizer com isso que a própria escolha sobre que caminho seguir – ou,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

como preferem alguns, a seqüência de escolhas – precisa se basear em algum referencial. A autoridade desempenha papel relevante aí, pois não só distribui poder como reconhece o valor deste. O adolescente que vacila sobre que namorada escolher e que recorre à aprovação dos amigos para tal, está buscando uma referência desse tipo. Também o menino que escolhe trabalhar para o tráfico de drogas possivelmente o faz levando em consideração que esta escolha abrirá vias para algum tipo de reconhecimento social. Sendo a via do trabalho assalariado e de carteira assinada um caminho frágil e com poucas garantias para este reconhecimento, em contraposição ao poder que lhe seria outorgado pelo chefe do tráfico e pela própria comunidade (um poder manifestado simultaneamente pelo medo e pela admiração da comunidade), parece lógica a escolha feita por ele, em sua busca por localização social e por uma atividade que lhe diga quem ele é.

Sendo assim, a percepção do trabalho como inserção social é um fator básico para se compreender o posicionamento do adolescente frente a uma necessidade de definição. A própria confusão em que o adolescente pode se encontrar para fazer escolhas neste âmbito representa esta consciência.

O reconhecimento social que o trabalho traz é evidenciado em vários trabalhos além do presente, como por exemplo, nos relatos dos adolescentes entrevistados por Ramos e Menandro (2002). Ali estes sujeitos contam que seu *status* social em sua comunidade mudou a partir do momento em que eles foram reconhecidos como jovens trabalhadores. O desaparecimento dos olhares de desconfiança, bem como o desenvolvimento da admiração pelo cumprimento de horários e pelo novo estilo de se vestir são dignos de nota e motivo de orgulho para os sujeitos. Coontz (1997) também já sinalizava que o trabalho define um papel social, permite uma ação, e prescreve um comportamento. A autora lembra ainda que o sujeito alijado do conhecimento de seu próprio papel neste âmbito tende a recorrer a mecanismos compensatórios, como o consumo sem criteriosidade e o próprio exercício da violência.

Isso tudo se configura como um complexo de sinais de que é tempo de repensar as iniciativas e os projetos de educação em geral, e particularmente repensar os projetos de educação para o trabalho. As idealizações e as dificuldades que se observa no discurso dos sujeitos em desenvolver reflexões mais articuladas com a realidade sobre a construção de uma vida de trabalho mais gratificante

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

apontam para a necessidade de se promover iniciativas pedagógicas que promovam a ampliação da consciência destes sujeitos sobre a interdependência entre eles e os outros. A ausência dessa consciência faz mesmo com que o recurso às idéias mágicas e ao narcisismo como defesa se tornem o eixo em torno do qual as escolhas profissionais se sustentam.

Curioso é que é precisamente a ausência dessa consciência o que tende a construir para o sujeito a situação que ele mais teme: a confusão e a decepção com o que pensou para seu próprio futuro. Parafraseando Richard Sennett (1998) mais uma vez, a cultura contemporânea, como vem se desenvolvendo, não está convencida de fato que a riqueza material é uma forma de capital moral suficientemente gratificante. Ou então não estaria tão obcecada pelo *eu*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

7
Relacionamento Afetivo e Família

Em sua pesquisa sobre a prática do "ficar com", Chaves (2001) observa o desejo de casar e constituir família presente nos discursos de praticamente todos os sujeitos entrevistados, o que garante a manutenção da idéia de ter a própria família como critério de felicidade, mesmo que haja variações acerca do modo como o casamento e a família devem se configurar. Esse desejo é manifesto, mesmo que a experiência mostre as dificuldades de entendimento entre os integrantes dos casais, e mesmo que haja a dificuldade deles próprios em identificar a necessidade de fazer opções, em aprender a aceitar e lidar com a rotina, e de ceder alguma vontade individual em prol da manutenção da relação. No entanto, antes de chegar à análise do projeto de vida do adolescente, no que concerne à constituição da própria vida familiar, consideramos importante a observação sobre a relação que este sujeito tem com a sua família original.

Pensar a representação que crianças, adolescentes e adultos fazem acerca da família ainda significa, na cultura ocidental, pensar referências básicas de construção da subjetividade. Neste sistema cultural cabe ainda a esta instituição os primeiros cuidados dedicados ao sujeito e a introdução nos códigos de realidade. Mesmo nos muitos casos em que a realidade não se mostra coerente com o ideal, os símbolos de maternidade e paternidade como pontos de apoio para a construção da subjetividade permanecem atuantes tanto para o sujeito quanto no ideário coletivo.

Berger e Luckman (1999) afirmam que a realidade subjetiva é construída a partir de um processo de interiorização da realidade social que conta com a mediação de outros agentes. Eles identificam dois processos subseqüentes e a partir de certo ponto entrelaçados entre si: a socialização primária e a socialização secundária. A primeira é a aquisição inicial da noção de mundo dentro da qual vivem os outros. As pessoas que cuidam da criança acreditam, compreendem, concebem este mundo como dotado de sentido. A criança que chega neste mundo percebe sua própria fragilidade e percebe que sua sobrevivência depende destas outras pessoas. Assim se constrói o quadro que faz com elas assumam para si mesmas a lógica deste mundo que trazem seus cuidadores primordiais. Fazem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

parte deste conjunto de aprendizados primários, as maneiras de se comportar com os outros, a linguagem, o hábito de se vestir, o modo de se portar à mesa, o que se deve comer, etc.

A socialização secundária, por sua vez, seria o conjunto de processos subseqüentes que introduzem o indivíduo em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. Escola, cursos de treinamento e de profissionalização estariam incluídos neste conjunto de setores. Desta forma, a socialização secundária trata de conhecimentos especializados, que não são propostos ao indivíduo com a mesma naturalidade com que são propostos os aprendizados da socialização primária, mas que precisam de algum tipo de sedução ou convencimento a mais acerca de sua importância.

A socialização primária tem assim, como elemento essencial para seu funcionamento, a questão da afetividade. O sujeito desenvolve o afeto pelos que cuidam dele, pois ser reconhecido por estes lhe é fundamental. São estes outros sujeitos que mediarão a transformação da existência predominantemente biológica para o seu desdobramento também no nível simbólico. A socialização primária, portanto, possui a emoção como componente essencial, muito antes que qualquer estrutura racional apareça.

Berger e Luckman definem que a identidade, portanto se constrói em duas vias: trata-se de uma dialética entre a identificação atribuída à criança pelo outro e uma apropriação que a criança faz acerca dessa identidade, o que por sua vez, decorre nas próprias ações deste sujeito. Em outras palavras, a criança *aprende* que é aquilo de que é chamada pelos outros que significam muito para ela. E ao mesmo tempo em que ela aprende o que é, aprende também o que os outros são.

Assim, em qualquer sociedade, aqueles que são escolhidos para cuidar das crianças são os primeiros filtros que estas experimentam em relação ao mundo objetivo em que são lançadas ao nascer. Os autores lembram, nesse sentido, que é recomendável que toda estrutura de socialização secundária se assemelhe à estrutura da socialização primária do sujeito, para que se possa acessar de forma mais adequada a realidade objetiva em questão. Com isso querem eles dizer que o sujeito sempre recorre, ao menos em um primeiro momento, à lógica aprendida em sua socialização primária para interpretar e valorizar os conteúdos adquiridos posteriormente. Eles afirmam, também, que é extremamente raro – e talvez até

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

duvidoso – que tal estrutura algum dia se desfaça completamente na vida de uma pessoa.

Sendo assim, o papel de mediação com a realidade, exercido pelos pais e pela família, possui importância clara. Pode ocorrer que em contextos específicos, a mesma função seja exercida através de outros sujeitos, ou que, ainda, os pais faltem fisicamente. No entanto, no que diz respeito à população aqui investigada, este papel é claramente compreendido e esperado dos pais. Logo, pensar o projeto de vida destes sujeitos necessariamente implica em pensar as representações que estes sujeitos possuem e expressam acerca de sua família. De fato ao serem perguntados sobre figuras de inspiração para sua própria vida, como se pode observar em quadro anexo, dos 19 sujeitos aqui entrevistados, 12 apontaram pais e/ou avós como modelos admirados e invariavelmente a serem seguidos. No mesmo sentido, em edição especial sobre adolescentes publicado pela Revista Veja (2003), observou-se que aquilo de que os adolescentes mais têm medo na vida é de perder os pais – nada menos que 52% dos adolescentes pesquisados afirmou este receio. Isso corrobora com a idéia de que, embora os iguais estejam assumindo um papel importante como reguladores da conduta, o peso da figura materna e paterna – em sua ausência ou presença – é ainda fundamental.

No que diz respeito às relações que o jovem parece manter com sua família – incluindo aí o tipo de expectativa envolvido quanto à construção de sua própria – a pesquisa de Minayo et alli (2002) revela que a família é a instituição na qual os adolescentes mais confiam. No entanto, a autora observa que as relações entre pais e filhos se configuram de forma diferenciada de acordo com as classes. Isso aparece tanto nas construções racionais do adolescente sobre sua família, quanto nas descrições de experiências cotidianas. Entre as classes populares, as regras de convivência parecem oscilar mais flagrantemente entre uma maior flexibilidade e uma rigidez moralista que não permite muito diálogo. A pesquisa aponta, ainda, que os ideais libertários ventilados e levantados como bandeira juvenil nas últimas décadas foram mais absorvidos entre as famílias de classe média.

Chaves (2001), entretanto, aponta no discurso dos jovens de classe média a crítica racional em relação a estes ideais. Ali se encontram, segundo esta autora, a idéia de que houve um exagero de abertura, sem um equilíbrio desejável, o que teria desembocado em uma instabilidade na instituição familiar e na privação do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

sentimento de segurança para os filhos. Esta percepção parece provir da observação não somente da própria família, mas também do que a sociedade apresenta como realidade objetiva.

Resultado semelhante ao do trabalho de Chaves é relatado na pesquisa de Jablonski (2003), onde o autor observa sinais de uma ansiedade vivida por parte do jovem em poder estabelecer relações afetivas mais duradouras do que as que eles vêm experimentado (como agentes ou como observadores) até então. O germe da mesma crítica se encontra presente nesta atitude[1] e revela o receio e a insegurança em relação aos relacionamentos afetivos. De fato, trabalhos como os de Féres-Carneiro (1999; 2001; 2003), Diniz (1999), Bucher (1999), Wagner (2002) e Grzybowski (2002) apontam para o número cada vez maior de separações conjugais e da freqüência de arranjos familiares alternativos ao da família nuclear, incluindo famílias monoparentais, recasadas, *mosaico*, famílias em que os pais são ambos do mesmo sexo etc. A pluralidade destes modelos aponta para a banalização da separação e dos arranjos e rearranjos matrimoniais, o que aparentemente significa, para muitos sujeitos, uma situação de insegurança acerca do cuidado e da estabilidade no espaço de intimidade familiar.

Sendo assim, parte-se do pressuposto de que a família original é ponto de referência – positiva ou negativa – para o pensamento do adolescente sobre seu próprio futuro familiar. Cabe marcar, entretanto, que embora a família original ocupe para este sujeito um papel importante, nota-se que o adolescente é sujeito, mas também observador de todo um processo social mais amplo, e que, na qualidade de sujeito formalmente ingressante neste, ele possui sua avaliação pessoal dos valores e disposições envolvidos.

No percurso de pensar a construção do projeto de vida referente a esta seara, a primeira questão a ser observada no discurso dos adolescentes entrevistados para este trabalho é aquela relativa aos modos como estes sujeitos se referem ao casamento. Em outras palavras, que valores e ideais são associados a esta instituição.

[1] O termo atitude, aqui, tem o significado explicitado por Rodrigues, Assmar & Jablonski (1999), já citado no presente trabalho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

7.1.
O Casamento e seus significados

Em contraposição às famílias numerosas de outros tempos, verifica-se mesmo entre as classes consideradas baixas da população, uma diminuição no número de filhos. Jablonski (1998) sinaliza uma concentração de afetividade e de expectativas sobre os filhos da família moderna, em virtude dessa diminuição. Essa idéia é consoante com a discussão de Demos (1986), já referida no capítulo I. Ambos os autores apontam que uma quantidade alta de filhos implica em uma espécie de diluição de identidades e de expectativas. Em uma família grande, a perda de um filho, por exemplo, possui um impacto diferente do que a perda de uma criança em uma família de quatro pessoas. As famílias menos numerosas tenderiam, assim, a uma maior interdependência afetiva.

Esta condição de interdependência pode estar inclusive associada ao fenômeno estudado por Henriques (2002) das chamadas famílias-canguru. Estas famílias são caracterizadas pela extensão do período de convivência entre pais e filhos sob o mesmo teto, mesmo quando os segundos já adentram a casa dos 30 anos de idade. O fenômeno tem despertado atenção na última década, pois ocorre inclusive com jovens que já possuem, em tese, condições financeiras ou materiais de ter suas próprias moradias. A autora identifica que o prolongamento se dá por um conjunto de variáveis. Ao lado de uma maior liberdade de acesso e de diálogo, e do ideal de respeito mútuo entre pais e filhos, há também uma forma de interação entre pais e filhos onde o fator de dependência afetiva configura-se como base de sustentação. Ou seja, embora haja justificativas racionais associadas a dificuldades financeiras e referentes à formação e à entrada no mercado de trabalho, e embora haja queixas manifestas no discurso de pais e filhos acerca desta condição, pode-se observar que há uma resistência em deixar a casa dos pais. A pesquisa da Veja Especial sobre adolescentes (2003) aponta que 82% dos sujeitos têm pouca ou nenhuma vontade de morar longe dos pais, embora o maior desejo para eles seja arrumar um bom emprego – desejo que ocupa posições prioritárias em relação à constituição de uma família.

De qualquer forma, o trabalho de Henriques sugere que os laços entre as duas gerações se mantêm como uma espécie de refúgio frente à instabilidade e à

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

falta de confiança tanto no futuro quanto na sociedade atual. Talvez se possa dizer que, frente à rápida transformação das conexões interpessoais na contemporaneidade, mantenha-se a percepção de que os laços entre pais e filhos são aqueles mais estáveis e duradouros, fornecedores de algum tipo de segurança emocional, mesmo que ilusória e mesmo que haja problemas de relacionamento de alguma espécie. Esta percepção pode estar associada, assim, à resistência em relação ao afastamento entre pais e filhos.[2]

Estas contingências contribuem para a valorização do casamento e da família enquanto um ideal. A idéia de formar a própria família é presente em 15 dos 19 adolescentes entrevistados. Dentre os outros quatro, dois afirmam não desejar ter filhos, e apenas morar com outra pessoa. Os dois restantes alegam não saberem o que farão.

Entre os depoimentos colhidos, o valor mais associado ao casamento é o companheirismo. Este companheirismo é relacionado ao medo de ficar sozinho na velhice, algo que é percebido como ameaçador e frontalmente indesejado pelos sujeitos. Esse companheirismo é associado também ao compartilhamento de cada detalhe da vida.

> é legal essa coisa da vida a dois, os dois se completam, pra não ficar um velho sozinho, é isso, é interessante esse negócio da vida a dois. (...) Pra ter uma vida tranqüila, não envelhecer sozinho. Deve ser muito bom você ter um filho em casa... por isso. (Adriano)

> Eu não tive pai e eu sei como pai faz falta. A minha mãe é mãe, é pai, mas ela não dá conta de tudo. E eu sei como a minha mãe é infeliz. Eu vejo pela minha mãe não ter um companheiro pra dividir não só as coisas, mas ter amor, sabe. Um companheiro que você sabe que vai estar ali com você todas as noites. Eu sei que isso faz falta porque eu vejo ela, e eu não quero isso para a minha vida. (Ana Maria)

> **Por que você quer se casar?**
> Ah, eu acho que é um ideal, sabe? Ninguém gostaria de passar o resto da vida sozinho, sabe? (Branco)

> eu quero casar sim. (...) Eu quero ter filhos e tal, sabe? Quero ter alguém pra dividir comigo, assim, sabe? Viver sozinha, eu acho muito triste, assim...
> (...)

[2] Poderia se inferir, por outro lado, que existe a possibilidade de que haja uma falta de confiança nos laços interpessoais da contemporaneidade. Isso talvez se relacione também com o tipo de laço afetivo que se percebe desenvolvido neste tempo, como a própria prática do "ficar com" sugere. Essa situação, ao lado da busca por uma estabilidade financeira antes de qualquer outro projeto, encontra-se relacionada com o aumento da média de idade com que as pessoas se casam. Esse é um fenômeno mundial que encontra expressão também no Brasil. Fonte: http://www.bibliomed.com.br/lib/. Acesso em 13/10/2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Por que você acha que as pessoas decidem casar ?
Acho que medo de ficar sozinho, assim... **[risos]** Acho que é... é melhor ter alguém mais ou menos do que ficar sozinho... (Juliana)

Pô, hoje em dia eu acho que casamento, assim, tem que ser baseado no companheirismo mesmo, sabe, com quem você casa, tem que ser companheiro. (...) Quando eu saio com as minhas amigas, ele também vai estar junto, porque são amigos dele, sabe. Se ele sai com os amigos dele eu também posso ir junto, então acho que é uma coisa...a gente não se vê todo dia....a gente se vê....sei lá...3 vezes por semana, assim...eu acho que tem aquela coisa do companheirismo e tal. (Adriana)

Pretendo me casar.
Por que?
Ah, porque...deixa eu pensar....Porque sei lá, e legal essa coisa da vida a dois, os dois se completam, pra não ficar um velho sozinho, é isso, é interessante esse negócio da vida a dois.
(...) é meio um molde que a sociedade cria, sabe? Se você não tiver uma família, você fica sozinho no mundo. Parece que você é olhado com outros olhos, te acham meio estranho. Eu com 40 anos: "Ah, você é solteiro! Já foi casado?" Não,nunca fui!".(Adriano)

Como você pensa numa relação ideal?
È dele ser parceiro.
Mas o que é ser parceiro?
Ahhh eu imagino minha vida de casada assim igual a do meu pai e da minha mãe. Ele sai trabalha, volta... normal assim.
Isso é ser parceiro?
É. Porque ele está sempre com ela. Ele não sai sozinho... nem minha mãe. Quando sai, saem os dois juntos. (Maria Eduarda)

A fala de Adriano aponta uma particularidade, no momento em que ele se remete a uma expectativa social. Ser solteiro parece não ser um estado socialmente desejável, e é curioso que tenha sido um rapaz que tenha pronunciado este argumento de forma tão clara e aberta, ao passo que nenhuma das meninas o fez. A idéia pode ter surgido por ele não ter de fato refletido anteriormente sobre a questão, e no momento da entrevista tenha recorrido à memória de alguma situação que observou. Mas mesmo que tenha sido este o caso, a fala dele demonstra que há uma percepção de que na cultura em que ele vive casar-se está associado a dar alguma forma de satisfação para a sociedade.

Não obstante, o que mais marca estas falas diz respeito à presença física, assim como à idéia de compartilhar todos os pensamentos e movimentos. Os gostos devem estar afinados entre si, assim como os programas e a própria consciência sobre como a vida deve ser vivida. Existe aí uma espécie de expectativa de que o outro irá ouvir seja lá o que lhe for pedido que ouça, e que há concordância acerca dos programas e das atitudes em geral. Não há menção em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

nenhuma entrevista à questão de pensar um casamento onde diferenças existem. Ao contrário, a diferença é pensada como um empecilho e como motor de separação. Inexiste no discurso destes adolescentes a referência à possibilidade de convivência com qualidades que eles não gostam. Também não se menciona estratégias de resolução dos problemas que advirão da convivência entre duas pessoas diferentes.

Ainda o que chama a atenção é a menção ao medo de se ver sozinho na velhice. A companhia desejada é aquela que possa permanecer por muitos anos, até a morte. Em pesquisa quantitativa com o intuito de o avaliar as variações nos planos de futuro de jovens universitários ao longo do tempo, Jablonski (2003) observa que entre o ano de 1993 e o ano de 2003 houve um aumento significativo com relação às expectativas sobre o próprio casamento. O autor observa um crescimento no número dos que acreditam que passarão "o resto da vida com uma pessoa".

A idéia prevalece em torno do cônjuge, embora os filhos sejam eventualmente mencionados. Seguindo esta mesma esteira de pensamento, a segurança, a confiança, a afirmação da importância de se saber o que quer para depois não voltar atrás, aparecem como valores fundamentais no casamento:

> Pra ser honesto, eu não acho muito fácil encontrar alguém que seja do jeito que eu aceitaria pra ser minha esposa, mãe de um filho meu.
> **Como é essa pessoa?**
> Pô, tem que confiar. Eu sou meio desconfiado, eu levo um tempo pra confiar nas pessoas. E mulher é particularmente complicada. Não vejo tanto só por mim, mas pelos meus amigos. Cara, mulher é muito dissimulada. (Victor)

> eu acho que casar pra depois descasar, eu não...não tem lógica, porque quando você aceita o casamento, mesmo fora da igreja, assim, mesmo se for só o casamento civil, você entende que você juntou o laço com uma pessoa que você quer estar para o resto da vida, sabe, então eu acho que quando você casa, você tem que estar muito consciente do que você está fazendo, sabe e você tem que ter certeza (Adriana)

> **Quais são os prós ?**
> Ahhh ... sei lá ... **[risos]** Acho que amizade assim... você ter com quem você contar assim sabe? (Juliana)

> Relação ideal, cara, é alguém que eu goste me dê vontade de ficar com a pessoa também. Que seja troca, sabe qual é? Estar ali do meu lado quando eu preciso. E vice-versa. Eu tenho isso com ela. Quando ela precisa eu estou do lado dela. Quando eu preciso, espero que ela esteja também. Amizade além de tudo. (Daniel)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Como seria a relação que você quer ter?
Ah uma relação amistosa né. Eu me dar bem com ele. A gente ser bem amigo, companheiros.
Você acha que amizade é uma coisa importante então?
Com certeza, faz muita falta.
E o que mais que tem que ter?
Confiança, fidelidade, lealdade, essas coisas assim, que se você ver mesmo estão todas ligadas ao fundamento da amizade e do amor. (Jessica)

Relacionamento afetivo, eu espero me casar. Eu espero me casar e espero ter filhos. Com a pessoa que eu goste, ou que seja uma pessoa tranqüila, também que tenha interesse nos interesses que eu tenho. De certa forma que... Uma vida tranqüila assim, nesse aspecto do lado de casa ser um casal tranqüilo. E arriscar é mais do lado do trabalho. (Doria)

A família e o casamento que estes adolescentes pretendem construir é lugar, portanto, da segurança, o que faz pensar no trabalho de Christopher Lasch (1991). Assim como Sennett (1998), este autor atribui à erosão de determinados aspectos da vida pública a causa essencial do recurso aos valores da vida privada como forma de sustentação da subjetividade. Lasch discute a questão da segurança como fator essencial da manutenção da intersubjetividade, tanto no aspecto privado quanto no público. Ele sinaliza, no entanto, o círculo vicioso a que se está exposto neste jogo: a perda do reconhecimento da autoridade paterna e o enfraquecimento da autoridade pública são interligados simbolicamente. A falência de uma implica na falência de outra, uma vez que elas são interdependentes. A família sofre então apenas uma sobrecarga de expectativas, que na prática jamais poderá cumprir. Na medida em que a autoridade também protege, o sujeito a busca e a pede, e sem ela, se sente desprotegido e perdido. Nesta lógica, à família caberia toda a expressão afetiva, uma vez que o mundo exterior é percebido como ameaçador e cruel.

O problema é que quanto maior o conjunto de expectativas emocionais e passionais ela recebe, mais ela figura como pivô da frustração, e o sujeito se percebe então perdido em um redemoinho narcísico, sem saber para onde correr. Ele mesmo termina por ser o agente da destruição desta instituição, uma vez que, como qualquer instituição, ela deve ser sustentada também pela tolerância à frustração.

A consciência de uma certa confusão acerca de tais expectativas encontra uma representação nas seguintes passagens, onde os adolescentes declaram que construir e sustentar uma família parece ser a coisa mais difícil do mundo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

como você imagina essa vida em família ?
Ahhhh deve ser muito difícil assim... pior do que qualquer carreira profissional. (Juliana)

Você consegue imaginar sua relação com seu marido? Tem alguma diferença da relação com seu namorado?
Ah, eu acho que tem. Que eu acho que vai ser um negócio que tem mais responsabilidade, um negócio mais sério, aí eu acho que... vai ser bem mais...Como eu vou te dizer? **(se atrapalha nas palavras)** Namoro é... o casamento é uma coisa mais séria, então você tem que estar mais próximo dele ... aí que fique mais... como é que eu vou te explicar? (...) Não, namoro não é uma coisa tão séria. Casamento prende mais, aí é mais... dá pra levar melhor. Eu acho completamente diferente. (Helena)

Está nos seus planos ter família?
(pausa) Não necessariamente. Eu não acho que a gente precisa casar pra ser feliz. Casamento até dá muito trabalho. Não é pra qualquer um.
Como assim?
(pausa) É que conviver com as pessoas na intimidade... sempre é mais complicado do que parece... (...) Eu acho que enquanto é amigo fica tudo bem. Quando entra assim, na vida mais íntima, a coisa fica complicada. Neguinho começa a querer mandar, querer controlar... Eu até fico assim, pensando em ter uma família algum dia, mas até hoje não conheci nenhuma menina que... que eu pensasse nisso. (Victor)

Se a união é difícil, mas existe toda uma expectativa de que ela exista e seja durável, é necessário pensar que condições são necessárias, no imaginário destes sujeitos, para alcançar esta situação. Talvez o fato de o adolescente ser convencido de que não possui experiência familiar "suficiente" ou de valor ajude a situar o casamento como um projeto inacessível, uma guerra de titãs. A condição particular de sujeitos que trazem uma história familiar com muitas frustrações e pouca elaboração sobre como lidar com estas, parece favorecer em especial uma visão negativamente idealizada do casamento. Podemos prosseguir pensando que tipo de sujeito é esse que os adolescentes buscam. Ou então, que tipo de relação eles buscam.

7.2.
O parceiro ideal: "Se houver amor, um casal consegue superar todos os seus problemas"

A definição do parceiro ideal aparece como tema natural, a partir do momento em que se aborda a questão do valor do casamento. Uma vez que o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

companheirismo é a palavra de ordem, é natural que se pense sobre o tipo de *companheiro* que se pretende ou se sonha encontrar.

Entre os depoimentos colhidos há uma exceção única no que se refere à definição das características do companheiro que se espera encontrar. Esta exceção se localiza no discurso de Doria que, em uma linguagem entrecortada e mesmo fragmentada, aborda elementos relativos às dissidências e diferenças entre duas pessoas que decidem se unir. Doria menciona também a importância de as duas pessoas terem um projeto de futuro comum.

> Ninguém nasceu formado pra outra pessoa, pra se encaixar perfeitamente. (...) Eu pretendo encontrar aquela pessoa que diga alguma coisa pra mim, mas não tenho a menor pretensão de encontrar uma pessoa sem problemas, sem dissidentes. Acho que isso faz parte, isso que é bonito, né. Que é você se superar, você encontrar uma dificuldade e através do respeito, da compreensão, você superar isso. O interesse é apenas pra manter uma coisa assim comum, né. As pessoas precisam ter um projeto comum. Por exemplo, digamos que eu quero constituir uma família e ela queira constituir uma família, isso é um projeto comum. (Doria)

Entrementes, o discurso de Doria distingue-se frontalmente daquele que é predominante sobre o casamento entre os outros sujeitos entrevistados. Neste há basicamente duas idéias associadas à escolha do companheiro. A primeira delas é a de apoio e completude. O parceiro ideal é aquele que consola, apóia, completa, traz tudo aquilo que a pessoa não tem. A velha perspectiva sobre a outra *metade da laranja*, sobre a *cara-metade*, encontra-se presente, embora expressa de várias formas. Nota-se que ela também vem acompanhada da menção à presença física constante e ao companheirismo no que tange idéias e gostos.

> Eu acho que é aquela pessoa vai te completar, é o que está faltando pra você, entendeu? Ela é tudo que você quer, a pessoa que você gosta e que você confia, entendeu? (Ana)

> eu acho que as pessoas são muito dependentes umas das outras, são muito carentes. Eu sei que eu sou muito carente porque eu sei que eu preciso muito de carinho. Se eu encontrar uma pessoa que me dê esse carinho, que me deixe feliz, cara, com certeza eu vou ficar perto dela, sabe? (...) Eu acho que é uma pessoa com quem você se identifique por mais que você seja, assim...se sinta como se fosse uma cara metade. (Clarice)

> **O que é um cara legal ?**
> **[pensando]**... uma pessoa que me entenda ... saiba me consolar quando eu estou triste, porque tem gente que sabe me consolar mas tem gente que não sabe então eu finjo que estou feliz pra não deixar a pessoa chateada... (Lívia)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> Pô, eu acho que pro casamento funcionar, tem que ter um encaixe, sacou? Os dois têm que ter a ver, têm que gostar mais ou menos da mesma coisa. (Victor)

Também nestas falas, é presente a idéia de apoio e segurança. O parceiro ideal acumula funções. Companheiro, seguidor, apoiador, bem humorado, disposto, atencioso, presente.

A segunda das idéias associadas à escolha do parceiro ideal é mencionada tanto de forma direta quanto indireta – e vale a pena indicar: predominantemente pelas meninas. Ela diz respeito à presença de uma espécie de *mágica* que guia esta escolha, e que comunica a sua certeza.

> **Então como você disse, existe uma pessoa certa?**
> Eu acho que sim.
> **E como é que você sabe que a pessoa é certa?**
> Ah, não sei. Como eu sei, eu não sei, mas acho que eu vou saber quando chegar. (Ana)

> o que hoje em dia está faltando, que a maioria das pessoas se junta, se separa, tudo muito rápido, fica noivo... eu acho que é você encontrar a pessoa certa MESMO. (Beatriz)

> eu acho que até hoje não achei o homem certo.
> **E como é que seria esse homem certo?**
> Ah, não sei. Alguém que me deixasse feliz perto dele, mas que ao mesmo tempo a função dele não fosse me fazer feliz. Ele naturalmente me deixasse feliz com a sua presença, sabe?
> **Como assim a função dele não fosse te fazer feliz?**
> É... não é aquela pessoa que se esforça pra te deixar feliz e, sim, aquela pessoa que consegue te deixar feliz pelo que ela é (...) Acho que não tem como explicar. Não sei... acho que quando você encontra uma pessoa e seu olho bate com o dela e dá aquele brilho, sabe, aquela felicidade momentânea...e eu acho que uma pessoa que você consegue ficar muito tempo, que toda vez que vocês se olham mesmo com raiva, seu olho brilha de forma diferente, acho que é isso. Você tem que achar uma pessoa que você consiga fazer isso. (Clarice)

> Eu idealizo muito com namoradas minhas, quando eu estou namorando. Com a namorada... se eu viajo com amigos, pra uma casa no fim de semana, numa praia, eu sempre... porra, eu penso: 'queria que ela estivesse aqui'. Eu imagino uma viagem assim, sei lá, pegando o carro e vamos passar o fim de semana em Búzios. Fora. Só nós dois. Na nossa casinha, ou num apartamento no Rio. Eu gosto muito, acho muito legal.
> **Como é que é a relação que você imagina, assim?**
> A relação, acho que aquela coisa. Cada um tem seu trabalho. Sabe, não quero uma mulher dependente. E sempre a gente brincando. Bem diversão, assim, sabe. Bom humor sempre. (Enzo)

Assim se mostra presente a idéia de que as duas pessoas vão se encontrar e se reconhecer imediatamente, e que suas vidas a partir daí serão intensas e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

prazerosas. Até um certo ponto, há que se reconhecer que a *novidade* da possibilidade – permissão social – para se relacionar é o que freqüentemente provoca esse tipo de fantasia. Existe **uma** pessoa certa, alguma coisa como uma *alma gêmea*, esperando ser encontrada em algum lugar no mundo.

Deve-se marcar que as idéias sobre relacionamentos afetivos são apropriadas de uma mídia que promete para todos a possibilidade de realização na vida a dois. A contemporaneidade é recheada por imagens idealizadas de relacionamentos que vestem apenas uma roupagem diferente daquela dos contos de fadas: as novelas continuam terminando quando mocinho e mocinha conseguem superar todas as dificuldades que se interpunham entre eles e podem finalmente ser felizes para sempre. O amor – e todo o conjunto de sensações e irracionalidades que supostamente acompanham sua existência e que incluem essa aura sobrenatural – é apresentado como um paraíso e um ideal que todos perseguem.

Tanto Jablonski (op.cit.) quanto Wagner et alii (1997) sinalizam que no discurso dos adolescentes de suas pesquisas o amor é a razão maior pela qual as pessoas se casam e a falta deste é também declarada como a maior responsável pelo término dos casamentos. Ambos os autores apontam, inclusive, que a experiência pregressa em relação à separação dos pais ou à experiência de viver em uma família que mantém sua composição original desempenha papel a considerar na definição do projeto de vida do adolescente. As pesquisas – Jablonski (1998; 2003) e Wagner et alii (op.cit.) – também identificam a presença do mito de que o amor no casamento resolve tudo.

Em termos quantitativos, pode-se recorrer ao próprio resultado de uma pesquisa elaborada pelo instituto Datafolha. Após investigar uma amostra que cobria todo o país, o Instituto Datafolha (2003) apontou que o motivo – de longe – mais votado pelo qual as pessoas se casam é o amor. Ele ocupa 56% das respostas, enquanto o segundo lugar, com apenas 12%, refere-se à vontade de ter um companheiro.

O recurso à idealização do amor pode ser interpretado de várias modos, inclusive à questão de que as crianças, ao serem isoladas em um mundo privado, são também classificadas como incapazes de proferir opiniões sobre determinados assuntos – inclusive os de relacionamento. A despeito de sua sensibilidade e percepção serem muitas vezes bem menos contaminadas pela necessidade de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

certos disfarces sociais e de elas falarem coisas que abordam diretamente o nó da questão que observam, elas raramente são ouvidas e freqüentemente são escarnecidas de suas colocações. Com a justificativa *adulta* de que não têm experiência suficiente, acabam por de fato jamais desenvolverem, através da troca com o outro, seu pensamento sobre este tipo de assunto. Isso não significa que elas não conheçam o assunto. Conhecem-no, mesmo porque os mecanismos de comunicação de massa não fazem diferença quanto a seu público espectador. A questão é que aprendem sobre o assunto somente por via do que podem interpretar sozinhas, ou sem realizarem qualquer tipo de teste de realidade, mesmo que apenas no nível da conversa. Voltamos aí para a importância da mediação na educação. A informação pura não é educação. Para que a educação se dê, é fundamental que haja um mediador, alguém que contextualize a informação e lhe dê um sentido socialmente adaptado. É isso que caracteriza o desenvolvimento da consciência e da adaptação do sujeito: a troca e a negociação com outros sujeitos da interpretação sobre o que é a realidade.

Particularmente sobre esta questão, podemos pensar no relato da experiência escolar de Parolin (2001). A posição de adulto racional e equilibrado é uma ilusão em muitos momentos da experiência cotidiana. A autora comenta que com freqüência observa adultos que em situação de stress assumem atitudes chamadas infantis ou adolescentes. Mais do que isso, pode-se indicar que muitos 'adultos cronológicos' jamais chegaram a desenvolver o conjunto de características de 'equilíbrio' associadas a estes *status*, e ao se relacionarem com seus filhos terminam por colocá-los muitas vezes na posição de administradores dos seus próprios conflitos familiares e pessoais. É sabido que uma criança, quando percebe que seus pais não se encontram em posição de defendê-la, desenvolve uma capacidade de auto-cuidado maior do que aquelas que percebem poder contar com a proteção dos pais. Wallerstein e Kelly (1998) discutem tal assunto a partir de ampla pesquisa com filhos de pais separados. As autoras apontam que em situações de divórcio os pais se tornam incapazes, ou no mínimo diminuem sua capacidade, de cuidar dos filhos e proporcionar um ambiente de segurança básica. O stress emocional causado pela situação faz com que eles freqüentemente não estejam em condições de cuidar, por exemplo, da comida e da manutenção da limpeza da casa. As autoras observam que nesse momento as crianças freqüentemente assumem tais funções. Mais do que isso, elas atuam

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

inclusive como conselheiras e amigas de seus pais, tendo que ouvir, inclusive, as reclamações de um sobre o outro e vice-versa.

Cabe lembrar que é claro que tais situações não se verificam somente em famílias onde houve divórcio. Muitas famílias que não passaram por processos de separação conjugal apresentam o mesmo tipo de problema, e o impacto sobre o papel da criança nestas segue mais ou menos a mesma lógica.

A questão é que as crianças têm suas experiências no que se refere aos relacionamentos afetivos, mesmo que não sejam elas próprias os 'atores principais'. O fato de participarem de uma família lhes garante isso. Sendo os pais sujeitos importantes para elas, conforme discutido com Berger e Luckman (op.cit.), elas prestam toda a atenção no que eles vivem, e se estimuladas a falar, podem apontar coisas que os outros procuram a todo custo negar.

Assim, ao fazer parte de uma família, elas observam e atuam neste cenário. Só não são reconhecidas como capazes disso, o que lhes coloca em uma posição de menor valor e de pouca mobilidade para a conversação. O que falam é desqualificado, e nesse movimento, elas ficam entregues às próprias fantasias.

Quando o sujeito entra na adolescência, recebe finalmente a permissão para se aproximar do tema, e vivenciá-lo. E para isso conta com a bagagem que pôde construir nas condições anteriores, ou seja: um grande quinhão de construções baseadas somente em sua percepção imediata e nas idéias que veiculam os conteúdos comunicados às massas, sem reflexão aprofundada, sem experiência pessoal e sem adequação a situações particulares.

Desta forma, diante de um universo social que formula o amor como solução para tudo e como fim natural dos conflitos entre casais que *verdadeiramente* se amam, este sentimento passa a ser o elixir para todos os problemas de um casal. Mais do que isso, sem que haja um desenvolvimento da própria noção do que esse sentimento significa, afirma-se que o amor *verdadeiro* jamais se apaga.

> eu quero uma relação tranqüila. Quero sempre estar amando a pessoa. Super apaixonada, porque se não for... eu perco o encanto e aí eu sei que não vai dar certo.
> **Você acha que tendo amor tudo se resolve?**
> **(pausa, pensativa)** Não sei... mas tem que ter amor, é fundamental. Depois a gente vai contornando as coisas... (Ana Maria)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> Eu acho que você tem que encontrar uma pessoa que... que você se apaixone por ela de uma tal forma que você consiga superar os defeitos dela e vice-versa, entendeu. Eu acho que dessa forma você consegue conviver com a pessoa por mais tempo e tem que ser uma coisa muito forte. Porque quando a gente gosta mais ou menos, né, os defeitos ficam do tamanho de um não sei quê. Tudo incomoda, tudo atrapalha. (Beatriz)
>
> Eu acho que quando você gosta de alguém, cara, pode botar a muralha da China na tua frente, que você vai passar. Não adianta você querer mudar teu sentimento, que você não vai mudar. (Daniel)
>
> O meu ideal de amor, acho que nem existe. Amor, amor.
> **Qual é o ideal de amor?**
> Eu converso muito com o meu professor de filosofia sobre isso. Eu acho que amor é você... você respeita, você entende... o próximo. Você... compreende, você respeita, você vê aquela pessoa de uma forma que... que... você vê aquela pessoa de uma forma assim, que ela te completa. (...) Você respeita a pessoa o máximo possível. Você tem sempre muito carinho por ela. E uma cumplicidade, assim, entre os dois. Uma cumplicidade que... um fogo assim que não apagaria. (Enzo)
>
> No caso, eu acho assim, que o essencial, tudo isso tem que ter amor junto. Se existe o amor, tudo isso vem também.
> **O que você acha que é importante para manter duas pessoas juntas?**
> **(pausa longa)** O que mantém as pessoas juntas, assim... terem consciência do que elas querem. Terem certeza. Certeza do amor que sentem um pelo outro. (Francisco)

Se o amor é o elixir da saúde de um casamento e a falta dele a razão pela qual esta instituição se desmancha, a rotina é o vilão que vem identificado em segundo lugar.

> **E, como você pensa na sua relação com a sua esposa?**
> Eu acho assim que casou é pra ficar, esse negócio de ficar separando não dá certo. Não tem essa coisa de deixar de amar ou não, então eu acho que assim, se mantiver, pô, sempre alguma coisa que não fique monótona, vai durar sempre... É isso que eu quero, que dure. (Adriano)
>
> Eu acho que as pessoas estão perdendo muito... o sentido da coisa, sabe. Estão perdendo muito... muito do que elas prometeram um dia. Amar, sabe. As pessoas não esquecem isso, então vêem aquilo como uma coisa... não vêem aquilo como uma coisa nova a cada dia, então fica... vai minando, sabe. A rotina toma conta... então.... (Francisco)
>
> **Que tipo de relação você gostaria de ter.**
> Que ele me dê atenção... ah que não esfrie assim com o tempo, porque tem uns casais que esfriam e no final acabam se divorciando. Tipo eu sei que não vai ser a mesma coisa o tempo inteiro, mas sei lá, tentar renovar. Não sei, a cada ano do casamento estar fazendo uma coisa diferente... (Joana)
>
> Eu queria achar alguém que conseguisse integrar, fosse um mundo nosso, sabe?
> **E como seria isso?**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> É um sonho. Não tem muito com explicar. Eu acho que os meus pais são o maior exemplo disso.
> **É? E como é a relação deles?**
> A gente...os meus pais são assim incríveis. Volta e meia você encontra eles berrando um com o outro e aí 5 minutos depois eles tão aos beijinhos e aí almoçam de mão dada, aí vão pra algum lugar, o motorista leva eles e eles vão de mãozinha dada atrás do carro namorando, sabe? (...) Eu acho incrível como uma coisa de 32 anos não caiu na rotina, sabe? Eu fico, assim, maravilhada. (Clarice)

A concepção sobre o amor que esses sujeitos têm é totalmente associada ao prazer e à diversão, ao bom humor e ao bem estar. A idéia dos limites e das dificuldades, quando aparece, o faz de passagem. Fala-se pouco ou nada dos aspectos referentes ao amor que significam alguma espécie da educação, e à própria idéia de que existem liberdades que acabam quando se decide estar com a pessoa que se ama.

Uma outra observação é que todas as falas acima dizem respeito à inclusão permanente do novo. Para que o casamento dure é imperioso que haja a surpresa, a inovação, a espontaneidade. Agrega-se a noção de permanente quebra da rotina aos valores do companheirismo, da confiança, da segurança e do amor. O casamento deve ser vivido como uma aventura, os momentos de mau humor devem ser abolidos – ou talvez incorporados ao conjunto de sinais de *quebra da rotina*, embora nesse caso, eles devam ser superados logo depois de sua manifestação.

A rotina é percebida como monotonia, e por isso, se revela cansativa e destrutiva do amor. Há a idéia de que as pessoas sempre mudam em tudo e o tempo todo – ou assim deveriam ser. Essa percepção aponta para todo um conjunto de imagens sobre a realidade que envolve a velocidade e o movimento, elementos característicos da contemporaneidade.

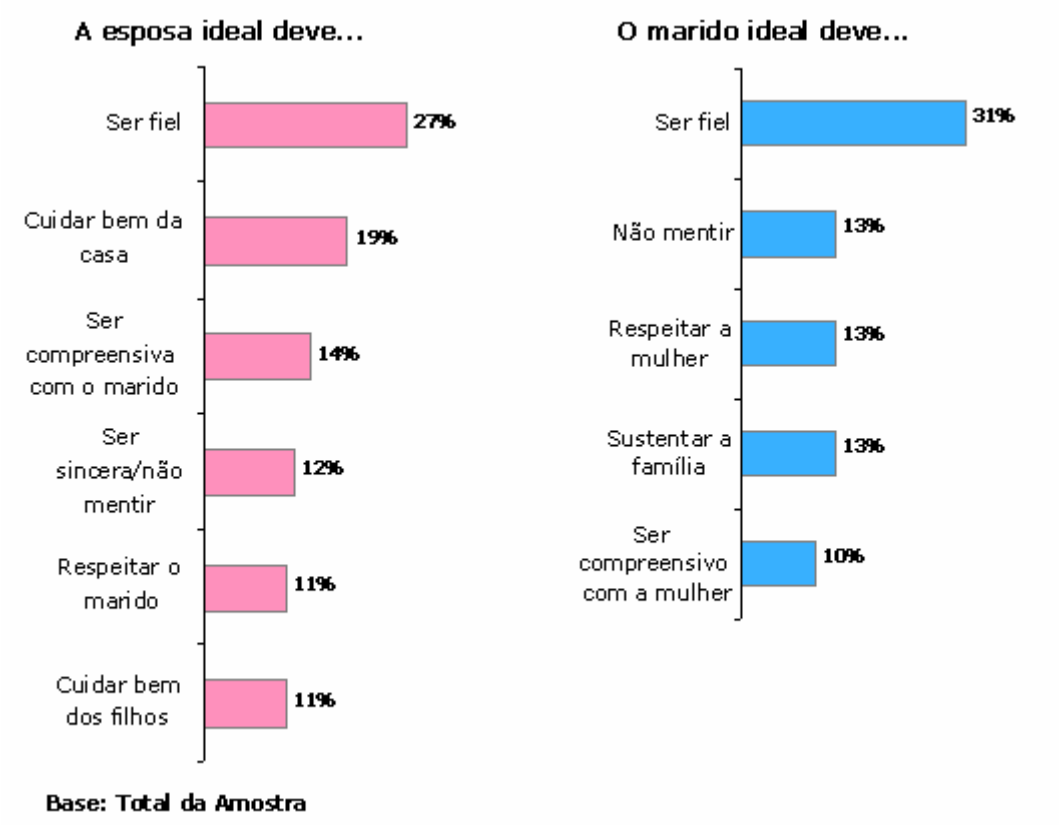
Resta questionar em que medida esta velocidade de mudança é compatível com a necessidade de segurança, tão almejada por estes adolescentes. Não parece haver reflexão desenvolvida sobre este ponto, com exceção talvez de Doria. Parece não haver também o reconhecimento de que há elementos de um casamento – do convívio cotidiano – que necessariamente são rotineiros. Da mesma forma há características do parceiro que não são satisfatórias e que levam muito tempo para se transformar – algumas jamais se transformam. Assim, a concentração das idéias dos projetos de relacionamento afetivo destes

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

adolescentes está em torno somente daquilo que traz gratificação direta para si mesmo.

É curioso observar ainda que ao falar sobre a gratificação no casamento, não há menção alguma sobre a gratificação do outro, ou aquela que o sujeito pode proporcionar a este outro. Eles pensam suas relações a partir dos próprios desejos, e não abordam a construção de um estilo de vida feita conjuntamente pelo casal. Há aí uma lógica de pensamento claramente narcisista, uma vez que é a própria perspectiva o maior guia de orientação. Isso se manifesta também, e de forma especialmente marcante, no insistente discurso destes sujeitos sobre a liberdade individual – seu "eu" acima de qualquer negociação.

O estabelecimento do parâmetro da liberdade individual como guia principal das regras de convivência ressaltadas pelos adolescentes será discutido no item seguinte. Antes dele, porém, vale marcar um ponto importante que também está intimamente atrelado à escolha do parceiro. Em pesquisa que abrangeu amostra ampla dentro de todo o país, o Instituto Datafolha (2003) aponta as características procuradas por homens e mulheres em seus parceiros para casamento.



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

O quadro[3] aponta a presença de fortes indicadores acerca da construção de gênero presentes na cultura contemporânea. O fator fidelidade é valorizado mais ou menos de forma igual por homens e mulheres. A diferença de 4% pode ser interpretada por alguns como dizendo respeito talvez ao 'ranço' que permanece em torno da *tradicional* maior tolerância das mulheres à infidelidade. Mesmo assim a taxa de variação é bastante pequena.

O que chama mais a atenção são os itens seguintes. Os comportamentos da mulher de "ser uma boa dona de casa" e "ser compreensiva com o marido" são mais valorizados pelos homens do que o comportamento de "jamais mentir". Em contraposição, a qualidade de "sustentar a família" é mais importante no homem para a mulher do que a "compreensão com a esposa". O homem como provedor e a mulher como aquela que vai reagir aos "erros" do marido são a essência dessa situação.

Estes elementos encontram-se também presentes no conteúdo do discurso dos adolescentes entrevistados e possuem uma relevância particular. Eles sugerem os tipos de relação acerca dos quais estes sujeitos criam uma determinada expectativa em torno de seus relacionamentos, bem como em torno da família que pretendem construir. Os trechos a seguir apontam o desenvolvimento do raciocínio acerca disso:

> **E o que mais você gostaria que ele [o parceiro ideal] fosse? Se você pudesse imaginar.**
> É que fosse companheiro, que ele fosse carinhoso, que ele fosse bem-humorado e...que ele fosse realmente o homem da casa. Que se precisasse de alguma coisa ele fosse lá e ajudasse.
> **E como é o homem da casa?**
> Ah, eu acho que eu vejo o homem da casa tipo o meu pai. Que meu pai é muito assim: tem alguma coisa quebrada ele vai lá e conserta, tem que comprar alguma coisa, tem que fazer isso, tem que ir não sei aonde, levar não sei o que, ele sempre vai, sabe? Ele é o exemplo de homem da casa.
> **E o papel da mulher seria qual?**
> O papel da mulher seria mais pro lado dos filhos, uma coisa mais...guiar os filhos porque, às vezes, o homem não tem muita paciência, não sei. Mas as mulheres têm mais aquele lado emocional, mais carinhoso, mais calmo. (Ana)

> **O que você acha importante pra manter uma família unida, como você falou?**
> Importante?... Amor. E tem que tomar conta. Ainda mais filho! Pai e filho. Tomar conta! Tem que falar. Os meus irmãos sempre fizeram o que eles quiseram,

[3] Fonte: INSTITUTO DATAFOLHA. Pesquisa: "A Família Brasileira" In: http://www1.folha.uol.com.br/folha/datafolha/especiais/dos_fam1.shtml Acesso em 20 de maio de 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> horários do jeito que quiseram. Nunca teve um negócio assim... e foi falta de pai nos dois. Foi falta da figura masculina, com certeza. **Também**! (...)
> **Dar limite?**
> Muito limite.
> **Mas você está associando isso com a figura masculina. Por que que a figura masculina é tão importante?**
> Por que impõe respeito.
> **Mais do que a feminina?**
> É. Mãe é sempre mais... "mãe, meu pai não deixou eu sair", a mãe sempre deixa. A mãe tem o coração mais mole. No geral. Tem exceções, mas no geral, a mãe sempre dá uma aliviada, tenta entender e briga com o marido só pra aliviar a barra pros filhos. (Ana Maria)
> eu acho assim, quando você tem, principalmente filho, eu acho que você tem que ter todo um trabalho com ele, pra sua presença ser uma coisa importante pra ele, que você esteja sempre presente. E de repente esse lado que eu quero seguir vai ser uma coisa que de repente eu não vou ter muito tempo pra ficar com ele, entendeu. Dar aquela atenção. Eu acho que isso é essencial. Eu por exemplo, tenho sempre minha mãe comigo, porque ela nunca trabalhou fora, então sempre esteve comigo. (Beatriz)
>
> Eu tive, minha mãe parou ela coordenava alguma coisa no IME, ela parou pra cuidar de mim e do meu irmão, foi muito importante pro crescimento e acompanhamento da mãe e tal, orientação do pai. Eu acho que pros meus filhos eu quero poder dar isso. (Doria)

A mãe então desempenha claramente o papel de provedora de apoio emocional e daquela que irá disciplinar nas pequenas coisas do dia. É com ela que se conversa sobre sentimentos, é ela de quem o filho recebe maior atenção, e a quem se recorre quando há a necessidade de algum apoio de ordem mais subjetiva. Observa-se inclusive na contemporaneidade uma maior proximidade entre os filhos e as mães do que dos primeiros com os pais, ressaltando-se o número considerável de jovens criados somente por aquelas. Na pesquisa de Pereira (2003) sobre as *Patricinhas* da Zona Sul, por exemplo, observa-se a forte presença da figura materna tanto no discurso quanto na descrição do cotidiano destas meninas, ao passo que o pai freqüentemente faz papel coadjuvante ou simplesmente sequer é mencionado.

A mulher desempenha o papel de cuidadora, de fato, a despeito de toda a ideologia de igualdade que se desenvolveu particularmente no último século. De acordo com estes jovens, suas mães tiveram maior disponibilidade para inclusive parar de trabalhar – aquelas que trabalhavam, para cuidar dos filhos, e essa atitude é respeitada e apreciada por estes. É decorrente disso que se encontra também presente a percepção delas como sendo mais próximas e mais amigas. Por vezes, o papel do pai fica até ofuscado pela presença da mãe.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> Meu pai é uma pessoa muito ligada ao meu lado acadêmico. Então ele quer sempre saber o que eu estou lendo, o que eu estou estudando, o que eu estou fazendo. Então nossos papos são basicamente por esse lado. Com a minha mãe... eu tenho falado bastante sobre sentimentos, até porque ela está passando por um momento assim, ela está mudando de emprego e ela está muito confusa. E a gente fala sobre confusões do ser; momentos de dúvida. (Clarice)
>
> **E sua mãe faz o que mesmo?**
> Ela é psicopedagoga, trabalha em uma escola aqui em Ipanema. Onde eu estudei.
> **Você se dá melhor com ela?**
> **(pausa longa)** Pode-se dizer que sim. Ela tem essa coisa de mulher também... de ficar pegando no pé. Mas em comparação com o meu pai, ela é mais confiável. (Victor)
>
> eu adoro a minha mãe, mas o meu pai também, ultimamente eu tenho visto como ele é importante assim na minha vida (...) É legal porque antes eu achava que ele só era o marido da minha mãe, meu pai, sabe, nada demais...mas eu... já faz alguns anos até, eu vim percebendo que ele era muito mais do que isso. (Jessica)
>
> O meu pai (...) a gente fala mais de música, a gente só fala de música isso me irrita às vezes. **[risos]**
> **O que? Ele só falar de música com você?**
> "Pai, eu estou querendo falar da escola..." "não, mas eu peguei um CD" Eu: "Não pai, deixa eu falar uma coisa que aconteceu comigo hoje..." Às vezes ele não tem tempo pra mim... Minha mãe não, minha mãe já faz as coisas mais complicadas... Está sempre comigo... e aliás ele trabalha no Rio e ele reclama de não ter tempo pra gente... tanto que meu irmão uma vez deixou ele até mal porque na verdade o pai do vizinho que ensinou meu irmão a andar de bicicleta, aí meu irmão chegou pro meu pai "Pô eu queria que meu pai tivesse me ensinado" E meu pai não tem tempo... ele trabalha sempre... Então minha mãe ficou com a parte mais difícil que geralmente é a parte mais chata, que manda tomar banho, que manda isso... Coisas mais do dia-a- dia assim... São coisas que são mais estressantes... **[risos]**
> **A pior parte mesmo...**
> É, a pior parte... Mas eu gosto muito dela... "Ahhh não gosto da minha mãe prefiro meu pai" Não! Porque vai passar uma semana com meu pai assim!! Ele conversa... **[risos**] Poxa se minha mãe ouvisse isso que eu estou falando ela não ia ficar tão estressada... porque ela é estressada... Meu pai quando ele fica estressado ele fica estressado muito tempo com a gente... Daí ele fala que minha mãe que é estressada. Mas ele também não passa pelo que ela passa. (Lívia)

Enquanto ao pai cabe o lúdico, a brincadeira, o movimento e a iniciativa manifestos fisicamente, e por vezes o simples papel de "marido da minha mãe", à mãe continua cabendo o papel de receptora, educadora do cotidiano, e muitas vezes de "chata" – papel que inclusive é reconhecido pelo adolescente como sendo dela. Enquanto ele fala sobre música, ela cuida dos detalhes e das regras de comportamento que devem ser aprendidas na intimidade e reproduzidas no espaço público. Embora ao pai possa ser atribuída a função de dar limites, a mãe também desempenha este papel, apesar de fazê-lo de forma menos confrontadora (porque

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

acompanhada de “doçura” e aparente flexibilidade) e sob a aparência de cuidado. Não é à toa que em sua pesquisa, Jablonski (2003) observa que as mulheres tendem a reclamar mais da rotina do casamento e da vida em família do que os homens reclamam: para elas essa rotina da casa é mais presente, e elas têm que enfrentar as tarefas desagradáveis do cotidiano com maior freqüência e intensidade. A elas cabe o confronto das pequenas coisas diárias. A eles o confronto mais eventual, e freqüentemente ocorrido somente mediante solicitação dela.

Ao pai resta, portanto, além do papel da brincadeira, o papel de provedor: aquele que está pouco tempo com a família, mas que é quem coloca o grosso do dinheiro em casa. Alguém, inclusive, de cuja intimidade o adolescente sente falta, como sugerido nos trechos acima selecionados.

Poderia-se afirmar que tal percepção pertence a um tempo passado, e que as gerações atuais pretendem agir de forma diferente. No entanto, a mesma postura de provedor encontra-se presente nas intenções de alguns destes adolescentes, como aponta o exemplo a seguir:

> Daqui a 20 anos? Com 37...já com meus filhos, casado, de preferência. Podendo sempre contar com a minha família, não brigar muito com eles, sabe, ter sucesso, poder não passar pros meus filhos uma preocupação financeira, uma preocupação emocional assim, conseguir ter uma relação tranqüila como eu tive. Eu quero dar o que eu tive e, se puder um pouco mais, pra minha mulher e pros meus filhos. É uma coisa bem antiga mesmo de que a minha mulher possa ter tudo o que ela quiser, os meus filhos, sabe, ninguém precisar trabalhar, ninguém precisar, sabe suar nada pra ter as coisas. (Branco)

> **Você está falando de a mãe ter que estar junto, e tal. Se fosse pra ter uma família, como você gostaria que ela fosse?**
> Eu gostaria que fosse, eu não sei, eu sou bem, tradicional por esse lado. Eu acho que, assim... se eu tivesse que, eu acho que a MINHA família, a minha família do jeito que foi é uma família ideal. Eu achava que era. Eu acho que é, entendeu. Meu pai sempre trabalhou fora, eu nunca tive muita intimidade com ele. Mas a gente sempre foi muito unido. Eu, meu irmão, minha mãe. Minha mãe sempre ficou em casa, cuidando da gente. Eu acho até que a mulher não tem que ficar em casa, claro que a mulher tem que trabalhar fora e tal, mas tem que ser uma coisa assim, ela tem que estar presente com os filhos, entendeu, muito! (Beatriz)

> meu avô e minha avó são casados no estilo antigo: minha vó na cozinha e meu vô no trabalho. E dá certo né. Mas eu não estou dizendo que é o certo, cada um tem o seu parâmetro e o seu objetivo. Eu não posso dizer pra eles que eles estão casados errado, até por que eles estão casados há cinqüenta anos e são felizes. É uma vida muito rica que eles têm. Mas eu acredito que, não sei nem se eu quero casar com uma mulher que fique dedicada as coisas do lar, apesar de eu acho que falta, falta atenção da mãe pra criança, esse acompanhamento é muito importante. (Doria)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Há o reconhecimento de que essa é uma "visão antiga", mas mesmo assim ela permanece, ao menos no nível de discurso, presente nas projeções destes jovens para a própria vida. Se eles irão, na prática, seguir estas idéias, não é uma questão relevante aqui. O que conta para esta discussão é que o ideal permanece, construído e mantido a partir da própria experiência, mas especialmente da apropriação dos conteúdos e significações da cultura. O adolescente seleciona, em cada momento, os argumentos que considera convincentes e legítimos em sua cultura para fazer seu próprio discurso se tornar legítimo. E se há a menção a esta visão "tradicional", é porque ela ainda encontra eco suficiente na sociedade, ou no mínimo porque ela responde a algumas necessidades simbólicas destes sujeitos.

A polarização dos papéis, entretanto inclui uma outra característica tradicional, ligada ao sexismo. Em suas pesquisas com adolescentes, Chaves (2001), Almeida e Tracy (2003) e Jablonski (2003) observam valores associados ao comportamento dos gêneros que representam os papéis tradicionais, a despeito de toda uma ideologia que prega o igualitarismo entre os sexos. Em estas pesquisas observa-se a diferenciação entre mulher "vadia" e mulher "séria" – o que inclui a idéia de que meninas que "ficam muito" se encaixam na primeira categoria e meninas que não freqüentam sistematicamente a "noite", ou seja, que não vão para a "guerra", ocupam a segunda categoria.[4] Segundo os autores, as próprias meninas aderem a esta visão, embora Jablonski identifique que as meninas de uma forma geral tendam a uma visão mais igualitária.

A visão pejorativa sobre a mulher parece contrastante com os valores de igualdade e liberdade individuais. Ela indica o movimento de enquadramento do outro, e abre espaço, em alguns momentos, para uma espécie de luta de papéis. Mesmo nos depoimentos selecionados acima, fica subentendido que à mulher cabe o cuidado da casa, e estar dentro do lar remete à significação de ter que estar protegido e em muitos aspectos mesmo infantilizado. Se a palavra do pai, quando solicitada, possui o a representação de palavra final, de lei e de ordem, a palavra da mãe, cotidiana e mais emocional, adquire a aura de chatice, aborrecimento e infantilidade – incapacidade para lidar com as coisas do mundo *real*.

[4] Os termos são os mesmos usados pelos adolescentes, e são expostos com mais objetividade no trabalho de Almeida e Tracy (op.cit.)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

A minha irmã é igual a minha mãe também, dá esporro em todo mundo também.
Ela é mais velha que você né...
Mais velha, ela dá esporro até na minha mãe. Elas comandam né? **(risos)** (Adriano)

Eu acho que quem é filho de pais separados cresce mais rápido.
Por que?
Porque vê essas coisas... aprende o que é a vida de casado mais cedo. Aprende que não é fácil que nem aparece na novela. Mulher tem muito disso, né? Fica acreditando nessas histórias... Eu sei porque eu moro com três mulheres. (Victor)

meus pais têm dificuldade de confiar em mim, aí eles pegaram essa mania. Eu quase não faço nada que dê razão pra eles pra desconfiar, sabe? Mas eles têm muito isso e isso me incomoda bastante, então isso é o tipo de coisa que eu não vou fazer com meus filhos.
Mas isso tanto com você quanto com seu irmão?
Não, só comigo.
É uma coisa de ser mulher? Que você acha que é isso?
É, também é o negócio de ser mulher porque mulher tem aquele negócio de ser mais, né... tem que proteger mais, não pode deixar, tem que saber onde está e meu irmão é muito mais liberal, sabe? Ele faz as coisas lá e meus pais são bem rígidos assim comigo, principalmente pelo fato de ser mulher. (Ana)

A idéia de incapacidade da mulher é assim ainda parte da educação dada para os filhos. Mesmo que de forma mais sutil, eles apreendem tais conceitos e os reproduzem em suas avaliações sobre a realidade cotidiana. O papel da mulher que se interessa pelas coisas materiais, pelo movimento dos jogos sociais é então percebido eventualmente de forma particularmente pejorativa.

Sou muito romântico. Muito romântico. Mas também hoje em dia, com as meninas de hoje em dia a gente não pode ser muito romântico. Tem que jogar, né. Relação hoje em dia tem que jogar. Eu não gosto.
Como é que é isso? Jogar?
Tem que jogar! A gente não pode... Muitas vezes não pode chegar e dizer que você é apaixonado por ela. Porque senão ela vai ficar naquela, vai pisar em cima. Ela vai usar isso. (Enzo)

mulher é mercenária. Não adianta.
As mulheres são mercenárias?
São! Bota uma chave de carro na mão de uma mulher pra tu ver. Pode botar o mesmo homem, as mesmas qualidades, um com carro outro sem. Ela fica com o que tiver com o carro. Não adianta. Eu já fiz essa pesquisa antes. Eu tento defender as mulheres, mas chega uma hora que não dá. (...) Eu posso te dar exemplo de gente que chega com a chave de um Audi dentro do Zapatta. O cara que para o Audi na frente e sai do carro. No momento que entra e sai do Audi, a mulher já fica assim!! (Daniel)

Vale marcar que avaliações pejorativas nesse nível só foram observadas nas entrevistas dos meninos. Nenhuma menina abordou o papel do homem com o mesmo direcionamento, a não ser para, como apontado acima, definir o que é ser

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

"o homem da casa". Isso talvez possa indicar uma reação à transformação de papéis sociais que vem se dando no nosso tempo. Foi a mulher que, a partir dos anos 60, confrontou mais fortemente o homem e vem tentando roubar de forma mais incisiva o campo de atuação deste. O movimento correspondente por parte do homem, em comparação ao caminho que as mulheres já percorreram, se mostra menos incisivo. A questão da emergência do valor do critério estético – critério essencialmente subjetivo, e não prático – talvez se configure como um resgate desse valor. Ao abrir espaço para as minorias e para o valor da intimidade, esse movimento contemporâneo pode se configurar como um mecanismo de reação às transformações dos papéis sociais de gênero. Tal reação seria no sentido de resgatar a representação do feminino como orientação, em contraste com a racionalidade moderna.

De qualquer forma, os valores dessa sociedade se encontram representados no discurso desse adolescente. Suas atitudes não são, portanto, uma criação natural, mas baseadas em valores culturais. Assim, ouvir o que o adolescente diz significa ouvir um porta-voz da própria cultura e de suas contradições.

A indicação da construção dos papéis de gênero nessa cultura faz então pensar a articulação dos ideais de igualdade e liberdade na prática. Como se pode observar, estes recebem aplicações diferenciadas para cada gênero. Tais aplicações direcionam também a escolha dos parceiros, mesmo que não seja feita pelos sujeitos uma reflexão mais diretiva sobre a questão.

Mantendo isso em vista, podemos discutir então as regras de convivência eleitas pelos adolescentes como importantes. Coerentes ou não entre si, elas são conteúdos nos quais este sujeito se apóia para tornar inteligível o trânsito de sua subjetividade no tempo. Observar estes conteúdos e sua relação entre si traz indicadores da capacidade que os sujeitos têm de coordenar suas idéias com suas ações e conciliar subjetividade e objetividade na construção da gratificação com a própria vida.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

7.3.
Regras de convivência: "É importante ceder em algumas coisas" X "Não quero que fiquem me cobrando"

A afirmação do desejo do casamento, bem como o critério alinhado pelos autores como identificador da sustentação deste são questões importantes a ser consideradas quando se pretende discutir os referenciais para um projeto de vida. Esta argumentação, bem como o desejo aí declarado, salta aos olhos como um dado contrastante com a realidade observada no cotidiano, tanto das configurações familiares quando das relações amorosas dos adolescentes. A entrada para um paradoxo freqüente no comportamento dos sujeitos entrevistados é pela via de seu discurso. Neste discurso está presente a idéia de ser importante abrir mão de alguma coisa para que a relação funcione:

> Porque eu acho que os relacionamentos têm vários períodos, de altos e baixos, tem períodos que você vai estar assim super apaixonado e tem outros que você não vai querer nada, vai estar achando ele um saco. Eu meio que já passei várias vezes por isso, sabe, quando você está há muito tempo com uma pessoa, você tem esses ataques de querer muito e querer pouco. E eu acho que hoje em dia, quando você esta meio que na época de querer pouco, você não gosta mais, então tem que terminar, sabe, e não quer esperar pra ver se reanima alguma coisa. (...) E também as pessoas são egoístas, sabe, as pessoas tem dificuldade e aceitar muito os defeitos, de aceitar muito algumas imposições que um relacionamento e casamento te dá, sabe. Quando você se casa, você tem que, assim, é... você abre mão de muitas coisas que você tinha quando você era solteiro. Assim como quando você namora você abre mão de muitas coisas que você tinha quando era solteiro. Eu acho que as pessoas, não lidam muito bem com isso. (Adriana)

> **por que elas estão se separando?**
> Acho que é por prazer. Querer ter muito prazer e...as pessoas não querem abrir mão de nada. Há muito individualismo na sociedade. Eu acho. Não pensa no outro. Se hoje eu não estou feliz, não me interessa se há 10 anos essa pessoa vem me fazendo feliz, vem me, sei lá... vem me sustentando, é o pai do meu filho, isso não interessa. Eu tenho que estar satisfeita hoje, não importa o amanhã. Eu acho que é mais ou menos isso. Eu acho que as pessoas não estão sabendo balancear as coisas. (Branco)

> **Se você tivesse que falar de uma relação ideal, assim, ideal pra você. Como seria?**
> Ah, eu não gosto de ficar planejando muito isso não...
> **Não é planejar, é só imaginar. Se você tivesse que descrever agora.**
> **(pensativo)** Sei lá... acho que é... hããã.... Acho que é a coisa do respeito, né cara... e do amor. Respeito pelas diferenças, porque eu acho que hoje em dia não tem muito isso. As pessoas querem que o outro seja do jeito que elas querem e aí não dá. Eu não tenho muita paciência pra isso... (Victor)

> **E quais os 'contras' de casar? [mais atrás ela havia mencionado os aspectos "prós" do casamento]**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> Ahhh ter que aturar o outro... **[risos]** ter que ceder algumas vezes... ter que abrir mão... (Juliana)

Existe a percepção de que é importante ceder em alguma coisa, se se quer que o relacionamento dure. Admite-se que o tédio, a rotinização da vida do casal, pode acontecer. Mesmo que isso não seja exatamente claro para estes sujeitos, existe a percepção e a crítica decorrente acerca da volatilidade das relações, da quebra de um compromisso em nome deste tédio.

No entanto, ao mesmo tempo em que eles criticam essa volatilidade, eles mesmos afirmam não terem paciência para com os outros. Estar com o outro é *aturá-lo*. A idéia de ter que ceder, embora orquestrada como necessidade, é também carregada de um certo sentimento de desconforto e de obrigação. É nesse sentido que se pode observar os resultados da pesquisa de Jablonski (2003) no que se refere à pergunta feita aos jovens sobre as possíveis desvantagens do casamento. O autor observa que ao longo de 17 anos, período em que a pesquisa foi replicada, com o intuito de acompanhar a transformação dos valores sociais, as respostas a essa pergunta permaneceram praticamente inalteradas. Os itens 'perda de privacidade', 'rotina e suas conseqüências', 'aumento de compromissos e de responsabilidades' e 'perda da individualidade' foram de longe os mais votados.

A idéia que prevalece aí é a de que a liberdade individual é tomada como índice de felicidade. Assumir mais responsabilidades é um peso, e tal condição é muito pouco, ou nada, articulada com a gratificação que acompanha esse processo. Em uma situação ideal, o discurso destes sujeitos sugere que eles desejam fruir de toda liberdade sem ter que encarar qualquer responsabilidade por isso. É presente aí a idéia de um auto-gerenciamento, que em termos objetivos encontra limitações no que diz respeito á manutenção da existência. A base disso tudo repousa na ilusão de que o sujeito pode se sustentar sozinho, depende somente de si próprio, e não dos outros. Como assinala Jablonski, a insistência neste tipo de atitude conduz a formas de dificuldade de adaptação a situações que necessariamente surgem na vida e que pedem a concordância ou a aceitação de normas sobre as quais estes sujeitos não opinaram. A relação com a autoridade e com a tradição – com o passado – fica então configurada como uma relação essencialmente tensa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

A expressão da tensão entre liberdade individual e convivência coletiva encontra sua intensidade maior em falas muitas vezes explosivas, carregadas de emoção – especialmente de raiva e revolta, e em tom de desabafo. Algo como se estes sujeitos estivessem vivendo algum tipo de pressão, e nesse momento se encontram capazes de manifestar seu desconforto. É como se a liberdade prometida ao sujeito quando este se encontrava na infância – a promessa de que na vida adulta haveria a possibilidade de fazer o que se queira – se revelasse nesse momento como uma grande mentira. Assim, podemos observar os seguintes trechos:

> Eu quero tranqüilo, assim, eu não quero que fique me oprimindo, "não quero que você vá", "não quero que você faça isso", me deixa tranqüila! Eu não perturbo ninguém. Deixa eu fazer as coisas que eu tenho que fazer no horário que eu tenho, e a gente se encaixa (...)
> **E o seu namorado de que você falou? Qual é o contraste dele com este ideal?**
> Eu não sei se quero casar com ele. Porque justamente ele gosta de controlar as coisas. Só que eu não deixo que me controlem. Minha mãe não me controla! Por que que alguém vai me controlar? Nunca me controlaram e eu sempre vivi muito bem. Sou super responsável. Então não admito um cara querendo me controlar! Acho um absurdo! E ele tenta. (Ana Maria)
>
> a cada ano do casamento estar fazendo uma coisa diferente...
> **E como se faz isso?**
> Não sei, porque tipo como eu vou estar mudando sempre de lugares, eu vou estar fazendo sempre diferente. [Joana deseja ser diplomata]
> **E você imagina que ele vai estar junto com você nisso tudo?**
> Tem que estar né, senão não vai ser meu marido.
> **Então você quer estar com uma pessoa que possa estar junto com você nesse seu projeto.**
> É. Senão, vai ficar pra trás.
> **Fica pra trás mesmo?**
> Fica, o que que eu vou fazer? **(risos)** (Joana)

O controle assume o papel de vilão, e o ideal é a autonomia. Isso é expresso com emoção, quase a ponto de tomar a forma de uma imposição, no melhor estilo 'se me quiser, vai ter que ser assim'. Em outras palavras, coloca-se a idéia de que se alguém desejar estabelecer algum vínculo afetivo duradouro, terá que seguir as regras ditadas por este sujeito. Ao mesmo tempo que estes sujeitos sonham com a estabilidade e a confiança em um relacionamento, eles significam a todo momento que a cobrança e o relacionamento sério são pesados demais. Desta forma, manifestações de ciúme, a atitude de ligar todos os dias, a cobrança de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

tempo para estar junto são grandes problemas e empecilhos para manter um relacionamento.

> **E como é a relação de vocês? Por que você falou que é um pouco diferente?**
> Porque...não sei, mas eu acho que é diferente pelos outros namoros que eu vejo. Coisa normal de mulher de ficar dando essas coisinhas...eu não tenho muito dessas coisas de ficar dando chilique, essas coisinhas assim.
> **De ciúme?**
> É! Eu não tenho.
> **Mas por que você acha que é diferente?**
> Pô...ah, por isso! Porque eu não tenho, não tenho ciúmes. Não sinto nem um pouco de ciúmes dele. Acho que...e ele também é uma pessoa diferente comigo. (Ana)

> **E como é que é, está legal? [o namoro]**
> Muito legal, a gente se entende muito bem. Ele é uma pessoa assim muito compreensiva, me respeita pra caramba, sabe, não é aquela pessoa que fica me cobrando, que eu detesto aqueles caras "você não tem tempo pra mim!", "você não isso", "você não aquilo" sabe? Mas ele não. (...) Eu sempre estava em busca de alguém como ele. Ele realmente não me cobra. É uma pessoa muito legal. Compreensiva. (Beatriz)

> **Você nunca se apaixonou?**
> Já! Mas não... não gerou o namoro assim. Pintou o clima... e **eu** não quis, entendeu?
> **Tem alguma coisa que te dá medo?**
> Não. Eu acho que é esse negócio da responsabilidade. Tem que ter um tempo pra ele e eu não gosto de me prender em muita coisa assim. Eu acho que no casamento eu vou estar mais madura, e aí eu vou... sabe, conseguir conciliar. Mas agora... que nem com fazer anel, eu comecei, já não estava ligada nisso, e aí já não queria nada que me prendesse. Até com cursos assim de inglês, eu já não, sabe... (Helena)

> **Gosta de alguém?**
> Ahhh assim às vezes eu penso que eu gosto. Mas aí eu penso não posso gostar de ninguém porque senão atrapalha.
> (...)
> **Alguém falou isso pra você ou você percebeu isso sozinha ?**
> Eu vi. A minha irmã, ela namorou dos 14 até os 17. Aí eu minha irmã a gente saía eu com 12 anos já saía com ela. Minhas amigas também, a gente se divertia e ela sabe? Presa! Com ele... Prende muito... Deixa de viver muitas coisas...
> **Você acha que ela se arrependeu ?**
> Eu acho, tanto que depois que ela terminou ela queria fazer tudo que ela não fez...
> **[risos]**
> (...)
> **Namorado atrapalha ?**
> Depende... se tu arrumar um preso... vai te atrapalhar... ficar mandando em você... (Maria Eduarda)

Há uma relação ambígua, portanto, com a idéia de relacionamento estável. Ao mesmo tempo em que esta instituição se mostra como porto seguro, lugar da confiança, de não correr riscos, ela se mostra também ameaçadora da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

individualidade, da possibilidade de fruição individual da vida. O casamento figura como o tempo de vida do sujeito onde ele se encontra finalmente maduro, capaz de fazer escolhas. Até lá a pessoa deve manter ao máximo a situação de não comprometimento, ou estará deixando de viver as coisas que tem que viver e após as quais haverá a sensação de estar saciado.

A tensão entre desejo de segurança e aversão ao compromisso faz parte também dos relacionamentos atuais do sujeito. Estar namorando alguém é uma experiência acompanhada sempre do aceno da possibilidade de estar perdendo alguma coisa importante. A fuga para a racionalidade e para as atitude de auto-afirmação aparecem como solução mais acessível. É o adolescente, ele mesmo, *sozinho*, que escolhe não estar namorando, ou que escolhe quem merece tê-lo como parceiro – aquele que atende às suas demandas.

> **Você é romântica ?**
> Não muito. Sou mais racional.
> **E quando você se interessa por um cara, como é ?**
> Aahhh sei lá...
> **Você fica analisando ele ?**
> Na maioria das vezes **[risos]** Eu não sou muito paciente. Nem um pouco.
> **Não é paciente com o que? Tipo com ciúme?**
> Ah, fica me ligando... perturba... não gosto... **[risos]** Fico tendo que dar satisfação... não gosto.
> **Mas isso aí, então você já teve uns namoradinhos não firmes assim?**
> Ah, já. Assim aí eu me estressava.
> **Aí eles começam a ligar e você não gosta?**
> Ah, não. Me irrita. Aí fica perguntando onde é que eu fui... eu nunca fui de dar satisfação... pros outros sabe? Aí, me estresso **[risos]** (Juliana)

> acho que eu não estou no ponto de namorar.... digo, não é a hora pra eu fazer isso. Eu não tenho essa coisa de ter que ligar todo dia. E também não gosto que me liguem todo dia. Quer dizer, acho que no fundo deve ser porque eu não gostava delas o suficiente. Sei lá.
> (...)
> Cada coisa que você é livre pra fazer traz um monte de outras coisas que você tem que fazer. (...) Livre pra casar. Você tem que aceitar que uma pessoa vai ficar acompanhando todos os teus passos dentro de casa... (Victor)

É então esse sujeito que "atura" o outro, e nunca o contrário. É o outro que deve cumprir determinados quesitos para estar na companhia desse sujeito, e o inverso é raramente ventilado. A única exceção se encontra expressa por Adriana, no momento em que ela discorre sobre sua própria relação e sobre a possibilidade de casar-se com seu atual namorado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

E o que você acha que precisa pra funcionar?
Acho que primeiro tem que ter, você tem que ter em mente que não casamento, sabe, qualquer relacionamento interpessoal, você vai ter na verdade, assim, três vidas, você não ter a sua vida, o seu momento íntimo e pessoal, vai ter o momento da outra pessoa, assim sozinha, íntimo e pessoal, e aí ter o momento do casal, sabe. Nunca vai existir 100% casal, e também nunca pode existir 100% individual, eu acho que começa por aí. (...) Eu acho que sim tem que ter o amor, o carinho, sabe, você tem que ter paciência, você não pode explodir por qualquer coisa ficar bravo por qualquer coisa, as vezes numa discussão de raiva você toma uma decisão drástica que não pode acontecer, sabe. Você antes de tomar qualquer decisão num casamento, você tem que pensar muito, assim, porque pode afetar a família que você está criando, sabe. (Adriana)

O discurso sobre repúdio à cobrança, portanto, além de caracterizado pela idealização e pela auto-afirmação, vem também associado, em alguns momentos, ao vestibular, e à pressão sobre a dedicação para este. Ou seja, esse sujeito se utiliza do fato de estar prestando vestibular para dizer que já é cobrado o suficiente, e que essa situação elimina o espaço para o relacionamento.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

E esse namorado que você tem, como é que é?
Pois é, eu estou com ele há quatro meses. Assim, a gente... ele é uma gracinha de pessoa, entende esse meu lado de trabalho, de eu ter que ir pro Rio fazer um monte de coisas, e não ter muito tempo pra ele, ainda mais agora que tem o vestibular. (Beatriz)

Me fala um pouco do tipo de relação que você quer ter. Como seria?
Ah, sem... sem sério, assim, nada muito que prenda. Vou começar agora terceiro ano, né, vem o vestibular... Nada que prenda muito. Por isso eu ainda não namoro nem nada.
Por que você não quer prender agora?
Ah, porque tem que ter responsabilidade. Vai ter que dividir, tem que ter um tempo pra pessoa também. Aí eu acho que estudar um pouco agora seria assim o ideal.
Você acha difícil conciliar namorado com estudo?
Eu acho.
Por quê?
Eu acho que prende muito. Não sei te explicar. Eu sei que não... comigo eu acho que agora não. Eu acho que prende mesmo, tem que ter tempo pros dois e aí fica meio difícil. (Helena)

A afirmação destas adolescentes indiretamente levantaria, em um primeiro momento, a questão sobre a própria idealização do casamento. Existe a idéia de que enquanto adolescentes, a conciliação entre namoro e estudo é complicada. O que se poderia dizer acerca da conciliação entre trabalho e casamento, no entanto, fica à parte.

O fato de as adolescentes recorrerem a esta explicação para justificar não se comprometerem com um relacionamento indica que elas acreditam que este argumento de fato seja plausível e aceito. Afinal, o que se espera destes sujeitos é alguma seriedade, e que estudem para o vestibular, deixando um pouco da diversão de lado.

No entanto, esse recurso também pode significar um disfarce sobre a própria insegurança em relação à capacidade de arrumar um namorado, ou mesmo de abrir mão da própria suposta independência emocional e envolver-se mais profundamente com o namorado atual. Aprende-se desde muito cedo que o envolvimento necessariamente leva a algum tipo de dependência, e isso é um valor inadmissível para estes jovens – uma inadmissão manifesta sob várias formas, desde a afirmação sobre o quanto o outro deve lutar para merecer estar namorando o sujeito, até a afirmação de que o importante nesse momento é dedicar-se à escolha profissional.

Desta forma, a argumentação acima também funciona como uma tentativa de auto-afirmação. Assim como promove uma justificativa racional, ela também procura legitimar a escolha do sujeito e a própria imagem de si mesmo, baseada no jargão da auto-suficiência e da liberdade. Estes permanecem, assim, como valores de construção da auto-imagem.

Os valores de liberdade e independência encontram expressão representativa no cotidiano dos adolescentes sob vários modos. É importante remetermo-nos à contextualização, para compreender que a ode à auto-suficiência parece presente tanto no discurso quanto na prática, assumindo somente formas diferenciadas. A relevância de apontar para isso novamente diz respeito à metodologia utilizada nesta pesquisa. A situação de entrevista individual convida à intimidade, particularmente à confissão. Seria de esperar que, livre da pressão dos amigos e da sociedade em geral, o sujeito revelaria conteúdos inéditos em outros espaços. Ou, sob uma outra – e talvez mais realista – perspectiva, esperar-se-ia que este sujeito, com o intuito de impressionar o entrevistador – alguém que ocupa nesta ocasião um lugar de poder, e de suposto saber – estaria a criar as respostas que ele imagina que seu interlocutor espera dele.

No entanto, é importante esclarecer que intimidade e publicidade não são entidades estanques e desconexas. Como já sinalizamos, nosso pressuposto é de que o discurso construído pelo sujeito é uma articulação interpretativa de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

conteúdos apropriados a partir da realidade objetiva, e por isso representa esta mesma. Ou seja, mesmo quando em situação de intimidade, a existência destes conteúdos se encontra operante na construção do discurso do sujeito. É então no conjunto de conteúdos da realidade objetiva que o sujeito vai buscar recursos simbólicos para se fazer compreender e respeitar pelo entrevistador. Logo, o que governa a análise é o *significado do uso* destes conteúdos. É este uso que configura o universo que o sujeito compreende como sendo real, e que liga a ambos. Logo, se a ode à liberdade individual é elemento legitimado pela cultura, e por isso participante direto da construção da subjetividade, este valor estará presente na fala dos sujeitos, mesmo que sob formas diferenciadas.

A liberdade e o desprendimento enquanto valores encontram-se assim presentes na construção da subjetividade do sujeito, estando ele em espaço público ou privado, de relações sociais ou de relações afetivas. Estes valores encontram algumas formas específicas de se materializar em sua vida.

As vivências das relações amorosas no cotidiano dos adolescentes são, de acordo com alguns autores, pautadas pela prática do "ficar". Tal prática é assim compreendida por Chaves (2001) e Almeida e Tracy (2003) como veículo de operação da intersubjetividade, em particular no que diz respeito ao relacionamento amoroso. É através dessa prática que freqüentemente estes sujeitos são introduzidos às relações afetivas e físicas. É também por ela que se dão os ensaios práticos a respeito de como se relacionar nestes dois níveis. Enquanto ensaios, portanto, estamos nos referindo ao desenvolvimento, pela prática, de determinadas disposições no lidar com o mundo.

Assim, Chaves assume este mecanismo como um *código de relacionamento* entre os jovens brasileiros. Esta autora define como princípios deste código as seguintes concepções.

1. A falta de compromisso com uma pessoa só, o que se inscreve inclusive na quebra da percepção do tempo como linear e das escolhas como detentoras de conseqüências mais ou menos previsíveis.
2. A ruptura entre a vivência de compromisso e a idéia de prazer, o que caracterizaria o "ficar" como um gesto de descarga emocional e como um ato cujo critério de execução é a atração física – a estética, os sentidos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

3. A negação da alteridade, uma vez que fica-se com um sujeito cuja identidade nada se conhece.
4. A comutatividade do objeto de afetividade, ou seja, a possibilidade de trocá-lo sem dificuldade e a qualquer momento.

Todos estes princípios se alinham com as concepções aqui já expostas de tempo, espaço e alteridade. A alternativa ao estilo do "ficar" é a relação estável. Segundo a autora, este tipo de relação é expressamente temido (especialmente pelos meninos) e muitas vezes timidamente desejado. Também de acordo com a autora, aqueles que desejam esta estabilidade demonstram em seus discursos um grau de idealização considerável, onde é esperado do parceiro que seja de uma só vez o amante, o esposo, o amigo, o pai ou a mãe, o irmão ou a irmã, o confidente, o analista etc. Para Chaves, esta condição sinaliza uma sobrecarga de expectativas sobre o parceiro, ao mesmo tempo em que denuncia a dificuldade em fazer opções e sacrifícios pessoais. Mais do que isso, ao se idealizar uma pessoa que concentre todas estas qualidades, esta condição sugere mesmo que se pense em que medida ou *de que forma* as outras áreas da vida do sujeito estão sendo investidas para que se tornem também fontes de gratificação. A síntese feita por Chaves sobre o que observou nos depoimentos que recolheu é a seguinte:

> A vida desses jovens é marcada por alguns paradoxos. Ao mesmo tempo em que praticam o "ficar com", que buscam o prazer pelo prazer, sem compromisso, eles esperam de um relacionamento amoroso atenção, respeito, sinceridade, confiança e seriedade. Desejam construir uma família, mas não suportam por muito tempo a rotina e nem conseguem abrir mão do prazer próprio. Esperam ganhar de todos os lados sem sacrificar suas possibilidades.
> (Chaves, op.cit., p. 63)

A escolha do parceiro para uma relação estável é concebida por estes jovens como uma decisão individual, o que se refere à concepção já não negociável de liberdade de escolha, em contraposição à condição vivenciada pela adolescente retratada na história dos Buddenbrook. No entanto, Almeida e Tracy (op.cit.) comentam que quando se trata de relações efêmeras – o "ficar" – a escolha do parceiro se mostra consideravelmente dependente da aprovação do grupo. Neste sentido ficar com alguém que o grupo não considera esteticamente atraente é um pedido franco para ser "zoado". A esse respeito, vale a pena observar a fala de Doria:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> Às vezes a gente é muito inseguro com aquele cara que não é muito normal, por exemplo, vou sair com aquela menina: "Ah, ela é muito "nerdizinha". Vou sair com ela e vou me queimar com meus amigos. Meus amigos acham que eu saio com a mulher que é gostosona." (Doria)

A postura então do desprendimento e da centração na própria satisfação como critério de prática de relacionamento encontra terreno de sustentação também na discussão sobre a confusão entre público e privado. Sennett (1998) comenta que a partir do momento em que a intimidade é tomada como referência para a gratificação, ocorre uma espécie de idealização que sustenta que 'aquilo que não satisfaz o meu desejo intensamente e plenamente não me serve.' Esta condição gera um estado de permanente insatisfação e mal-estar, condensado no sentimento de que 'o mundo me decepcionou'. E se decepcionou, não me serve mais.

Esta é a configuração, segundo o autor, do narcisismo enquanto orientador das escolhas amorosas, o que paradoxalmente funciona somente para promover o afastamento entre os sujeitos *reais*. Em outras palavras ele promove um afastamento das relações que se firmam através de acordos, onde ambas as partes cedem alguma coisa em prol do encontro e da convivência.

Desta forma, pode-se vislumbrar a possibilidade de compreender o conflito de sentido que as falas dos adolescentes aqui investigados faz presente. A não aceitação das concessões e das limitações à satisfação individual participa na construção de um distanciamento dos compromissos, e de uma busca contínua de uma definição interior sobre 'quem sou eu', representada, sobretudo pela busca de auto-afirmação, em todas as suas formas.

Na esfera das relações, cria-se a idéia de que é necessário *experimentar* muitas pessoas, muitas relações, e muitas situações de vida, para que se possa finalmente conhecer todas as possibilidades e somente aí fazer a escolha *certa*. O resultado disso é que nunca se faz a tal escolha, uma vez que nunca se esgotam as possibilidades de relação e de situações a ser vivida, e jamais se encontrará um parceiro que responda 100% aquilo que o sujeito deseja. Curiosamente, mesmo que isso fosse possível, a aversão à rotina vivenciada por este sujeito e ostensivamente declarada em seu discurso seria o fator que condenaria esse tipo de relação, ou seja, trata-se de um beco sem saída.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

7.4.
A importância do passado: "O modelo de casamento dos meus pais"

A importância da família original, enquanto *locus* de socialização primária, fica bastante evidente no discurso dos jovens entrevistados. Ao longo de cada entrevista, todos os adolescentes falam da própria família mesmo quando não requisitados a fazê-lo.

No entanto, ao contrário da crença popular sobre o adolescente como crítico mordaz dos próprios pais, não se pôde observar uma totalidade de um posicionamento negativo em relação a eles. Ao contrário, o que se observa é uma grande oscilação entre os pontos de vista, que, isso sim, tendem a ir de uma posição extremamente crítica, a uma espécie de idolatração que soa muitas vezes como irreal. A idolatria, entretanto, não se restringe somente aos pais, mas se estende também ao próprio relacionamento com os irmãos.

> **Você sempre sonhou em ter família?**
> Sempre. Assim, ainda mais assim, pela minha, pela nossa família, porque meus pais, eles são bem assim, bem casados. Eu vejo eles assim, e eu sonho em ter uma família assim também.
> Se dão! NOSSA!! Aí transmite pra gente, assim. A gente é bem unido.
> (...)
> **Eles trabalham o dia inteiro?**
> Trabalham. Mas assim, nunca deixaram a gente assim, sempre estão junto com a gente. Se tiver algum problema, sempre estão ali. E assim, que nem a minha mãe: ela trabalha por conta própria. Então prende, mas, vamos supor, se tiver que um dia, ah, preciso fazer isso, ela vai estar (Helena)
>
> **Em termos de relacionamento ou de criação dos filhos...**
> Nem um pouco, eles não erraram em nada. Todos aqueles "vc vai comer isso", "não, não quero", "vai comer sim", sabe, ou então, "vc vai em tal lugar", "não, não quero", "vai, sim", acho que eles não erraram em nada.
> **O que você acha de melhor na forma de conviver da sua família?**
> Ah eu acho que é a nossa união. Sempre que um está triste o outro vai lá, tenta ajudar...e se não consegue, chora junto com o outro, a gente se ama demais, acho assim muito legal, é a parte mais legal. (Jessica)
>
> os meus pais são assim incríveis. (...) Eu acho incrível como uma coisa de 32 anos não caiu na rotina, sabe? Eu fico, assim, maravilhada! (Clarice)

A idolatração sugere um descolamento em algum nível da realidade, uma vez que não existe situação perfeita em tudo, como Jessica, particularmente, procura nos fazer acreditar. Ela pode inclusive ser uma faca de dois gumes, uma vez que em se tratando de uma situação que é tomada como perfeita e por isso, tomada também como modelo, a idealização pode construir uma exigência do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

próprio sujeito de que a família que venha a construir seja igual. Ou então pode obstruir a própria construção dos aspectos identitários que devem de fato ser independentes, como a atitude de resolver os problemas conjugais com o próprio marido, ao invés de apenas procurar o suporte dos pais.

A idealização pode sugerir também que o alto grau de expectativas e idéias da própria família como perfeita seja uma reação de negação das dificuldades percebidas na prática. Este processo culmina com a presença do entrevistador, por quem o adolescente se sente inquirido, e que funciona como espelho das justificativas criadas para o próprio sujeito.

Em meio a isso, há o reconhecimento de que a família é o porto seguro, aquele conjunto de pessoas com quem se sabe que pode contar nos piores momentos, mesmo que no cotidiano haja desentendimentos e discussões.

> É que eu passei a ter mesmo uma.... uma noção assim... de que é importante. Passei assim a ter uma noção a mais do... O quanto é maravilhoso... uma coisa importante. A família, você ter os seus familiares, ter as pessoas que você gosta perto de você. Pra você ajudar... pra eles te ajudarem.
> **O que te chamou a atenção pra isso?**
> Eu acho que assim, a minha família mesmo. Porque.... eu vejo assim... com todas as dificuldades que a gente já enfrentou assim... grandes na vida, foi importante. A gente sabe que se um de nós precisar... (Francisco)

> **O que você pensa com relação a família, pode ser com relação a sua família.**
> Ah eu acho que confiança, acho que há pouco tempo meu irmão, ele precisou muito da gente porque, ele ficou sabendo que ele ia ser pai e tal, sabe. E pelo fato da gente ser muito unido, entendeu, ter muita confiança um no outro, é que a gente conseguiu segurar essa barra, sabe, acho que é fundamental a amizade como eu já disse, a confiança é tudo. (Jessica)

> Você contar tudo, é meio difícil na hora, sabe? Acontece os problemas que você, principalmente jovens, é querer resolver sozinho, tentar meio que omitir, mas acho que faço muito isso. Mas na real mesmo é muito mais fácil você contar pros seus pais que tem muito mais experiência, se for com dinheiro você vai precisar deles. Não vai adiantar você chegar pro seu amigo e pedir, sabe? Fiz uma besteira e preciso de 10 mil reais. Não adianta, seu amigo não vai te dar. (...) Você se envolveu com droga, exemplo né, o traficante está e tal, você vai chegar pro seu amigo contar o que está acontecendo, mas não vai contar pro seu pai. Na verdade que vai te ajudar, te tirar do buraco vai ser sua família. Não dá pra você ficar vivendo só dos seus amigos. (Branco)

Embora a instituição família esteja em franca transformação – tanto no que diz respeito a suas composições objetivas quanto no molde através do qual pais e filhos se relacionam na intimidade – ela é objeto de preocupação e de reflexão do adolescente. A família configura-se como uma espécie de porto, que seguro ou

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

não, é objeto ao qual o sujeito se reporta para definir suas próprias propostas de vida. Em outra palavras, é importante para o adolescente que ele saiba que pode contar com sua família – o que não significa que não possa se mostrar crítico a ela.

Assim, deve-se mencionar, no outro lado da questão, as abordagens negativas sobre os próprios pais e a própria família. Algumas destas são carregadas de emoção, particularmente a raiva, enquanto que outras envolvem uma certa apatia.

> **Ela [a madrasta] se dá bem com a família do teu pai, então.**
> Dá! Todo mundo! A mulher do meu pai detesta a minha mãe, a minha mãe também, mas as duas fingem que se amam. Sempre que minha mãe vê meu pai minha mãe dá em cima dele. Meu pai adora, também. Meu tio só conta pra minha mãe os casos dele. Minha avó é também...
> **Qual avó?**
> Mãe do meu pai. Tem 76 anos, tem amante, o cara é casado... É uma coisa!
> **Por que que seria um inferno morar com o seu pai?**
> Morar com o meu pai não, na verdade eu vou morar com a minha avó. A minha avó faz tudo aquilo que eu quero. Fica: "já comeu?" Só que eu já sou grande, não preciso disso. Eu tinha que ter isso quando eu era pequena. Hoje não adianta querer me controlar. Eu não obedeço mais nada do meu pai. (Ana Maria)
>
> o pessoal lá de casa é meio ...culto. Tipo almoça vendo Globo News e discute sobre coisas de guerra, não sei o que lá durante o almoço, dá um pouco de agonia...
> **Mas porque, você acha que...**
> Não, não sei, porque parece que minha família é estranha.
> **O que é estranha?**
> Porque eu acho que as famílias normais não discutem sobre isso no almoço e nem ficam vendo Globo News o dia inteiro. A minha mãe não vê Globo, ela não vê novela.
> **O que as famílias normais fazem então?**
> Não sei, mas eu só não acho eles muito normais, porque eles são muito, muito cultos mesmo.
> **E você acha isso estranho...**
> Acho estranho, mas ao mesmo tempo é bom.
> **E você acha que você é muito parecida ou muito diferente deles?**
> Um pouco parecida...
> **Em que sentido?**
> Por exemplo eu posso discutir sobre as mesmas coisas que eles discutem, mas não naquela hora, entendeu? E, deixa eu ver...ah, não sei, acho que mais o jeito de falar também, a gente acaba pegando, porque é família... (Joana)
>
> Na verdade tem uma série de problemas na vida dos meus pais... acho que eles... por eles se amarem muito eu acho que eles nunca vão se separar. Já teve muito rolo assim, da minha mãe querer se separar do meu pai. Mas acho que é só. Eu já estou acostumada, também.
> **Eles brigam muito ?**
> Nem tanto... porque meu pai na frente da minha mãe ele meio que puxa o saco. Agora ele chega quando eu estou sozinha, ele vai, chega pra mim e fala mal da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

minha mãe. Eu já falei "pai pelo amor de Deus pára da falar da minha mãe... porque você está me botando contra ela..." mas minha mãe chega e fala a mesma coisa... não agüento.
Mas eles não se resolvem ?
Resolvem... mas... resolvem, sempre tem essas implicanciazinhas um com o outro. Acho que a eles não afeta mas afeta a mim. Eu não gostaria que eles falassem mais... (Lívia)

eu quero ter filhos... sabe?
Tem esse plano?
Eu tenho ainda...acho que pelo fato da minha família toda ser assim... criação eu acho. (Juliana)

Quanto ao casamentos dos seus pais?
Eu observo que ele só existe ainda porque minha mãe esta desempregada e a gente está numa situação bem ruim de dinheiro, acho que é só por causa disso.
Mas o que você acha que aconteceu?
Não sei.
Você acha que eles poderiam vir a se separar?
Acho que sim. (Adriano)

O que se pode marcar inicialmente é que da mesma forma que existe uma crítica sistemática, pode existir também o inverso desta. De qualquer modo, o modelo de casamento e de família construído pelos pais, mesmo que estes estejam distantes, é tomado como fonte de reflexão e de posicionamento para si próprio. É nesse sentido que caminha a reflexão de Jablonski (2003), quando ele compara as respostas dos adolescentes pesquisados no que se refere à indagação sobre a possibilidade de se separar, em algum momento no futuro. O autor aponta que os sujeitos que possuem pais separados se mostram mais inclinados a pensar que o divórcio pode fazer parte de sua vida futura do que aqueles que possuem pais casados e aparentemente felizes.

Em nossa própria pesquisa podemos observar a seguinte tabela, que aponta a condição do casamento dos pais dos sujeitos entrevistados:

Pais casados (tempo de casados)	**Pais separados (tempo de separação)**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Joana (25 anos)	Victor (há 6 anos)
Jessica (27 anos)	Enzo (há 5 anos)
Doria (20 anos)	Daniel (há 5 anos)
Clarice (32 anos)	Ana Maria (há 15 anos)
Branco (22 anos)	Beatriz (há 2 anos)
Ana (20 anos)	Maheidenn (há 7 anos)
Adriano (26 anos)	
Adriana (25 anos)	
Helena (18 anos)	
Francisco (34 anos)	
Juliana (30 anos)	
Lívia (17 anos)	
Maria Eduarda (26 anos)	

Quadro comparativo: pais separados e pais casados

Observa-se que entre os casais que permanecem casados aquele que possui menor tempo de união está junto há 17 anos. Dentre os filhos de pais casados, não há sujeitos que rejeitem a idéia de casamento nem de filhos, mesmo que reconheçam a dificuldade de se manter uma família e um casamento. Entretanto, são Maheidenn e Beatriz os que admitem algum dia vir a se casar, mas que não desejam ter filhos. E são Victor e Enzo que se mostram reticentes diante da possibilidade de vir algum dia a ser casados. Estes resultados parecem se encaixar na expectativa levantada pela pesquisa quantitativa de Jablonski (op.cit.).

Trata-se, portanto, de mais um indicador da importância da família original como *locus* de processos de identificação e de referência. Mais que tudo, trata-se de reconhecer que, a despeito da percepção de quebra da linearidade de presente, passado e futuro, o passado desempenha papel fundamental na orientação da conduta dos sujeitos. É a ele que este se reporta, consciente ou não, quando o sujeito pretende pensar no presente qual pretende que seja seu futuro.

A partir do modelo dos próprios pais, pode-se pensar a resposta a uma pergunta, em particular, feita aos adolescentes nessa seqüência de entrevistas. Foi perguntado a cada um deles se eles fariam igual ou diferente de seus pais no processo de construir a própria família.

Dentre os 19 adolescentes entrevistados, 14 afirmaram que fariam diferente dos pais. As respostas variaram no que se refere ao grau de diferença. Elas iam de uma afirmação sobre fazer tudo diferente, até a admissão de que repetiriam algumas coisas e fariam outras de forma diversa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

No que se refere ao que eles alegam que fariam igual aos pais, há a freqüente menção ao modo como educaram os filhos.

> Acho que investir do jeito que eles investem bastante na gente. Acho que eu investiria nos meus filhos também.
> **Investir em que sentido?**
> Investir no sentido de procurar as melhores coisas pra eles. No sentido mais material. De dar o melhor pra eles, que é o que eles fazem. (Ana)

> **você faria diferente do que os seus pais fizeram e fazem?**
> Ah, a gente sempre fala "nunca vou fazer isso com a minha filha". Mas na hora H lá você vai com certeza puxar algumas coisas e vai, até pela sua criação, sua educação, você vai querer que algumas coisas sejam iguais a sua. Você olhar pra você mesmo, fazer uma auto-avaliação e ver que você teve sucesso, sabe. Seus pais têm algum mérito nisso. (Branco)

> Mas eu acho que ele me educou muito bem. Eu respeito o trabalho que ele fez. Que é realmente trabalhoso você ver uma criança, é nos detalhes, eu pretendo educar pelos detalhes também. Eu acho que isso " Ah não, você tem que respeitar isso aqui." Por exemplo, ele não gosta quando eu abro a porta sem puxar para não fazer barulho. Quando você abre, faz barulho e às vezes aquilo irrita ele. E ele fala: "Abre a porta direito." Isso é um detalhe, você vai pensar: "Puxa isso é uma estupidez, isso não é educar." Não, na verdade educar é estar atento a cada detalhe. (Doria)

> **O que você faria diferente, e o que você faria igual?**
> Igual eu acho que a maior parte.
> **Mas você consegue me dar algum exemplo?**
> Igual...por exemplo eles meio que não me cobram muito assim pra estudo, até porque eles meio que confiam em mim, assim, sabe, eles sabem que eu me esforço. Acho que eu faria a mesma coisa, assim, sabe, se meu filho for estudioso, eu não vou cobrar dele, vou deixar assim na responsabilidade dele. (Joana)

No entanto, a freqüência das reclamações é maior, e estes sujeitos podem ser bastante *ácidos* quando as formulam. Uma das reclamações que eles fazem diz respeito a maior atenção, gentileza e consideração por parte dos pais. Ao que parece, alguns adolescentes sentem falta deste tipo de atitude por parte dos pais. Eles reconhecem e reclamam sobre a falta de um tratamento de mútua consideração dentro de casa, e isso pode fazer emergir desde uma atitude mais impaciente até uma atitude de agressividade passiva, como o próprio recolhimento diante da família.

> o meu pai dar mais atenção pra família...tipo ele é...é viciado em computador, fica no computador 24 horas por dia...ele fica até as 5 da manhã no computador...acorda, vai pra frente do computador.
> (...)
> **Que pai você queria ser?**
> Eu queria ser o pai que ele era antes dele conhecer o computador.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

E como ele era?
Ele dava mais atenção pra gente, ele tinha outra vida, ele tinha uma vida né. Porque na época ele trabalhava, vinha pra casa, tinha o descanso dele, e tal, mas não ficava o tempo inteiro sem atividade.
(...)
Então quando você tiver seus filhos....
Eu vou tentar não me afastar deles de jeito nenhum. (Adriano)

Assim acho que eu nunca vi nada assim demais... não sei... eu não quero... que as vezes meu pai toma umas atitudes assim autoritárias **[risos]** que eu vejo que magoa minha mãe e os outros sabe? Então às vezes eu olho assim e me policio... exatamente porque eu vejo as coisas que ele faz sabe? E acho que algumas coisas eu não quero fazer igual. Mas acho que só isso assim... tipo... nada demais também... (Juliana)

você faria alguma coisa diferente dos seus pais?
Claro. Eu nunca agiria como o meu pai. Eu acho que ele não foi homem de verdade.
O que é ser homem de verdade?
Eu acho que é assumir a responsabilidade pelas coisas que faz. (Victor)

eu dou bastante importância à família, mas é a tal coisa, não convivo muito com a minha família, assim, vários atritos, e vários assim enganos e mal entendidos. Eu dou muita importância a ela mas eu não gosto assim de estar com ela, sabe. Não gosto muito de estar com meus pais, não gosto muito de estar com meu irmão, que mora ainda comigo. Eu meio que desapeguei a minha família, mas dou muita importância, sabe. Tanto que eu quero ter uma família assim, muito unida, sabe, porque é uma coisa que eu acho que eu não tive muito. (Adriana)

Alguns adolescentes são mais incisivos em suas críticas, afirmando que fariam "tudo" diferente deles. Este tipo de crítica inclui desde a situação corrente até a volta no passado, o início do próprio relacionamento. Observa-se aí o envolvimento dos próprios adolescentes, em discursos que reconhecem a importância que eles tiveram na construção do tipo de conjugalidade dos pais. Em outras palavras, eles se sentem ocupando uma posição de pivô de muitos dos conflitos que os pais vêm cultivando ao longo dos anos, ou mesmo de conflitos estreitamente relacionados ao próprio processo de separação.

Você faria alguma coisa diferente dos seus pais?
(pausa) Faria.
O que, por exemplo?
Minha mãe. Porque ela ficou dando murro em ponta de faca durante quatro anos. Tentando levar um casamento que já tinha acabado. (...) Eu não falaria que eu não faria. Ela tentou por causa de mim. Eu faria, entendeu? Teria uma coisa que eu discordo muito. Eu quando estou no meio, meu pai fala da minha mãe, minha mãe fala do meu pai. Já falei, não toca nisso. Eu já pedi: um é um, o outro é o outro. Foda-se o que está acontecendo. O negócio sou eu, não tem que falar dele, não tem que falar dela. Só isso. (Daniel)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

você faria diferente do que seus pais fizeram? E o que, exatamente?
Tudo foi errado, desde o princípio. **(ri)** Eu nasci por acaso. Foi bom, porque eu nasci. **(risos)** Mas foi por acaso, minha mãe tinha feito plástica, não ia ter mais filho. Era pra eu vir, mesmo. Eu tinha que fazer alguma coisa aqui. Minha mãe sempre foi mais apaixonada pelo meu pai. Foi muito apaixonada. Eu não, primeiro que eu não casaria com meu pai. Já começa daí. Minha mãe casou com os homens errados. (Ana Maria)

Você faria alguma coisa diferente do que seus pais fizeram ou fazem ?
Bom eu não... eu teria filho na hora certa.
Por que? Não foi na hora certa ?
Não foi. Minha mãe ficou desesperada ... não queria ter o filho... não ia abortar lógico, mas não queria ter filho. (Lívia)

Você faria diferente dos seus pais? Em algum aspecto?...
(pausa) É, provavelmente sim.
Mas você nunca pensou nisso....?
Não, às vezes... **(ri)** É... (...) acho que... se eu casar, provavelmente eu vou ter certeza que aquela é a pessoa. (...) Eles nunca casaram oficialmente no papel. Foi aquela coisa que o pessoal fala: 'juntou'. Ah, eles se juntaram, então. Foi o que aconteceu. No papel eles nunca casaram. Uma coisa muito precipitada.(...) eles se conheceram lá no Ceará. Aí minha mãe voltou pra cá. Ficou aquele namorico, bababá-bababá...
Ele morava lá?
Não ele morava aqui no Brasil. Começaram a morar juntos. Ficaram morando juntos. Eu nasci. Continuou, meu irmão nasceu. Continuou o casamento. Numa certa idade do meu irmão, já não estava muito bem. Eles continuaram juntos pra manter, mas... pra não ter muito impacto pro meu irmão. Até em mim mesmo. Mas acho que foi muito uma coisa assim, sabe... foi... eu acho que foi precipitado. Foi muito uma fase. Eles começaram a morar juntos, deu na telha, se gostavam, tinham muito carinho, mas... Talvez não era pra ser. Eu acho que não era pra ser casamento. (Enzo)

A grande marca que acompanha estes depoimentos é a referência à própria pessoa como conceito de orientação para pensar a ação igual ou diferente. A pergunta era bastante clara e aberta: "*Você faria alguma coisa diferente do que seus pais fizeram?*" Ela poderia ser respondida em relação a qualquer assunto sobre o futuro, mas os adolescentes responderam o que fariam de diferente *como pais*. Ou seja, os sujeitos tomaram a própria situação de filhos como guia quase exclusivo para esta resposta.

A pergunta funcionou como um gatilho para criticar o modo como foram e são tratados pelos pais, sem haver contemplação sobre o funcionamento mais objetivo da família. O papel de esposa ou de marido foi apenas fracamente mencionado, como no caso de Victor que, no entanto, usou a pergunta para expressar seu ressentimento em relação ao pai. Assim, a tônica das respostas girou em torno do que os pais fizeram para eles e não especificamente para a família.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Há entre estes adolescentes, por exemplo, situações de mudança recente ou iminente, para outros estados ou para outro país, e a questão sobre o quanto os pais consideram a opinião dos filhos nestas grandes alterações do estilo de vida da família inteira, em momento algum foi abordada. O ponto, portanto, diz respeito à experiência subjetiva: a apreciação ou a rejeição por determinados tipos de reconhecimento – especificamente o reconhecimento da liberdade individual, como fica mais claro no item a seguir.

7.5.
A relação com a autoridade: "Para que uma família funcione é fundamental haver respeito: os pais devem tratar os filhos com igualdade"

O respeito é a palavra de ordem para estes sujeitos. Vários deles relatam essa atitude como a qualidade mais básica que se pode ter para que uma família funcione e possa produzir um convívio gratificante. Mesmo quando a palavra *respeito* não é mencionada, seu significado está presente através de toda uma conjunção de elementos que o significam.

Resta compreender o que eles estão querendo dizer quando falam em *respeito*. A insistência na menção desta atitude sugere que boa parte desses jovens não se sente respeitada. Há, portanto, posturas dos pais que eles não aceitam, não compreendem e sobre as quais levantam argumentações críticas e carregadas de emoção.

> Eu faria um pouquinho diferente do que é agora, sabe. (...) Eu acho que na minha família tem pouco diálogo ainda, sabe, essa coisa do respeito, acho que eu e meu irmão somos vistos ainda como um pouquinho inferiores, não o meu irmão mais velho de 23 anos, porque ele já está trabalhando, está fazendo a vida dele, então acho que ele já ganhou seu respeito, sabe. Mas eu acho que na minha família tem aquele sentimento de se você é menor, se você ainda depende do dinheiro dos seus pais você ainda não é gente **(batendo na mesa)**, você ainda é um brinquedinho, que eles sim podem te comandar, sabe. Você depende deles então eles podem fazer o que quiserem com você. (Adriana)

É particularmente notório o sentimento expresso por Adriana de ser manipulada como *um brinquedinho*. Ela procurar afirmar a palavra que nos depoimentos destes sujeitos fica muito evidente como sinônimo de respeito: a igualdade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

E em termos da família em si, o que você acha que é fundamental para fazer uma família?
É, principalmente respeito entre as pessoas. (...) só porque é seu filho, porque é uma pessoa de idade menor, que você pode faltar com ele respeito, mal ou bem, ele pode ser mais novo, ele, pode depender de você, mas ele é uma pessoa, sabe, é como ser fosse uma pessoa independente assim, da mesma altura do mesmo nível psicológico que você. (...) Eu acho que família é baseada no respeito, acho que quando existe respeito entre as pessoas, você acaba assim, aprofundando os laços de amor, de carinho e tudo mais. (Adriana)

O eco deste tipo de reivindicação se encontra presente em outros trabalhos. Particularmente no que diz respeito ao sistema de expectativas com relação à família na qual desempenham o papel de filhos – sistema que, como sinalizamos, configura a base da elaboração de um projeto de vida por estes adolescentes – Minayo (op. cit.) aponta que em todas as classes os aspectos valorizados e os aspectos desvalorizados são similares. Entre os primeiros estão a capacidade de diálogo (maior na relação com a mãe do que com o pai) e o companheirismo. Como aspectos desvalorizados encontra-se: a falta de afeto, manifesta na ausência física e na indiferença dos pais para com a vida dos filhos; a imposição de valores e a agressão de todos os tipos. Eles criticam particularmente a dificuldade dos pais em conversar sobre assuntos como sexo e drogas, e os adolescentes dos estratos mais altos declaram com maior ênfase do que os adolescentes mais pobres a existência de conversa dentro de casa. Os mesmos resultados foram observados na pesquisa de Wagner et alii (op.cit.), e é representado nas falas dos adolescentes aqui expostas até esse momento, como quando eles reclamam maior atenção e maior delicadeza por parte dos pais. O respeito, assim, é requisitado sob a forma de vários tipos de argumentação:

E o que é importante para uma família funcionar?
Eu acho que é importante respeito. Tipo assim: tanto dos filhos quanto dos pais. Porque acho que não adianta só os filhos respeitarem os pais e os pais acharem que só porque são filhos, eles podem dizer o que eles quiserem, jogar na cara, entendeu? Esse tipo de coisa eu acho que é importante. (Ana)

O que tem que ter na relação?
Cara, eu acho que tem que ter respeito. E respeito engloba praticamente tudo. Você respeitando o seu companheiro você tem que ser leal a ele, você em que ser fiel. Acho que respeito é a palavra-chave num relacionamento, (...) Você respeitando a pessoa você conta pra ela a cosia mais grave ou a mais brincadeira que for. Acho que pra mim é essencial. (Branco)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> Eu já falei, chega o teu namorado e fala, a primeira coisa, cara. Quer acabar comigo, acaba. Quando eu chego e converso. Olha, é isso aqui. Tudo que tu faz você me fala. E eu vou te falar. Eu não quero que você fique mentindo pra mim, porque eu não vou ficar mentindo pra você. Porque eu acho que não vai dar certo. Se a coisa começa com mentira, vai virar outra mentira, entendeu? Então cara, tudo que você tem que fazer, você tem que fazer baseado na verdade. Porque se não tiver, você vai ficar na mentira pra sempre. (Daniel)

> **E o que você acha fundamental pra manter um casamento?**
> **(pausa)** Acho que a liberdade de conversação com tudo. Tanto com sua esposa, quanto com seus filhos. Você sempre ter uma conversação, falar sobre tudo que acontece no mundo. Na vida. Acho fundamental... É, respeito também. É fundamental. Respeito é necessário. Por mais intimidade que você tenha, tem que ter respeito. Tem que saber limite. Você conhecer bem a pessoa. Porque muitas vezes rola muito em casamento, está vinte anos casado, de repente você vai ver um lado da pessoa que você nunca viu. (Enzo)

> **Se você tivesse que falar de uma relação ideal, assim, ideal pra você. Como seria?**
> **(pensativo)** Sei lá... acho que é... hããã.... Acho que é a coisa do respeito, né cara... e do amor. Respeito pelas diferenças, porque eu acho que hoje em dia não tem muito isso. As pessoas querem que o outro seja do jeito que elas querem e aí não dá. (Victor)

> **O que você acha que é importante pra uma família funcionar?**
> Respeito...é....acima de tudo respeito..
> **Você consegue me dar um exemplo?**
> É...não sei, o pai respeitar a decisão de um filho, mas também o filho respeitar o que o pai determinar, tem que ser baseado no respeito. Tipo se houver alguma situação em que um desrespeitar a vontade do outro, assim, começa a gerar conflito, aí começa problema na família, começa a não ficar legal. (Adriano)

O que eles querem dizer quando usam a palavra "respeito"? Nos trechos logo acima, ela vem associada a valores como docilidade ao falar o que pensa, lealdade, fidelidade, confiança, sinceridade, tolerância, aceitação da vontade alheia. A palavra parece possuir um sentido largamente polissêmico, e evidentemente necessita esclarecimentos.

No entanto, é notório que o ponto mais mencionado de forma clara e aberta é a questão do respeito materializado pela atitude que os adolescentes freqüentemente chamam de tratamento de *igualdade*. Pais e filhos são acima de tudo iguais e o respeito que se espera deles é devido a essa condição. Eles também com freqüência relatam que o tratamento com igualdade seria o que mudariam em relação ao que os pais fizeram, na forma como educariam seus próprios filhos. Esta é a regra geral perseguida por eles, e expressa em formas como:.

> Eu acho que em primeiro lugar não ser tão rígida com os filhos, entendeu? Deixar eles serem um pouco mais soltos, de confiar mais neles, principalmente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

E você consegue me dar um exemplo de uma situação?
Ah, por exemplo: meus pais têm dificuldade de confiar em mim, aí eles pegaram essa mania. Eu quase não faço nada que dê razão pra eles pra desconfiar, sabe? Mas eles têm muito isso e isso me incomoda bastante, então isso é o tipo de coisa que eu não vou fazer com meus filhos. (Ana)

Eu não sei. Eu pretendo ter uma relação um pouco mais aberta com os meus filhos porque com os meus pais eu só consegui ter isso agora. Antes eu sempre tinha, quando eu conversava com eles, eu sempre tinha impressão que eles me tratavam com uma criança, como alguém cujas idéias não tivessem uma reflexão maior, sabe? (...) Assim, ou eles me tratavam como uma criança quando eu dava as minhas idéias ou então quando eles queriam alguma coisa de mim, eles me tratavam diretamente como um adulto. Eu pretendo ter isso de diferença. (Clarice)

você acha que se eles te tratassem como adulta qual seria a diferença?
Acho que seria um... não sei... **(risos)** Acho que seria mais do que ficar falando que tudo o que eu faço é errado, seria me apoiar em alguma decisão, sabe. Se eu virar e falar assim "não, eu quero fazer, é... cinco coisas ao mesmo tempo. Eles tem que falar " olha, acho que isso está errado, acho que você não vai agüentar, mas tudo bem, vamos levando eu te ajudo, a gente vai se apoiando, e se no futuro você decidir que isso está errado você larga, se você quiser. Não é que nem hoje em dia que eu falo, "ah eu queria fazer cinco coisas ", "Não você não pode, você não vai agüentar, não vou deixar você fazer, é diferente acho que quando você estabelece um relacionamento assim ,vamos dizer adulto, adulto, o que tem é que nem fosse amigo, amigo, sabe, um amigo não proíbe o outro, um amigo aconselha o outro, então talvez isso seja melhor que a proibição. (Adriana)

O tratamento entre pais e filhos deve seguir então uma relação de igualdade, equiparada à relação que se mantém com os amigos. Essa situação é vivida de forma inversa por outros adolescentes, ou seja, eles se sentem tratados pelos pais com igualdade. Essa é uma situação tão valorizada que faz com que estes sujeitos se vangloriem desta condição perante a entrevistadora e os amigos:

Eu e minha mãe a gente tem uma relação assim de amiga. Não é como mãe e filha. Ela sempre me contou tudo, eu sempre contei tudo pra ela. Então era aquela coisa... a minha mãe sempre confiou demais em mim.
Você nunca escondeu nada da sua mãe?
Nunca escondi NADA da minha mãe. **[muito convicta]** Nada.
Jura?
Juro! Minha mãe sabe de-tu-do! Até eu entrei **[risos]** eu entrei num psicólogo agora, **[rindo]** ele fica assim pra mim: "Beatriz, como é que pode você contar essas coisas pra sua mãe?" Eu digo: eu contei! Eu conto! Eu conto tudo pra ela. É impressionante. Eu não consigo não contar. Tem coisas que eu falo assim: isso eu não vou falar não. Mas não adianta. É engraçado, o pessoal fica bobo comigo. As minhas amigas, assim, têm aquela inveja boa da minha mãe, porque ninguém conta nada pra mãe. Eu conto tudo. E ela em essa confiança em mim. (Beatriz)

A gente lá em casa, sabe, é papo aberto. Sobre qualquer coisa a gente conversa. Qualquer coisa.
E sempre foi assim?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> Sempre foi, sempre foi... minha mãe é muito liberal. Aquela hipponga...
> **E ela nunca foi de colocar rédea nos filhos?**
> Nunca, nunca.
> **Tipo de proibir alguma coisa, dizer que horas você tem que chegar...**
> Nunca, nunca. Difícil. Eu comecei a sair com doze anos, pra baile, não sei quê. No Petropolitano, na época que não era baile funk ainda. Era uma matinezinha legal, sabe. Quando virou baile funk eu parei de ir. Um amigo meu me levou uma vez num baile funk e eu odiei, nunca mais voltei. Então antes eu sempre ia pra matinê direto. Caçava um monte de matinê. Ia pra matinê em Itaipava... e ela nunca foi de regular. Os meus amigos, sempre foram mais velhos que eu. Ela nunca foi de ficar segurando a onda. Ela fazia questão de conhecer, pra saber com quem que eu estava saindo. Quem eram eles, sabe. Pra saber a influência que vai ter sobre mim. Mas ela nunca foi de regular. (Enzo)

Cabe sinalizar que ao lado da ênfase nos valores de tratamento igualitário e de companheirismo, encontra-se o repúdio a toda forma de autoritarismo e de resistência ao diálogo. Em meio a este cenário, onde se trava a luta simbólica pelo valor e pelo tratamento de igualdade, há algumas coisas que devem ser consideradas.

A insistência na questão do tratamento entre iguais denuncia um aspecto já mencionado aqui, e que diz respeito à questão da autoridade. Deve-se lembrar que apenas em um primeiro momento a manifestação sobre a necessidade de um tratamento mais igualitário é característica da rebeldia adolescente. Estamos tratando aqui de um valor que extrapola as fronteiras da idade cronológica ou de um papel social designado a partir da idade. A intolerância a toda forma de hierarquia – sistema onde a desigualdade é em muitos aspectos legitimada – diz respeito também à discussão sobre autoridade na cena contemporânea, e por extensão, ao modo de organização da sociedade.

No prefácio de *Noites Nômades*,[5] Renato Janine Ribeiro menciona que uma das características da contemporaneidade é a falência simbólica do Pai freudiano. Para ele, cada vez mais as relações horizontais – com os pares – prevalecem sobre as relações verticais – com as origens, com os antecedentes, com o pai e com a mãe. O recurso à simbolização da mãe como a grande amiga e não como mãe – tão claramente expresso e vangloriado por Beatriz – é um sinal disso.

Dentro de uma lógica cuja figura de autoridade central era a do Pai – este, inserido no modelo de família nuclear com um papel delineado e até certo ponto

[5] ALMEIDA, M. I. M. de & TRACY, K. M. de A. *Noites Nômades*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

rígido, ao menos em ideologia – encontrava-se um modo específico de localizar e justificar as origens e as soluções dos conflitos de vida dos sujeitos. Este modelo, como já foi aqui apontado, era pautado em uma concepção de linearidade temporal e circunscrição espacial: o sujeito tinha a referência clara do Pai, aquele que veio *antes* dele, e em relação a quem em algum momento ele teria que se diferenciar. Identificava-se a responsabilidade, claramente delineada para si ou para o parceiro, de desempenhar o mesmo papel para aqueles que fossem gerados em seguida – aqueles que viessem *depois*.

Este processo era circunscrito dentro de um espaço também ideologicamente delimitado: a *intimidade do lar* da família original, que seria superada em momento posterior, este também claramente definido como aquele em que o sujeito funda a própria família. A distinção entre público e privado era manifesta nos próprios papéis atribuídos a cada gênero em cada um destes dois espaços. Nas palavras de Costa, sobre a família brasileira no século XIX :

> Em primeiro lugar, o pai era situado no quadro familiar, dentro de limites bem precisos. Ele deveria responsabilizar-se pela proteção material do filho. (...) Em segundo lugar, a mulher ganhava um papel autônomo no interior da casa, o de iniciadora da educação infantil. (...) Em terceiro lugar, os papéis da família e da infância eram redefinidos (...) Os filhos deveriam ser criados para amar e servir à humanidade, e não para amar e servir à família. Ou seja, em vez de servos do pai, deveriam tornar-se serviçais dos outros.
> (Costa, 1999, p.170)

Assim, não somente o papel de gênero era aí delimitado, como também o era a autoridade que cabia a cada um dos progenitores. Os papéis eram claros: à mãe, a delicadeza e o cuidado do lar. Ao pai, a gerência sobre o espaço público.

Na contemporaneidade, o jogo de responsabilidades e influências interpessoais na família ou no mínimo no âmbito da socialização primária, se organiza de forma diversa. A condição de pais e mães fisicamente ausentes, por razões até certo ponto justificáveis por obrigações como o trabalho e o sustento da família, faz parte de todo um contexto que pluraliza as fontes de orientação para a ação, a ponto de subverter a idéia clássica de autoridade paterna e materna.

O sentido que Costa dá a cada um destes papéis na citação acima foi consideravelmente transformado ao longo do século XX. O espaço da mídia e das conversas com sujeitos externos à família se expande, particularmente no que concerne à educação das crianças. Cada vez mais pessoas – inclusive os iguais –

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

recebem o direito de opinar sobre tal processo. A idéia de igualdade e de paridade, ideais revolucionários que migraram da esfera civil e política para a esfera privada, toma conta do imaginário das pessoas sobre seus projetos de vida. Pode-se citar uma passagem do discurso de Branco, um de nossos sujeitos, como ilustração desta condição:

> Ponto negativo é às vezes o "não porque não!" Aquela resposta seca, sabe? "Posso fazer isso?" "Não" "Por que?" "Porque eu não quero" sabe? Acho que sempre tem que dar um argumento pra justificar as coisas.
> **Você acha que isso você faria com seus filhos.**
> Isso eu acho que faria. Colocaria as cartas na mesa. "Ó, eu acho que você não deve fazer isso por causa disso, disso e disso." (Branco)

A conseqüência deste amplo processo é que muitos dos papéis tradicionais foram desmanchados, sem que de fato se tenha colocado em seu lugar uma definição objetiva sobre o que cabe a quem na nova configuração de papéis. Com o intuito de discutir a relevância do papel paterno na transmissão de representações valorativas acerca do comportamento, Sennett (2003) recorre a suas observações pessoais desenvolvidas a partir de uma conversa com um antigo conhecido (que ele chama no texto de *Rico*), mais jovem, e pai de duas crianças:

> Ele diz que (...) tem visto muitos pais discutindo cada questão familiar até a exaustão, por receio de dizer não, pais que sabem ouvir muito bem, que entendem magnificamente, em vez de ditar a lei; em conseqüência, ambos [o pai e a mãe, sujeitos de Sennett] têm visto muitas crianças desorientadas. (Sennett, 2003, p.26)

A citação remonta à discussão desenvolvida no capítulo II sobre o exercício da autoridade, mas também serve como introdução à observação subseqüente do autor sobre o papel paterno – leia-se, de pai e mãe – no fornecimento de modelos de vida. O autor afirma, logo em seguida: "o comportamento que traz o sucesso ou mesmo apenas a sobrevivência no trabalho, portanto, pouco dá a Rico para oferecer como modelo paterno" (Idem, p.27).

Em outras palavras, o autor sinaliza um divórcio entre o modo de agir que é esperado socialmente e os valores que ainda são concebidos como relevantes para o convívio humano cuja transmissão é também de responsabilidade dos pais. Na seqüência do texto, Sennett comenta que a voracidade por *status* social e a efemeridade das relações de trabalho, características que na prática orientam e dão suporte ao sujeito na busca por sucesso na carreira, funcionam como um exemplo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

contraditório aos valores de obrigação formal, confiança e compromisso mútuo que aquele pai pensa como centrais em uma educação satisfatória e humana.

Longe de ser uma ameaça à vida humana, o exercício da autoridade é um mecanismo criado em todas as culturas humanas que garante a sustentação desta mesma cultura. É a autoridade que prescreve comportamentos *adequados* que permitem a convivência humana a ponto de proporcionar aos sujeitos alguma segurança e a possibilidade de sustentação da própria vida. De acordo com Geertz (1989) é graças a este mecanismo que o homem desenvolve estrutura simbólica e não permanece mergulhado em um caos sensório e desorientado por toda sua existência.

Assim, no que se refere ao processo educativo é necessário que haja figuras de autoridade que assumem a tarefa de orientar e dizer o que é adequado e o que não é, ao invés de colocarem o diálogo interminável como estratégia para todas as situações. Em muitos momentos é importante que haja alguém que diga ao adolescente o que ele pode fazer, o que lhe é permitido, quais limites ele deve obedecer, mesmo que a reação seja de rejeição, e mesmo que haja limites para a justificativa racional ou argumentativa. Eventualmente, a resposta à pergunta dos adolescentes sobre o porque de uma limitação é realmente "Não, porque as coisas não funcionam assim", ou "Não, porque esta é a realidade". Se ninguém faz isso, o adolescente pede que alguém faça – nem que seja através da violência.

Definir estes limites é uma forma de reconhecimento e de nominação sobre quem a pessoa é e quem o outro é. O sentido da realidade – e o próprio sentido de vida, inclusive – também provém dos limites que a autoridade aponta. O adolescente pode se revoltar no momento em que ouve um "não", mas por mais assustadora que seja essa reação, ele percebe que pode contar com a autoridade, que existem regras nas quais pode se fiar, e mais do que isso: ele percebe que alguém se importa com ele. Em algum momento, o reconhecimento disso irá aflorar.

Os adolescentes mesmos parecem reconhecer a validade dessa atitude, em algum momento, mesmo que a consciência desta questão não se desdobre em edifícios de raciocínio suntuoso.

> o que eu faria igual, eu acho que eu criaria meus filhos como meus pais me criaram....
> **E como eles te criaram?**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Eles me criaram com certa liberdade, mas controlando, não deixando eu fazer besteira (Adriano)

O que você acha importante pra manter uma família unida, como você falou?
Importante?... Amor. E tem que tomar conta. Ainda mais filho! Pai e filho. Tomar conta! Tem que falar. Os meus irmãos sempre fizeram o que eles quiseram, horários do jeito que quiseram. Nunca teve um negócio assim... e foi falta de pai nos dois. Foi falta da figura masculina, com certeza. TAMBÉM! Agora, você tem que segurar. Eu vejo criança mal educada e me dá uma raiva, sabe. Você tem que pegar e falar, dar ordem, mandar... claro, tem que ser uma coisa super tranqüila, família pode falar o que pensa e tudo, mas ao mesmo tempo você tem que saber o que está acontecendo.
Dar limite?
Muito limite.
(...)
Tua mãe faz isso?
Minha mãe deixa qualquer coisa!! **(riso levemente sarcástico)** "Você quer dinheiro? Pega, toma. Some, me deixa em paz" Minha mãe é desse tipo. "Não enche meu saco. Faz o que quiser." E fizeram! Só que agora estão num auê, lá. Todos os meus irmãos, não sabem o que fazem. Porque agora estão meio que se encaminhando na vida. Uma é super... um QI não sei o que, doutorado não sei o que... sempre em depressão, problema emocional à pimpa, sabe. O outro está morando em Amsterdam. Mas o meu irmão P... é um caso à parte, ele é um doce de homem. E a B... é aquele negócio, sempre fez o que quiser, nunca quis fazer nada, curso de inglês, escola, sempre repetiu de ano, mexeu com drogas. Maconha, não era nada pesado, mas sempre... bebida, sabe. (Ana Maria)

Educação simples e fácil, assim interativa, divertidinho, vamos ver um filme aqui... e vai todo mundo aprender. Não é por aí. Eu acho que não tem como educar meus filhos de uma forma fácil, de uma forma simples, de uma forma: "Ah não, ele quer fazer o que ele quiser, vá fazer". Eu não vou deixar, não vou deixar, por que se eu ver que ele está fazendo uma coisa errada e eu deixar, eu tô assentindo com o erro dele. Eu tô permitindo que ele siga num caminho que não é o que vai deixá-lo feliz. A princípio parece que seria melhor eu fazer isso, né. A princípio parece, mas no fim isso acaba se esvaziando. (Doria)

Meu pai me orientou muito, ele sempre falava: "Olha você não está estudando". Eu não ia nunca ver que eu não tava crescendo se ele não apontasse. Olha só, é bom que alguém que sabe, aponta. Se apontar já vai buscar um confronto. Então na educação dos meus filhos com certeza vai haver confronto, vai haver discussão, vai haver desentendimento, vai haver tristeza. (Doria)

o modo como eles me fizeram crescer, a educação que eles me deram, as coisas que eles me proibiam de fazer e eu detestava e agora eu vejo como foi importante pra mim. Eu nunca tive um videogame. Todas as crianças da minha idade tinham um videogame e eu gritava: "Eu quero um videogame! Eu quero um videogame!" e eles: "Não, isso não vai acrescentar nada na sua vida". E realmente não faz a mínima diferença na minha vida. Eu não sinto a mínima falta de não ter tido um videogame na minha infância e eu acho que vem tanta coisa com isso. Eu passei muito mais tempo lendo livros, entrando em contato com a natureza e fazendo coisas que hoje me identificam, sabe? Hoje me definem como pessoa. E eu acho que me ajudou muito. (Clarice)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Mais uma vez, a atividade crítica se mostra presente, e passível de desenvolvimento, caso seja estimulada. As palavras citadas logo acima apontam isso, e funcionam como encerramento desta seção, na medida em que denunciam com sabedoria incomum o valor do exercício da autoridade, não somente para a organização social objetiva, mas também para a construção do auto-conceito, da auto-estima, de uma subjetividade que possa encontrar gratificação em seu meio.

7.6.
"É importante ter uma família estruturada"

> é aquela parada, adolescente quer sair pra zoar, pra curtir, e eles vêem na família uma estrutura arcaica ainda, eles acham que a família é aquela coisa de velho, ai que chato. É uma coisa meio que ele olha pra aquilo e acha uma coisa pré-histórica, ele acha que o moderno, o dos tempos modernos é sair mesmo com os amigos e ter seus amigos como família. Tudo bem... certo? Certo! Mas acho que eles ainda não aceitam que família é uma coisa moderna sim, sabe, acho que mais do que nunca é moderno você ter uma família estruturada. (Adriana)

O que é uma *família estruturada*? O que estes sujeitos compreendem por *estrutura*?

A palavra *estrutura* remete a alguma forma de solidez e de estabilidade. Falar de estrutura significa falar de alguma coisa que se mantém por algum tempo. Trata-se de um conceito espacial e temporal. Os elementos aparentes e alegóricos se transformam, mas se transformam ao redor de uma estrutura. Mesmo quando se fala de uma modificação desta, refere-se a uma modificação mais lenta do que aquela pela qual passam estes elementos alegóricos.

Pensar em uma estrutura, portanto, diz respeito a pensar em algo que se mantém, que possui alguma estabilidade, com a qual se pode contar. Esse parece ser o sentido que intuitiva e claramente estes adolescentes com tanta freqüência expressam como valor e como meta, e talvez por isso a idéia do divórcio, da separação conjugal e de todos os problemas que advém daí pareçam tão preocupantes para eles. A separação se configura em suas falas como o inverso da *estruturação*.

> **Você acha então que tem que ser pra sempre?**
> Eu acho que tem que ser pra sempre. Eu ainda sou meio arcaica nesse sentido assim, acho que casamento é uma parada que tem que ser levada a sério mesmo,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

> sabe. É como se fosse uma profissão, você te que dar de si, assim pra que funcione. (Adriana)

> eu acho assim que casou é pra ficar, esse negócio de ficar separando não dá certo. Não tem essa coisa de deixar de amar ou não, então eu acho que, assim, se mantiver, pô, sempre alguma coisa que não fique monótona, vai durar sempre... é isso que eu quero, que dure. (Adriano)

> Eu e meu irmão, por exemplo, não costumamos sair juntos, sabe?
> **E você acha isso importante?**
> Acho, acho importante.
> **Por que?**
> Porque ajuda a trazer aquele...aquele...aquilo que ta faltando na família, sabe? Aquele momento de reunião e..é por isso que é importante.
> **O que você acha do casamento em si?**
> Eu acho que hoje em dia está muito banalizado, né. Porque as pessoas casam e descasam e não querem mais. Eu acho que não tem problema desde que isso não afete os seus filhos, sabe? Porque eu acho que tem tantos filhos de pais separados que sofrem com isso e se separar do irmão e ter que ficar indo de uma casa pra outra e isso é bem chato. (Ana)

> eu acho bonito... eu gosto assim de casar direito, formar família...
> **O que é casar direito ?**
> **[risos]** ... ahhh assim é... você está com a pessoa que tu gosta... já ter sua casa.... não casar desesperado... com filhos tudo. Casar direito que eu digo é tudo passo a passo... (Maria Eduarda)

O pensamento sobre a "estrutura familiar" portanto gira em torno da fórmula de família nuclear burguesa: pai, mãe e filhos, tendo os pais seguido o roteiro estabelecido e identificado em item anterior de *namoro-formatura-noivado-emprego-casamento-estabilidade-filhos*. Trata-se de um modelo considerado tradicional, mas sua idéia se encontra presente como orientação legítima do que é certo ou errado, desejado ou rechaçado. O modelo talvez aponte para uma fórmula que ainda seja acreditada como segura em meio a um mundo onde as coisas são percebidas como em permanente transformação.

Há que se notar, em meio a isso, a menção das representações mantidas por parte dos adolescentes daquilo que significa estar fora desse modelo. Sendo este um guia de sonhos e teoricamente de ações, há a idéia de que não segui-lo acarreta em conseqüências específicas, e os adolescentes apontam a si mesmos como maiores "vítimas" disso. Estes sujeitos freqüentemente associam o que chamam de "desestrutura familiar" a problemas de toda sorte que os filhos vêm a ter, desde uso de entorpecentes a desvios de personalidade:

> eu acho que quando você casa, você tem que estar muito consciente do que você está fazendo, sabe e você tem que ter certeza que com quem você esta é uma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

pessoa assim, centrada. (...) que tenha uma estrutura de família boa, porque isso dá meio que um perfil da pessoa, uma pessoa que tenha uma família desestruturada, você imagina que no futuro vá protagonizar também uma família desestruturada. (Adriana)

Eu tenho uma amiga que ela morou lá nos Estados Unidos, voltou. Os pais dela são separados, o pai dela tem um filho com a outra mulher, a mãe dela também tem outro filho, e tadinha, ela... (...) Eu não gostava muito dela, por ela ser muito superficial, ela passava uma imagem que não era dela. No dia que a gente sentou, que a gente conversou, teve uma conversa legal, que eu vi, sabe, que ela era meio perdida, eu comecei a ficar mais amigo dela. (...) Ela é do tipo que não quer encher a cabeça dela com nada, quer se divertir, quer zoar, só pensa no que diz respeito a ela e só. (Enzo)

Já fica doida pra chegar o tal dia, o final de semana que vai numa festa assim.
Por que que você acha que essas pessoas gostam tanto desse estilo?
Tem... lá no colégio, a maioria dessas pessoas ou é filho de pai separado, ou... tinha um garoto que estudava comigo agora que foi pro Rio. Agora ele está assim: drogado, sem vida. E ele era super gente boa. E ele começou assim, isso era pra chamar a atenção dos pais, entendeu? Da mãe, a mãe dele ele não via há muito tempo. O pai mora no Rio. Traficante...
O pai é traficante?
É. E ele não sabia, ele morava aqui na casa de um outro garoto que estudava comigo, ele não sabia que o pai era... Aí ele foi, ele tinha tudo que ele queria. Aí ele foi morar com o pai, porque ele repetiu de novo. Aí o pai dele levou ele pro Rio. Aí ele descobriu e agora começou a usar também... ele voltou até esses dias aqui...
E a mãe está aonde?
Não faço a mínima idéia. Eu sei que ele não tinha contato com a mãe nenhum. Nem com o pai. Só ligava de vez em quando. O pai só mandava o dinheiro certo todo mês. Mandava mais, ele ligava, pedia dinheiro, o pai mandava. (Helena)

Se quer ter uma família, precisa ter uma família estruturada, precisa ter uma mãe e um pai. Precisa de amor, precisa de dinheiro também, porque não adianta só o amor. Precisa de compreensão também, paciência, muita paciência.
Você acha que as pessoas casam por quê?
Acho que pela família perfeita que querem.
O que é uma família perfeita?
Família perfeita é isso. **(risos)** A que um dia eu terei... É a minha família perfeita.
Tem alguma coisa de ideal?
Tem. Cada um tem os seus motivos. O meu é que eu quero ter uma família diferente da que eu tive, e eu quero que ela seja uma família estruturada. Só isso. (Ana Maria)

Estas disposições, tão freqüentes no discurso dos adolescentes, não coincidem com os índices atuais de divórcio, mesmo entre casais jovens, e com os números referentes à própria gravidez na adolescência. O "casar direito" de que fala Maria Eduarda, embora tomado como valor, mostra-se na prática somente uma idéia, conforme apontam as estatísticas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

A questão se transfigura, então. O que justifica tamanha diferença entre o ideal da "família estruturada" e a realidade? Como tratar a questão da estabilidade e da permanência com a lógica que tem a liberdade individual e o desprendimento como bastiões principais?

O problema, talvez, diga respeito ao fato de que, como sinaliza Gentil (1996), não experimentamos o mundo o tempo inteiro como *indivíduos* ou como, se assim o preferirem, sujeitos isolados. A própria satisfação narcísica não se sustenta somente em um sujeito, uma vez que este depende do Outro para desempenhar o papel de espelho. Talvez o problema gire em torno do reconhecimento desta interdependência, ou no mínimo da necessidade de equilíbrio entre mundo subjetivo e mundo objetivo. Este último é que vem sofrendo um esvaziamento de sentido, nas palavras de Sennett (1998). As regras referentes a este mundo objetivo padecem de atenção, e conseqüentemente, de melhor definição – qualidade importante para que se saiba com o que contar, em que confiar. Uma vez que se esvazia um desses espaços, na medida em que as funções de cada um deles são não meramente complementares, mas interdependentes, é de se esperar que o outro sofra as conseqüências.

O discurso do sujeito que conversa com Sennett (2003) sobre o quanto se sente perdido acerca do modo como educar seus filhos, mencionado no sub-item anterior, é denunciador de um sentimento compartilhado por muitos pais. Trata-se de um sentimento claramente suposto em situações como a da mãe que renuncia à responsabilidade por ensinar ao filho de quatro anos as regras básicas sobre o uniforme da escola. O sentimento está lá, embora nem sempre plenamente consciente. Ele diz respeito à percepção de um divórcio, ou de uma quebra de complementaridade – e mesmo de continuidade – entre o aprendizado no espaço privado e o aprendizado no espaço público.

As funções educativas da família – e de todas as instituições, uma vez que todas elas têm a tarefa de ordenar o comportamento do homem – sofrem, por conseguinte, uma desorientação. Arendt (1992) observa:

> Quanto mais completamente a sociedade moderna rejeita a distinção entre aquilo que é particular e aquilo que é público, entre o que somente pode vicejar encobertamente e aquilo que precisa ser exibido a todos à plena luz do mundo público, ou seja, quanto mais ela introduz entre o privado e o público uma esfera social na qual o privado é transformado em público e vice versa, mais difíceis torna as coisas para suas crianças. (Arendt, 1992, p.238)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Em outras palavras, é necessário como orientação básica para qualquer processo de educação para a vida que haja uma determinada clareza sobre os papéis a desempenhar. Isso inclui uma distinção clara entre público e privado, pois é desta forma que se pode ordenar o comportamento. O discurso do sujeito de Sennett (2003) e o testemunho da educadora mencionada no texto de Campos (2000) são ilustrações sobre a confusão que muitos pais e educadores vivem acerca de seus papéis. Mais adiante, Arendt adverte:

> A linha traçada entre crianças e adultos deveria significar que não se pode nem educar adultos nem tratar crianças como se elas fossem maduras; jamais se deveria permitir, porém, que tal linha se tornasse uma muralha a separar as crianças da comunidade adulta, como se não vivessem elas no mesmo mundo e como se a infância fosse um estado humano autônomo, capaz de viver por suas próprias leis. É impossível determinar mediante uma regra geral onde a linha limítrofe entre a infância e a condição adulta recai. (Arendt, op.cit. p.246)

Não se trata necessariamente de abolir todo e qualquer conceito de infância, porque conceitos como estes têm sua aplicabilidade na organização da sociedade. A autora sinaliza que cuidar da criança em um espaço de intimidade é importante, mas é também necessário reconhecer o aspecto da vida desta que se opera em âmbito público, para que a inserção no *mundo adulto* possa ser internalizada mais satisfatoriamente tanto para o sujeito quanto para sua comunidade.

Assim sendo, a questão não se resume em locar em definitivo a criança no mundo privado, ou o adolescente em um 'entre-mundos'. O problema começa quando se nega a presença destes sujeitos – e a importância desta presença – na vida social. Eles fazem parte de fato desta vida, como já discutido aqui, e na vivência desta presença absorvem os valores deste mundo. Enquanto não se reconhecer isso, e não se procurar incorporar na educação o reconhecimento da complementaridade sistemática entre o privado e o público, a tendência é o sujeito ser obrigado a repentinamente se articular por conta própria neste segundo, sem uma referência anterior na qual confie e à qual possa se reportar em situações-problema. Essa situação é real na medida em que é representada na construção de projetos de vida concentrados na própria pessoa e na própria satisfação, ao invés de no encontro e na conciliação entre desejo e realidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Assim, a idéia não é simplesmente negar que a criança e o jovem precisam de proteção. Nos termos de Arendt (op.cit.), há algumas coisas que podem se sustentar melhor se forem transmitidas em ambiente que garante esta proteção. Negar a dimensão pública da vida da criança e do adolescente é que pode se tornar um problema, e isso acontece na medida em que falta um mínimo de clareza ou de orientação sobre as incumbências e os limites de cada um destes espaços. Se não há clareza sobre estas incumbências, ela falta também em relação a quais passos se devem dar, como e aonde dá-los para que os projetos ao menos em parte se tornem realidade. Conseqüentemente falta clareza sobre o que se pode de fato fazer para, somando acertos e erros, tornar a própria vida gratificante.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

8
Conclusão

Retomando o sentido da argumentação desenvolvida ao longo deste trabalho, podemos destacar alguns pontos nodais desenvolvidos até aqui. O primeiro é a idéia de que o conceito de adolescência é localizado cultural e historicamente, e seu significado é sustentado e/ou transformado na trajetória das relações entre os indivíduos.

Observa-se também que na cultura ocidental, quando o sujeito entra na idade em torno da puberdade, passa a ser formalmente visto como em posição de "transição" de um *status* social específico para outro. O *status* original, chamado infância, foi, particularmente a partir do século XIX, designado para o espaço da intimidade e da privacidade. A infância locada permanece neste espaço, ao menos no que diz respeito ao ideário social. O *status* de destino, chamado Maturidade, é delineado pelo exercício de papéis tomados como demandadores de 'mais responsabilidade' (como a paternidade e a maternidade) e papéis que envolvem o convívio com a comunidade mais ampla – o espaço público (como a trajetória de trabalho). A fronteira entre estas posições, ideologicamente definidas de forma clara, se revela, na prática muito tênue.

Assim, é na adolescência que, através de mecanismos institucionais e sistemas de conceituações do senso comum, se cobra do sujeito – particularmente daquele pertencente ao estrato social aqui estudado – um direcionamento sobre seu futuro, ou seja, um *projeto de vida*. Este projeto envolve uma reflexão sobre o caminho profissional a seguir, a participação formalizada em um espaço de convívio social mais amplo que o espaço familiar e a necessidade de se assumir um maior número de responsabilidades formais e socialmente reconhecidas, no que diz respeito a si mesmo e a outras pessoas.

Um outro ponto importante aqui assumido é o de que a cultura ocidental contemporânea tem como características entrelaçadas a quebra da percepção do tempo dentro de uma perspectiva linear e a migração de um referencial que diz respeito a uma moral universal para um outro que é predominantemente estético, ou seja, ligado às sensações presentes, ao momento presente, e ao grupo mais imediato com quem se compartilha tais sensações. Esta condição faz com que o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

sujeito se sinta experienciando um enfraquecimento das fontes modernas de referências para a orientação da ação. Logo, se experimenta uma transformação na estrutura oferecida pela cultura para a orientação de um planejamento de vida.

Pressupõe-se também que para que o aprendizado sobre o próprio papel no convívio social se estruture, é necessário que haja o reconhecimento da legitimidade das relações de autoridade e o desenvolvimento de uma certa capacidade de tolerância à frustração. Este aprendizado tem sua matriz nas relações desenvolvidas no espaço familiar, uma vez que este é responsável pela socialização primária do sujeito. É a partir desta matriz que o sujeito aprende a compreender e respeitar as relações de autoridade do espaço social mais amplo, mesmo que estas últimas se configurem de forma diferenciada.

Assume-se, por fim, que é necessário um mínimo de confiança tanto no futuro quanto nas figuras representativas de autoridade – condição forjada na história de relações intersubjetivas do sujeito – para pensar um planejamento de vida de forma objetiva e comprometida não somente com o seu tempo de vida, mas com os Outros sociais. A ausência de confiança na autoridade, na medida em que afeta a construção das relações sociais, afeta também a imagem que o sujeito constrói sobre os papéis sociais em geral, sobre a própria estrutura social, sobre o espaço que deseja ocupar nesta estrutura e sobre os passos que ele precisa dar dentro dela, para atingir aquilo que projeta para si mesmo. A autoridade está assim ligada diretamente à imposição de *limites* para o indivíduo, necessários para qualquer ordem social.

A partir destes pontos, procurou-se pensar através desta pesquisa como os adolescentes, diante do contexto em que vivem, ordenam sua expressão sobre seu futuro no que se refere ao trabalho e às relações afetivas. Esta indagação incluiu um olhar para as disposições cognitivas as quais estes sujeitos lançam mão neste processo, bem como para a apropriação que fazem do sentido da realidade social em que eles vivem.

Inicialmente pôde-se investigar de que modo o adolescente se percebe inserido naquilo que é definido como seu percurso de vida. A educação e a mídia ainda simbolizam o adolescente como *o novo* da sociedade, ou seja: como aquele que está entrando no mundo dos adultos. O próprio, adolescente, por seu turno, absorve e incorpora esta posição: vários dos sujeitos deste estudo reclamam de serem visto como *aborrescentes*, mas ao mesmo tempo, também se percebem – e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

o declaram – como habitando um espaço de experimentação do mundo e de compromisso consideravelmente abreviado com determinados elementos do futuro. Estes sujeitos deixam observar que assumem que têm permissão para não se comprometer seriamente com suas escolhas, muito embora saibam que este tempo está passando e que um dia irá acabar. É essa percepção, portanto, que os faz ver a vida de adulto como bem menos agradável do que a vida de adolescente, e que com isso, faz com que eles cultivem um temor sobre o momento em que tiverem que deixar a atual posição. Sua relação com o futuro é preenchida com o medo e a desconfiança de não conseguir responder ao que a sociedade pede deles. Esse medo parece especialmente relacionado a um desconhecimento das próprias capacidades – sobre as quais pouca consciência estes sujeitos desenvolveram, uma vez que estas vêm sendo desqualificadas quando de sua manifestação desde sua infância.

O relacionamento com o passado remete-se, por sua vez, as nuances das suas relações com a família. É neste sentido que esta desponta como elemento de articulação da realidade do adolescente. A experiência do novo é sempre posta em contraste com a experiência do antigo. Observou-se ao longo desta pesquisa, que a família original (pais, irmãos, avós) persiste então como referencial importante para os adolescentes entrevistados, mesmo que em seu aspecto negativado. Isso se mostrou tanto nas idéias sobre a possibilidade de construir a própria família quanto na constituição de modelos para o direcionamento da vida profissional e para o desenvolvimento de uma postura moral básica.

Podemos questionar se a quebra da percepção de linearidade entre passado, presente e futuro indica necessariamente que o primeiro tenha perdido sentido. A nosso ver, a resposta seria que este se configura ainda como fonte importante à qual o sujeito recorre como organização de suas idéias, especialmente quando ele se sente inseguro. Estes sujeitos podem receber mensagens que muitas vezes buscam tornar o passado irrelevante em favor do novo que eles supostamente representam, mas quando se sentem angustiados, ainda assim é na própria história que buscam esboços de respostas, mesmo que sua atitude seja negativa em relação ao que viveram. A questão a ser posta e investigada oportunamente talvez diga respeito, então, muito mais ao *modo como se configura a autoridade do passado* e não à quebra da importância da relação deste com o presente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Como parte desse cenário, observa-se que os papéis sociais de gênero no discurso desses sujeitos permanecem presos às visões tradicionais de homem-provedor e mulher-cuidadora. Vincent (1997) lembra que os papéis de gênero na contemporaneidade parecem envolver um sentido rumo a uma *unissexualidade*. Teoricamente, este sentido abriria inúmeras possibilidades de identidade. A questão é que quando a *informação* sobre esses modelos possíveis não é acompanhada de *educação*, pode-se observar o desenvolvimento de um quadro de confusão de valores e de auto-conceito. Se a cada dia temos a possibilidade de ser alguém, somos tudo e somos nada ao mesmo tempo, e a sensação envolvida com essa experiência lembra o que Geertz (1989) chamou de caos pré-humano: a falta de alguma ordem que oriente a ação e nos torne de fato humanos. O movimento em direção às visões tradicionais de homem e mulher talvez possa ser interpretado como uma forma de resgatar fontes de orientação mais estáveis para a ação.

Mesmo sendo a velocidade de circulação de informação a ordem do dia, e apesar das benesses que o acesso a muita informação pode trazer, esta experiência parece ser acompanhada por uma sensação de falta de segurança por parte dos adolescentes. Isso emerge de dois domínios que reforçam conjuntamente essa sensação: suas histórias pessoais e o contexto em que eles se percebem vivendo. Eles têm necessidade de sentido, e o buscam como podem, ou não estariam manifestando sua insegurança conforme o fizeram. A vivência dessa insegurança fica particularmente clara quando eles falam sobre suas possibilidades de atuação profissional e sobre o futuro como amedrontador. Mesmo entre os adolescentes que se mostram mais engajados com suas idéias sobre futuro, há a expressão de desconhecimento e de medo do futuro. A questão que é suscitada permanece em torno da indagação: em um mundo onde tudo muda muito rápido, com o que ou com quem eles se sentem capazes de poder contar?

As soluções encontradas por vários de nossos sujeitos para dar conta disso, especialmente no que diz respeito ao ambiente profissional, consistem basicamente em dois recursos cognitivos propriamente treinados em seu contexto cultural. O primeiro deles é a elaboração de um discurso que até certo ponto revela uma urgência em trazer respostas a indagações sobre como se vai sobreviver em um mundo de permanente mudança. As justificativas das repostas de vários dos adolescentes entrevistados configuram-se assim mais como uma espécie de descarga de alguma forma de tensão do que como ação consciente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

O segundo recurso é de ordem francamente narcisista, e diz respeito à valorização da vontade pessoal e de um poder individual supostamente capaz de derrubar todo e qualquer obstáculo. As fantasias de onipotência são expressas sempre acompanhadas com emoção e exclamações, o que sugere que para eles é uma questão de honra convencer a si próprios de sua capacidade. Logo, a expressão se configura como uma reação defensiva a um ambiente percebido como pouco acolhedor.

A reação narcísica também se encontra presente nos aspectos referentes ao relacionamento afetivo e à construção da própria família. Os adolescentes predominantemente falam sobre seus relacionamentos de modo a contemplar sua própria satisfação. Raramente falam das decisões sobre seu futuro afetivo envolvendo a conciliação das escolhas de duas pessoas. Eles pensam muito pouco a questão das dissidências e a importância da aceitação da diferença, imprimindo, por vezes de forma explícita, a idéia de que 'ou é assim ou não vai ser'.

Tal posicionamento flagra também a conjugação de uma série de fantasias, como a de que 'o amor resolve tudo', 'existe uma pessoa certa para cada um', 'o encontro com esta se dá de forma mágica onde existe um reconhecimento mútuo e automático', 'a rotina estraga o relacionamento', 'relacionamento bom é aquele sem cobrança', já que esta é um sinônimo de prisão.

A questão que aparece como vórtice de todas estas observações é a questão do reconhecimento do Outro e da tolerância à frustração: a capacidade de viver com aquilo que é diferente de mim, ou que não responde ao que eu quero, na hora que quero. Ou seja, o problema é o não desenvolvimento do aprendizado de deslocamento da imagem de si mesmo para ir ao encontro das outras pessoas e assim viabilizar não só a convivência social, mas a própria realização de seus projetos.

O sujeito de que falamos parece não conseguir perceber as possibilidades concretas de articulação entre seu próprio desejo e a realidade em que vive como viabilizadora ou construtora deste. Isso pode ser interpretado como uma não identificação de si mesmo como conhecedor dessa realidade, como participante e atuante sobre ela. Daí a preponderância de projetos de vida centrados no "eu" e que pouco mencionam a ação voltada para o grupo social, seja lá em que amplitude for. Neste contexto, ele pouco reconhece também que fazer pelo outro é fazer por si próprio. E como conhece pouco sobre essa realidade, pouco conhece

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

também acerca dos próprios passos que precisa tomar no ambiente desta para realizar suas aspirações.

No entanto, a descrição deste quadro nos faz remeter à discussão inicial sobre o próprio conceito de adolescência. A questão suscitada é: em que medida estamos falando exclusivamente do adolescente?

Em resposta à clássica associação entre adolescência e violência, Figueiredo (1998) procura sinalizar o seguinte questionamento, com o qual corroboramos:

> Não se tornará o adolescente brasileiro um verdadeiro pára-raios das nossas *impropriedades*, com uma sensibilidade apurada para as inconsistências do meio em que vive? Não se transformará assim em um elo importante para a transmissão e potencialização da violência social? Em contrapartida, poderíamos imaginar quanto é difícil para o mundo adulto marcado pelas *impropriedades* responder de forma continente, estável e segura aos desafios que o adolescente lhe endereça. (...) Caberia talvez pergunta, antes até de nos indagarmos sobre o que podemos fazer pelos adolescentes brasileiros: o que estamos fazendo por nós mesmos? (Figueiredo, 1998, p.63. Os grifos são originais)

Um dos primeiros pressupostos desse trabalho, acusado desde a introdução, é que o projeto de vida é resultado é resultado da dialética sujeito-ambiente (incluídos neste segundo tanto os aspectos materiais quanto as pessoas com quem se interage). No sentido de corroborar com isso, assinalamos que a cultura centrada nos valores do privado e do sensível não se restringe às práticas dos adolescentes. Ela é apoiada por todo um sistema de significações, onde todos desempenham papéis preponderantes, particularmente bem representados pela mídia. Os programas televisivos, os comerciais, os *outdoors*, os filmes, as músicas que tocam nas rádios, todas apelam para o desenvolvimento do valor da experiência subjetiva. Logo, a ação do adolescente, em forma de fala ou de movimento concreto, é uma representação – uma denúncia – dos valores que regem a sociedade na qual ele vive. Precisamente porque a ele são ainda vetadas certas responsabilidades, e por ser interpretado de antemão como dono de discurso vazio, como inconseqüente, "chato" e "bobo", o adolescente pode falar com maior liberdade daquilo que aflige e atinge a todos.

Ao contrário do que gostariam de confirmar os partidários da posição de que a subjetividade da criança pertence exclusivamente à esfera privada, e está protegida do senso comum mais amplo, o fato é que ela entra em contato com estes estímulos bem cedo. A criança constrói sua subjetividade, e desemboca na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

adolescência já com a bagagem da lógica de significação de toda uma sociedade. Os produtos que as crianças e os adolescentes consomem são essencialmente feitos por adultos, e seu consumo, assim como sua existência, é sustentado também por eles.

Entre as expectativas em relação ao futuro, e tanto em suas idéias sobre trabalho quanto sobre relações afetivas e vida familiar, encontra-se particularmente notável a insistência do adolescente em uma relação de igualdade e de reciprocidade absoluta com o adulto. Observada ao longo deste trabalho, ela indica por um lado a necessidade de se ver como igual a este, bem como de imposição da própria subjetividade. Por outro lado, esta insistência pode indicar uma certa dificuldade em receber ordens e aceitar que em determinados momentos, faz parte da vida uma certa hierarquia, através da qual a sociedade, e sobretudo o espaço público, se organizam funcionalmente. O sentido da discussão de Sennett (1998) sobre a confusão entre público privado aponta para o quanto a pessoalidade nas relações vem desempenhando papel preponderante na construção dos projetos de vida e das ações deste sujeitos. Algo como o desejo de que a sua vida se organize tomando como base os critérios de autocentração e de subjetividade em detrimento das questões da vida que precisam ser pensadas de forma mais objetiva e via negociação. Ou seja, haveria talvez uma negação da distribuição de poder no espaço da objetividade, no espaço do acordo entre os integrantes de uma sociedade. Mais além, haveria talvez a negação da necessidade de aprender a viver com essa condição.

De qualquer forma, observamos no discurso dos adolescentes com os quais trabalhamos as contradições de nossa sociedade, que assume a subjetividade como privada e universal, como valor maior, ao invés de buscar um equilíbrio entre esta e a objetividade, embora já seja reconhecida a importância de **ambos** para a gestão da vida social. O adolescente configura-se como denunciador da importância do desenvolvimento do equilíbrio entre racionalidade e emotividade na nossa sociedade independente das idades dos sujeitos envolvidos. Seus conflitos manifestos no discurso sobre a necessidade de autonomia e sobrepostos no medo do futuro denunciam a falta de confiança na autoridade e na sua própria sociedade. Aliás, se o adolescente consegue ser tão agressivo quanto as pessoas interpretam que ele o seja, é porque ele vê nos olhos do outro a perplexidade, oriunda do fato de que este próprio outro não sabe como agir em situações que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

podem objetividade e firmeza. Ele percebe que o outro está tão desorientado quanto ele, ao mesmo tempo em que sabe que é este outro que precisa lhe orientar sobre como agir. A ação sob a forma de confronto tem o movimento de decisão: ou ele impõe sua própria vontade, ou ele provoca a ação do outro. Ele espera uma resposta deste outro para seu próprio sentimento de desorientação. Ele *espera* a lei, e só pode aprender a lidar com ela tanto no domínio privado quanto no público, na medida em que conta com outros em ambos estes domínios para lhe apontar algumas respostas e alguns caminhos. Em outras palavras, se inexiste por parte do adolescente um respeito à autoridade das instituições públicas tradicionais, é provavelmente porque inexiste o mesmo respeito por parte de todo o sistema social.

Correntemente, quando se pensa na adolescência na contemporaneidade, pensa-se no silêncio do jovem perante as questões da lei e do espaço público. Particularmente fala-se de uma apatia deste diante desse espaço e das práticas que lhe são dedicadas. Pensa-se pouco ou nada nessa apatia como uma solução encontrada pelo sujeito para os impasses que determinadas situações de vida lhe colocam.

De acordo com nossos pressupostos, o comportamento desse sujeito pode ser visto como configurando uma espécie de denúncia, no sentido de que o jovem não é o único que se cala diante da esfera política. Especialmente no caso da cultura brasileira, o espaço público é consideravelmente esvaziado de participação – se considerarmos participação de forma bastante ampla e não somente as manifestações públicas de um grupo específico que precisa de terra para viver, ou de comícios pontuais pelas eleições diretas, ou de incêndios em ônibus nas vias públicas.

A participação política a que se refere aqui diz respeito ao engajamento cotidiano nas questões da gerência pública. É mais do que assistir pela televisão os depoimentos de investigações dos deputados sobre corrupção no governo e dinheiro lavado por empresas privadas. Diz respeito à memorização ou não do candidato em quem se votou nas últimas eleições, para que, após eleito, ele possa ser cobrado diretamente sobre aquilo que prometeu. Diz respeito ainda a uma atitude frente a medidas legislativas que francamente prejudicam o recebimento das pensões dos aposentados. Diz respeito ainda à mobilização diante de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

condições precárias das escolas e dos hospitais públicos. Diz respeito, basicamente, a ler o jornal ao menos uma vez por semana para compreender a última troca de ministros. Diz respeito também a conhecer a função do trabalho de um vereador e de um deputado, bem como dos limites de atuação do congresso e do presidente da república e não se sentir humilhado ou menos valoroso por não ocupar alguma dessas funções, uma vez que se sabe que seja em que lugar social o sujeito se encontra, este lugar é valoroso e seu trabalho é tão importante quanto qualquer um do trabalho dos outros.

São poucos os adultos que conhecem e que levam a cabo este tipo de participação. No entanto, a menção à juventude como estando desligada e pouco consciente de todo o processo é ainda a crença cega predominante.

A fala de um deputado, em investigação política sobre corrupção no governo que ocorreu no ano de redação desta tese é denunciadora da não fundamentação da generalização desta crença. A ocasião era a de testemunho de uma das pessoas investigadas e diretamente acusadas pela responsabilidade pela lavagem de dinheiro público ilegal. Em meio às várias perguntas direcionadas à testemunha, um dos deputados, ao introduzir suas questões, mencionou, apenas de passagem, que seus filhos estavam assistindo àquilo pela TV e que ele precisava ser incisivo em suas indagações, pois sabia que sua filha mais velha, de 14 anos, iria cobrar-lhe isso quando ele chegasse em casa.

Embora pouca atenção fosse dirigida a essa passagem, tem-se aí um exemplo, relativamente digno de credibilidade, pois se tratava apenas de uma *menção*, na verdade marginal a todo o objetivo da fala do deputado. E não o pivô de um discurso político. Ela denuncia a atenção que o jovem é capaz de dar ao processo político – e que, enquanto ainda não desacredita no seu valor, assim o faz. Há que se pensar quantos movimentos nesse sentido foram outras vezes tomados como marginais, pois muito poucas pessoas estão realmente *programadas* para ouvir as preocupações e os investimentos políticos dos jovens. Toma-se que por ser *ainda* incompleto, por estar *ainda* em fase de formação, ele pouco pode contribuir de fato. E isso reforça a percepção do jovem que não possui qualquer influência no mundo *real*. Paradoxalmente, para o bem e para o mal, os jovens só chamam a atenção real da mídia e do estado através do conflito, do problema, da violência.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

Há a necessidade de se pensar soluções adaptadas às várias transformações históricas pelas quais já passamos e as quais não podemos anular. Esse é o fluxo da nossa História. Vivemos um momento onde se pode falar de uma transversalidade na construção da identidade. Nele, não existem instâncias dominantes de determinação que guiem outras instâncias, da mesma forma que o pai freudiano – e moderno – pretendia fazê-lo. A mídia eletrônica é especialmente representante dessa condição, no momento em que telespectador e sujeito do filme ambos estão presentes ao mesmo tempo. Mas esta forma de ordenação está presente em todas as instâncias sociais, transformada em exercício mental cotidiano das pessoas. São estas práticas espaciais e estes fluxos que dão forma às nossas subjetividades. A *tribalização* e a personalidade coletiva não são recursos só dos adolescentes. Elas fazem parte da lógica da cultura contemporânea. E o comportamento do adolescente, longe de ser meramente *problemático*, é comportamento de um sujeito que pertence a essa cultura. Por isso ele é rico em pistas para quaisquer planos de intervenção sobre a realidade.

Admite-se que não se pode esperar que todo adolescente tenha as mesmas políticas brilhantes de Rousseau ou de Weber. Uma parte deles – não todos – ainda está aprendendo que imaginar uma solução é apenas o primeiro passo para chegar até a solução. Afinal, falta-lhes algum tipo de experiência, alguma estrada de vida, mesmo alguma maturidade. A questão é que nem mesmo os *adultos* possuem todas as respostas para as questões da vida. Eles não se encontram em um estado acabado de desenvolvimento, se é que este estado não é apenas uma utopia. Há nestes, ainda por cima, uma tendência ao cinismo e à acomodação de quem já vem percorrendo seu caminho por mais tempo e se acostumou com o mundo do jeito como ele apresenta, uma vez que a experiência, ao mesmo tempo em que traz as respostas para algumas perguntas, também engessa a criação de respostas novas.

O ponto central a se pensar é que ao falar e agir o adolescente está se propondo a se desenvolver. É o caminho da ação que materializa o desenvolvimento. E se o broto é ceifado no momento em que abre, decerto não haverá planta crescida alguma. É no espírito de fazer pensar a fala do adolescente como representante de toda uma cultura, que concluímos este trabalho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

9
Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: ArtMed, 1981.

ABRAMOVAY, M CASTRO, M. G. **Drogas nas Escolas**. Brasília; UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, M. et alii. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

AGUIAR, W.M.J. (2002a) "Consciência e Atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica" In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (orgs.) **Psicologia Sócio-histórica**. Uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ . (2002b) "A Pesquisa em Psicologia Sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico" In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (orgs.) **Psicologia Sócio-histórica**. Uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2002.

AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. & OZELLA, S. "A Orientação Profissional com Adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica" In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (orgs.) **Psicologia Sócio-histórica**. Uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2002.

AGUIAR, W. M. J. & OZELLA, S. "O Sentido Subjetivo Atribuído à Escolha Profissional: um estudo com jovens de camadas populares" In: OZELLA, S. (org.) **Adolescências Construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

ALMEIDA, M.I.M.; TRACY, K.M.de A. **Noites Nômades**.Espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

ALMEIDA, R. C. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Brasília, ed. do autor, 1980.

ARAÚJO C.A.A. "A Trajetória e os Paradigmas da Teoria da Comunicação" In: **O Modelo Comunicativo da Teoria do Jornalismo**. Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Comunicação Social da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

ARENDT, H. "Crise na Educação" In: **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992. (3ªedição brasileira)

_____ . **A Condição Humana**. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2001 (10ª edição)

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSOCIAÇÃO Psicanalítica de Porto Alegre. **Adolescência: entre o passado e o futuro.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa Edições 70, 1995.

BELLI, A. de. "Infância em tempos de megabytes". CASTRO, L.R.de (org.) **Infância e Adolescência na Cultura do Consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998b.

BERGER, P. & LUCKMAN, T. (1966) **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes. 17ª ed., 1999.

BLOUNT, B.G. (org.) **Language, Culture and Society**. Cambridge (MA): Withrop Publishers, 1974.

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (orgs.) **Psicologia Sócio-histórica**. Uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2002.

BOCK, A.M.B. "A Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia" In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (orgs.) **Psicologia Sócio-histórica**. Uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2002.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

BOCK, A.M.B.; LIEBESNY, B. "Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo". In: OZELLA, S. (org.) **Adolescências Construídas**: a visão da psicologia. São Paulo: Cortez, 2003.

BOURDIEU, P. "A Juventude é Apenas uma Palavra" In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____ . **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente**: lei 8069/1990.

BUCHER, J. S. N. F. "O casal e a família sob novas formas de interação" In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Casal e família**: entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

CAMPOS, C. C. G. "Regras e alteridade na cultura de consumo" In: **Psicologia Clínica.** Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. Vol.12, n. 2, pps 31-46, 2000.

CAPRA, F. **A Teia da Vida**. Rio de Janeiro: Cultrix, 2002.

CARMO, P. S. do. **Culturas da Rebeldia**. A Juventude em Questão. São Paulo: SENAC, 2003.

CASTRO, L.R.de (org.) **Infância e Adolescência na Cultura do Consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998a.

_____ . "A Cidade, a Criança e o Jovem: des-mapeamento cognitivo ou desarticulação social?" In: CASTRO, L.R.de (org.) **Infância e Adolescência na Cultura do Consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998b.

_____ . "Todos são iguais, mas uns são mais iguais que os outros: a construção da desigualdade social por jovens e crianças". In: **Psicologia Clínica.** Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. Vol.12, n. 2, pps 13-29, 2000.

_____ . (org.) **Crianças e Jovens na Construção da Cultura**. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

CERTEAU, M.de **A Invenção do Cotidiano**. As artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVES, J. **Ficar Com.** Um novo código entre jovens. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

COLL,C, PALÁCIOS,J & MARCHESI,A. (orgs.) **Desenvolvimento Psicológico e Educação.** vol. 1, 2 e 3. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COLONESSE, F. "As interferências da mídia no processo de identificação do adolescente" In: LEVISKY, D.L. **Adolescência Pelos Caminhos da Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

CONTE, M. "Ser Herói Já Era: seja famoso, seja toxicômano, seja marginal." In: ASSOCIAÇÃO Psicanalítica de Porto Alegre. **Adolescência: entre o passado e o futuro.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

COONTZ, S. **The We Really Were**. Nova York: Basic Books, 1997.

CORRÊA, M. C. (2002) **Le Nomadisme Comme Norme**. Entrevista concedida ao Caderno 2 do Estado de São Paulo, em 07 de abril de 2002. Disponível em: http://www.estadao.com.br/ext/frances/maffesoli.htm. Acesso em 30/06/2005.

COSTA, A. M. M. "O eterno hoje e o tempo da atividade adolescente". In: ASSOCIAÇÃO Psicanalítica de Porto Alegre. **Adolescência: entre o passado e o futuro.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

CRUZ, A. G. da "Espaço urbano e transformações da subjetividade da criança e do adolescente" In: CASTRO, L.R.de (org.) **Infância e Adolescência na Cultura do Consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998b.

DEMOS, J. **Past, Present, Personal**. Oxford: University Press, 1986.

DINIZ, G. R. S. "Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira" In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Casal e família**: entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

_____ . **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

ERIKSON, E. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____ . **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____ . **O Ciclo de Vida Completo**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Casal e família**: entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

_____ . (org.) **Casamento e Família**: do social à clínica. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

_____ . (org.) **Família e Casal**: arranjos e demandas contemporâneas. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

FIGUEIREDO, L. C. "Adolescência e Violência: considerações sobre o caso brasileiro" In: LEVISKY, D.L. **Adolescência Pelos Caminhos da Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

FREITAS, L.A.P.de. **Adolescência, Família e Drogas** – A Função paterna e a Questão dos Limites. São Paulo: Mauad, 2002.

FREITAS, M. T. de A. "A escrita de adolescentes na Internet" In: **Psicologia Clínica.** Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. Vol.12, n. 2, pps 171-188, 2000.

FREUD, S. **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade**. (1904) Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GALLATIN, J. **Adolescência e Individualidade**: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1978.

GENTIL, H. S. "Individualismo e Modernidade" In: **Psicologia & Sociedade**; 8(1):83-101; jan/jun 1996.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

GÓES, M. C. **Pensamento e Linguagem**: estudos na perspectiva da psicologia soviética. Campinas: Papirus, 1991.

GONÇALVES, M.G.M. "A Psicologia Como Ciência do Sujeito e da Subjetividade: a historicidade como noção básica". In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (orgs.) **Psicologia Sócio-histórica**. Uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ . "Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens" In: OZELLA, S. (org.) **Adolescências Construídas**: a visão da psicologia. São Paulo: Cortez, 2003a.

GRZYBOWSKI, L. "Famílias monoparentais – mulheres divorciadas chefes de família" In: WAGNER, A. (org.) **Família em Cena**: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002.

GÜNTHER, I.A. & GÜNTHER, H. "Brasilias Pobres, Brasilias Ricas: perspectives de futuro entre adolescentes".In: **Psicologia: reflexão e crítica**, 11 (2), pps.191-206.

JABLONSKI, B. **Até que a Vida Nos Separe.** A crise do casamento contemporâneo**.** Rio de Janeiro: Agir, 1998.

JABLONSKI, B. et alii. **Atitudes de Jovens Solteiros Frente à Família e o Casamento**: novas tendências? Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2003.

HALL, C.S.; LINDZEY,G. & CAMPBELL, J.B. **Teorias da Personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. 4a. ed., S. Paulo, 1994, Loyola.

HENRIQUES, C. R. **O Prolongamento da convivência familiar**. Um refúgio? Uma dificuldade de separação? Rio de Janeiro: PUC, 2002. Trabalho apresentado para conclusão de disciplina do curso de Mestrado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

HOLSTI, O. R. **Content Analysis for the Social Sciences and Humanities**. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company, 1969.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia. **CENSO de 1980**.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia. **CENSO de 2000**.

INSTITUTO DATAFOLHA. Pesquisa: "A Família Brasileira" Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/datafolha/especiais/dos_fam1.shtml. Acesso em 20 de maio de 2003.

KRAMER, S. **A Política do Pré-escolar no Brasil**. A arte do disfarce. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

KRIPPENDORF, K. **Content Analysis**: an introduction to its methodology. Newbury Park: Sage, 1980.

LASCH, C. **Refúgio Num Mundo Sem Coração**. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

LEVISKY, D.L. **Adolescência Pelos Caminhos da Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LIMA, R. C. **Somos todos desatentos?** O TDA/H e a construção de bioidentidades. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1989.

_____ . **O Império de Efêmero**. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____ . **No Fundo da Aparências**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MANN, T. **Os Buddenbrook**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (original de 1922)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

MARI, J. de "Os Pais Estão Confusos" In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril. Edição 1633. 26/01/2000.

MINAYO, M.C.S. **Fala Galera** – Juventude, Violência e Cidadania. São Paulo: Garamond, 2002.

MIRANDA, L. L. "Subjetividade: a (des)construção de um conceito" In: SOUZA, S. J. **Subjetividade em Questão: a infância como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

MUUSS, R. **Teorias da Adolescência**. Belo Horizonte: Editora do professor, 1969.

NORA, P. & LE GOFF, J. (orgs) **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

OLIVEIRA, D.C. et alii "Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes" In: **Estudos de Psicologia** (Natal) v.6 n.2 Natal: Julho/Dezembro 2001.

OLIVEIRA, M. K. **Vigotski** – aprendizado e desenvolvimento: um processo histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

OUTEIRAL, J. "Adultos Pós-modernos e Adolescentes Pós-modernos" In: WEINBERG, C. (org.) **Geração Delivery**: adolescer no mundo atual. São Paulo: Sá, 2001.

OZELLA, S. (org.) **Adolescências Construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003a.

_____ . "A Adolescência e os Psicólogos. A concepção e a prática dos profissionais" In: OZELLA, S. (org.) **Adolescências Construídas**: a visão da psicologia. São Paulo: Cortez, 2003b.

OZELLA, S. & SANCHEZ, S. G. "Breve Histórico do Desenvolvimento da pesquisa na Perspectiva Sócio-histórica na PUC-SP" In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (orgs.) **Psicologia Sócio-histórica**. Uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2002.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

PAROLIN, I. C. H. “Adolescência nossa de cada dia” In: WEINBERG, C. (org.) **Geração Delivery**: adolescer no mundo atual. São Paulo: Sá, 2001.

PEREIRA, C. S. **Patricinhas da Zona Sul**: adolescência nas camadas médias cariocas. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2003.

PEREIRA, L. S. “Essa Metamorfose Ambulante.” In: ASSOCIAÇÃO Psicanalítica de Porto Alegre. **Adolescência: entre o passado e o futuro.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

PEREIRA, M. G. dos S. “Adolescentes Trabalhadores: a construção de sentido nas relações de trabalho” In: OZELLA, S. (org.) **Adolescências Construídas**: a visão da psicologia. São Paulo: Cortez, 2003b.

PIROTTA, K.C.M. **Não Há Guarda-chuva Contra o Amor.** Estudo do comportamento reprodutivo e de seu universo simbólico entre os jovens universitários da USP. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2002.

PROST, A. & VINCENT, G. **História da Vida Privada**. Volume 5: Da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RAMALHO, M. C. O. B.; CORDEIRO, N. M. L. & CASTRO, L. R. de. “Tempo do instantâneo: a agoridade” In: CASTRO, L.R.de (org.) **Infância e Adolescência na Cultura do Consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998.

RAMOS, F. P. & MENANDRO, P. R. M. “Inserção aboral: mudanças na identidade e nas relações sociais de adolescentes de classe popular” In: **PSICO**. Porto Alegre: PC-RS, v.33. n.2, jul/dez/2002, pp.245-272.

REVISTA VEJA ESPECIAL: JOVENS. São Paulo: Abril, Agosto/2003.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L. & JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

RODULFO, M. “As Bonecas: dietantes e anoréxicas – uma questão de gênero” In: ASSOCIAÇÃO Psicanalítica de Porto Alegre. **Adolescência: entre o passado e o futuro.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

ROLNIK, S. "Toxicômanos de Identidade. Subjetividade em Tempo de Globalização" In: LINS, D. (org.) **Cultura e Subjetividade**. Saberes Nômades. Campinas: Papirus, 1997.

SANTOS, M. **Território e Sociedade**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SARAIVA, J. E. M. "Do individualismo moderno ao narcisismo contemporâneo: a produção da subjetividade na cultura do consumo" In: SOUZA, S. J. **Subjetividade em Questão: a infância como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

SARRIERA, J. C., SILVA, M. A., KABBAS, C. P. & LÓPES, V. B. "Formação da Identidade Ocupacional em Adolescentes" In: **Estudos de Psicologia**. (Natal). v.6 n.1 Natal: Janeiro/Junho 2001.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M. & SILVARES, E. F. de M. "A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório" In: **Estudos de Psicologia**. 8 (1), 2003. pps 107-115.

SENNETT, R. **O Declínio do Homem Público**. As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____ . **Autoridade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____ . **A Corrosão do Caráter**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

SOUZA, S. J. **Subjetividade em Questão: a infância como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____ . **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____ . **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VINCENT, G. "O Corpo e o Enigma Sexual." In: PROST, A. & VINCENT, G. **História da Vida Privada** vol.5 São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

VOLLERBERGH, W.A.M.; IEDEMA, J. & RAAIJMAKERS, Q.A.W. "Intergenerational Transmission and the Formation of Cultural Orientations in Adolescence and Young Adulthood" In: **Journal of Marriage and Family**, 63 (November 2001), pps.1185-1198.

WAGNER, A., FALCKE, D. & MEZA, E. B. D. "Crenças e Valores dos Adolescentes Acerca de Família, Casamento, Separação e Projetos de Vida". In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**. V.10 n.1 Porto Alegre, 1997.

WAGNER, A. (org.) **Família em Cena**: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002.

WAISELFISZ, J.J. **Juventude, violência e Cidadania**: os jovens de Brasília. Brasília: UNESCO, 1998.

WALLERSTEIN, J. S. & KELLY, J. B. **Sobrevivendo à Separação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WATZLAWICK, P. ; BEAVIN, J. H. & JACKSON, D.D. **A Pragmática da Comunicação Humana**. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix, 2002.

WEINBERG, C. (org.) **Geração Delivery**: adolescer no mundo atual. São Paulo: Sá, 2001.

WHORF, B. L. "The Relation of Habitual Thought and Behaviour to Language" In: BLOUNT, B.G. (org.) **Language, Culture and Society**. Cambridge (MA): Withrop Publishers, 1974.

ZAGURY, T. **O Adolescente Por Ele Mesmo.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

ANEXOS

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

ANEXO I

Ficha de Dados do Sujeito

Identificação – Nome:
Pseudônimo:
M ( ) F ( ) Data da entrevista: Hora: Presentes:
Local:
Dados Pessoais
Data de nascimento Cidade onde nasceu Local onde mora
Escolaridade:
Idade do pai Ocupação
Idade da mãe Ocupação
Irmãos, M ou F, Idades
Pais separados? Sim ( ) Não ( ) **Se sim**, idade que tinha quando os pais se separaram: Filho de qual casamento do pai
da mãe
Total de casamentos do pai da mãe
Se não, casados há quanto tempo:
Com quem mora hoje
Já morou com outras pessoas da família? Com quem? Por quanto tempo?
Programa de TV preferido
Tipo de música preferido
Filme preferido
Livro preferido

OBSERVAÇÕES:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

ANEXO II

Roteiro da Entrevista

Perguntas/Tópicos a serem abordados	Comentários/Objetivos de cada questão
Como você se imagina daqui a 20 anos? a) Relacionamento afetivo b) Família c) Trabalho d) Vida social	Projeto de vida – projeções/desejos Onde acha que pode chegar *Lugares* acessíveis a ele(a)
Você quer se casar? Por quê?	Projeto de vida – relacionamento afetivo incluído?
Você quer ter filhos? Quando?	Projeto de vida – família incluída?
Como é a relação afetiva que você quer de ter?	Qual o ideal de relacionamento
Você tem namorado(a)? Gosta da relação? Já teve muitos namorados(as)?	Disponibilidade para relacionamentos
Você sonha/sempre sonhou em ter uma família?	Existe um ideal de **ter** família?
O que é fundamental para uma família?	Qual o ideal de família, que sentimentos devem ser cultivados – ele sente isso acontecendo na sua?
Você faria diferente dos seus pais?	Valorização do modelo
O que você acha do casamento?	Valorização do casamento – qual modelo tem
Você acha que as pessoas se casam por quê?	Valorização do casamento – qual modelo tem
O que faz com que as pessoas fiquem juntas? O que é mais importante em um casamento para ele *dar certo*?	O que é 'dar certo?'
Por que as pessoas se separam?	Valorização do casamento – o que é casamento
Como é sua família hoje?	O que sente em relação à sua família? (2) Indiferença, tristeza, euforia, isolamento, vergonha, admiração, resignamento, diversão, revolta etc...
Com quem você se dá melhor?	Figuras de referência que têm maior influência
Em que situações você costuma estar com sua família?	Idem (2)
Você pensa em seguir uma profissão? Por quê?	Projeto de vida – valor que dá a ter uma profissão
Qual profissão? Por que você a escolheu?	Projeto de vida – escolha especial
Quais profissões seus irmãos querem seguir?	
Você acha importante ter uma profissão? Por quê?	Valorização da profissão – grau de autonomia desejado
Existe alguém que você admira muito e que te serve de inspiração?	Projeto de vida – identificação, idealização

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA

ANEXO III

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, na qualidade de responsável pelo(a) menor _____ (idade: ___ anos), autorizo por meio desta que seja realizada entrevista com o(a) mesmo(a), para o objetivo da realização de pesquisa de doutorado pela psicóloga Cíntia Miranda Scelza, aluna do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica – RJ.

A presente autorização legitima meu consentimento livre e esclarecido de que de que:

- A entrevista será registrada por gravador em fita K7, transcrita e que posteriormente a fita em questão será destruída;
- O conteúdo da entrevista será utilizado na elaboração da tese de doutoramento sobre as expectativas quanto ao futuro por parte de adolescentes;
- Esta tese poderá ser publicada e/ou contribuir para a redação de artigos científicos, bem como apresentações em simpósios, congressos e seminários;
- A identidade do(a) menor será rigorosamente protegida através do uso de pseudônimo que em nada se assemelhe ao nome do(a) mesmo(a);
- A identidade do(a) menor será conhecida só e somente pela doutoranda

Local e Data:

_____

Assinatura

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212061/CA